

ELAINE EVEREST

AS GAROTAS DA WOLLWORTHS - PREQUEL



UMA MÃE PARA SEMPRE

Ruby é o coração de sua família, mesmo quando seu próprio coração está partido...

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

ELAINE EVEREST

◆ AS GAROTAS DA WOLLWORTHS - PREQUEL ◆



UMA MÃE PARA SEMPRE

Ruby é o coração de sua família, mesmo quando seu próprio coração está partido...



Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Dedicatória](#)
5. [Capítulo1](#)
6. [Capítulo2](#)
7. [Capítulo3](#)
8. [Capítulo4](#)
9. [Capítulo5](#)
10. [Capítulo6](#)
11. [Capítulo7](#)
12. [Capítulo8](#)
13. [Capítulo9](#)
14. [Capítulo10](#)
15. [Capítulo11](#)
16. [Capítulo12](#)
17. [Capítulo13](#)
18. [Capítulo14](#)
19. [Capítulo15](#)
20. [Capítulo16](#)
21. [Capítulo17](#)
22. [Capítulo18](#)
23. [Capítulo19](#)
24. [Epílogo](#)
25. [Vem aí](#)
26. [Garotas da Woolworths](#)
27. [Agradecimentos](#)
28. [Uma carta da Elaine](#)
29. [Sobre a Autora](#)
30. [Sobre a Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

ELAINE EVEREST

UMA MÃE PARA SEMPRE

◆ AS GAROTAS DA WOLLWORTHS - PREQUEL ◆

1ª Edição



teabhar

Ribeirão Preto/SP

2024



Título original: A Mother Forever
Woolworths prequel
Copyright © 2021 Elaine Everest
Copyright da tradução © 2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Rita Flôres
Revisão: Isabel Vasconcellos
Diagramação e Capa: Labellalluna Web®

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
FICHA CATALOGRÁFICA

E93lbe

Everest, Elaine
Título: Uma Mãe para Sempre (recurso eletrônico) Leabhar Books
Editora Ltda. 2024 - Ribeirão Preto - SP
Tradução de: A Mother Forever © 2021 Elaine Everest
Formato: ePub
Veiculação: Digital
ISBN 978-65-5444-251-0

1. Romance de época. 2. Série I. Flôres, Rita. II. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books® Editora Ltda.
14025-200 — Rua Sete de Setembro, 1851 conj. 1 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com



Dedicado à memória das doze mulheres e seu encarregado que morreram na explosão da fábrica de munições W. V. Gilbert, nas margens do Tâmsa, entre Erith e Slades Green, em 18 de fevereiro de 1924.

Edna Allen, dezessete anos, de Alexandra Road.

Alice Craddock, de dezoito anos, de Arthur Street.

Elizabeth Dalton, 24 anos, de Lewis Road, Welling.

Alice Harvey, quarenta anos, de Arthur Street.

Gladys Herbert, 23 anos, de Bexley Road.

Stella Huntley, vinte anos, de Corinthian Road.

Edith Lamb, vinte e três anos, de Upper Road, Belvedere.

Ethel Pullen, dezoito anos, de Bexley Road.

Polly Smith, de dezoito anos, de Powell Street.

Doris Sturtevant, de dezoito anos, de Manor Road.

Alice Sweeney, dezessete anos, de St Francis Road.

Irene Turtle, vinte e dois anos, de Maxim Road.

Sr. T. Jones, de East Dulwich



Erith, Kent, agosto de 1905

— Tem ideias acima de sua posição, minha garota. Se seu pai estivesse vivo agora, não iria querer nada com você. A família Tomkins sempre soube o seu lugar na vida, ele não iria querer que estivéssemos lado a lado com aqueles que se acham melhores do que nós — disse Milly Tomkins à filha.

Ruby Caselton deu um grande suspiro e continuou a puxar um pesado tapete da parte de trás da carroça do condutor, enquanto este segurava a cabeça do cavalo.

— É apenas uma rua de casas com pessoas trabalhadoras vivendo nelas. Pode pegar na outra ponta, por favor, mãe?

— O que, com meu coração ruim? Você me acompanhará até o túmulo, mocinha. Mas então, talvez seja isso que queira — então não sobrá ninguém para lembrá-la de onde veio. — Milly fungou, cruzando os braços sobre o peito amplo e virando-se para olhar para a casa para onde a família estava prestes a mudar-se. — Essas janelas precisam de uma limpeza e a soleira da porta uma boa esfregada.

— Posso ajudá-la, mãe — disse George, estendendo a mão para ajudar Ruby a puxar o tapete, que caiu da carroça, quase esmagando-o enquanto cambaleava para trás sob seu peso.

Ruby não pôde deixar de rir ao ver seu filho de cinco anos desaparecer debaixo do tapete.

— O Senhor o abençoe, George. Obrigada por ajudar mesmo assim. Por que não leva aquela cesta de compras para a cozinha? Então poderei colocar um pouco de comida na mesa assim que tivermos essa carga dentro. Seu pai já pode estar em casa gritando pelo jantar. — Não acrescentou que ele nunca aparecia até que o trabalho dela terminasse e que não precisasse fazer um esforço para ajudá-la.

— Vejo que ele está em perfeita forma — Milly bufou enquanto puxava o xale de tricô mais apertado em volta dos ombros. — Aquele Eddie Caselton tem o dom de farejar o trabalho duro e desaparecer na direção oposta. Agora, seu pai...

Ruby sabia que sua mãe estava prestes a falar sobre seu pai ser um anjo entre todos os homens, e simplesmente não tinha tempo ou disposição para ouvir. A chuva torrencial tinha recomeçado e havia uma nítida frescura no ar vinda do vizinho rio Tâmis. Somado a isso, a criança que carregava na barriga inchada entraria no mundo dentro de semanas.

— Mãe, deixe para outra hora, sim? Nunca conheci papai e tenho outras

coisas em mente no momento. Eu poderia tomar uma xícara de chá, então por que não entra e cuida da cozinha, hein? Encontrará uma torta de carne e batata naquela cesta que nosso George trouxe. Podemos comer assim que esta carga for retirada do carrinho. — Sabia que sua mãe gostava de torta e percebeu que seus olhos brilharam imediatamente.

— Vou começar — respondeu Milly, lambendo os lábios enquanto seguia pelo curto caminho até a porta da frente, com as mãos vazias. — Não há lugar para mim nesta chuva — não na minha época de vida, de qualquer maneira.

— Está muito ocupada, amor. — Uma voz amigável gritou do outro lado da rua.

Ruby ergueu os olhos de onde estava examinando o tapete amontoado no chão. Não tinha certeza se a mulher que assistia do portão se referia à sua mãe ou aos móveis que esperavam para serem descarregados e levados para dentro de casa. Ela se endireitou, estremecendo quando uma dor atingiu a parte inferior de suas costas. Por mais que tenha sido avisada para ir com calma, foi contra o conselho e insistiu que poderia mudar a família para sua nova casa sem pagar por ajuda contratada. Foi a primeira casa deles de verdade, já que até então moravam em quartos de uma casa compartilhada com outras três famílias perto do rio, em Woolwich. Não havia muito dinheiro sobrando para pagar coisas como homens para a mudança.

Sorrindo para a vizinha de rosto corado, respondeu:

— Poderia dizer isso — E então fez uma careta quando outra dor a consumiu. Estendeu a mão para se segurar na lateral do carrinho para ajudá-la a ficar de pé.

— Meu Senhor, não deveria estar de pé em sua condição. Quando nasce? — a mulher perguntou enquanto corria para o lado de Ruby e a apoiava. — A senhora vem comigo — acrescentou ela, sem esperar por uma resposta enquanto guiava Ruby até a porta da frente aberta.

— Só daqui a um mês — mas meus móveis... — Ruby ofegou, incapaz de dizer muito mais.

— Não se preocupe com isso. Parece-me que há um bebê querendo nascer. Às vezes, eles simplesmente mal podem esperar — aconselhou sua nova vizinha. Ela fez uma pausa para observar Ruby, que era tão magra que não parecia mais que uma criança. Seu rosto estava pálido demais e seus olhos azuis estavam circundados por sombras pretas. Não parecia bem o suficiente para dar à luz um bebê saudável. — Meus dois mais velhos voltarão do trabalho para jantar em breve e farão a mudança — continuou, em uma voz com a qual Ruby sabia que não deveria discutir. Naquele momento nem teve o poder de falar quando outra dor, como nunca sentiu quando teve seu George, tomou conta dela. Segurou na mulher em busca de apoio.

Depois de quase ser arrastada por uma escada íngreme, Ruby foi gentilmente ajudada a subir em uma grande cama de latão.

— Vou apenas colocar alguns jornais e lençóis velhos e então poderemos deixá-la confortável. Ficará bem sozinha, só por alguns minutos?

Ainda incapaz de falar, Ruby assentiu enquanto respirava fundo até que seu corpo parasse de reclamar.

— A propósito, meu nome é Stella — disse a mulher. — Stella Green. E embora eu mesma diga, está em boas mãos agora... então não se preocupe, ouviu?

Ela saiu para o corredor — que não era mais do que um pequeno espaço no topo da escada, com outra porta em frente ao quarto em que estavam — e gritou:

— Donald, tire o nariz desse livro e vá até a casa da Sra. Leighton. Diga a ela que há um bebê querendo nascer. Depois disso, desça até a esquina e procure seus irmãos. Diga a eles que os quero em casa agora e que não percam tempo. Você me ouviu?

— Sim, mãe — gritou uma voz jovem, seguida pela porta da frente se fechando.

Stella voltou para o quarto, com os braços cheios de roupa de cama.

— Agora, vou fazê-la ficar de pé por um minuto enquanto coloco esses lençóis sobre o colchão. Acha que pode começar a tirar a roupa? Tenho uma camisola para a senhora usar. — Tirou um volumoso vestido branco de gola alta e o colocou sobre uma cômoda próxima. — Assim que a instalarmos, acenderei o fogo. — Acenou com a cabeça em direção a uma grelha de ferro com chumbo preto.

— Não posso agradecer o suficiente — Ruby sussurrou enquanto desabotoava o casaco marrom surrado. Desejou não estar usando suas roupas mais antigas por baixo, embora suas roupas mais novas não fossem muito melhores.

— É isso, querida, tire cada peça. Nós, mulheres, não temos segredos umas com as outras — Stella sorriu, tentando não parecer chocada com as roupas íntimas surradas que Ruby passou para ela. — Agora, vamos acomodá-la e farei uma boa xícara de chá para nós. Não há como saber quanto tempo isso vai demorar, embora eu aposte que a criança estará conosco hoje, e não amanhã. Vou até a cozinha colocar a chaleira no fogão, depois volto. Vai ficar bem?

Ruby assentiu com a cabeça.

— Não posso agradecer o suficiente. Estava bem há menos de meia hora e agora...

— E agora está prestes a ser mãe.

— Já sou — Ruby estremeceu. — George está com minha mãe. Ele tem cinco anos — acrescentou ela, inspirando profundamente. — Pode dizer-lhes onde estou, por favor?

— Eu cuidarei de tudo. Apenas descanse — disse Stella, saindo correndo da sala.

Ruby fechou os olhos, tentando avaliar sua situação entre ondas de dor insuportável e um calor percorrendo seu corpo que a fez sentir-se desmaiada.

Quando Eddie chegou em casa na semana anterior e jogou um molho de

chaves na mesa da cozinha, ela não sabia o que pensar.

— Para que serve isso?

— Você queria sua própria casa, não é?

— É meu sonho desde que nos casamos — respondeu ela, sem saber ao certo o que ele queria dizer. Sabia que não deveria antagonizar o marido quando ele tomava uma bebida e, pelo cheiro em seu hálito, visitara o pub a caminho de casa. Ele mudara muito nos últimos tempos.

— Cobrei algumas dívidas de Cedric Mulligan e alguém que lhe devia dinheiro liquidou a dívida com a escritura de sua casa, junto com o conteúdo. O único problema é que fica em Erith. O que tem para o jantar? — perguntou, enquanto Ruby começava a ficar tonta de alegria. Eddie parecia não entender que o sonho dela era fugir da favela onde moravam e criar o filho em um bairro melhor. Com o bebê previsto para setembro, não queria nada mais do que ter uma linda casa com um pouco de jardim e bons vizinhos. Aqui, na parte de Woolwich onde moravam, tinha medo de sair pela porta e, em mais de uma ocasião, chegou em casa e encontrou-a aberta e alguém saqueando seus quartos. Sua mãe, Milly — que morava com eles, para grande consternação de Eddie — passou a se proteger em seu quarto todas as noites, no caso de visitantes indesejados. Moravam perto do Tâmesa, onde, na maré baixa, o fedor do rio chegava a todos os cantos do lugar que chamavam de lar.

— Onde fica em Erith? — ela perguntou enquanto tirava uma torta de carneiro do forno e a colocava na frente dele. — Já comi — acrescentou ela, para o caso dele perguntar por que não se sentara para se juntar a ele. Ele nunca perguntara. Ultimamente tinha parado de comer e, de qualquer forma, havia pouco para colocar na mesa com o escasso dinheiro que Eddie lhe dava para manter a família. Antes de se mudarem para esses quartos, Ruby lavava e limpava um pub local, mas quando Eddie atrasou o aluguel da última casa e tiveram que fugir, ela desistiu de lavar a roupa. Não havia espaço para essas coisas em seus novos quartos.

— Estrada Alexandra. Não muito longe do rio e da cidade. As casas foram construídas há pouco tempo.

Uma nova casa, pensou consigo mesma. Seu sonho já estava se tornando realidade? Mas geralmente havia um problema com qualquer coisa em que Eddie estivesse envolvido.

— Então por que a pessoa está desistindo de sua casa? — perguntou. Sabia que se tivesse uma casa de verdade, em vez de alugar alguns quartos em um prédio, a manteria até o último suspiro. Uma casa própria, e tão nova, estava além de seus sonhos mais loucos. Depois que ela se mudasse, não haveria como tirá-la de lá, isso era certo.

— Ele não teve escolha — disse Eddie, largando o garfo e a faca, sem falar até engolir o que tinha na boca. Apesar de todas as suas deficiências, Ruby admirava suas maneiras ao comer. O lado decente de Eddie ainda estava lá e às vezes aparecia. — O homem é construtor e possuía seis casas na rua. Esta foi entregue para saldar suas dívidas de jogo. Cedric quer ficar com ela e

sabendo que temos uma segunda boca a caminho, perguntou se eu estaria interessado. Veja bem, terá que limpar um pouco quando morarmos lá. Não é tão elegante quanto a avenida onde moram os nobres, mas fica um pouco acima deste buraco.

Ruby se irritou.

— Sempre saí para fazer meu trabalho de limpeza. Não vou usar minha melhor roupa para ficar de quatro e esfregar o chão do Red Lion — ela respondeu. — Então, quanto de aluguel temos que pagar ao Cedric? — Estava preocupada com o valor estar fora de seus ganhos, e como não poderia trabalhar tanto enquanto o bebê dependesse dela, não queria contrair dívidas com Cedric Mulligan e ficar sem ter onde morar.

— Ele quer mais do que pagamos por esta casa, mas pensei que sua mãe poderia ficar com o quarto pequeno e contribuir um pouco. Também poderia cuidar das crianças enquanto você trabalhava.

— Isso é muita gentileza sua — Ruby fungou enquanto dava as costas para o marido e começava a esfregar a panela que deixara de molho na pia de porcelana lascada. Mais uma vez, se isso significasse progredir no mundo, poderia tolerar as manias da mãe por mais algum tempo e talvez, quando as coisas melhorassem e pudessem viver sem a contribuição de Milly Tomkins, poderia fazer com que uma de suas irmãs assumisse a responsabilidade. Já era hora de Fanny e Janie fazerem mais para ajudar a mãe. Mais velhas que Ruby, as duas mulheres trabalhavam com os maridos no atacado e se saíam bem em Bexleyheath. Sim, ela pensou, balançando a cabeça para confirmar sua decisão, isso era um plano e iria cumpri-lo. — Acho que deveríamos pensar em ficar com a casa, Eddie. Assim que terminar aqui, vou me arrumar e descer até lá para dar uma olhada no lugar. Talvez haja tempo para comprar algumas coisinhas no mercado para torná-la mais caseira — disse ela, pensando no dinheiro que havia escondido debaixo de uma tábua solta do piso, dentro de uma lata de tabaco surrada.

— Não há nada para olhar. Já avisei aqui e nos mudamos no sábado — disse ele, antes de voltar a comer o que sobrou da torta.

Ruby estremeceu quando o bebê chutou em protesto, como se estivesse reclamando do anúncio de Eddie Caselton.

— Sei exatamente como se sente — sussurrou enquanto esfregava suavemente a barriga inchada, protegida por um avental volumoso. No passado, questionara as grandes ideias de Eddie se achava que não eram adequadas para a família. Porém, desta vez concordara, embora tivesse sido bom ter um pouco mais de tempo para planejar o futuro.

— Agora, isso não é melhor? — Stella disse enquanto colocava roupa de cama limpa em volta do corpo exausto de Ruby e afastava alguns fios de cabelo soltos de seu rosto pálido. — Sei que deve ter sido difícil ser carregada pelo meu Frank para atravessar a rua, mas pelo menos agora está em sua própria casa e pode dormir em sua própria cama. Em breve a teremos tão bem quanto a chuva. Agora vou deixá-la dormir e voltarei em algumas horas com

um caldo que tenho fervendo no fogão.

Ruby lambeu os lábios secos. Nos poucos dias desde que perdera o bebê, mal conseguira comer um pedaço de comida. O delírio que se seguiu ao choque do nascimento fez com que a sua nova vizinha, juntamente com sua mãe, temesse pelo pior. No auge da doença, enquanto se retorcia e revirava, com o corpo assolado pela febre, Ruby se lembra de ter ouvido a mãe dizer: — Se ela morrer, não cuidarei do menino. Ele é muito difícil, e com meu coração duvidoso é melhor que vá para um orfanato. — Ruby tentou gritar para dizer que queria George ao seu lado e precisava saber sobre seu bebê, mas por mais que tentasse, ninguém percebera. Algo lá no fundo lhe dizia para lutar contra tudo o que a mantinha longe de seu amado filho. Na manhã seguinte, a febre começou a diminuir, mas, depois, a tristeza tomou conta quando Stella explicou que seu bebê não tinha sobrevivido ao parto traumático e tinha sido levado embora. Por mais que Ruby implorasse para ver o bebê, seus pedidos constantes foram ignorados. A mãe dela dissera que era o melhor e Eddie havia concordado. Do marido não havia sinal. Stella informou-a, entre lábios franzidos, que os homens sofriam de maneiras diferentes.

Finalmente sozinha, Ruby tentou não pensar nos últimos dias, forçando-se a se concentrar em sua nova casa e no futuro. Estava feliz por sua mãe ter pensado em colocar lençóis novos em sua cama, em vez dos remendados e fervidos que ela guardava para uso diário. Podia sentir um leve perfume de lavanda, que a lembrou dos delicados sacos de renda lavanda que comprara por capricho quando avistara uma jovem vendendo-os no mercado de Woolwich. Uma extravagância que mal podia pagar, mas aquela semana tinha sido boa, com Eddie não desperdiçando seu pacote de pagamento em cavalos e cerveja. Os lençóis foram um presente de suas irmãs no dia do casamento e, naqueles primeiros meses felizes, preparou seu leito conjugal com amor. Mais tarde, quando Eddie se distanciou da vida familiar e agiu mais como se fosse um homem solteiro, bebendo o tempo todo e voltando para casa quando queria, guardou suas poucas peças de cama boas e usou os lençóis de uso diário que tinham sido comprados de segunda mão — não que não estivessem limpos, lembrou a si mesma. Contorcendo-se para ficar confortável, olhou ao redor da grande sala e se engasgou de alegria. Eddie a informara que o inquilino anterior havia deixado alguns móveis na pressa de partir, mas o que podia ver era mais do que o tipo de itens velhos e surrados aos quais estava acostumada. Estava deitada numa grande cama de casal de latão que dava para duas janelas altas, entre as quais havia uma penteadeira com três espelhos brilhantes. À sua esquerda havia uma chaminé onde um fogo de carvão ardia intensamente. Embora ainda fosse agosto, foi um mês miserável e frio. Em cada lado da grelha preta, uma fileira de azulejos pintados de verde e amarelo emoldurava a lareira e combinava com os azulejos verdes mais escuros desta. Percebeu que alguém havia colocado suas duas preciosas fotografias sobre o consolo de ferro preto da lareira.

Na parede oposta havia um grande guarda-roupa e, ao lado, uma cômoda. Cada peça combinava e, virando a cabeça para o lado, avistou mesas de cabeceira — presumiu que tudo era feito de nogueira. Não ficava muitas vezes olhando as vitrines das lojas de móveis elegantes, prometendo a si mesma que um dia também seria capaz de comprar itens tão luxuosos? — Talvez seja tudo um sonho — murmurou enquanto adormecia, com as rugas de preocupação ao redor dos lábios começando a desaparecer pela primeira vez em semanas.

— Mamãe! — uma voz gritou, enquanto sua cama balançava e Ruby acordava sobressaltada. — Mamãe, tenho meu próprio quarto e a vovó também — exclamou o filho com entusiasmo. — Quer vir ver nossas camas?

Ruby estendeu a mão para bagunçar seus cachos castanhos claros, mas o braço pesava como chumbo e caiu de volta nas cobertas.

— Meu querido menino, tem sido bom para sua avó?

— Tão bom quanto uma criança dessa idade pode ser — Milly Tomkins bufou enquanto se sentava em uma cadeira de madeira colocada ao lado da lareira. — Eu vi o bebê — ela disse calmamente, percebendo que George estava fora do alcance de sua voz, tendo descido da cama e ido até a janela.

Ruby olhou suplicante para a mãe.

— Eu sei que sou a culpada por matá-la.

— Matar? Do que está falando, garota? A criança não foi morta.

Ruby virou-se para onde George ainda estava olhando por uma das janelas altas e acenando para os vizinhos que passavam. Baixando a voz, ela disse:

— Deve ter sido alguma coisa que fiz, já que nosso George não chegou cedo, e olhe para ele agora. Em boa saúde. Devo ter exagerado, esfregando o chão para conseguir dinheiro e depois colocando e tirando nossos pertences da carroça.

Milly colocou as mãos nos quadris e bufou novamente.

— A criança não teria sobrevivido se você tivesse ficado de cama durante os últimos seis meses e não tivesse levantado um dedo. Não foi feita para este mundo. É melhor esquecer tudo isso. Haverá mais bebês, assim como a noite segue o dia, marque minhas palavras.

Ruby enxugou os olhos na ponta do lençol.

— O que quer dizer com — não foi feita para este mundo? — O que havia de errado com ela?

Milly franziu os lábios.

— É melhor não saber. Como eu disse antes, esqueça-a.

Ruby estremeceu enquanto lutava para conter os soluços de frustração.

— Ela é minha filha, como posso esquecê-la? Além disso, há que se pensar no funeral — acrescentou ela, perguntando-se se os poucos xelins que ainda tinha para comprar coisas para a nova casa seriam suficientes para enterrar a filha. Não parecia certo pensar em enterrar a própria filha, mas infelizmente acontecera. Ora, havia uma mulher que ela conhecia, que trabalhava no mercado, e que morreu durante o parto, e o bebê foi para o túmulo com ela.

Ruby foi informada de que a mulher havia perdido tantos quantos sobreviveram — e cinco crianças acabaram no orfanato depois que o pai as abandonou e fugiu, em vez de assumir suas responsabilidades.

— Já foi resolvido, então não se preocupe.

— O que quer dizer? Não posso decidir onde minha filha será enterrada? Quero o nome dela no marco até que eu possa fazer uma lápide. Posso fazer isso, não posso?

Milly deu um suspiro profundo e virou-se para o neto.

— Georgie, garoto, por que não desce e coloca mais manteiga nas patas do Sr. Tibbs para mim? Não queremos que ele ande por aí e se perca, não é mesmo?

— Sim, vovó — disse a criança enquanto corria para as escadas.

— E lembre-se de se segurar no corrimão. Se cair e quebrar o pescoço, não venha correndo até mim chorando — gritou enquanto se sentava na beira da cama e segurava a mão de Ruby. — Agora, não quero que se preocupe com isso. É apenas algo que as mulheres têm que suportar. Precisa endurecer seu coração e se reerguer. Vou permitir um dia na cama, mas há coisas que precisam ser feitas nesta casa, então controle-se e pare de chafurdar. Já é hora de pensar nos outros e não ser tão egoísta — concluiu ela, antes de se levantar e descer as escadas, resmungando enquanto o fazia.

Ruby ficou olhando para o teto. A mãe dela estava certa? Não sentia como se estivesse afundando na dor. Tudo o que sabia era que um dia estava grávida e no dia seguinte não estava - e não havia nada que demonstrasse isso além de uma dor tão forte que queria gritar bem alto, mesmo que ninguém quisesse ouvi-la. Onde estava a sua bebê — o que fizeram com ela? O pobre pedaço de vida não merecia um túmulo — algum lugar onde sua mãe pudesse chorar? Alguém devia saber, e estava determinada a descobrir o que havia acontecido com sua filha.

Ruby deve ter dormido de novo por um tempo, pois se assustou ao ouvir passos pesados na escada.

— É você, mãe? — ela gritou. Pressionaria Milly para lhe contar mais sobre o que havia acontecido.

— Não, sou eu, seu marido — disse Eddie Caselton em voz alta ao entrar no cômodo e olhar para a esposa.

— Eu me perguntava quando veria você — disse ela, procurando apenas uma centelha de tristeza no rosto dele pela perda da filha. — Era uma menina — ela sussurrou.

— Foi o que sua mãe me contou, embora não importe o que foi. Haverá outros — acrescentou, olhando para o seu lado da cama.

Ruby não conseguia acreditar no que ele estava insinuando.

— Talvez possa dormir com nosso George por alguns dias? Por estar mal, não quero incomodá-lo, e precisará dormir se quiser chegar ao trabalho na hora certa.

Eddie encolheu os ombros e virou-se para olhar pela janela.

— Eles não me queriam, afinal. Terei que voltar a fazer biscates para Cedric.

Ruby suspirou enquanto lutava contra um nó na garganta.

— Ah, Eddie. Achei que essa mudança seria um novo começo para nós — uma linda casa nova, um novo bebê e você com um emprego decente. Agora acabamos de conseguir a casa e não temos como pagar o aluguel. O que vamos fazer?

Houve um breve silêncio antes que ele respondesse.

— Você estará de pé em breve e poderá fazer algum trabalho de limpeza, ou talvez até mesmo trabalhar em uma das lojas da cidade. Afinal, elas estão chegando. Poderia voltar a me servir o jantar, e sua mãe pode fazer a parte dela em casa e cuidar da criança.

Ruby digeriu suas palavras. Era como se nada fosse mudar. Podia ver seus sonhos desaparecendo diante de seus olhos.

— Vou chamá-la de Sarah, em homenagem à minha avó. Sempre gostei do nome.

— Do que está falando, mulher? Não há nada para nomear.

Uma dor profunda disse a Ruby o contrário. Ela não discutiria com o marido. Qual era o objetivo? Para ele, tudo estava acabado. Stella estava certa: os homens simplesmente não entendiam, ou os poucos que entendiam sofriam de forma diferente. Pelo que sabiam, ter um filho significava simplesmente que a esposa desaparecia no quarto enquanto o marido era expulso de casa. Horas depois, havia um bebê, e ele recebia bebidas, tapinhas nas costas e uma noite boa no bar, pensou amargamente.

Quando conheceu Eddie Caselton, Ruby se considerava a mulher mais sortuda do mundo. Ele era uns bons dez anos mais velho que ela e considerado um partido de sorte. Sua mãe, Milly, não ficou tão impressionada.

— A única razão pela qual se casou com você é o que carrega na barriga. Como você pôde ser tão estúpida, garota? Ele a queria apenas por uma coisa. Deveria lavar minhas mãos Ruby. Suas duas irmãs fizeram bons casamentos e eu esperava mais de você — ela fungou.

Ruby tinha sido inflexível quanto ao fato de Eddie a amar. Ele não a tratou como uma dama e a cortejou da maneira esperada? Foi apenas uma vez que seus beijos foram longe demais e ela consentiu e gostou de fazer amor. Quando chorou depois, pensando no que havia acontecido, ele pediu desculpas e prometeu cuidar dela se houvesse alguma consequência. Eddie cumpriu sua palavra e se casou com ela, declarando ao mundo que era hora de se estabelecer. Infelizmente, não muito depois do nascimento de George, Ruby começou a perceber que o marido tinha um lado diferente. Ele preferia fazer alguns trabalhos ocasionais para Cedric a manter um emprego adequado, não que o dinheiro que ganhasse chegasse muitas vezes à casa. Se não fosse pelas poucas moedas que ganhava limpando o bar, não tinha ideia de como teriam lidado com a situação. Na ocasião, quando Eddie voltava para casa cambaleando depois de comemorar uma vitória de sorte nos cavalos, ela

vasculhava seus bolsos, pegando várias moedas e escondendo-as enquanto ele dormia. Era isso que deveria esperar pelo resto da vida? É verdade que ele adorava o filho e ninguém poderia dizer que era um mau pai.

Talvez fosse culpa dela ele ter se comportado daquela maneira. Depois que ela deu à luz a um menino saudável, outras gestações falharam semanas depois de saber que estava grávida. Sarah foi a única que quase atingiu o termo. À medida que as semanas se transformavam em meses e o estômago de Ruby aumentava, se agarrou à esperança de poder dar ao marido um segundo filho. Devia haver algo errado com ela, para falhar com o marido dessa maneira. E mais, suas irmãs não deram descendência aos maridos. Certa vez, mencionara isso a Milly, sugerindo que devia haver algo errado na família, já que as três irmãs tinham apenas um filho entre elas. Milly zombou da sugestão, ressaltando que ela mesma havia dado à luz três meninas saudáveis e que Ruby deveria parar com seus pensamentos fantasiosos.

Ruby pegou sua bolsa, que havia sido colocada ao lado da cama. Tirando a bolsa, pegou algumas moedas e estendeu-as ao marido.

— Por que não vai buscar uma jarra de cerveja? Acho que mamãe gostaria de tomar um copo com você.

Eddie pegou o dinheiro e acariciou suavemente sua bochecha.

— Cuide de si mesma. Não sei o que faria se alguma coisa acontecesse com você — disse ele, deixando-a sozinha.

Ela se deitou, puxando as cobertas sobre os ombros. O fogo do quarto ardia bem e, com a chuva novamente batendo nas janelas, sentiu um pouco de conforto com seu calor. Quem diria que era agosto? Estremeceu ao pensar novamente na filha, que deveria ser um bebê de setembro.

— Vou fazer o meu melhor para encontrar você, Sarah — sussurrou. — Merece ter um lugar de descanso decente — e eu mereço poder prestar meus respeitos. Assim que estiver de pé, vou lhe encontrar...



— Não tenho certeza se deveria sair de casa tão cedo. Ainda parece muito pálida — disse Stella Green enquanto acompanhava Ruby em sua caminhada até a cidade. — Não se passaram três semanas desde...

— Desde que minha filha morreu — Ruby concluiu, lançando um olhar de simpatia para a mulher mais velha. — Por favor, não sinta que não pode mencionar isso. Já é bastante ruim dentro de casa, e mamãe se recusa a falar sobre isso. Seu último comentário foi — está feito e limpo — como se algum dia eu pudesse esquecer que perdi Sarah. Estou feliz por estar fora de casa por um tempo e longe de seus conselhos. Estou bem, sinceramente estou.

— Se você diz — disse Stella, dando-lhe um olhar duro. — Sarah?

O rosto de Ruby parecia um pouco corado enquanto tentava explicar.

— Eu a chamei de Sarah. Meu bebê merecia um nome, pelo menos. Posso nunca a ter visto, mas, de alguma forma, parece mais real se consigo pensar nela como Sarah. — Acha que sou uma idiota?

Stella parou de andar e virou-se para encarar sua jovem vizinha.

— Deve fazer o que achar melhor. Eu gostaria de ter dado um nome ao meu filho mais velho. Amo muito meus três filhos, mas meu primogênito é o fantasma de uma pessoa... um fantasma que alcanço, mas nunca consigo tocar — disse ela com um tom de tristeza na voz. — Dar-lhe um nome poderia muito bem ter me ajudado a lamentar sua morte. Minha mãe me disse que, como ele não chorou nem respirou, nunca foi uma pessoa e deveria ser esquecido. Quando perdi um segundo filho — ele nasceu depois do meu Donald — foi diferente. Eu o nomeei e pude sofrer. Eu o conheço como meu pequeno Stanley.

Ruby passou o braço pelo de Stella e apertou-o.

— Sinto muito pela sua perda. Deve ter sido muito difícil ser o seu primeiro.

— Primeiro, segundo ou terceiro. Alguma vez foi diferente? Conheço mulheres que nunca tiveram outro filho porque não suportariam outra perda.

Ruby franziu a testa.

— Mas como...?

— Ou elas tinham maridos compreensivos ou eram de caráter forte e baniram o homem para outra cama.

Ruby pensou em como Eddie implorou e ficou de mau humor até que ela cedeu e permitiu que voltasse para o leito conjugal, embora Ruby não tivesse interesse no que acontecia entre eles. Nos últimos dias, ela simplesmente passou a ser esposa e mãe, com a mente firmemente voltada para a filha que

havia perdido. Eddie e sua mãe agiram como se a gravidez e a morte de Sarah não tivessem ocorrido.

— Posso entender por que elas fizeram isso — Ruby respondeu, com uma expressão assombrada nos olhos.

— Você e eu temos muito em comum, Ruby Caselton. Pode haver quase trinta anos entre nós, mas ambas compartilhamos um sofrimento que guardamos profundamente dentro de nós. Estarei sempre aqui para ajudá-la, se precisar conversar sobre isso. Agora, vamos fazer nossas compras e depois vou nos presentear com uma xícara de chá no café. Acho que merecemos, não é?

Ruby deu um sorriso fraco para sua nova amiga.

— Eu gostaria disso, obrigada. Há mais uma coisa que gostaria de falar com você, mas não aqui na rua.

— Então deixe isso até chegarmos ao café. Espero que possamos encontrar uma mesa tranquila. Falando em ficar quieto, onde está o seu George hoje?

— Mamãe está com ele. Tive que implorar para ela ficar de olho nele, pois fazer compras com uma criança animada é algo que eu não conseguiria hoje. Espere um pouco e estarei totalmente saudável e voltarei ao normal. Bem, se algum dia me sentir realmente normal de novo.

Stella deu tapinhas em sua mão e continuaram andando. Para Ruby, esse passeio foi sua primeira visita à próspera cidade ribeirinha. Novos bondes brilhantes seguiam trilhos na estrada enquanto estavam ligados a cabos aéreos que pareciam estar vivos. Ela podia ouvir um zumbido distinto vindo das carruagens e faíscas, o que achou enervante. Negócios e lojas enchiam as duas avenidas principais, com cavalos e carroças entregando todos os tipos de mercadorias aos comerciantes. Até avistou um veículo motorizado estacionado perto do hospital.

— George vai adorar ver tudo isso — declarou ela, enquanto o motorista uniformizado acenava com um bom dia para as duas mulheres. — É muito mais elegante do que onde morávamos antes.

— Então você não é de Erith? — perguntou Stella quando pararam em um açougue e ela olhou para uma vitrine de coelhos sem pele. — Sabe, houve um tempo em que meu marido os trazia para casa para eu tirar a pele...

Ruby torceu o nariz ao pensar em esfolar um animal. Gostava de um pedaço de coelho para o jantar, mas não queria um na cozinha usando casaco de pele.

— Suponho que tais coisas sejam necessárias se você estiver com fome, mas não tenho estômago para tirar a pele — disse ela, afastando-se da janela. — E não, não sou daqui, mas estou satisfeita por termos saído de Woolwich. Eu não gostava muito de lá. Bem, não onde morávamos, em qualquer estrada. Esta é uma cidade adorável e só vi um pedaço de uma rua. Há muito trabalho disponível? — perguntou, pensando que Eddie poderia se sair bem se se dedicasse a isso e se fixasse em um emprego.

— Há bastante, mesmo que um homem não tenha um ofício.

— Meu Eddie está procurando trabalho braçal. Ele tinha um emprego, mas quer trabalhar assim agora que temos a casa — explicou ela. — Ele é um trabalhador dedicado e não se importa em sujar as mãos. — Não acrescentou que ultimamente quase nenhum dinheiro chegava em casa no dia do pagamento — e embora fosse verdade que Eddie era um trabalhador esforçado, teve muitos empregos. — Vou procurar algo para mim também, quando estiver de pé. Mamãe cuidará de George — ele não ficará sozinho — acrescentou ela, com uma centelha de desafio nos olhos.

Stella assentiu pensativamente enquanto entregava ao açougueiro as moedas para o pedaço que ela havia escolhido, colocando o pacote embrulhado em sua cesta. Ruby Caselton não estava contando tudo, mas ainda era cedo, e quem era ela para questionar uma jovem que conhecia há apenas algumas semanas? Ela gostava muito de Ruby, mas pensava nela mais como uma menina do que como uma mulher de vinte e cinco anos com um filho pequeno. Em idade, ela se situava perfeitamente entre o filho mais velho, Frank, e o filho do meio, Derek. Stella teria adorado ter sua própria filha. Bem, talvez Ruby Caselton suprisse sua necessidade de uma filha, embora a atrevida Milly Tomkins pudesse reivindicar a posição de mãe, sendo a verdadeira parente de sangue. Ela havia mencionado esse fato ao marido na noite anterior. Wilf riu, alertando-a para não interferir na vida de uma estranha. Ele mencionou que achava que Eddie Caselton era um dos desperdiçadores da vida e, por mais que ele também estivesse interessado por Ruby, sua opinião era que se envolver na vida deles poderia trazer problemas para a própria família.

Independentemente do que o marido dissesse, Stella sabia que cuidaria da menina e seria uma boa vizinha para ela.

— Na maioria dos dias há painéis do lado de fora da fábrica Vickers, junto com outros, convocando pessoas com um ofício e trabalhadores. Depois, há as docas, as minas de carvão e as olarias. Ora, meu Derek está indo bem trabalhando na olaria e o dinheiro é regular durante os meses de verão. Fazer tijolos é um negócio bom e honesto, se não se importa em trabalhar fora.

Ruby parecia pensativa enquanto ouvia Stella.

— Seu Frank também trabalha lá?

— Não, ele trabalha no depósito de carvão. É funcionário do escritório — disse ela com orgulho. — Meu Wilf queria que Frank se juntasse a ele no rio, mas Frank não está muito interessado. É uma pena, pois ser iluminador é algo de família. A menos que um membro da família o indique para o emprego, você não poderá entrar. Wilf é o mestre de seu próprio rebocador, o *Merry England*, e ele remou na corrida anual Doggett's Cup no rio.

— Isso parece muito importante — respondeu Ruby, embora não tenha entendido metade do que sua vizinha havia dito. Gostava do marido e dos filhos de Stella, que se sentaram com ela quando estava doente. Frank leu para ela enquanto estava fraca e emprestou-lhe um exemplar bem manuseado de *Grandes Esperanças* para levar ao número treze. Wilfred Green ficava sentado

fumando seu cachimbo, apontando itens de interesse de seu jornal. Eles foram educados com Eddie nas poucas vezes em que ele apareceu na rua e entretiveram George, retirando velhos brinquedos de madeira que pertenceram aos três irmãos quando eram mais novos.

— Wilf diz que Frank é um pensador, não alguém que trabalha com as mãos no rio. Até mesmo Derek preferia trabalhar com seus companheiros fazendo tijolos. Talvez Frank reconsidere quando for mais velho. Seria bom manter o rebocador na nossa família.

Depois que o médico de Stella declarou Ruby forte o suficiente para ser movida, seu filho mais velho carregou-a com facilidade pela rua até sua cama, Stella correndo atrás o tempo todo, dizendo-lhe para prestar atenção e tomar cuidado com os vizinhos intrometidos que espiavam por trás de suas cortinas de renda. Ruby ainda estava muito fraca e tinha poucas lembranças disso, além dos braços fortes e dos olhos azuis brilhantes de Frank. Este não era Eddie, o homem que roubou seu coração quando era apenas uma menina, e com quem sua mãe a forçou a se casar quando estava esperando seu George. Qualquer homem era melhor do que ser mãe solteira. Um momento de loucura quando se apaixonou pelos encantos de Eddie fez com que sua mãe marchasse com os dois pelo corredor muito antes que alguém de fora da família percebesse que havia uma criança a caminho — o que era surpreendente, considerando seu corpo esguio naquela época.

Aos vinte anos, Ruby estava feliz por estar grávida. Muitas meninas da idade dela já estavam casadas há algum tempo. Quase pensou que estava na prateleira, destinada a ser uma solteirona morando com a mãe pelo resto de seus dias. É verdade que gostava muito de Eddie - caso contrário, não tinha ideia do que teria feito. Suas duas irmãs apoiaram a mãe. Ambas encontraram bons maridos e, aos seus olhos, uma irmã mais nova que tivesse um filho fora do casamento mancharia o nome da família. Porém, apenas algumas semanas depois do casamento, Ruby percebeu que as promessas de Eddie não eram dignas de crédito. O que era aquilo sobre promessas e crostas de torta, pensou consigo mesma? Muito antes de o filho chegar, moravam num quarto de um prédio que deveria ter sido demolido anos antes, em vez de numa casinha com jardim onde pudesse cultivar rosas, como ele havia prometido. Ruby não tinha ideia sobre jardinagem, mas em uma viagem de escola dominical ao campo, avistou uma casa assim e mencionou-a a Eddie nos dias que antecederam o casamento. Continuou agarrada ao seu sonho enquanto mudavam de uma casa horrível para outra. Ao longo do caminho, Milly juntou-se a eles; ela mal tinha meios para se sustentar e seus escassos ganhos eram desviados para o bolso de Eddie para pagar seu sustento.

— Cuidado! — gritou Stella, agarrando o braço de Ruby e puxando-a de volta para a calçada, afastando-a de um bonde que se aproximava. — Caramba, amor, não a curamos da sua doença só para que morresse sob um desses novos bondes. Você esteve em outro mundo por um tempo.

Ruby estava tremendo com o choque, mas parou para olhar para Stella.

— Não estava doente. Estava de luto pela minha Sarah — disse ela, antes de começar a chorar.

— Oh, meu Deus, está em choque. Sinto muito se minhas palavras a ofenderam. Olhe, há um café aqui mesmo. Muito melhor do que aqueles salões de chá elegantes em Pier Road. Deixe-me me sentar com você com uma bebida quente e podemos conversar — disse Stella, conduzindo-a para o movimentado estabelecimento, onde encontraram uma mesa vazia.

Ruby enxugou os olhos na manga do casaco de lã desbotado e tentou se recompor.

— Desculpe. Não sei o que deu em mim — disse ela, sentando-se em uma pequena cadeira de madeira no canto da sala. Stella tirou da mesa um prato branco e uma caneca usados e colocou-os no balcão alto.

— Dois chás e dois desses, quando estiver pronta, Marge — disse ela, indicando uma pilha de pequenas tortas de carne empilhadas sob uma redoma de vidro.

Marge, uma mulher de constituição generosa envolta num avental de algodão limpo, assentiu em reconhecimento enquanto passava manteiga no pão freneticamente.

— Estarei com você em dois segundos, amor. Estou sem forças hoje, por estar sozinha. Meu Sid tem outro trabalho.

Stella assentiu e se afastou do balcão para se sentar com Ruby, que havia feito o possível para se recompor. Estendeu a mão e cobriu a de Ruby com a sua.

— Sabe, não há problema em ficar com raiva. Sei que não nos conhecemos há muito tempo, mas pelo que aconteceu sinto que já somos amigas íntimas. Ora, eu a vejo como a filha que nunca tive... — Ela parou de falar no meio da frase quando um olhar chocado cruzou o rosto pálido de Ruby. — Sinto muito, preciso ter mais cuidado com o que digo — acrescentou ela, enquanto Ruby enfiava a mão no bolso em busca de um pedaço de pano para enxugar os olhos.

— Não, preciso aprender a não ficar tão chateada. É a única com quem posso conversar... sobre Sarah. Por favor, nunca deve pensar que me aborreceu. Farei o meu melhor para não chorar tanto. Só queria saber o que fizeram com ela. Isso parece errado?

— Não, meu amor. Tem o direito de saber. Quando reagiu mal e percebemos que o bebê não estava nascendo como deveria, mandamos chamar o doutor Hind, e ele veio junto com a enfermeira Rose. Fui mandada embora do quarto e sua mãe ficou com você por um tempo — até que ficou demais para ela e saiu apressada. Ela murmurou que estava tudo acabado, então voltei para o quarto para ficar com você.

Ruby examinou o rosto de Stella e só conseguiu ver simpatia e preocupação.

— Você a viu? Mamãe disse que não foi agradável e que ela não teria tido uma vida boa se tivesse sobrevivido. Não consigo tirar esse pensamento da

cabeça. — Ela mordeu o lábio, lutando contra as lágrimas que ameaçavam voltar.

Stella balançou a cabeça com desgosto. Por que uma mãe diria tais coisas a uma filha que acabara de perder um filho?

— Eu a vi, e ela tinha um cabelo lindo, igual ao do seu George. Muito bem, mas dava para ver que haveria cachos.

Ruby suspirou.

— Estou tão satisfeita. Mamãe devia estar errada, então?

Stella parou por um momento. Não queria basear a nova amizade em mentiras, mas, mesmo assim, nunca diria o que realmente testemunhou.

— Digamos apenas que Milly provavelmente ficou perturbada por ter perdido uma neta. Foi difícil para todos os presentes. Ora, até o doutor Hind tinha lágrimas nos olhos.

Ruby sentiu um peso de alívio inundá-la.

— Imaginei que a empacotaram sem nenhum respeito pelo que poderia ter sido... Onde ela está, Stella? Realmente pensei que poderia ter feito um funeral para ela.

Elas pararam de falar quando Marge colocou duas canecas de chá na mesa. Ambas as canecas estavam em uma de suas mãos gordinhas, enquanto na outra havia duas tortas em um prato.

— Pague-me quando estiver pronta para ir embora — disse ela, vendo que a mulher mais jovem com Stella parecia chateada. — Acho que nunca nos vimos, amor. Meu nome é Marge Dobkins. Eu e o velho administramos este lugar. Está visitando a cidade?

— Esta é a Sra. Caselton. Ela se mudou há pouco tempo para o outro lado da rua, Marge — disse Stella, sorrindo para a mulher maior.

— Como vai, Sra. Caselton? — Marge enxugou as mãos no avental antes de oferecer uma a Ruby.

Ruby pegou a mão dela e estremeceu quando a sua foi bombeada para cima e para baixo como se fosse um torno.

— Por favor, deve me chamar de Ruby. Tem um lugar muito bom aqui, Marge.

— Isso me mantém ocupada e o velho longe de problemas — disse Marge, enchendo-se de orgulho. — Se é que posso dizer isso, meus pudins de carne e tortas de carneiro são os melhores de toda a cidade. As pessoas saem daqui satisfeitas e sem motivos para reclamar. Só queria ter mais ajuda no lugar. Chego em casa todas as noites exausta. Ah, bem, não devo reclamar — disse ela, enquanto alguém a chamava para ser atendida. — Aproveite seu chá e seja bem-vinda a Erith.

— Ela parece muito boa — disse Ruby enquanto bebia o líquido âmbar escaldante da caneca grande.

— Sal da terra — disse Stella, notando os modos adoráveis que Ruby tinha. — Agora, onde estávamos?

— Eu me perguntei o que teriam feito com minha filha — Ruby disse,

olhando para sua caneca. — Quando souber, me sentirei em paz. Tive tantos sonhos com ela. Que está me chamando e chorando. Acordei uma vez e pensei que podia ouvi-la.

Stella pensou que era mais provável que fosse o velho cãozinho da Sra. Henderson, do número dezessete, que estava no telhado, mas não o disse.

— A dor pode fazer-nos coisas estranhas — disse ela, não querendo contar mais nada do que sabia.

Ruby ficou frustrada, cerrando as mãos até os nós dos dedos ficarem brancos, mas não ousou gritar e berrar com Stella, embora não quisesse nada mais do que exigir saber o que havia acontecido com seu bebê.

— Por favor, Stella, realmente quero saber onde ela está, mesmo que não seja agradável — implorou.

— Agradável? Meu Deus, como se eu tivesse deixado algo terrível acontecer a um bebê inocente. Eles simplesmente a levaram embora, Ruby. Aqueles que nunca acordam são simplesmente levados embora.

— Foi isso que aconteceu com o seu filho? — Ruby perguntou baixinho, agora que estava começando a chegar a algum lugar.

— Não, meu Stanley tem um túmulo no cemitério de Saint Paulinus. Veja, ele respirou fundo e chorou. Estava tão mal e faleceu antes do fim do dia. No entanto, nunca esquecerei meu primeiro bebê...

Foi a vez de Ruby esticar o braço sobre a mesa com tampo de mármore e pegar a mão de Stella.

— Lamento ter perguntado. Não foi minha intenção machucá-la.

Stella descartou o pedido de desculpas.

— Já tive tempo suficiente para aceitar o que aconteceu. Tenho minha fé — disse ela, pegando uma pequena cruz de prata pendurada em uma corrente em seu pescoço. — Vou encontrá-lo novamente um dia.

Ruby concordou com a cabeça. Embora não fosse religiosa, sabia que isso ajudava algumas pessoas.

— Deve ser um conforto para você. Mas e a minha Sarah, onde ela está?

Stella suspirou. Sabia que Ruby nunca desistiria de perguntar a ela. Faria o mesmo se fosse seu filho que não tivesse sobrevivido.

— Sei que a enfermeira que estava atendendo com o Dr. Hind a levou embora. Ela me disse que é isso que fazem — falou Stella, ao ver uma expressão angustiada cruzar o rosto de Ruby. — Talvez pudéssemos fazer uma visita ao médico e perguntar a ele? Isso ajudaria?

— Oh, por favor, isso ajudaria muito. Quando podemos perguntar a ele?

— Vamos terminar aqui, então podemos aparecer e vê-lo. Ele sem dúvida está trabalhando no hospital rural. É um grande apoiador do nosso hospital — acrescentou ela com orgulho, notando o olhar interrogativo de Ruby.

— É a casa grande pela qual passamos agora há pouco? — Aquela com árvores e cerca de madeira? Avistei uma enfermeira na porta.

— Esse é o lugar. Agora, vamos lá, coma essa torta. Precisamos colocar um pouco de carne em seus ossos. Quase não há nada de você.

Ruby poderia ter gritado: depois de ficarem muito tempo na sala de recepção do hospital, disseram-lhes que o médico estava com um paciente doente e que seria melhor que voltassem em outra hora.

— Sinto muito — disse a enfermeira, vendo a decepção de Ruby. — Está doente? Talvez eu possa ajudar.

— Só queríamos perguntar uma coisa a ele — disse Stella, pegando o braço de Ruby para conduzi-la até a porta.

Ruby se afastou, não querendo sair do prédio que poderia guardar o segredo do que havia acontecido com sua filha.

— Por favor, só quero saber o que o doutor Hind fez com meu bebê depois que nasceu morto. Alguém pode me ajudar? — implorou, enquanto suas lágrimas começaram a cair incontrolavelmente.

A enfermeira sentiu uma onda de simpatia ao olhar para a jovem perturbada à sua frente. Não havia nada dela, e parecia mais jovem do que sua própria filha, que há pouco tempo havia dado à luz um menino saltitante.

— Foi internada neste hospital?

Ruby balançou a cabeça, incapaz de falar. Seria possível que a enfermeira a ajudasse? Lá novamente, não saberia nada sobre Sarah, pois nasceu na casa de Stella. Ao respirar fundo e abrir a boca para falar, Stella deu um passo à frente.

— A filhinha da Sra. Caselton nasceu no meu quarto da frente, logo ali na esquina da Alexandra Road. O Doutor Hind estava presente, devido ao seu estado de saúde. A criança não sobreviveu e foi levada. Nós apenas nos perguntamos...

As três mulheres ficaram em silêncio, Ruby e Stella esperando, sem esperança, que a enfermeira pudesse lhes dar alguma informação.

A enfermeira se perguntou se teria problemas se contasse o que sabia. Ela olhou por cima do ombro para as portas duplas que davam para o pequeno hospital, ciente de que a qualquer momento um colega ou superior poderia passar por elas e pegá-la dizendo algo que não deveria. Ela as puxou para um lado, onde havia um banco de madeira.

— Gostaria de se sentar?

— Não, obrigada — respondeu Ruby, ansiosa para saber por que a mulher não as levava direto para a porta da frente. Stella puxou a manga de Ruby para fazê-la obedecer e as duas se sentaram.

— Sabe de uma coisa? — insistiu Stella, notando pela primeira vez os fios de cabelo grisalhos que escapavam por baixo do elaborado gorro branco engomado, bem como a cor crescente das bochechas e das mãos trêmulas da enfermeira. — Não queremos que tenha problemas. Talvez fosse melhor simplesmente irmos embora?

Ruby queria gritar novamente. Fechou os olhos e rezou rapidamente para que a enfermeira, se soubesse de alguma coisa, não mudasse de ideia sobre compartilhar o que tinha a dizer.

— Terei que ser rápida — disse a mulher, enquanto duas enfermeiras

entravam pela porta da frente e corriam para o hospital pelas portas duplas. As três mulheres pularam quando as portas se abriram, com Stella colocando a mão no peito para acalmar o coração. Parecia que estava martelando mais rápido.

— Nos casos em que a criança não consegue acordar... Sei que o doutor Hind providenciou para que o corpo fosse enterrado.

— Minha filha tem um túmulo? — Ruby perguntou, enquanto a emoção se agitava profundamente. — Eu temia o pior — acrescentou ela enquanto as outras duas mulheres silenciavam seu tom estridente, caso isso alertasse a encarregada, cuja porta do escritório ficava perto de uma ampla escadaria ao lado das portas duplas.

— Sshh — sibilou a enfermeira. — Deve ficar quieta ou terei que pedir que saia.

Ambas as mulheres pediram desculpas e Stella pegou a mão de Ruby, pronta para apertá-la com força se sua jovem vizinha ficasse excitada novamente.

— Para onde ele manda as crianças? — ela perguntou. — Presumo que vão a um agente funerário?

— Sim. Só sei disso porque tenho um primo que trabalha na agência funerária. Tanto o Doutor Hind quanto o agente funerário são benfeitores deste hospital e desejam fazer o que puderem pelo povo de Erith. No entanto, pode ser que a sua filha não tenha uma sepultura marcada. Sei pouco mais do que isso — disse ela, enquanto Ruby lançava um olhar interrogativo.

— Podemos falar com seu primo?

A enfermeira pareceu alarmada. — Não, não me atrevo a lhe dar o nome dele, pois assim saberia que eu havia quebrado sua confiança.

— Então, por favor, pode pelo menos nos dizer qual agente funerário teria sepultado Sarah? — Stella implorou.

— Chamei minha filha de Sarah — explicou Ruby.

— Ora, esse também é o meu nome — disse a enfermeira, como se isso a tivesse ajudado a tomar uma decisão. — Tudo o que vou lhe dizer é que o negócio onde pode encontrar tudo o que deseja saber é na rua principal — acrescentou ela, antes de desejar-lhes boa sorte e sair correndo quando a encarregada veio de seu escritório, seu vestido preto farfalhando enquanto se movia.

— Posso ajudá-las, senhoras? — ela perguntou, seus olhos escuros e encapuzados olhando para Stella e Ruby.

Stella colocou Ruby em pé e assentiu educadamente.

— Viemos ver o doutor Hind, mas ele está ocupado. Obrigada pelo seu interesse — disse ela, enquanto a dupla se afastava apressada.

— Não estamos nem perto de saber para onde Sarah foi levada — Ruby suspirou.

— Estamos sim. Existem apenas duas funerárias na cidade e apenas uma na rua principal. Siga-me — disse Stella, abrindo caminho entre os clientes

ocupados.

Ruby achou difícil alcançá-la. Por um lado, não estava se sentindo muito bem, era a primeira vez que saía de casa desde que esteve tão mal. Em segundo lugar, seus sapatos mal ajustados estavam lhe causando sofrimento. Embalou as palmilhas com jornal porque vazavam com o tempo chuvoso, e podia sentir os dedos dos pés ficando doloridos por causa do atrito. Ficou aliviada quando Stella parou em frente a um estabelecimento de aparência sombria, a janela coberta por faixas de crepe preto com a placa acima em letras douradas declarando que a empresa era Michael Hind, Diretor Funerário.

— Ele tem o mesmo nome do médico — observou Stella, tentando ler as letras enquanto saltava para o lado para evitar uma mulher que empurrava um carrinho de bebê. Abriu a porta e entrou. Ruby a seguiu de perto, um pouco sem saber o que esperar, já que nunca tinha estado em um lugar assim antes. Olhou em volta com cautela. Um homem de terno preto sombrio e camisa de gola alta levantou-se de trás de uma mesa muito polida. Balançando a cabeça respeitosamente enquanto juntava as mãos, o que Ruby achou que o fazia parecer bastante piedoso, deu um sorriso de lábios finos.

— Como posso ajudá-las? — perguntou ele, lançando a Ruby um olhar que sugeria que não era digna de ultrapassar a soleira de seu estabelecimento.

— Viemos fazer uma investigação sobre um bebê que pode ter sido enterrado pela sua empresa nas últimas três semanas. Foi tirado da minha casa em Alexandra Road pelo Doutor Hind. Meu nome é Sra. Stella Green.

O homem estremeceu à menção do nome do doutor Hind.

— Você precisaria falar com meu empregador. Receio não ter liberdade para fornecer informações confidenciais — disse ele ao sentar-se, descartando a pergunta de Stella.

— Por favor — Ruby implorou. —, o senhor não pode pelo menos nos dizer se ajudam os bebês natimortos a encontrar um local de descanso final? Existe um túmulo especial para eles?

O homem tossiu e passou um dedo pelo colarinho rígido.

— Se meu empregador participa de tais iniciativas de caridade, isso não é da minha conta. Sugiro que fale com ele.

Ruby sentiu um arrepio de excitação percorrer suas veias. O homem não descartou a pergunta dela, então havia esperança de que elas realmente tivessem chegado ao lugar certo.

— Quando o Sr. Hind retornará ao seu escritório? — Stella perguntou.

— Ele estará fora a negócios pelo resto desta semana. Sugiro que coloque quaisquer dúvidas que possa ter por escrito. Cuidará disso quando retornar. Agora, se me derem licença. — Ele abriu um livro-caixa com capa de couro que estava em sua mesa e pegou sua caneta-tinteiro.

Stella cutucou o braço de Ruby e saíram para a rua.

— Não sou de escrever cartas. Certamente, se aquele homem soubesse sobre Sarah, poderia nos contar?

Stella balançou a cabeça.

— Ele está fazendo seu trabalho e sem dúvida recebeu suas ordens. Mas havia algo na maneira como agiu quando explicamos por que estávamos ali... Era como se soubesse o que tinha acontecido com Sarah, mas não quisesse dizer — ou não aprovasse. Deve haver outra maneira de descobrir. — Ela olhou para um beco que ladeava a loja. — Siga-me! — Disse por cima do ombro enquanto caminhava rapidamente em direção a ele.

Ruby estremeceu enquanto seguia de perto sua nova amiga.

— Para onde estamos indo? — Ela fez o possível para segurar a bainha do casaco e do vestido para que não arrastassem no chão lamacento sob seus pés. Com o mês de agosto sendo tão chuvoso e as paredes fechadas dos prédios de cada lado da via bloqueando o sol que havia, o beco emitia uma atmosfera de escuridão invernal.

Stella ignorou a pergunta de Ruby e seguiu em frente até que o beco estreito se abriu para um pátio onde vários homens cuidavam de seus negócios. Eles estavam atrelando cavalos envergando plumas pretas a uma bela carruagem, dentro da qual havia um caixão de ébano polido. Ruby estremeceu e fez o sinal da cruz, como vira outras pessoas fazerem quando um cortejo fúnebre passava.

Stella se aproximou de um homem que estava encostado na parede fumando um cigarro.

— Com licença...

— O que posso fazer por você, amor?

— Isso pode parecer um pouco estranho, mas preciso descobrir algo que possa ajudar minha amiga aqui a superar sua dor. Perguntamos no escritório, mas o homem não foi muito prestativo.

Ruby achou melhor deixar Stella falar e simplesmente balançou a cabeça.

— Albert Brownlow não ajudaria alguém se ele estivesse dando o último suspiro — zombou o homem enquanto outro trabalhador próximo gritava em concordância. — Talvez possamos ajudá-la?

— Vocês poderiam? — Ruby implorou, esquecendo que havia decidido ficar quieta.

O homem deu-lhe um sorriso.

— Definitivamente posso, se isso significar colocar outro sorriso nesse seu rosto triste. Tem algo a ver com o desaparecimento de objetos pessoais? Recebemos duas reclamações na semana passada e achamos que o velho Brownlow tem algo a ver com isso. Todos planejamos conversar com o Sr. Hind quando ele retornar, antes que alguém nos culpe.

— Não, não é nada disso. Queríamos saber se o Sr. Hind ajuda mulheres que perdem bebês durante o parto?

— Dá um funeral para eles? — Ruby interrompeu, achando que Stella era muito lenta com suas perguntas.

O homem apagou o cigarro e esfregou lentamente os bigodes enquanto pensava.

— Er, Ernie, acho que você poderia ajudar essas senhoras — ele gritou para um homem mais velho que estava esfregando um pano na carruagem.

Ernie enfiou o pano no bolso e se juntou a eles, tirando o boné ao fazer isso.

— Está tudo bem, Jim, ouvi o que a senhora disse. Eu assumo daqui.

As duas mulheres prenderam a respiração, ambas preocupadas com a possibilidade de serem dispensadas do local. Ruby achou que era hora de se explicarem. Certamente era a última chance de pedir ajuda.

— Meu bebê nunca acordou depois que nasceu. Quero saber o que aconteceu com ela. Preciso saber onde posso colocar flores e lembrar da criança que carreguei — implorou, colocando a mão na barriga enquanto falava.

— Sinto muito pela sua perda — disse o homem mais velho. Ruby acreditou nele, ao ver seus olhos lacrimejarem. — Sim, o Sr. Hind é um homem caridoso, faz muito pelo hospital e pela boa gente de Erith. Foi quando sua própria filha perdeu um filho que se perguntou o que acontecia com os bebês que não sobreviviam ao parto. Seu irmão é médico e um primo deles é ministro da igreja batista. Juntos, garantem que todos esses bebês recebam um enterro, mesmo que aos olhos da lei não estejam registrados.

— Quer dizer que a filha de Ruby foi enterrada em solo consagrado graças a esses cavalheiros caridosos? — perguntou Stella. — Suponho que não informam as famílias caso haja confusão. Imagine se todos comessem a aparecer nos túmulos para prestar suas homenagens.

— É isso — disse Ernie, dando-lhes um sorriso gentil. — Espero que de alguma forma isso ajude com sua dor?

— É verdade — disse Ruby, pegando a mão dele e apertando-a em agradecimento. — É possível descobrir onde minha Sarah está sepultada?

— Agora está perguntando algo difícil — disse ele, coçando a cabeça. — Ficaria surpresa com quantas almas jovens são ajudadas. Não temos um túmulo especial para elas, sabe.

— O que quer dizer? — Stella parecia confusa.

Ernie virou-se e apontou para a carruagem prestes a sair do pátio para o funeral.

— Vê abaixo da carruagem que há um compartimento? Para que acha que serve?

— Comida para os cavalos? — Ruby disse.

— Pás para cavar a sepultura? — sugeriu Stella.

— De certa forma, as duas estão certas, pois eles têm muitas utilidades. No entanto, o Sr. Hind os incluiu quando cada carruagem foi encomendada. Eles podem conter três, talvez quatro caixões pequenos para os bebês falecidos não registrados, mas isso dependeria do tamanho da sepultura. Nunca os vi enterrar mais de dois juntos.

— Quer dizer que o Sr. Hind se dá todo esse trabalho por causa de bebês como a minha Sarah? — Ruby balançou a cabeça, incrédula. — Se minha

filha tivesse respirado um pouco, eu poderia ter me despedido adequadamente. Ele merece ser nomeado cavaleiro por tais obras de caridade.

Stella concordou com a cabeça.

— Pode nos dizer onde a Sarah de Ruby está enterrada? — e como eles a enterrariam, se não há um túmulo especial para esses bebês?

— Se puder me dizer a data em que nasceu, provavelmente poderei dizer onde ela está — disse ele, olhando entre as duas mulheres.

— Era dia 5 de agosto e o doutor Hind, junto com sua enfermeira, saiu de minha casa pouco depois das quatro horas. Tinham a criança com eles. Jamais esquecerei aquele dia — disse Stella enquanto colocava o braço em volta dos ombros de Ruby e puxava a jovem que agora chorava para si.

— Vou pegar um copo d'água para ela. — Ernie assoou o nariz em um lenço que tirou do bolso antes de ir até a bomba no canto do quintal e encher uma caneca de lata com água limpa. — Acalme-se, garota, pelo que parece, teve muito que aguentar — ele disse enquanto se certificava de que Ruby segurava a caneca com firmeza. — Vou verificar meu diário de bordo para ver que trabalho tivemos no dia 5 de agosto. Se alguém sair do escritório e perguntar por que estão aqui, podem dizer que Ernie Grafton pediu que entregassem um novo suprimento de mortalhas. Muitas vezes recebemos entregas das costureiras para que ninguém fique sabendo.

Stella sentiu um arrepio percorrer seu corpo ao pensar em fazer tais itens, mas com Ruby ainda chateada, isso rapidamente desapareceu de sua mente.

— Aqui, amor, termine a água, vai fazer você se sentir muito melhor.

— Obrigada, mas já chega. — Ruby recusou a caneca. — Por que não toma um pouco? Deve estar tão abalada e com sede quanto eu.

Stella felizmente terminou o que sobrou.

— Isso caiu bem. Não sei quanto a você, mas eu poderia tomar outra xícara de chá no café.

— E mais uma torta de carne da Marge — Ruby disse, lambendo os lábios.

— Por que não voltamos lá depois de nos despedirmos de Ernie? Preciso comprar alguns cadarços pretos para botas, mas, fora isso, ainda tenho um tempo antes de voltar para casa para preparar o jantar para meus famintos.

— Está combinado — disse Ruby. —, mas, por favor, deixe-me agradecer a você. Não poderia ter feito isso sem a sua ajuda. Na verdade, só Deus sabe o que teria acontecido comigo naquele dia se não tivesse saído para a rua quando desmaiei.

— Não seja tão idiota. É para isso que servem os vizinhos. Esperava que fizesse o mesmo por mim se eu estivesse nas mesmas circunstâncias. Não que seja provável que eu engravide na minha idade — acrescentou ela.

Ruby só conseguiu dar-lhe um sorriso simpático. Stella era um tônico e, embora estivesse de luto por Sarah, não pôde deixar de se sentir feliz por ter encontrado uma boa amiga.

— Isso devolveu a cor às suas bochechas — disse Ernie, voltando com um pequeno livro-caixa coberto de pano. — No dia 5 de agosto, você diz —

acrescentou ele, folheando as páginas.

— Sim, e era fim de tarde. — Stella olhou por cima do ombro dele. Ela não conseguia entender nenhuma das palavras porque a caligrafia era muito pequena.

— Aqui está — disse ele triunfantemente, batendo na página com o dedo. — Achei que sim, mas queria verificar antes de dizer qualquer coisa a você. Enterramos uma Srta. Allinson no dia seis junto com um pequeno caixão sem identificação contendo uma criança do sexo feminino. Será esse.

— Tem certeza? — Stella perguntou. — Poderia ter sido outro bebê?

Ernie folheou as páginas.

— Houve um menino dois dias depois, então a menina enterrada com a Srta. Allinson é definitivamente seu bebê.

Ruby balançou a cabeça, incrédula.

— Não entendo por que uma família permitiria que um bebê desconhecido fosse enterrado com seu ente querido. Não faz sentido.

Ernie lançou um olhar duro para Ruby.

— A família não sabe nada sobre isso. Colocamos a criança na sepultura fresca e a cobrimos com terra. Então, após o serviço religioso na capela, o falecido é sepultado e a família não fica sabendo.

Stella achou que era uma situação ideal, dadas as circunstâncias, mas não gostaria de dizer isso para não incomodar Ruby.

— Então agora você sabe, garota. Sente-se mais feliz?

Ruby manteve o olhar em Ernie.

— Então, onde fica esse túmulo?

Ernie parecia desconfortável.

— Eu realmente não deveria dizer, mas como já sabe o nome da falecida, não precisaria de muito esforço para encontrá-lo. Fica no cemitério da Brook Street.

Ruby olhou para Stella.

— Conhece esse cemitério? Está longe?

— Não está pensando em ir até lá, está? — perguntou Stella. — Ainda está se recuperando, minha garota. Não precisa de mais emoção hoje.

— Claro que estou. Não encontrei a informação apenas para voltar para casa sem prestar homenagem à minha filha. Não vou contar a ninguém — garantiu ela a Ernie, com ar preocupado. — Obrigada por tudo o que fez. Ficarei feliz em ir sozinha, se um de vocês indicar o caminho.

Ernie pensou por um momento.

— A maneira mais rápida seria pegar um desses novos bondes e ir até Northumberland Heath, depois descer a Brook Street. Não pode perder o cemitério, embora seja uma caminhada justa — disse ele, pensando que ela acharia a caminhada cansativa.

— Meu George gostaria de ir de bonde. Não falou de mais nada desde que sua avó o levou pela rua para observá-los. Talvez eu deva esperar até amanhã antes de ir a este cemitério. Posso levar George, como um presente especial.

Ele gostaria disso. Sim, é o que farei — disse ela, antes de agradecer a Ernie pela ajuda e seguir Stella de volta pelo beco até a rua movimentada.



Ruby irrompeu pela porta da frente do número treze. Mesmo uma chuva repentina não conseguiu desanimar seu ânimo.

— Por que demorou tanto? — Milly resmungou da cozinha. — Não pode esperar que eu cuide do seu filho tão bem quanto o seu marido, não com meu coração duvidoso.

Ignorando as palavras da mãe, Ruby sorriu suavemente.

— Eu a encontrei, mãe. Encontrei onde enterraram Sarah.

— Ficou maluca ou algo assim? Que diabos está falando?

Ruby congelou. Não contara à mãe o nome que deu à filha.

— O bebê, mãe, descobri onde a enterraram. Vou levar George para ver o túmulo amanhã. Quer vir conosco para que possamos colocar algumas flores e prestar nossas condolências?

Milly jogou fora o pano que usava para limpar a poeira da lareira de ferro preto da sala da frente e olhou feio para a filha. Ainda havia muito pouca mobília no quarto, além de duas poltronas deixadas pelo inquilino anterior. Ruby tinha planos para o quarto, mas até que o dinheiro entrasse, tudo o que podia fazer era pagar o aluguel e colocar comida na barriga deles.

— O que quer dizer com colocar flores em um túmulo e prestar nossos respeitos? Só pode prestar homenagem aos vivos que morreram. Aquela coisa que você deu à luz nunca viveu.

Ruby sentiu como se a mãe lhe tivesse dado um tapa no rosto. Colocou a mão na boca e recuou horrorizada.

— Por que diria uma coisa dessas? Sarah era linda. Stella a viu e disse que meu bebê... que meu bebê era lindo...

Milly riu alto. Foi uma risada áspera e desprovida de calor.

— Não havia beleza no que vi. Isso me faz pensar como um filho meu pôde dar à luz a uma coisa tão feia.

George correu para o quarto para ver sua mãe, mas depois se escondeu atrás das saias dela quando ficou assustado com a maneira como sua avó gritava.

— Mãe, por favor, está assustando o menino — disse Ruby, abaixando-se para abraçar o filho. — Não tenha medo, George, a vovó e eu estamos apenas trocando algumas palavras. Não significa nada. Porque não vai buscar sua lousa e eu escreverei alguns números e letras para você copiar. Depois vou guardar minhas compras e cuidar do jantar de seu pai, isso se ele chegar do trabalho.

Ruby bagunçou o cabelo do menino e beijou sua bochecha, fechando a

porta atrás dele enquanto ele saía do quarto. Virando-se para a mãe, apontou o dedo para ela.

— Como ousa falar assim sobre uma criança que dei à luz? Se, e não acredito, havia algo de feio em minha filha, isso veio de você — a avó dela. Você é quem tem uma alma feia e não quero isso em minha casa nem mais um minuto. Pode fazer as malas e ir morar com Fanny ou Janie. Já estou farta de você. Voltei para casa com uma notícia alegre, algo que fez meu coração cantar quando senti que ele havia virado gelo e nunca iria derreter, e não fez nada além de criar uma atmosfera ruim.

Milly abriu a boca para falar, o rosto cheio de indignação, mas Ruby não quis saber disso e colocou as mãos nos quadris, pronta para enfrentar sua mãe mais uma vez, se necessário.

— Que barulho é esse? — perguntou Eddie enquanto abria a porta, derrubando Ruby de lado. — Um homem não pode tirar uma soneca sem que as duas briguem como vendedoras de peixe? — gritou.

Ruby, que se agarrou às costas de uma poltrona para não cair, torceu o nariz, enojada com o cheiro.

— Andou bebendo? — ela perguntou enquanto o hálito da cerveja a dominava, fazendo-a engasgar-se. — Como é que teve tempo de ir à bebida quando não pode ter saído do trabalho há mais de meia hora?

— Eles o demitiram — zombou Milly, ainda decidida a discutir.

— Isso é verdade, Eddie? — Ruby perguntou, com medo da resposta dele. Sem ela ganhar nenhum dinheiro nas últimas semanas, e com os salários de Eddie, na melhor das hipóteses, erráticos, as coisas estavam difíceis. Pensou nas suas economias, escondidas numa lata de tabaco no fundo da despensa. O dinheiro estava diminuindo rapidamente e não tinha certeza se o aluguel havia sido pago. Ele caiu na poltrona sem dizer uma palavra. — Eddie — perdeu o emprego? — Ruby quase gritou enquanto sua mãe continuava a rir alegremente. — Cale a boca, mãe! Eddie, fale comigo — ela exigiu, puxando as mãos dele até que elas caíssem de seu rosto. — O que diabos aconteceu? Está nesse trabalho há apenas algumas semanas. Achei que tinha gostado?

Ele olhou para ela, parecendo triste.

— Fui pego brigando, mas não foi minha culpa — acrescentou rapidamente. — Eu estava me defendendo.

— Sempre está, Eddie, você sempre está — ela suspirou, enquanto qualquer felicidade que trouxera para casa se esvaía. — Achei que mudar para cá seria um novo começo para todos nós. Uma bela casa, um novo bebê e você em um emprego decente pela primeira vez. Fiquei muito feliz quando parou de trabalhar para Cedric Mulligan e se estabeleceu em um emprego que lhe dava um pacote de pagamento toda semana, em vez de algumas moedas aqui e ali de Cedric quando lhe convinha ou quando queria que você usasse os punhos. Não pense que eu não sabia que tinha começado a andar com ele de novo — disse ela, enquanto Eddie lhe lançava um olhar surpreso. — Há sempre alguém que quer ter certeza de que eu saiba o que estava fazendo —

disse ela, olhando para Milly, que havia ficado quieta, mas ainda saboreando a cena que se desenrolava à sua frente. — Pensei que pagando o aluguel a um cobrador não teríamos nenhum contato com Cedric novamente. Este é o segundo emprego que perde desde que nos mudamos para cá!

— Vamos sobreviver, garota. — Ele pegou a mão dela. — Sempre fazemos isso, mesmo que isso signifique mudar daqui e encontrar algo mais barato para alugar.

— Ah, não, desta vez não, Eddie Caselton. Acontece que gosto desta casa e desta cidade e quero viver aqui. Então, trabalhará comigo para construir um futuro decente para todos nós, ou terei que lhe mostrar a porta? — ela exigiu, perguntando-se o que teria acontecido com o homem com quem se casara. Às vezes aparecia uma faísca do velho Eddie, mas depois a bebida e o jogo assumiam o controle. Adicione Cedric à panela, oferecendo-lhe dinheiro fácil para fazer seu trabalho sujo, e seu sonho de uma vida familiar feliz voara pela janela.

— Ah, Ruby — disse ele, olhando para a sogra em busca de apoio e sendo ignorado. — Esta rua é muito chique para gente como nós. Não sou o tipo de cara que ganha tanto dinheiro para ficarmos aqui. Todos os outros homens que moram nesta rua têm algum emprego importante no rio ou administram uma loja na cidade. Não sou como eles. Diga a ela, Milly.

— Não me envolva em suas brigas. Já é bastante ruim eu não ter onde morar na minha época de vida, com sua esposa me mostrando a porta. Sei que não me quer aqui.

Ruby deu um grande suspiro. Por mais que preferisse que a mãe se mudasse, sabia que não era possível. Por que a vida sempre fora tão difícil para ela?

— Agora, não há necessidade de continuar assim. Entre vocês dois não sei se estou indo ou vindo. Acho que precisamos todos nos sentar e conversar sobre o assunto. Tenho outras novidades, mas pode ficar por enquanto. Mãe, coloque a chaleira no fogo e aqueça a tigela de bolinhos de carne que trouxe para casa para o chá. Podemos comer e conversar ao mesmo tempo — disse ela, lançando um olhar de advertência ao marido, pois sabia que ele sairia sorrateiramente em vez de enfrentá-la para falar sobre seus problemas financeiros. Enquanto estava com fome e ansioso para comer, ela o mantinha cativo.

Ruby esperou até que a família estivesse comendo sua refeição de bolinhos quentes, com uma pilha de pão fresco na frente deles, limpando o succulento molho quente fez seu anúncio.

— Consegui um emprego — disse ela antes de colocar um pedaço de pão crocante na boca.

— Essa é minha garota — Eddie respondeu. — Se quer que fiquemos aqui, precisamos de mais dinheiro. Ainda acho que esse não é o lugar para vivermos — acrescentou ele, não querendo que Ruby soubesse que havia vencido totalmente a discussão. Ele acenou com a cabeça para Milly. —

Também poderia fazer um favor a todos nós e pensar em trazer alguns centavos, como Ruby aqui. Você fará limpeza ou trabalhará no bar? — perguntou, sem tirar os olhos do prato.

— Vou trabalhar em um café na rua principal. É um trabalho constante e um horário regular — disse ela, lembrando-se de quando, junto com Stella, voltou ao café para tomar uma xícara de chá para acalmar os nervos depois de visitar o estabelecimento funerário. Elas entraram quando Marge praguejava em voz alta, depois de deixar cair uma bandeja de louça suja. Abaixando-se para resolver a bagunça, cortou o dedo em um prato quebrado. Enquanto Stella a sentava e limpava o ferimento, Ruby começou a limpar a bagunça. Ela encontrou um esfregão e um balde em uma sala dos fundos e limpou rapidamente o chão, alertando os clientes para tomarem cuidado com o chão molhado antes de ir para trás do balcão e atender a fila de pessoas, que estavam começando a reclamar.

— Você não quer um emprego, quer? — perguntou Marge ao se juntar a Ruby, depois que seu dedo parou de sangrar e foi amarrado por Stella com um pano limpo.

— Ela não está bem — falou Stella, lançando um olhar severo para Ruby, caso aceitasse a oferta.

— Posso ver que é toda pele e osso. — Marge olhou para Ruby de cima a baixo. — Eu não a derrubaria como um velho burro de carga. — Ela sorriu. — Pode me dizer se não estiver se sentindo bem e eu não esperaria que ficasse de pé o dia todo. Acontece que, como meu pai não está tanto por perto hoje em dia — ele administra nosso outro restaurante em Bexleyheath —, poderia precisar de um pouco de ajuda para servir e lavar a louça, e talvez fazer algumas tortas quando ficarmos com falta. Poderia sentar-se para fazer isso — acrescentou ela, esperançosa, observando Ruby para ver como estava pensando na oferta. — Se sobrar alguma coisa no final do dia, pode levar para casa...

Ruby estava interessada. Poderia ser a resposta para algo que a estava preocupando. Nas poucas semanas em que morou no número treze, passou a amar a casa solidamente construída. Tinha uma amiga em Stella, do outro lado da rua, e outros vizinhos já haviam parado para perguntar sobre sua saúde e deixar alguns ovos ou vegetais de seus quintais. Embora esta fosse sua primeira viagem à cidade, sabia que Erith era o lugar para ela e não queria ir embora se pudesse evitar. No entanto, havia a preocupação de manter o aluguel em dia — uma das razões pelas quais tinham que se mudar com frequência quando moravam em quartos em Woolwich e arredores.

— Tenho um menino para cuidar e depende do salário, mas não me interpretem mal, preciso encontrar trabalho... — ela disse, tentando manter sua excitação escondida. Conversar um pouco sempre ajudava, e Marge talvez estivesse pagando uma ninharia. Não conseguia trabalhar de graça. Levar para casa pão amanhecido e bolo não seria tão atraente se ainda estivesse com pouco dinheiro no dia do pagamento.

Marge inclinou a cabeça para o lado.

— Presumo que seu filho vá para a escola?

Ruby sorriu.

— Sim, em setembro ele começa a estudar na escola em Slades Green. Stella conversou com eles, por mim, enquanto eu estava doente.

— Era o mínimo que eu podia fazer — disse Stella. — Todos os meus rapazes aproveitaram o tempo que passaram lá. Embora haja uma escola mais perto, o jovem George terá dificuldade em obter uma educação melhor neste lado de Kent.

— Ele já aprendeu alguns números e letras — Ruby disse com orgulho. — É verdade que é de minha própria carne e osso, mas sei que é um garoto inteligente e, com sorte, George terá um bom futuro.

— Vou apoiar isso — concordou Stella. — Meu filho mais novo me disse que o rapaz é muito esperto ao pegar coisas. George o segue por toda parte, — é como sua pequena sombra.

— Isso é bom, garotas. Só tem esse filho?

Stella observou o rosto de Ruby e percebeu uma sombra passar rapidamente. Ela diria alguma coisa sobre sua perda recente?

Ruby pensou por um segundo. Sabia que era melhor não contar segredos a alguém com quem pudesse trabalhar e que em breve poderia pagar seu salário. No entanto, será que Marge ainda a empregaria se soubesse por que estava tão mal apenas algumas semanas antes e estava apenas se aventurando? Por um centavo, ela pensou consigo mesma.

— Minha filha nasceu há apenas algumas semanas, mas nunca respirou. Estou doente desde o nascimento. Stella aqui tem sido um diamante, considerando que não a conhecia até desmaiar na sua frente no dia em que me mudei para minha casa na Alexandra Road.

Marge largou o bule que segurava e correu para envolver Ruby em seus braços rechonchudos.

— Meu amor, poderíamos ser irmãs — disse ela, esquecendo que tinha o dobro do tamanho de Ruby e era muito mais velha. — Teve mais sorte do que eu, pois nenhum dos meus suspirou. Lamento nunca ter dado um filho ao meu marido. Vamos, vamos todas sentar e tomar uma xícara de chá enquanto pensamos em como pode vir aqui e trabalhar para mim sem que seu filho sofra. Gosto de você, Ruby Caselton. Pelo pouco que vi, sei que tem coragem e vai se encaixar perfeitamente.

Eddie deu um largo sorriso à esposa.

— Muito bem, amor, e com a sua mãe fazendo a parte dela, viveremos no conforto, como dizem.

— Só se continuar no trabalho e não esperar que nós duas o mantenhamos na cerveja — zombou Milly. — Na minha idade, não deveria ter que trabalhar. Minhas outras filhas podem ter algo a dizer sobre isso.

— Você pode ir morar com Fanny ou Janie, mãe, mas sentiremos sua falta. No entanto, se pretende ficar conosco, seria de grande ajuda se conseguisse

ganhar alguns xelins para contribuir para os cofres.

Milly ficou em silêncio por um tempo enquanto ponderava sobre o que sua filha havia dito.

— Quem vai cuidar do menino se todos nós estivermos fora? Eis, novamente, Eddie estava sentado quieto como um túmulo e sem dizer onde iria trabalhar em seguida. — acrescentou, apontando para onde Eddie estava enxugando o que restava do molho com um pedaço de pão. — Vai encontrar um emprego ou vai ficar preguiçoso aqui e no pub? — Como não obtive resposta, o chutou por baixo da mesa. — Ei, me responda. Uma mulher idosa e uma esposa doente não deveriam apoiá-lo — disse ela.

— Ai, não havia necessidade disso — gemeu, esfregando a canela. — Vou procurar algo amanhã. Isso é bom o bastante?

— Certifique-se de fazer isso — disse Milly, pegando o bule de cerâmica marrom para encher sua xícara. Ela voltou sua atenção para Ruby. — Digame, quem vai cuidar do rapaz com todos nós fora de casa? Assim que ele for para a escola, teremos que ir e voltar de Slades Green para levá-lo até lá. Não tenho certeza se é algo que posso fazer na minha idade.

Ruby riu consigo mesma. Se fosse uma jogadora, teria apostado um bom dinheiro na mãe dizendo isso. No entanto, bastava um jogador na casa. Nas poucas vezes em que esteve em um pub com Eddie, viu homens de aparência decadente coletando sorrateiramente apostas dos bebedores e levando-as de volta aos seus chefes. Era um jogo de caneca e ela não faria parte dele. Agora que estavam estabelecidos aqui em Erith, faria o possível para garantir que Eddie nunca perdesse mais um centavo em uma aposta.

— Stella me contou que eles estão levando homens para o depósito de carvão, e a Fraser tem um quadro pendurado no portão da fábrica com uma lista de empregos que precisam ser preenchidos. Parece que a cidade é um bom lugar para encontrar trabalho — isso se alguém estiver procurando — disse ela, lançando um olhar severo ao marido.

— Eu disse que procuraria trabalho e estou falando sério — ele rosnou. — Vou sair pelos fundos para ver o que precisa ser feito no jardim e para fugir das mulheres chatas. — Ele saiu da mesa. Ruby se encolheu ao ouvir a porta bater com tanta força que quase afetou as dobradiças.

Ele precisará fazer mais do que apenas olhar, pensou consigo mesma.

— Quanto ao George aqui — disse ela a Milly —, pode vir comigo quando eu for ao café depois de amanhã, a proprietária disse que pode sentar-se na sala dos fundos. Ela gosta de crianças. Até disse que posso trabalhar em meu horário deixando-o e recolhendo-o na escola. Depois de conhecer o caminho de concreto, ele poderá caminhar sozinho até a escola. No entanto, amanhã iremos de bonde para Northumberland Heath. Gostaria disso, não é, Georgie?

Os olhos do rapaz brilharam.

— Podemos ir para a parte de cima?

— Se quiser. — Ruby sorriu, embora não estivesse ansiosa para subir até o topo, não quando o bonde se movia e havia eletricidade envolvida — não

tinha certeza sobre essas coisas. A ideia do bonde a deixou vacilante, mas enfrentaria o medo pelo bem do filho — e para fazer a viagem para ver o túmulo onde sua filha jazia descansada.

— Venha conosco, mãe — disse ela, desejando mais do que tudo que Milly aprovasse o que planejava fazer.

— Se quiser encontrar um emprego, terei que me esforçar antes de acabar sem ter onde morar — Milly fungou, dando a Ruby sua melhor expressão magoada.

Ruby respirou fundo ao ficar ao lado de George, olhando para o imponente portão do cemitério da Brook Street. Eles observaram um impressionante cortejo fúnebre passar pelos portões. Ruby reconheceu os cavalos usando suas plumas pretas e puxando a carruagem que tinha visto na agência funerária no dia anterior. Na frente podia ver Ernie liderando a procissão em um ritmo respeitoso. A carruagem foi seguida por muitos enlutados, todos vestidos de preto. As mulheres choravam abertamente na segunda carruagem que seguia a que transportava o caixão. Ruby e George esperaram até verem os enlutados entrarem em uma pequena capela no terreno antes de caminharem lentamente na mesma direção, passando por fileiras e mais fileiras de lápides. Ruby nunca tinha pensado em perguntar onde estaria a senhorita Allinson, com quem sua Sarah dividia um túmulo. Onde deveria começar a procurar?

— Teremos que pedir ajuda a alguém — disse ela a George, agora com o rosto pálido. A emoção de viajar de bonde seguida pela longa caminhada pela Brook Street, passando por crianças brincando em frente a casas de dois andares, havia passado. Agora parecia inseguro sobre o que estava ao seu redor enquanto segurava a mão dela com força.

— Talvez devêssemos perguntar ao homem com o bastão grande — sugeriu ele, apontando para onde Ernie estava, acabando de sair da pequena capela. Do lado de dentro, os enlutados podiam ser ouvidos cantando “Abide with Me” quando o culto começou.

Ruby sorriu com a sugestão do filho.

— Isso é uma bengala — explicou ela, apontando para a bengala ornamentada com ponta prateada. — Ele a usa para guiar os enlutados de seu lugar à frente da propriedade. No entanto, isso é uma boa ideia. Reconheço o cavalheiro como alguém com quem falei ontem. Vamos falar com ele e talvez possa dar uma olhada mais de perto nos cavalos?

Ernie, vestido com traje formal de agente funerário, acenou formalmente para Ruby antes de tirar a cartola preta brilhante.

— Que bom vê-la aqui — disse educadamente. — Está um pouco atrasada para o culto, mas tenho certeza de que podemos acomodá-la no fundo da capela se ficarmos quietos.

Ruby balançou a cabeça, parecendo preocupada. A última coisa que queria era assistir ao funeral de alguém que nem conhecia; também não tinha certeza se George iria gostar, pois nunca havia participado de tal cerimônia antes. Sabia que ele já estava perturbado por estar no cemitério.

— Não, obrigada, estou aqui para prestar meus respeitos à minha filha. Deve se lembrar que me deu alguma informação ontem? — Enquanto falava, George era alegremente levantado por um dos colegas de Ernie para que pudesse acariciar a cabeça de um dos magníficos cavalos pretos. — O problema é que não tenho ideia de onde encontrar o túmulo. Sabe se há alguém que possa me ajudar?

Ernie coçou a cabeça pensativamente.

— Tenho a sensação de que o pedreiro está colocando a lápide hoje, então se caminhar por aquela trilha verá alguém trabalhando. Será lá que encontrará o local de descanso do seu bebê.

Ruby agradeceu ao homem e pegou George pela mão, instando-o a ir com ela quando ele não queria nada além de ficar e acariciar os cavalos.

— Olha, George, ali está o rio — disse ela, curvando-se ao lado dele, apontando para onde o Tâmisia brilhava ao sol.

— É lá que fica a nossa casa? — ele perguntou.

— Acho que fica mais à direita, atrás daqueles grandes edifícios fabris. Eu não sabia que estávamos tão alto aqui. É uma vista magnífica. — E um lugar encantador para descansar os entes queridos, pensou ela, enquanto retomavam a caminhada lenta pelo caminho estreito que serpenteava entre os túmulos. Ao redor do cemitério havia uma extensão de grama que sem dúvida um dia seria preenchida com fileiras e mais fileiras de lápides semelhantes àquelas por onde passaram. Ocasionalmente, um monumento maior era visto. Deveria haver pessoas importantes enterradas ali, pensou ela, não desejando expressar suas palavras em voz alta, caso isso preocupasse George. Talvez não tenha sido muito sensato trazê-lo com ela, mas ele perguntara sobre o bebê e era justo que entendesse a verdade. Não acreditava em esconder as coisas de uma criança. — Parece o pedreiro — disse ela, apontando para onde um homem de avental marrom instruíra dois jovens ajudantes. Uma mulher ficou observando.

Ruby passou a mão pela testa quente. O tempo havia esquentado um pouco depois dos dias chuvosos do início do mês. Não esperava ter que caminhar tanto, e suas pernas pareciam bambas e quase incapazes de mantê-la em pé. Ruby se encostou em uma lápide próxima e respirou fundo.

— Eu digo, você está bem? — Uma mulher usando um elegante chapéu de veludo preto e um casaco combinando, com uma pele de raposa elegantemente pendurada nos ombros, parou e pegou o braço de Ruby. — Está aqui para um funeral? — ela perguntou, olhando para onde as carruagens estavam em frente à capela.

— Só preciso recuperar o fôlego por alguns minutos — disse Ruby enquanto George lançava a ela um olhar preocupado.

— Viemos ver o túmulo da minha irmã mais nova, Sarah — disse ele solenemente.

A mulher parecia genuinamente triste.

— Oh, meus pobres queridos. Venha, deixe-me ajudá-la. Onde fica o túmulo?

Ruby respirou fundo.

— George, por que não vai na frente? — ela disse, não desejando que ele ouvisse muito do que estava prestes a dizer. Quando ele fez o que lhe foi dito, Ruby se virou para a mulher. — Obrigada por sua preocupação. Não tenho certeza se deveria dizer isso, mas minha filha não tem tumulto próprio. Vim aqui para procurá-la.

— Eu não entendo...

— Quando Sarah nasceu, nunca respirou. Isso significa que foi tirada de mim enquanto eu estava com febre. Pela gentileza dos amigos... Descobri que foi enterrada com outra pessoa recentemente falecida... — Sua voz vacilou.

— Minha querida, não há necessidade de dizer mais nada. Eu entendo a situação. Ouvi falar disso acontecendo. Foi informada sobre o local onde ela foi enterrada?

— Sim, me disseram que o pedreiro está no túmulo e prestes a colocar a lápide de uma certa senhorita Allinson. Estava indo nessa direção quando me senti um pouco fraca.

— A falecida Srta. Allinson era minha irmã mais nova. Eu sou a Sra. Grant...

Se Ruby tivesse força nas pernas para virar e correr naquele momento, teria feito isso. Colocaria alguém em apuros dizendo o que sabia?

— Posso ver que deseja me contar uma coisa. Por favor, não tenha medo — disse a Sra. Grant. — Acredito que já adivinhei.

Ruby respirou fundo e explicou sobre a morte de Sarah e o que havia descoberto. Não mencionou o nome de Ernie, que tinha sido um grande conforto para ela.

— Só queria saber onde estava descansando — disse ela. — Não queria incomodar a família da senhorita Allinson.

A senhora Grant pegou Ruby pelo cotovelo e conduziu-a até onde George observava o trabalho do pedreiro.

— Minha irmã era uma jardineira experiente. Ela sentiu muito conforto ao sentar-se em seu jardim de rosas durante sua doença final. Era meu desejo que ela tivesse rosas gravadas em seu marco. Embora a pedra já esteja no lugar, precisei de várias outras gravadas nela. É por isso que o Sr. Daniels está trabalhando in situ — explicou ela.

— É um belo memorial — disse Ruby, observando que a Srta. Allinson tinha apenas quarenta e poucos anos quando faleceu.

— Ela nunca foi capaz de gozar de boa saúde — disse a irmã, e inclinou a cabeça em oração silenciosa. Ruby a seguiu, abaixando a cabeça e pensando na filha, que jamais apreciaria o sol no rosto ou o perfume das rosas. — Se me der licença por um momento — disse a Sra. Grant, ao deixar Ruby para ir falar com o pedreiro.

Embora Ruby não pudesse ouvir o que estava sendo dito, sabia que a Sra. Grant estava dando instruções com mão firme. O homem coçou a cabeça antes de assentir e se ajoelhar perto da pedra para continuar seu trabalho. A

Sra. Grant voltou para o seu lado.

— Você viajou de longe?

— Recentemente nos mudamos para a cidade. Sarah nasceu um mês antes, no dia em que nos mudamos. Disseram-me que Sarah era um bebê lindo — ela sorriu, pensando com carinho no que poderia ter sido.

— Nunca a viu? A Sra. Grant tirou um delicado lenço de linho branco do bolso e enxugou os olhos.

— Não, tive febre e fiquei mal por várias semanas. Quando estava em condições de saber o que tinha acontecido e de pensar com clareza novamente, era como se o mundo tivesse seguido em frente e esperassem que eu a esquecesse — não poderia — acrescentou ela, com um tremor em sua voz.

— Admiro você por procurar sua filha e por ter um filho tão lindo — disse a Sra. Grant, enquanto olhavam para onde George havia se afastado da observação do pedreiro. Ele agora estava lendo as palavras de um memorial de mármore próximo, seus lábios se movendo para formar palavras enquanto um olhar interrogativo cruzava seu rosto. Correndo de volta para o lado de Ruby, olhou timidamente para a Sra. Grant antes de falar com sua mãe.

— O que significa ‘aos cuidados de Deus’? — ele perguntou. — Eu li em três lugares diferentes.

Ruby começou a falar, mas hesitou. Como explicar a morte para uma criança? Ela pensou.

— Isso significa que Deus está cuidando de nós e podemos ficar felizes sabendo disso. — Falou sorrindo a Sra. Grant. — Pode ler palavras muito bem. Gostaria de ler algo para mim?

George acenou com a cabeça enquanto ela estendia a mão e o levava para mais perto da lápide. O pedreiro afastou-se do trabalho enquanto limpava as mãos num pano, permitindo que George se ajoelhasse perto do canto inferior da lápide.

— Há uma florzinha — disse ele.

— É um botão de rosa — disse a Sra. Grant. — Quando um botão de rosa cresce, ele se transforma em uma rosa — explicou ela, passando os dedos pelas intrincadas rosas recém-esculpidas no topo da pedra. — Às vezes, um botão nunca se transforma em uma rosa adulta, mas é igualmente especial. Consegue ler as palavras?

George passou os dedinhos pelas cinco letras, copiando como a Sra. Grant tocara a pedra.

— Sarah, está escrito Sarah. — Ele sorriu ao reconhecer a palavra. — Esse é o nome da minha irmã.

— Garoto inteligente. — Ela sorriu, dando tapinhas na cabeça dele.

Ruby não conseguia falar. A gentileza desta mulher que acabara de conhecer a surpreendeu.

— Não sei como lhe agradecer — disse ela, lutando muito para não chorar, pois não queria alarmar George. — Deve me deixar contribuir para o custo

deste trabalho — acrescentou ela, perguntando-se se suas escassas economias cobririam o trabalho do comerciante qualificado.

— Bobagem — disse a Sra. Grant, rejeitando a oferta de Ruby. — Sei que minha irmã ficaria encantada em saber que compartilhou seu lugar de descanso eterno com um bebê. Quando sua saúde melhorava, visitava a escola da aldeia e conversava com as crianças sobre flores e seus nomes. Nunca se casou, mas teria sido uma mãe maravilhosa. O que poderia ter sido? — Ela suspirou, e todos ficaram olhando para o túmulo em silêncio por alguns momentos. — Agora, gostaria que pegasse meu cartão, pois quero saber como esse jovem progride nas aulas. Presumo que você assiste às aulas?

— Ele começa a escola na semana seguinte. Tivemos a sorte de colocá-lo em uma escola que é altamente recomendada pelos meus vizinhos. Trabalhei com ele nos números e nas letras e, como pode ver, é capaz de formar palavras — disse Ruby com orgulho.

— Muito louvável. — A Sra. Grant abriu uma pequena bolsa que pendia de seu braço e tirou um cartão branco. — Aqui está meu endereço. Meu marido é um dos gerentes da fábrica Vickers. — Ela apontou para uma das fábricas perto do rio. — Agora, pode ter outros planos para o menino, mas quando ele atingir a idade de pensar em trabalhar, gostaria que ele conhecesse meu marido e considerasse um aprendizado. Rapazes inteligentes são sempre necessários e ele teria um futuro brilhante na empresa.

Ruby pegou o cartão e olhou o endereço. Avenue Road. Pensou ter reconhecido o nome. Stella poderia dizer a ela onde era.

— Eu não sei o que dizer, nos conhecemos há pouco tempo. Por que faria uma oferta tão generosa?

A Sra. Grant acenou com a cabeça em direção ao túmulo.

— Poderíamos dizer que somos quase uma família. — Ela sorriu. — Agora, devo ir embora. Posso ver meu motorista nos portões e ele parece agitado. Sem dúvida está querendo sua refeição. — Com uma palavra ao pedreiro para enviar sua conta, desejou-lhes bom dia e deixou Ruby pensando sobre a generosidade e gentileza de estranhos.

— Posso seguir a Sra. Grant e dar uma olhada no carro dela? — perguntou George, pulando de excitação sobre um pé só.

— Não vejo por que não, mas tome cuidado para não se aproximar do veículo se ele estiver em movimento ou entrar na rua. Não suportaria enterrar outra criança — disse ela no ar, enquanto seu filho já estava correndo para alcançar a Sra. Grant.

Ruby foi até o túmulo, despedindo-se do pedreiro enquanto ele carregava seu equipamento e partia. Ela se ajoelhou, estendendo a mão para tocar o botão de rosa delicadamente esculpido e a palavra Sarah.

— Esta é a primeira vez que estou sozinha com você, minha querida. Quero dizer o quanto a amo.

Pode não estar aqui em corpo, mas seu espírito permanecerá em meu coração enquanto eu viver. Se ao menos Deus tivesse sido mais tolerante e a

deixado viver. Embora eu nunca tenha acreditado muito. Por que haveria tanto sofrimento no mundo se realmente existisse um Deus que pudesse melhorar as coisas? Perguntei a um homem do clero por que Deus podia ser tão perverso. Fiz isto depois que sua vovó me mandou à igreja para orar por meu pai. Eu só poderia ter a idade do seu irmão, George, e não conseguia entender por que nunca tive um pai como os meus amigos. O vigário pareceu zangado por eu precisar perguntar, dizendo-me que era o homem quem causava os problemas, não Deus. Sabia que não devia discutir com ele, mesmo naquela idade, em vez disso, inventei desculpas para não ir à escola dominical. Porém, se Deus existe, espero que um dia ele realize meu desejo de ver você mais uma vez. Até então, tem a senhorita Allinson para lhe fazer companhia, e eu virei visitá-la sempre que puder — sussurrou, beijando os dedos da mão esquerda e colocando-os sobre o nome da filha.

— Prometo vir também. — Uma vozinha soou logo atrás dela, fazendo Ruby pular.

— Ora, George! Achei que tinha ido ver o automóvel?

— Já estava indo embora quando cheguei ao portão, mas a Sra. Grant e o motorista acenaram para mim. Ela é uma senhora simpática, não é, mãe?

— Muito boa mesmo. Tenho certeza de que a encontraremos novamente um dia. Pretendo escrever uma carta para agradecer-lhe pela gentileza.

— Posso fazer o mesmo? — George perguntou. — Se escrever as palavras para eu copiar, claro. Não quero que pense que não conheço todas as letras.

Ruby puxou o filho para perto e deu-lhe o maior abraço, desejando ter dois filhos nos braços.

— Acho que é uma ideia admirável. Podemos fazer isso assim que chegarmos em nossa casa. Talvez até haja tempo de ir até seu endereço e colocá-las na caixa de correio.

Quando se levantou, pegando a mão de George e apertando-a, os dois se viraram para olhar para o túmulo.

— Mamãe, acha que vai ter mais bebês? A Sra. Green tem três, mas todos já cresceram.

— Teremos que esperar e ver o que acontece. — Ela sorriu. George tinha uma mente muito curiosa.

— Se tiver uma menina, podemos chamá-la de Sarah novamente — disse ele.

Ruby congelou. Sabia que era prática comum os pais usarem o mesmo nome caso perdessem um filho, mas para ela, Sarah era um nome especial, e achava que nunca mais poderia usá-lo.

— Não tenho tanta certeza disso, George. Gostaria muito de escolher outro nome, se isso acontecesse — ela disse gentilmente.

— Então, quando eu crescer e me casar, chamarei minha filha de Sarah — disse ele.

Ruby riu.

— Não deseje que sua vida acabe, George, faça o que fizer. A vida é muito

curta para isso. Primeiro precisa gostar de ser um garotinho que mora em uma bela casa e irá para uma escola muito boa. Tem uma mamãe, um papai e uma vovó que o amam muito.

— E uma irmã — disse George, olhando por cima do ombro enquanto se afastavam do túmulo.



— Meu Deus, quando contratei você, nunca pensei que seria tão trabalhadora — disse Marge Dobkins, enquanto olhava para a pilha de pratos limpos e as canecas penduradas em ganchos na parte de trás do balcão de serviço. — Claro, eu poderia dizer que era dedicada, mas só se passaram duas semanas e transformou o lugar. Não que estivesse sujo, mas... Ah, sabe o que quero dizer. — Marge riu, dando tapinhas nas costas de Ruby com tanta força que ela tropeçou para frente e estendeu as mãos para evitar bater no balcão.

— É um prazer. Amo meu trabalho. Conheci mais moradores aqui do que jamais conheceria, ficando em casa ou fazendo um trabalho de limpeza. — Ela não acrescentou que gostava de ser vista trabalhando quando não havia muitos clientes no café, só para garantir. Marge decidiu reduzir seu horário. Ruby observou a mulher jovial de perto e parecia que ela não perdia nenhum truque quando se tratava de economizar alguns centavos.

— Bem, meus clientes regulares gostaram de você e não há erro. Sempre digo que ter um sorriso acolhedor não custa nada e aquece o coração em um dia miserável.

Ruby riu.

— Nos dias em que trabalhei aqui o tempo esteve bom, então talvez tenha sido isso que os animou.

— Com um pouco de sorte, choverá amanhã e estaremos ocupadas a maior parte do dia. Desafio você a continuar lavando a louça então — disse Marge, caindo na gargalhada novamente ao ver a expressão no rosto de Ruby.

— Por que desejaria chuva? Não tivemos o suficiente nos últimos meses? Nunca conheci um verão tão miserável.

Marge bateu na lateral do nariz como se estivesse contando algum segredo importante.

— Você os vê chegando correndo para sair da chuva. Vendo mais chá e pães, bem como xícaras de Bovril, para as pessoas que vêm se proteger das intempéries do que na hora do jantar.

— Nesse caso, devemos rezar para que chova. — Ruby riu. — Contanto que não seja no dia da lavagem.

— Ah, sobre segunda-feira. Existe alguma chance de sua mãe ajudá-la com a lavagem? Acontece que meu pai teve outra de suas reviravoltas estranhas e o médico lhe disse para ficar na cama durante a próxima semana. Vou ter que cuidar do outro lugar — o que significa que estará sozinha aqui, e preciso que trabalhe na segunda-feira também. Isso é um problema? De qualquer forma, vou deixá-la entrar em ação e pode me dizer antes de fecharmos mais

tarde. Tudo bem?

Ruby assentiu e voltou a secar a última louça, empilhando-a à medida que avançava. Claro, ela poderia usar o dinheiro, nem que fosse para guardá-lo em sua lata de poupança escondida no fundo da despensa, pronta para um dia chuvoso. Não teve que mergulhar na lata nenhuma vez para pagar o aluguel desde que trabalhava ali porque, cumprindo sua palavra, Eddie havia feito alguns turnos no depósito de carvão, com a promessa de mais quando os meses mais frios chegassem. Milly também passava algumas horas limpando todos os dias no Hotel Prince of Wales, a apenas cinco minutos a pé de sua casa. Com sorte, logo teriam o suficiente para comprar mais móveis e alguns confortos domésticos. Usavam as peças deixadas pelo inquilino anterior, mas Ruby queria de ter suas próprias peças ao seu redor para se sentir mais tranquila - não que pensasse em se mudar de Alexandra Road. Se conseguisse, um dia compraria a casa de Cedric e teria, pela primeira vez na vida, uma segurança que nunca conhecera antes. Se invejava alguma coisa das duas irmãs mais velhas, era o fato de seus maridos terem investido com sabedoria e agora serem donos de suas casas. Enquanto morava em quartos alugados em Woolwich, sonhava em ser como suas irmãs: dona— de uma propriedade. Na época, zombou de seus próprios sonhos, mas os manteve perto do coração, na esperança de que um dia... Se ela compartilhasse seu sonho com o marido, sabia que Eddie diria que era maluca. Ele provavelmente nem estava interessado em ter uma casa própria. Mas talvez, com três adultos trabalhando, isso pudesse ser feito. Stella lhe contara que algumas das mais de sessenta casas geminadas que ficavam em cada lado da Alexandra Road já haviam sido vendidas para muitas famílias, enquanto outras permaneciam sendo da família de construtores que havia criado as fileiras de casas de frente para a baía. Foi um desses construtores que doou uma casa a Cedric para liquidar as suas dívidas de jogo. Ruby nunca ficou tão grata por poder alugar o número treze.

Quando chegou a hora de fechar o café e ir para casa, Ruby virou-se para Marge.

— Gostaria de trabalhar na segunda-feira. Lavarei a roupa no domingo.

Marge envolveu Ruby em seus braços gordinhos e agradeceu.

— Veja bem, eu pensaria duas vezes antes de lavar a roupa no dia do Senhor. Pode estar causando problemas na sua cabeça.

— Terei mais problemas se meu marido não tiver roupas íntimas limpas. — Ela sorriu. — Posso lidar com o Senhor, mas Eddie é outro caldeirão.

— Vá embora — Marge deu uma gargalhada, cutucando Ruby nas costelas.

— Seria necessária uma mulher mais corajosa do que eu para pendurar minha roupa lavada no domingo. Como são os seus vizinhos? Eles aprovariam?

Ruby encolheu os ombros.

— Não posso dizer que os conheci. Sei que há uma senhora idosa de um lado, que parece viver sozinha. Só a vi quando abriu as cortinas para ver o nosso George chutar uma bola na rua. Acenei amigavelmente, mas ela

endireitou as cortinas e desapareceu. Se aprovou isso ou não, não sei. Do outro lado está um casal com dois filhos mais velhos. Acho que eles já passaram dos quatorze anos, então devem trabalhar em algum lugar. Pareciam bastante amigáveis quando os vi no portão certa manhã, saindo para o trabalho, embora estivessem um pouco distantes. Amanhã vou acordar bem cedo e deixar a roupa lavada no varal, depois vou desaparecer para dentro de casa. Se meus vizinhos não puderem me ver para conversar, também não poderão reclamar. — Ruby sorriu, beijou Marge na bochecha e foi para casa. Acenou com a cabeça para os clientes que reconheceu enquanto descia a rua principal e entrava na Manor Road.

O pacote de pagamento que Marge lhe entregara pesava em seu bolso. Esperançosamente, as horas extras que trabalhou esta semana apareceriam no envelope e não estaria apenas cheio de centavos e meio centavo tirados do pote deixado no balcão para gorjetas. Poderia ter apenas o suficiente para pagar o esplêndido aparador em que fez um depósito enquanto navegava na semana passada no empório de móveis usados de Mitchell. Aos seus olhos parecia quase novo e caberia perfeitamente na sala da frente, com as quatro portas do armário e a parte traseira espelhada. Em breve teria o esplêndido armário de mogno brilhando ao sol que entrava pela janela da frente.

Com um sorriso no rosto, entrou pela porta da frente do número treze — e então congelou no local ao ouvir o alvoroço vindo de sua cozinha.

— Bêbado a esta hora do dia. Deveria ter vergonha de si mesmo!

— Cale a boca, velha! Sou o chefe desta família e posso beber sempre que quiser — Eddie gritou de volta, quando de repente os móveis caíram no chão. Seu marido xingou alto.

— Mamãe? — George gritou baixinho do topo da escada, que ficava entre a sala da frente e a sala de estar. — Faça-os parar — gritou ele, tapando os ouvidos com as mãos.

Ruby estendeu os braços e ele desceu correndo a escada íngreme e foi até seu abraço.

— Sshh, meu amor, tenho certeza de que não há motivo para preocupação — disse ela, embora soubesse que isso não era verdade. Quando Eddie e a mãe começavam a remar assim, nove em cada dez vezes terminavam em lágrimas. — Vou dizer uma coisa — disse ela, vasculhando sua sacola de compras, que havia caído no chão quando viu George tão angustiado. —, por que não leva essas tortas até Stella? Diga a ela que mamãe as trouxe do trabalho para casa e que poderia esquentar uma para o seu chá? — Ruby enxugou os olhos dele com a bainha do avental que ainda usava sob o casaco desabotoado e beijou-o no rosto. — Não deve se preocupar, está me ouvindo?

— Posso contar à tia Stella por que estou chorando? — Ele soluçou.

— Se ela perguntar, mas tente colocar um sorriso feliz no rosto e saborear o seu chá — disse ela, esperando que Stella e seus filhos não viessem correndo pela rua para se envolver. Se houvesse tempo, teria escrito algumas palavras num pedaço de papel, mas queria que George saísse de casa antes que a briga

recomeçasse. Confiava que Stella iria descobrir o que havia acontecido, pois sabia, pela conversa com Ruby, que tanto Eddie quanto Milly tinham temperamentos voláteis. Observou George atravessar a rua e entrar na casa de sua amiga.

Fechando a porta da frente, Ruby respirou fundo antes de se virar e marchar para a sala. Colocando as mãos nos quadris, olhou para o marido, que estava afundado em uma cadeira de madeira, e para a mãe, que podia ver pela porta aberta da cozinha. Milly estava batendo no chão enquanto limpava uma panela grande e a batia no corredor de madeira. Parecia estar se preparando para outra discussão e tinha acabado de abrir a boca para gritar quando viu Ruby parada ali.

— Ah, está em casa então? Talvez queira resolver com esse pedaço de banha inútil que chama de marido. — Ruby olhou para Eddie, que apontou um dedo irritado em sua direção.

— Diga a ela para cuidar da própria vida! Se não gostar do que eu faço, pode lançar o maldito anzol — disse ele, estendendo a mão para o chão e pegando uma pequena garrafa de cerveja, depois jogando-a de volta no chão quando percebeu que estava vazia.

Ruby olhou para Eddie.

— Por favor, diga-me o que fez que causou essa briga? Tive que mandar seu filho embora porque estava muito chateado. Deveria pensar nele de vez em quando, Eddie.

— Sim, ele deveria. — Milly interrompeu. — Já disse isso a ele...

— E você é igualmente ruim, então, por favor, não nos dê sua opinião — Ruby retrucou. — Nenhum dos dois pensou nele quando começaram a brigar como gato e cachorro. Agora, vai me contar do que se trata? — Ela se virou novamente para um Eddie beligerante.

— Perdeu o emprego, foi isso que ele fez — disse Milly, dando a Eddie um sorriso malicioso que dizia — Eu disse que iria denunciar você.

— Ah, Eddie. — Ruby quase caiu em outro dos velhos assentos de madeira, colocados ao redor de uma mesa de madeira polida que usavam para preparar e comer as refeições. — O que fez agora? — perguntou, colocando a cabeça entre as mãos. — Pensei que, pela primeira vez, estívéssemos preparados, com todos nós trazendo um pouco de dinheiro para casa. Com você fazendo turnos no depósito de carvão e recebendo a promessa de mais quando o inverno chegasse, pensei que dessa vez ficaríamos bem disse Ruby, com as palavras presas na garganta enquanto fazia o possível para não chorar. Nada nunca veio das lágrimas, e precisava manter o juízo sobre ela.

— Não foi minha culpa. — Ele encolheu os ombros. — Estava me defendendo.

— Ele foi pego roubando. — Milly se regozijou.

— Não podem provar isso. Fui incriminado. — Ele zombou de Milly. — Não pode me acusar de algo que lhe foi dito no Prince of Wales.

Milly encolheu os ombros.

— Não me contaram sobre isso. Ouvi dois capatazes comentando. Parece que foi pego roubando carvão e vendendo-o barato. Também houve algo sobre mexer no livro de registro que carregava consigo quando o enviaram para uma entrega.

— Isso é mentira — Eddie balbuciou, erguendo o punho para Milly enquanto começava a se levantar da cadeira.

— Você viu isso? — Milly gritou enquanto recuava.

— Pelo amor de Deus, os dois vão se acalmar? — Ruby exigiu, agarrando a manga de Eddie e puxando-o de volta para seu assento. — Não vai a lugar algum até que eu tenha ouvido tudo o que há para saber — ela o repreendeu. — E se vai ficar aí parada assim, mãe, pode pelo menos colocar a chaleira no fogo? Alguns de nós trabalharam muito hoje e temos a boca tão seca quanto o fundo da gaiola de um periquito. Então, isso aconteceu hoje, não é?

Eddie ficou quieto.

— Sábado passado — Milly falou, de onde media cuidadosamente as folhas de chá no bule. — Só descobri hoje, senão o teria abordado antes, o preguiçoso fulano de tal.

— Mãe — Ruby avisou, antes que o inferno começasse novamente. — Já encontrou outro emprego, Eddie?

— A não ser que esteja no fundo de uma garrafa de cerveja — Milly gritou.

— Vou atacá-la num minuto, se ela não calar a boca — rosnou Eddie.

— Também pode parar de falar da minha mãe, ouviu isso, Eddie Caselton — Ruby disse, parecendo severa. — Já encontrou outro emprego? — repetiu.

— Não é provável que eu o faça, já que pessoas como ela espalham boatos. — Ele bufou.

— Ah, pare com isso. Erith é uma cidade grande. Não acho que você ser demitido seja conhecido por todas as pessoas que moram aqui, muito menos por todos os empresários. Precisa se recompor, sair e encontrar outra coisa.

— Duvido que alguém mais me aceitasse por aqui. É hora de fazer as malas e ir embora — respondeu ele, sem olhar nos olhos dela. Conhecia a opinião de sua esposa sobre permanecer em Erith.

— Ah, pelo amor de Deus. Estou cansada, meus pés doem e estou com fome. Não espero voltar para casa depois de um dia difícil e ter que aturar um marido bêbado, uma mãe briguenta e nenhuma comida na mesa. Resolvam-se. Vou até a rua tomar uma xícara de chá com Stella e buscar nosso filho. Estarei de volta em uma hora e até lá quero que tenha um sorriso no rosto, mãe — e que você fique sóbrio e tenha alguns pensamentos positivos na cabeça sobre como encontrar outro emprego, Eddie. Não vamos nos mudar, deixei isso claro? Se quiser sair de Erith, pode fazer as malas e ir embora agora mesmo. Mas estará por sua conta — Ruby disse com raiva, antes de sair do número treze e bater a porta atrás de si.

Stella encheu a xícara vazia de Ruby com chá quente enquanto lhe dava um sorriso simpático. A mulher mais jovem abriu seu coração enquanto Stella ficava sentada e ouvia sem falar.

— Caramba, não precisa aguentar tanta coisa. Eu já teria dado um chute no traseiro dele e lhe mostrado a porta. Mas então, quando se ama alguém, é um pouco diferente, suponho.

Ruby fungou.

— Amor, — o que é isso? Não quando está em casa? O Eddie com quem me casei desapareceu há muito tempo.

— Sinto muito por ouvir isso. Eu e meu marido, bem, estou tão feliz quanto no dia em que nos conhecemos. Suponho que muitos não podem dizer isso. Você terá que encontrar sua felicidade em outro lugar — lamentou Stella.

Ruby ficou chocada.

— Quer dizer, continuar com outro homem? Não poderia fazer isso. Levei meus votos a sério, mesmo que Eddie não o fizesse.

Stella levou a mão à boca.

— Meu Deus, amor, não quis dizer continuar com outro homem. Quis dizer bem, encontrar interesses fora de casa. Poderia ir à igreja. Ouvi dizer que eles têm muitos interesses para as mulheres.

Ruby bufou de tanto rir.

— Não gosto de ir à igreja, mas concordo que preciso sair de casa e ficar longe de Eddie e da minha miserável mãe. Suponho que eu e George poderíamos fazer algumas viagens de bonde. Visitar novos lugares e tomar sol no rosto. Falando no meu rapaz, onde ele está?

— Está lá atrás com meus meninos. Estão ensinando-o a jogar críquete. Preciso chamá-los quando a comida estiver pronta. Aqueci aquela torta que mandou para George, e ele pode comê-la com um pouco de purê de batata que preparei para o chá deles. Eles estão comendo sobras de ensopado de coelho de ontem.

— Obrigada, Stella, ele adora estar com seus meninos. É melhor voltar para casa e ver o que está acontecendo lá.

— Não se preocupe com George, é sempre bem-vindo aqui. Ele adora meus filhos e ter um garotinho em casa me deixa bastante cansada, mesmo na minha idade. Pedirei a um deles que o leve mais tarde.

— O que eu faria sem você, Stella? É um verdadeiro diamante. Espero que Eddie tenha pensado em encontrar outro emprego. Ou isso ou fez as malas e vai embora. Não me importo muito. Desde que perdi minha Sarah, só quero paz e sossego e um teto decente sobre minha cabeça. Estava me sentindo em paz desde que encontrei seu túmulo, e agora tudo isso com meu Eddie... Parece que alguém lá em cima está me querendo.

Stella, que sabia tudo sobre a ida de Ruby ao cemitério, concordou com a cabeça.

— Pode parecer que sim neste momento, mas mantenha-se forte e as coisas só podem melhorar. Vou perguntar aos meninos se eles ouviram falar de algum emprego que está sendo oferecido. Nunca se sabe, — ele pode estar de volta ao trabalho na segunda-feira. Olha, por que não o faz esperar um pouco mais? Fique e coma alguma coisa conosco, hein?

— Não, basta que possa cuidar de George para mim. Não quero impor a você mais do que já fiz.

— A qualquer hora. Não precisa me agradecer. É para isso que os amigos servem. E espero que Eddie tenha tido tempo para pensar no que disse a ele.

— Também espero. — Ruby deu um rápido beijo na bochecha da amiga e se preparou para enfrentar o que quer que estivesse acontecendo em sua casa.

Voltando ao número treze, encontrou Milly sentada sozinha na sala da frente.

— Arrumei tudo lá fora. Livrei-me da garrafa vazia, por isso não há necessidade de verificar — disse a mãe com voz tensa.

Ruby deixou-se cair na outra poltrona.

— Onde está Eddie? — indagou, perguntando-se se ele realmente havia feito as malas e ido embora. O pensamento a deixou triste. Talvez no fundo ainda o amasse, mas isso não adiantava nada quando a tratava tão mal e parecia desinteressado em ser pai de George ou provedor da família.

— Está nos fundos, cavando no jardim. Depois que você saiu, ele murmurou algo sobre plantar alguns legumes e desapareceu pela porta dos fundos.

Ruby olhou para a mãe e as duas começaram a rir.

— Ora, Eddie não distinguiria uma ponta da outra de uma batata — disse ela, enquanto lágrimas de riso escorriam por seu rosto.

— Tenho a impressão de que só queria sair do meu caminho e sabia que, se saísse pela porta da frente, eu pensaria que estava indo beber e iria atrás dele. A porta dos fundos era a única maneira de escapar para ele.

Apesar do cansaço e da raiva, Ruby teve que rir ao pensar em Eddie mexendo no jardim. O proprietário anterior havia feito um trabalho de disposição de fileiras para uma horta e outra para flores, mas pelo que sabia, não recebia muita atenção há algum tempo. Ruby pensou que seria bom tentar, mas ainda não tinha encontrado tempo. Um galpão no final do jardim longo e estreito ainda abrigava algumas ferramentas de jardinagem que haviam sido abandonadas na pressa do homem em abandonar a propriedade. — É melhor eu descer e ver o que ele está fazendo — disse ela com um suspiro. — Já fez alguma coisa pelo nosso chá?

— Tinha começado a fazer fígado e cebolas antes dele começar a esbravejar. Não vai demorar muito a ficar pronto. Quer uma xícara de chá primeiro?

— Não, estou nadando nessa coisa. Tomei algumas xícaras na casa de Stella. Vou vê-lo primeiro. — Ruby levantou-se da cadeira, desejando poder relaxar e tirar uma soneca.

— Olá, amor. Achei que já era hora de começar por aqui — disse Eddie, sem fazer contato visual com Ruby.

— Um pouco inútil se quer que nos mudemos, não é? — Ela se sentou em uma caixa de madeira virada de cabeça para baixo e fez um show ao ajeitar as saias de seu surrado vestido de trabalho azul-marinho. A banha estava

desgastada por arrastar no chão. Já fazia muito tempo que ela o comprara barato na barraca de segunda mão do mercado de Woolwich antes de se mudarem. Nunca houve tempo para reformá-lo e então, à medida que sua barriga crescia, não houve necessidade real. Talvez pudesse usar algumas de suas economias para comprar outro vestido. Tinha visto uma loja que vendia sobras, um vestido de lá serviria para o trabalho, depois de lavá-lo.

— Talvez eu tenha sido um pouco precipitado — disse Eddie.

Ruby notou como as mãos dele tremiam quando se inclinou sobre a pá e a guiou para a terra dura com o pé.

— Talvez tenha sido, mas pense em como me senti quando o vi pior por causa da bebida. Ainda parece rude agora. Não é bom para você, Eddie. Não faz muito tempo que enterramos nossa filha. Não quero ficar diante do seu túmulo, em roupas de viúva. Poderíamos ter uma vida boa aqui, se você se esforçasse e pensasse em nós, e não em quando virá a próxima bebida.

— Ainda digo que não foi minha culpa ter perdido o emprego — ele murmurou. — Estava infeliz e queria afogar minhas mágoas. O que mais poderia fazer?

— Poderia ter voltado para casa e conversado sobre isso comigo. Sou uma esposa tão ruim que não pode falar comigo e compartilhar seus problemas?

Eddie levantou a cabeça e olhou para Ruby. Podia ver os olhos dela cheios de lágrimas, assim como sentia que os seus estavam.

— Sou apenas um velho bobo. Não sei por que me atura — disse ele, abaixando a cabeça.

— Menos quanto ao velho. — Ruby sorriu, tentando aliviar a atmosfera. — Apenas lembre-se, sou sua esposa, — deveríamos ser capazes de enfrentar qualquer coisa juntos. Sei que minha mãe pode ser muito chata, mas se tivéssemos conversado sobre isso no dia em que perdeu o emprego... ora, poderíamos ter feito algo sem que ela descobrisse e desse a sua opinião.

— Eu não mereço você, Ruby Caselton — disse Eddie. — O que me disse sobre ir embora realmente me atingiu. Sabia que estava falando sério e poderia facilmente ter perdido minha família. Não só vou procurar emprego logo na segunda-feira, mas prometo cavar este jardim amanhã e prepará-lo para cultivar lindas flores para você.

Ruby estendeu a mão e pegou a dele. Devia haver alguma coisa por trás do modo como ele bebia, e isso a preocupava muito. Eddie precisava para de beber e estava determinada a ajudá-lo a fazer exatamente isso.

— Se não se importa, preciso pendurar a roupa amanhã, pois vou trabalhar na segunda-feira. Não quero sujeira voando sobre os lençóis.

Eddie passou o braço sobre os ombros dela e começaram a caminhar até a porta dos fundos quando a cabeça da vizinha idosa apareceu do outro lado da cerca.

— Amanhã é dia de descanso, quando lemos nossa Bíblia e frequentamos a igreja. Nenhuma mulher decente pendura roupa lavada no domingo — disse ela com voz severa. — Você, jovem, tem muito que aprender se deseja viver

em uma rua respeitável como esta.

Ruby suspirou e murmurou baixinho antes de sorrir para a vizinha.

— Boa noite, Srta. Hunter. Não a vimos aí. Costuma escutar conversas privadas?

— Estava apenas no meu jardim, Sra. Caselton. Se a senhora e seu marido bêbado insistem em discutir suas vidas tão alto, então devem esperar que os outros comentem.

Ruby se livrou do braço de Eddie e acenou para que ele entrasse. Eddie não precisava de um segundo lance. Duas mulheres brigando não lhe interessava.

— Srta. Hunter, dar-se a conhecer é mais amigável do que se esconder e ouvir a conversa de marido e mulher.

A mulher mais velha fungou sua desaprovação.

— O homem que morou nesta casa antes de você era um verdadeiro cavalheiro. Nunca teve filhos que brincassem como maltrapilhos na rua, nunca discutiu e caiu bêbado, ou arrastou sacos de carvão pelo caminho dos fundos e deixou uma bagunça. Quanto a querer lavar roupa no domingo, temo que o reverendo Grayson tenha algo a dizer sobre isso quando for informado.

Ruby caminhou até o lado de seu jardim, onde uma pequena cerca de madeira e arbustos separavam o número treze do número quinze. Ainda não havia sido apresentada formalmente à vizinha e desistiu de tentar depois de ser repreendida pela mulher. Desta vez, pretendia tentar ser amigável, embora fosse difícil.

— Não tenho ideia de quem seja o reverendo Grayson, mas se ele quiser falar comigo sobre minha roupa lavada, será mais que bem-vindo. Onde vou encontrá-lo? — ela sorriu graciosamente, enquanto contava até dez baixinho.

A Srta. Hunter lançou a Ruby um olhar de aço.

— Ora, na igreja, é claro. Sabe onde ficam nossas igrejas em Erith?

Ruby mordeu o lábio.

— Sou nova na área. Tenho uma casa para cuidar, um filho e um trabalho para fazer todos os dias. Também estive mal porque perdi meu bebê. Ainda não encontrei tempo para atividades fora da minha família. Se tivesse ouvido toda a minha conversa particular com meu marido, saberia que não posso lavar roupa na segunda-feira porque preciso trabalhar. — Ainda mais agora que Eddie não tem emprego, pensou consigo mesma.

— Sua mãe não poderia lavar sua roupa para a senhora não ofender o Senhor?

— Minha mãe é uma mulher ocupada. Ela trabalha no Hotel Prince of Wales. Estou surpresa que não saiba disso — Ruby explicou, desejando poder acrescentar, sua velha bruxa intrometida.

— Nunca entrei em um bar — fungou a Srta. Hunter, antes de acrescentar:

— Manterá seu filho sob controle?

— Meu filho é um bom menino. Gostaria que guardasse suas opiniões para si mesma. Por que sinto como se estivesse cuidando da minha família, não é mesmo? — Ruby perguntou quando começou a tremer de raiva. — Para uma

frequentadora de igreja temente a Deus, certamente parece gostar de dizer coisas horríveis sobre pessoas que mal conhece.

— É meu dever cristão falar como vejo as coisas. Faria bem em cuidar desse seu marido. Tive que percorrer todo o caminho dos fundos coletando o carvão que ele deixou cair e não havia retirado.

Ruby estava confusa. Do que a mulher estava falando?

— Onde está esse carvão que coletou?

— Eu coloquei no meu galpão de carvão.

Ruby riu alto.

— Esse também era seu dever cristão? Eu lhe prometo, falarei com meu marido. No entanto, farei isso na privacidade da minha casa, e se ele ficar chateado com o que me contou, tenho certeza de que logo baterá na sua porta.

A Srta. Hunter ofegou, alcançando a cruz que usava em uma corrente no pescoço, antes de correr para sua casa.

Ruby sabia que tinha ido longe demais, mas se isso fosse o necessário para deter a velha bruxa intrometida, que assim fosse. Já tinha problemas suficientes sem adicionar um vizinho difícil à lista.

Balançando a cabeça enquanto caminhava em direção à casa, Ruby parou na porta que dava para o depósito de carvão, ao lado do banheiro externo. Ambos foram construídos na parte de trás da casa, o que fascinou Ruby quando se mudaram. Ficou surpresa ao ver instalações tão imaculadas, tendo sempre compartilhado um banheiro externo com outras pessoas no prédio onde tinham quartos. Para Ruby, isso era um luxo. Além disso, ter seu próprio poço de carvão, como Milly o chamava, significava que ninguém roubaria o carvão que pudesse comprar. Ruby sabia que em pouco tempo teria que usar suas economias para estocar combustível para o inverno. Depois de abrir a porta para olhar para dentro, recuou em estado de choque. O depósito de carvão estava cheio até a borda. Então aquela velha morcega estava falando a verdade sobre Eddie arrastando sacos de carvão pelo caminho dos fundos.

O ânimo de Ruby caiu quando percebeu que Eddie devia tê-lo roubado do depósito de carvão antes de ser demitido. Era casada com um mentiroso e um ladrão. Batendo a porta, ela invadiu para dentro. Mesmo que custasse cada centavo do dinheiro que havia escondido no fundo da despensa de pedra, pagaria ao dono do depósito de carvão e imploraria por seu perdão. Não permitiria que ninguém rotulasse sua família de ladrões, embora no fundo de seu coração soubesse que Eddie realmente estava roubando.

Entrando na casa, Ruby passou pela mãe e abriu a porta da despensa. Deixando de lado pacotes e algumas latas, pegou a pequena lata onde guardava suas economias secretas. Tirando a tampa apertada, gritou em estado de choque. Restavam apenas algumas moedas.

— Ruby, amor... — Milly começou a dizer, ao ver o rosto angustiado da filha, — não fique muito chateada.

— O que quer dizer com não ficar chateada? Onde está o maldito dinheiro?

— Não é o que parece, amor. — Milly tentou segurar a filha. — Eu peguei

a maior parte...

Ruby congelou no local. Lá estava ela pensando que Eddie havia roubado seu dinheiro, e o tempo todo era sua mãe.

— Eu não entendo — por que pegaria as economias? Achei que era a única que sabia que havia dinheiro aqui. Por que, mãe, por que roubou tudo?

Milly balançou a cabeça, os olhos cheios de tristeza.

— Estou chateada por pensar que eu faria uma coisa dessas, quando o tempo todo tenho feito o que é melhor para esta família.

— Acho melhor explicar — disse Ruby. — Há apenas algumas horas eu estava dizendo a Eddie para sair de casa, mas talvez devesse ter dito para você fazer as malas e ir embora. Roubar da própria família — há algo pior? — ela disse amargamente.

— Quero que venha, sente-se e me escute — disse Milly. — Se depois do que ouvir ainda quiser que eu saia de casa, eu irei. Sem dúvida alguma de suas irmãs me hospedarão.

— Duvido, quando souberem o que aconteceu — Ruby rosnou, mas seguiu Milly até a sala e sentou-se à mesa em frente à mãe, colocando a lata vazia entre elas. — Agora, conte-me o que aconteceu — e é melhor que seja bom.

— Foi há algumas semanas. Cheguei um pouco mais cedo e encontrei Eddie bisbilhotando. Ele estava pior por beber e vasculhar a despensa. Achei que estava procurando alguma comida e disse que prepararia alguma coisa, pois era quase hora do chá e logo todos estariam em casa e com fome. Ele não esperava me ouvir e quase deu um pulo e deixou cair a lata. Enfiou algumas notas no bolso e jogou a lata de volta na despensa. Imaginei que estava tramando algo ruim — e quando dei uma olhada na lata, reconheci que era a lata de tabaco do seu pai que lhe dei quando era criança. Sempre a usou para guardar suas peças preciosas: um botão, um pedaço de vidro brilhante, até mesmo uma moeda estranha. Imaginei que a estivesse usando para esconder suas economias. Abordei Eddie, mas negou ter levado qualquer coisa que não fosse dele. Não sabia o que fazer. Não queria lhe contar, já que você estava bem melhor, depois de ter estado tão mal. Em vez disso, coloquei todo o dinheiro que tinha na lata e torci para que fosse suficiente. Por segurança, fiz alguns turnos de limpeza no pub enquanto você estava no trabalho. Penhorei o anel que seu pai me deu e coloquei parte do dinheiro lá. Continuei verificando a lata e até hoje o dinheiro permanecia lá. Só Deus sabe por que Eddie tentou beliscá-lo agora, enquanto nós duas estamos em casa. Qualquer uma de nós poderia tê-lo pegado — e eu o fiz agora há pouco. Então peguei o dinheiro e escondi.

— Eu vou matá-lo! — Ruby gritou enquanto corria para o final da escada. — Eddie, se está aí em cima, desça agora mesmo. Precisamos conversar! Ela o ouviu se arrastando no quarto e gritou novamente. — Eu disse, desça aqui agora! — Voltando à mesa, se sentou e enterrou a cabeça nas mãos. Irritada demais para chorar, soltou um grande suspiro. — Sinto muito, mãe, não deveria tê-la culpado.

— Você não sabia, querida — disse Milly enquanto Eddie descia, colocando uma trouxa de roupas no chão do corredor. — Presumo que esteja tomando o caminho dos covardes — rosnou para o genro.

Eddie entrou sorrateiramente na sala e sentou-se na cadeira que Ruby havia puxado da mesa.

— Realmente ia embora sem se despedir de mim ou do seu filho? Presumo que sua mudança repentina de opinião se deva ao que ouviu nossa vizinha dizer. Por que teve que roubar? Tinha um emprego decente e eles poderiam até ter contratado você em tempo integral. Não apenas envergonhou esta família, mas também denegriu seu nome para qualquer futuro emprego na cidade.

— Estava fazendo isso pela família — ele murmurou. — Pelo menos todos se manterão aquecidos durante o inverno.

— Mas por que, Eddie? Você estava ganhando e poderia ter pago por isso sozinho. Presumo que todo o seu salário foi gasto em cerveja e jogos de azar, então começou a roubar?

Eddie teve a vergonha de acenar com a cabeça. — Está melhor sem mim. Direi a Cedric que não conseguirá pagar o aluguel sozinho e estará fora de casa na semana que vem. Isso lhe dará tempo para procurar outro lugar para morar. Não será tão chique quanto este lugar, pois tudo o que precisa é de um quarto para você, sua mãe e a criança — disse ele, levantando-se.

— Ah, não, Eddie Caselton — disse Ruby, barrando-lhe o caminho. — Você não deixa sua família em toda essa bagunça e depois vai embora. Tenho dinheiro suficiente para pagar o aluguel com o que trouxe para casa no meu pacote de pagamento...

— E estou com o resto do dinheiro que escondi para que não colocasse suas mãos sujas nele — Milly cuspiu para ele.

Eddie olhou para seus pés.

— Ah, não, Eddie, você não... — Ruby gritou, correndo para onde havia deixado sua bolsa no chão. Puxando a bolsa, descobriu que faltava o pacote de pagamento. — Como pôde? — ela soluçou.

— Tenho minhas próprias dívidas para pagar, não tem ideia. — ele disse, parecendo triste.

— Não ligue para ele — gritou Milly.

— E como chefe desta família, eu digo o que acontece com o dinheiro — ele retrucou, buscando um pouco de coragem, embora ainda não conseguisse olhar nos olhos de Ruby ou contar-lhe a verdade. Não poderia fazer isso com ela.

Milly praguejou alto e pegou o bule de cerâmica marrom, que estava no meio da mesa, entre xícaras e pires sujos.

— Eu costumava pensar que era uma pessoa decente, mas agora sei que estava errada. Ninguém faz isso com uma filha minha — ela gritou antes de balançar o bule para o alto e colocá-lo na lateral da cabeça dele. Com um grunhido, Eddie caiu na cadeira antes de rolar no chão, com a cabeça coberta

de chá frio manchado de sangue. Ao seu redor, pedaços do bule quebrado estavam espalhados no melhor tapete de Ruby.

— Oh, Deus — acho que o matei! — Milly gritou, antes de desmaiar ao lado do genro.



Ruby congelou, olhando para a mãe e o marido caídos no chão, lutando para absorver o que acabara de acontecer.

— Mãe? Eddie? — ela sussurrou, colocando as mãos no rosto para esconder a cena à sua frente. Teria que fazer alguma coisa — mas o quê? Antes que pudesse dar um passo em direção a eles, houve uma batida forte na porta da frente, seguida por George gritando através da caixa de correio para sua mãe deixá-lo entrar.

Fechando a porta da sala, correu pelo corredor e abriu a porta da frente. George estava pulando animadamente. Atrás dele estavam dois dos filhos de Stella.

Frank olhou para o rosto abatido de Ruby enquanto ela olhava por cima do ombro. — Donald, por que não leva George para a sala da frente por um tempo? — ele disse, dando-lhe uma piscadela. — Acho que a Sra. Caselton precisa da minha ajuda.

Donald olhou entre seu irmão e Ruby e percebeu imediatamente que algo estava errado.

— Vamos, Georgie, vamos desenhar mais alguns — disse ele, estendendo o papel e os lápis que trouxera consigo.

— Posso, mamãe?

— Claro que sim amor. Vá para a sala enquanto eu falo com Frank.

— O que há de errado, Ruby? Parece que viu um fantasma — disse Frank, pegando-a pelo cotovelo e afastando-a da sala da frente enquanto os dois garotos se acomodavam no chão, colocando folhas de papel entre eles. — Eles vão ficar bem. Papai trouxe para casa uma pilha de papéis que lhe foi entregue no cais. Uma caixa de embalagem havia se aberto a caminho da gráfica e papai sabia que as crianças iriam gostar dela como papel de desenho. Tem muito mais em casa, se Georgie quiser. Mamãe disse para verificar com você primeiro... — Ele observou Ruby de perto. Ela parecia a um milhão de quilômetros de distância enquanto olhava para longe. — Ruby?

— Ah, sim, isso é muito gentil. Vou agradecer-lhe na próxima vez que a vir — respondeu ela, olhando novamente por cima do ombro.

— O que está acontecendo, Ruby? Aconteceu alguma coisa?

Ruby acenou com a cabeça e começou a chorar silenciosamente.

— Acho que minha mãe matou Eddie e depois caiu morta.

Frank começou a rir, mas então percebeu que Ruby não estava brincando.

— Não está brincando comigo, está?

— Não — ela respondeu, abrindo a porta da sala. — Isso tinha acabado de

acontecer quando bateu na porta. Por favor, pode ajudá-los?

Frank correu até onde Milly estava deitada e se abaixou ao lado dela.

— Sra. Tomkins? Pode me ouvir? — perguntou ele, enquanto colocava a mão no peito dela. — Ela tem um coração ruim? Lembro-me de ela ter mencionado isso à minha mãe.

— Ela às vezes tem tremores, mas o médico disse que não era nada sério. Consegue sentir os batimentos cardíacos? — Ruby roeu a unha ansiosamente. — Há tanto sangue, ambos devem estar mortos. Ela deu a Eddie uma grande pancada com o bule de chá.

— Seu batimento cardíaco é normal e forte. Acho que desmaiou por causa do choque, mas na idade dela precisamos ter certeza de que está bem. Pode me trazer um copo d'água? — Ele foi até Eddie, que começou a gemer. — Pelo menos não está morto, então sua mãe não será condenada por assassinato.

— Graças a Deus por isso. — Ruby voltou correndo, ajoelhou-se ao lado de Milly e levou o copo aos lábios dela. — Aqui, mãe, tome um gole — disse antes que Frank afastasse sua mão.

— Não, não enquanto estiver inconsciente. Poderia se engasgar. Salpique o rosto dela, isso pode ajudar a trazê-la de volta mais rápido.

Ruby assentiu e começou a passar água fria nas bochechas de Milly.

— Vamos, mãe. Vamos levantá-la. Não adianta ficar deitada no chão duro agora, não é? — repreendeu ela. — Acorde e podemos tomar uma boa xícara de chá. Trouxe algumas tortas e pãezinhos do café para casa. Aposto que gostaria de alguns deles, não é?

Milly agitou as pálpebras e lançou a Ruby um olhar perplexo.

— Por que estou deitada no chão?

— Teve um mal-estar, mãe. Nós a colocaremos de pé em um piscar de olhos. Apenas me avise quando estiver pronta para que possamos ajudá-la. — Ela afastou o cabelo grisalho de Milly do rosto, que havia escapado de uma presilha de tartaruga.

— Dê-me um minuto — murmurou Milly, estremecendo um pouco. — Meu tornozelo está estranho — disse ela. — Acha que está quebrado?

Apesar da situação, Ruby sorriu. Estava tão aliviada por sua mãe não estar morta, mas, mesmo assim, sabia o quanto Milly gozava de problemas de saúde.

— Talvez possamos pedir ao médico para examiná-la mais tarde, se não conseguir andar. — Ela continuou conversando com a mãe enquanto Frank cuidava de Eddie, que gemia e começava a xingar alto.

— O que diabos aconteceu? Quem me bateu? — perguntou ele, enquanto colocava a mão na cabeça, parecendo surpreso ao ver o sangue.

— Você não está gravemente ferido, Eddie. — Frank ajudou-o a se levantar e a sentar-se na cadeira que havia deixado desocupada de repente quando sua sogra o acertou com o bule de chá.

— O que ela está fazendo caída? E por que há toda essa bagunça

sangrenta? — Eddie gesticulou ao redor da sala caótica enquanto Frank examinava mais de perto o corte na lateral de sua cabeça.

— Mamãe desmaiou e você tentou pegá-la, mas bateu a cabeça no bule de chá que ela segurava — explicou Ruby. — Você está um pouco instável por causa da bebida. Não tenho certeza de como poderei fazer chá até poder comprar outro bule — acrescentou ela para causar efeito. Ruby sabia que Eddie não estaria interessado na forma como prepararia o chá, desde que houvesse uma bebida quente na mesa com suas refeições.

Frank olhou para ela e sorriu. Ficou surpreso com as palavras de Ruby, mas entendeu que ela estava defendendo a mãe e colocando a culpa de volta em Eddie. Pelo cheiro no hálito deste e seus movimentos instáveis, percebeu que o homem estava com a barriga cheia de bebida. O que Frank não entendia era porque uma mulher decente como Ruby Caselton ficava com alguém como Eddie. Passou algumas horas sentado ao lado da cama dela enquanto recuperava as forças depois de perder o bebê, primeiro lendo para ela quando ainda estava fraca, e depois conversando sobre isso e aquilo. Ele a achou interessada, pois fazia perguntas quando mencionava seu trabalho e seus interesses. Sabia que se algum dia cedesse às insistentes cutucadas de sua mãe e encontrasse uma esposa, seria alguém como Ruby Caselton, mas era improvável que isso acontecesse. Mulheres como ela não apareciam com muita frequência. Sabia que teria sorte em encontrar tal pessoa. Até encontrar seu caminho na vida, seria o melhor amigo que pudesse para a mulher. Ruby não tinha se divertido ultimamente, pelo que a mãe dele havia dito, e tinha passado por muita coisa, considerando que era um ano mais nova que ele. Sim, faria o possível para vê-la sorrir e tornar sua vida melhor. Ruby ficava tão bonita quando sorria, seus olhos brilhavam e havia uma luz nela, pensou consigo mesmo.

— Frank?

Ele pulou ao ouvir seu nome e viu que Ruby estava segurando um pano úmido.

— Obrigado — disse ele, pegando o pano e segurando-o na cabeça de Eddie. — Estive a quilômetros de distância por um minuto.

— Provavelmente está sonhando com a sua garota — disse Ruby, enquanto começava a limpar a louça quebrada.

— Pode estar certa. — Ele sorriu, desejando que a vida fosse tão simples.

— Você acordou bem cedo — disse Stella enquanto Ruby abria a porta para ela. — Eu ia deixar isto na porta e colocar um bilhete na caixa de correio para avisar que estava aqui. — Ela estendeu um bule que quase combinava com aquele que havia sido quebrado na noite anterior. — Tem uma pequena rachadura na tampa, mas pode ficar com ele. Eu tenho outro e não serve para ninguém sentado no fundo do meu armário. Não quero isso de volta — disse ela rapidamente, sabendo que Ruby não gostava de caridade.

— Entre e vou fazer bom uso dele agora mesmo — disse Ruby, enquanto tirava o avental branco que quase cobria seu vestido. — Todo mundo ainda

está na cama, então tive um pouco de paz e sossego e lavei a roupa mais cedo, antes que aquela velha morcega intrometida da casa ao lado desse palpite e me repreendesse por pendurar a roupa lavada no domingo. Se ela vivesse a minha vida, realmente teria algo do que reclamar — ela suspirou enquanto iam para a cozinha.

— Tem estado ocupada — disse Stella, olhando pela porta dos fundos para onde um varal balançava na brisa quente. — Como conseguiu lavar os lençóis enquanto a família ainda está na cama?

Ruby riu enquanto colocava a chaleira no fogão.

— Eu me perguntei como faria isso, mas ontem à noite, enquanto mamãe e Eddie estavam aqui, subi as escadas e troquei os lençóis da cama. Não queria que eles atrasassem meu dia de lavar. — Ruby não acrescentou que estava feliz por ter seus lençóis decentes no varal para Stella ver. Os que estavam em suas camas eram tão finos que ela os cortou ao meio e costurou as laterais, fazendo-os durar um pouco mais. Era um truque que sua mãe lhe ensinara anos atrás, quando, como costumava dizer, não tinham um penico para mijar. Ruby cresceu sabendo como tirar o melhor proveito de alguma coisa, e isso incluía seus poucos bens, bem como o que a vida lhe tinha oferecido. Só recentemente, depois de perder Sarah, se sentiu fraca e quase incapaz de lidar com a situação. — Agora, se aquela velha miserável da casa ao lado começar a gemer de novo, não vou me importar, pois em mais algumas horas tudo estará seco e a roupa arejada esperando que eu passe um bom ferro. Diga-me, por que uma velha mora sozinha em uma dessas casas? — perguntou enquanto se sentava à mesa em frente a Stella.

— Ah, quando se mudou para cá foi com o pai dela. Sim, é difícil acreditar que alguém da idade dela ainda tivesse um pai vivo há três anos. Ele estava fortemente envolvido com a igreja batista local e a Srta. Hunter parece ter carregado o bastão.

— Nossa! — Ruby riu. — A vida dela deve ser cheia de diversão. Presumo que nunca se casou.

— Pelo que me contou uma pessoa que mora mais adiante e estudou com ela, teve muitos admiradores quando jovem. Em algum momento foi morar com uma tia idosa como companheira. Voltou para a região para ajudar o pai, depois se mudaram para o número quinze quando as casas foram construídas. Lembro-me vagamente de pessoas entrando em casa para reuniões bíblicas, e havia muitos domingos à noite em que podíamos ouvir hinos sendo cantados com o acompanhamento da Srta. Hunter tocando piano. Hoje em dia ninguém visita a casa desde que ele faleceu, e a Srta. Hunter visita a igreja batista. Acho que ela já está na casa dos setenta, então o pai dela devia ter quase cem anos quando faleceu.

— Soa engraçado, mas cada um com o seu. Só Deus sabe o que eles teriam pensado do meu Eddie voltando do pub para casa a qualquer hora, desgastado. Um vizinho desaprovador com quem posso lidar, por vez. O pai dela também teria feito com que eu recorresse ao gim.

— Eu e minha família fomos convidados para suas reuniões de oração, mas logo desistiram quando lhes disse que somos católicos romanos.

— São mesmo?

— Não, mas uma mentirinha nunca fez mal a ninguém. Comecei a receber cartões floridos com versículos da Bíblia gravados neles. Eu os enviei de volta pela caixa de correio. Seria melhor ser civilizada com a mulher em vez de torná-la uma inimiga. As pessoas que frequentam aquela igreja podem ser bastante rigorosas e podem tornar a sua vida desconfortável.

— Ela tem amigos? Deve ser horrível chegar a essa idade e não estar rodeada de pessoas que se importam.

Stella encolheu os ombros.

— Ela não gosta de tomar uma xícara de chá e conversar, se é isso que quer dizer. Então, novamente, ela pode estar feliz em cumprir seu dever cristão. Como você disse, cada um com o seu. Falando nisso, meu Frank me contou o que aconteceu aqui ontem à noite. Queria perguntar se há algo em que eu possa ajudar?

— O empréstimo do seu bule é mais que suficiente. Estou muito grata — disse Ruby, virando-se para que Stella não visse a tristeza em seus olhos.

— Sabe que pode falar comigo e isso não irá adiante. Posso dizer que o seu Eddie está por trás disso.

Ruby deu uma risada amarga.

— Ele não está sempre?

— Sou uma ouvinte paciente — disse Stella. — Por que não enchemos esse bule e temos uma boa conversa?

Ruby deixou Stella com seu chá e foi até o jardim dos fundos para verificar a roupa lavada no varal. Estava pendurada na parte de trás da casa em um poste no final do jardim. Um suporte de madeira que ela encontrou na grama era ideal para segurar o varal até a metade, onde ele tendia a ceder sob o peso da roupa. Ruby retirou algumas peças que já estavam secas e jogou-as por cima do ombro enquanto verificava o resto. Ruby manteve os lençóis pendurados entre ela e o jardim vizinho, para o caso de a Srta. Hunter já estar acordada. Não queria se aborrecer tão cedo pela manhã. Correndo de volta para dentro, colocou os poucos itens secos sobre um cabide de madeira que encontrou no armário embaixo da escada. Abençoou o dia em que se mudou para esta casa, pois nunca em sua vida teve tantos móveis junto com peças para a cozinha. Ruby adorava esta casinha em Erith e poderia passar seus dias aqui com prazer. Sorriu para si mesma enquanto se sentava à mesa.

— Que sorriso lindo, o que o colocou em seu rosto?

— Estava pensando em como poderia viver meus dias aqui em Alexandra Road. Vou ficar nesta casa até o último suspiro, com ou sem Eddie.

— Isso é uma declaração de guerra, se é que alguma vez ouvi alguma — disse Stella enquanto enchia a xícara.

Ruby pegou uma colher e mexeu o chá pensativamente.

— No momento sinto como se não conhecesse o homem com quem me

casei. Eddie é um pouco mais velho que eu e sabia muito mais sobre a vida quando nos casamos. Estava esperando nosso George quando caminhamos pela igreja. Fui forçada a me casar com ele nesse sentido, mas o amava de verdade. Ele me cortejou, me deu berloques e falou de seus sonhos para o futuro. Seis anos atrás, era um homem para quem outras mulheres piscavam. Era considerada uma garota de sorte. Meu coração batia forte toda vez que ele dizia meu nome. Mas quanto mais Eddie trabalhava para Cedric Mulligan, mais ele mudava.

Stella, que estava ouvindo sem interromper Ruby, franziu a testa.

— Conheço esse nome de algum lugar.

— Eddie o conheceu enquanto morávamos na área de Woolwich. Ele fazia biscoitos para o homem e honestamente pensei que era tudo inocente. Não tinha motivos para questionar meu marido naquele momento. Aos poucos, seu hábito de beber piorou e ele nem sempre trazia dinheiro para casa no final da semana. Desde os belos quartos que alugamos e que tentei transformar em uma linda casa, até outros para onde tivemos que nos mudar na calada da noite, antes que o proprietário batesse. Isso aconteceu quatro vezes e cada vez os quartos ficavam menores, e nos aproximávamos do lado desagradável da cidade. Temia sair sozinha com uma criança pequena. Minha mãe foi morar conosco, mas para mim foi um fardo a mais. A essa altura sabia que nem tudo que Eddie fazia era honesto. Ele passou a cobrar dívidas devidas a Cedric. Também conheceu os corredores dos bares que faziam apostas em corridas de cavalos. Alguns centavos apostados em um cavalo transformavam-se em xelins, e quanto mais dinheiro perdia, mais negro ficava seu humor. O Eddie que conhece não é o homem que conheci. E depois da noite passada, estou numa encruzilhada na minha vida.

Stella poderia ter chorado pela jovem à sua frente. No pouco tempo que conhecia Ruby Caselton, a considerava uma pessoa responsável e inteligente. Desde que se mudou para Alexandra Road, Stella não encontrou nenhuma vizinha com quem pudesse conversar. Então, quando Ruby caiu a seus pés naquele dia, foi como se alguém lá em cima tivesse lhe entregado uma amiga. Havia uma diferença de idade, é verdade, de certa forma, Ruby era a filha que nunca teve. Além disso, seu lindo filho George era quase como um neto. Com três filhos, Stella às vezes sentia falta de companhia feminina. A essa altura, esperava que seu filho mais velho, Frank, estivesse namorando, mas até agora não tivera uma namorada séria. No entanto, percebera a maneira como ele observava Ruby e quanto tempo tivera para ela quando esteve doente. Em um mundo ideal, poderia ver Frank e Ruby instalando-se no número treze. Não haveria marido bêbado ou mãe intrometida, apenas Frank, Ruby, um novo bebê e o jovem George.

Balançou a cabeça para limpar seus pensamentos absurdos. Sonhar acordada poderia ser perigoso. Em vez disso, seria a melhor amiga possível para Ruby, e no momento, era claramente disso que a jovem mais precisava. Tomou um gole de chá e pigarreou, pois o que estava prestes a dizer a deixara

nervosa.

— Ruby, acha que seria melhor se Eddie não estivesse mais em sua vida?

Ruby acenou com a cabeça concordando.

— Acho. Parece ruim da minha parte dizer isso, mas, para ser sincera, eu, mamãe e George poderíamos nos dar bem aqui sozinhos. Contanto que mamãe conseguisse trazer algum dinheiro e Marge pudesse continuar me dando uma semana de trabalho, seríamos capazes de manter a cabeça acima da água. Contudo, fiz meus votos na igreja de amar, honrar e obedecer a meu marido. Posso não acreditar em toda essa bobagem da igreja, mas acredito que há alguém que cuida de nós, e quebrar tal promessa é um pecado.

— Concordo com isso — disse Stella, pegando o bule para verificar se conseguia tirar outra xícara para as duas. Mas Ruby colocou a mão sobre a xícara, pois estava cheia. — Mas eu me pergunto se é pecado deixar um casamento ruim em vez de ser infeliz pelo resto da vida. Talvez devesse se perguntar quantos dias da semana é realmente feliz vivendo com Eddie, suportando seus fracassos e sua embriaguez como faz.

Ruby pensou por um momento.

— Nunca pensei sobre isso, realmente. Dois, possivelmente três dias... Novamente, nos outros dias, se estiver cheio de dinheiro, voltará para casa feliz, se não bêbado.

— Está feliz em viver assim? Consegue ver um futuro em que aguentará o que ele se tornou todos os dias?

Ruby olhou para a amiga com lágrimas nos olhos.

— Certamente me deu o que pensar, Stella. De certa forma, continuo querendo que as coisas aconteçam aqui. Além de perder Sarah, concentrei-me na casa, na felicidade de George e no meu trabalho. Eddie não tem sido uma prioridade. Você sabe, no fundo do meu coração, apaguei o que ele se tornou, mas algo precisa mudar, não é?

— Sua vida de casada só precisa mudar se achar que deve. Se está feliz com a forma como as coisas estão, deixe os cães dormirem. Muitas mulheres fecham os olhos ao que seus maridos fazem, — isso se escolheram o marido errado.

Um sorriso fugaz cruzou o rosto de Ruby enquanto pensava no homem com quem se casara.

— Eddie certamente não é o mesmo de seis anos atrás, mas você poderia facilmente dizer que também não sou a mesma mulher. Todos nós mudamos, não é?

— Gosto de pensar que, em geral, as pessoas mudam para o bem, não para o mal. Falando nisso, posso ouvir movimento lá em cima. Quer que eu fique ou vá?

Ruby ouviu por um momento.

— Essa é a mamãe descendo. Eu lhe disse para ficar na cama para descansar depois da experiência de ontem. Ela ficou bastante abalada com o que aconteceu.

Stella cumprimentou Milly enquanto entrava mancando na sala.

— Olá, Sra. Tomkins, como está se sentindo hoje? Ouvi dizer que teve uma pequena queda.

— Más notícias correm rápido — Milly resmungou enquanto verificava o bule, sem nem perceber que era um substituto para o quebrado ontem. — Se quer saber, não estou me sentindo muito bem. Mal consigo andar com esta perna e provavelmente nunca mais será a mesma.

— Ah, meu Deus — disse Stella, evitando olhar para Ruby, pois sabia que iria rir com as palavras dramáticas da mulher. — Vou fazer um novo bule e depois ajudo a levar a roupa para lavar, Ruby. É um bom dia para secar.

— Dá azar pendurar roupa lavada no domingo — observou Milly. — Algo ruim vai acontecer, guarde minhas palavras.

— Ah, mãe. É apenas uma daquelas histórias de velhas. Segunda-feira não é conveniente para eu lavar roupa porque estou trabalhando, bem sabe. Está ficando tão má quanto a vizinha, me dizendo que vou chatear a Deus se pendurar minhas roupas íntimas no Dia do Senhor — Ruby riu.

Milly fungou.

— Como sabe, os Tomkins não concordam com a igreja e tudo mais, então não posso dizer o que Deus gosta e o que ele não gosta. Só estou dizendo que dá azar.

— Não disse que se casou na igreja, Ruby? — perguntou Stella, ao voltar depois de colocar a chaleira no fogão.

— Eu insisti — interrompeu Milly, cruzando os braços sobre o peito. — É bom ter um casamento que as pessoas possam lembrar, e tivemos uma festa maravilhosa depois das núpcias de Ruby e Eddie. As pessoas ainda falam sobre aquela festa.

— Acho que Stella se referia à parte da igreja, mãe.

— Tem que se casar em algum lugar — Milly bufou para a filha. — O que isso tem a ver com pendurar roupa lavada no domingo? Tudo o que disse foi que isso não deveria ser feito porque dá azar.

As duas mulheres riram do olhar confuso de Milly.

— Sempre pode lavar a roupa sozinha, mãe — sugeriu Ruby. — Me ajudaria muito se fizesse isso. Há bastante, com quatro pessoas morando nesta casa.

— Gostaria muito de ajudar, mas com meu coração incerto e agora minha perna machucada, nem tenho certeza se estou disposta a voltar para meu trabalho no Prince of Wales.

Ruby sentiu o coração bater forte.

— Por favor, não diga isso, mãe. O que aconteceu com Eddie...

— Partiu, foi? — Os olhos de pássaro de Milly brilharam de alegria. — Achei que sim, uma vez que eu lhe desse o motivo.

— Está se precipitando, mãe. Eddie ainda está lá em cima, na cama, sem dúvida, dormindo para se livrar da bebida de ontem, junto com a pancada na cabeça que deu nele com nosso bule de chá. Conversarei com ele quando

descer, então ficaria grata se pudesse levar George para sair um pouco. Não quero que ele saiba o que seu pai tem feito. O rapaz precisa crescer respeitando os mais velhos, em vez de ver suas fraquezas. Talvez uma caminhada até a margem do rio para observar as barcas? Presumo que consiga dar um passeio curto. — Ruby percebeu Milly pensando em seu pedido. Sem dúvida preferiria ficar em casa e contribuir para tudo o que fosse dito entre marido e mulher. — Ou, se uma caminhada for demais, pode sempre começar pelo jardim arrancando um pouco de ervas daninhas. George poderia ajudá-la.

Milly percebeu que não havia chance de ficar em casa e espreitar.

— Se eu for devagar, posso chegar ao rio sem me sentir mal. Mas se me sentir mal, teremos que voltar atrás.

— Obrigada, mãe. Contanto que fiquem fora por uma hora, terei tempo para falar com Eddie. Agora, quer comer alguma coisa no café da manhã?

Milly assentiu.

— Então vou me arrumar e acordar o menino na mesma hora. Vai ficar aqui o dia todo? — ela perguntou a Stella, com um olhar de desaprovação. Claramente Milly sentia que se ela não pudesse ficar para ouvir a conversa que Ruby teria com Eddie, então por que uma vizinha deveria?

— Vou cuidar da roupa lavada enquanto Ruby prepara seu café da manhã, depois irei para casa resolver minha situação. A velha Srta. Hunter não me dirá nada se me vir examinando os lençóis secos. Isso evitará que Ruby passe qualquer sofrimento. A meu ver, ela parece estar cansada disso no momento — disse Stella, com um sorriso que desafiou Milly a responder.

Milly bufou ao se levantar.

— O que eu disse sobre lavar roupa no domingo? Isso trará azar, guarde minhas palavras.

Ruby respirou fundo e fez o possível para não se distrair com a expressão de cachorrinho de Eddie. Quantas vezes tinha visto aquele olhar? Desta vez endureceria o coração, caso contrário a vida deles continuaria assim até a velhice. Não queria olhar para trás e se arrepender de sua vida ou da de seu filho.

— Eddie, não posso mais ouvir suas desculpas. Ora, ainda ontem à tarde prometeu que as coisas seriam diferentes. Não sei em que acreditar. Sei que é o chefe desta família e, aos olhos da lei, tenho que assumir a sua liderança. Mas não vou, porque quero mais para a minha vida e a do meu — nosso filho. Quero respeitar você, Eddie, mas está ficando cada vez mais difícil. Cada vez que chega em casa com alguma história de que foi demitido do emprego ou quando perde o que ganhou apostando em um cavalo.

Eddie teve vergonha de olhar para a mesa onde estavam sentados. Milly e George já tinham saído há quase uma hora quando finalmente acordou, e Ruby não parava de olhar para o relógio em cima da lareira. Um presente de casamento de suas duas irmãs, era um bem precioso e que não tinha levado a penhorar quando os tempos eram mais difíceis do que eram agora. Esperava

que Milly não apressasse George de volta da caminhada. Batendo os dedos na mesa, esperou que Eddie falasse.

Ele esfregou as mãos no rosto preocupado e lambeu os lábios, desejando ter uma bebida na sua frente — e não queria dizer chá. Estava inundado com a bebida, enquanto Ruby continuava enchendo seu copo.

— Sou apenas um daqueles homens azarados que cometem erros. Não acho que fui feito para realizar um mesmo trabalho todos os dias e receber um pacote de pagamento no final da semana. Gosto de me movimentar e fazer pequenas coisas para pessoas diferentes.

— Tudo estava muito bem, enquanto não tinha responsabilidades. Agora tem esposa e um filho, e ousou dizer uma sogra também.

— E eu não sei? — Eddie quase rosnou. — Como é que ela acabou morando conosco, quando Janie e Fanny têm casa própria e estão bem?

Muitas vezes Ruby pensava o mesmo, mas na verdade sabia que provavelmente era porque as suas irmãs tinham casado bem e progredido no mundo. Agora ambas falavam de um modo aristocrático, ter Milly Tomkins sob qualquer teto arriscaria expor suas raízes humildes.

— Sei que nem sempre parece que ela está, mas mamãe está feliz conosco. Ama nosso George e se adapta a nós — Ruby tentou explicar, embora tivesse que concordar que havia momentos em que teria mostrado a porta com prazer a Milly. — Você tem que lembrar que nunca conheci meu pai. Ele morreu antes de eu nascer, só conheci minha mãe. Fanny e Janie, sendo mais velhas que eu, se lembram dele. É importante para mim ter mamãe por perto. É meu único contato com meu passado.

Eddie balançou a cabeça.

— Não tenho ideia de porque essas coisas são importantes para uma mulher. Saí de casa assim que consegui abrir meu caminho no mundo e nunca olhei para trás.

— Gostaria de conhecer sua família — disse Ruby.

— Não há muito o que saber — disse ele, ignorando as palavras dela. Nunca se abriu sobre sua família, embora ela tivesse perguntado muitas vezes. — Um homem segue seu próprio caminho na vida. Ele não precisa da família pendurada na cauda do casaco. — Foi tudo o que disse sobre o assunto. Na verdade, no casamento deles, Eddie tinha apenas alguns amigos, junto com Cedric Mulligan, sentados do seu lado da igreja. Não parecia ter raízes, e talvez fosse esse o motivo pelo qual vagava com tanta facilidade de emprego em emprego e de casa em casa.

— Oh, bem, não é isso que quero discutir no momento. Eddie, sei que acha que continuo insistindo sobre isso, mas quero que entenda que gosto de morar aqui. Temos o tipo de casa que sempre sonhei e não quero seguir para outro lugar. Nosso George precisa ter uma casa estável, ir à escola e aprender o máximo que puder para ter um emprego decente e um bom futuro. — Nunca mencionara o encontro com a Sra. Grant no cemitério, ou sua oferta de emprego para George quando tivesse idade suficiente para ser aceito como

aprendiz. Isso poderia demorar nove anos, mas seriam nove anos de estudo e aprendizagem tanto quanto possível para ser considerado bom o suficiente para um trabalho decente. Não poderiam fazer isso se o rapaz fosse transferido de casa em casa e de escola em escola. — Precisamos persistir aqui e planejar o futuro. Nunca se sabe, pode surgir outra criança um dia e ela precisará entrar em uma família com um futuro decente.

Os olhos de Eddie brilharam quando estendeu a mão e pegou a dela.

— Começou a pensar em outro filho? — disse ele, beijando-lhe os dedos.

Ruby retirou a mão, embora tivesse sentido um arrepio percorrer seu corpo com o toque terno de Eddie.

— Ah, não, Eddie Caselton. Não vai me enganar com sua conversa doce. Quero algumas promessas de que vai começar a trabalhar duro e pensar nesta família. Chega de roubar, especialmente de mim, e nada de fazer trabalhos estranhos e perigosos para Cedric. Tem que perceber que ele é dono desta casa, e no dia em que não pudermos pagar o aluguel, logo terá um de seus capangas batendo na porta e nos chutando para a calçada. Ele não é seu amigo. Precisa encontrar um emprego e seguir os limites. Você me ouve?

Eddie se contorceu em seu assento.

— Sei o que está dizendo, amor, mas quem vai me contratar? Já se espalhou o boato de que fui expulso do depósito de carvão e que me servi do que não era meu.

— Você quer dizer roubar. Comece a usar as palavras certas, e pode ser que entenda por que isso é tão errado. Vou perguntar às pessoas enquanto estou trabalhando no café. Recebemos todos os tipos de pessoas e certamente algum cliente conhece alguém que irá aceitá-lo sem fazer muitas perguntas sobre seu passado. Enquanto isso, por que não se concentra no jardim e faz dele um lugar agradável para nos sentarmos? Mais tarde esquentarei a água no balde e poderá mergulhar na banheira de estanho.

Eddie levantou-se e puxou-a para perto.

— É ótima, Ruby Caselton. Não sei o que fiz para merecer uma esposa tão boa. Pode esfregar minhas costas? — perguntou, sabendo que não poderia contar a Ruby por que se rebaixou a pegar o que não era dele para salvar seu próprio lombo e proteger sua família. Jurou naquele momento que um dia faria as pazes com ela. Quando seria esse dia, não tinha certeza.

Ela deu um tapa no braço dele.

— Vá embora. É preciso mais do que uma promessa para que eu o perdoe, Eddie. — Foi só quando o viu rir alto antes de sair pela porta dos fundos que percebeu que ele não havia feito nenhuma promessa. Balançando a cabeça, tirou a mesa e começou a pensar no jantar. Localizando a bolsa de lona de Eddie que havia deixado no chão na noite anterior, ela a abriu para verificar se havia alguma coisa que precisasse ser lavada. Um calafrio a percorreu quando tirou o pacote de pagamento que ele havia roubado dela no dia anterior, junto com as únicas duas joias que ela tinha em seu nome. Foi um lembrete de que Eddie estava longe de mudar de atitude. Ruby apertou as joias contra o peito e

suspirou. Se ao menos houvesse uma maneira de trazer de volta o homem que Eddie um dia fora. Ah, sim, estava com raiva dele e continuaria com raiva, mas levaria as coisas até o amargo fim para manter sua família unida. Sem dizer uma palavra, colocou seus pertences no bolso e esvaziou a bolsa, jogando-a no armário embaixo da escada. Se ele mencionasse isso, ela o coroaria, e seria com algo mais pesado que um bule de chá.

Mais uma vez com o coração pesado, Ruby voltou ao trabalho doméstico, olhando para o relógio de vez em quando enquanto os minutos passavam. Já havia passado da hora em que esperava que George e sua mãe estivessem em casa. Mais uma vez, estava um dia lindo, então por que não deveriam ficar lá fora e aproveitar o sol?

Depois de varrer o chão de todos os cômodos da casa e limpar as superfícies com um pano úmido, pegou os poucos tapetes que possuía e deu-lhes uma boa sova. Decidindo descansar um pouco antes de olhar pela janela na frente da casa, serviu-se de um copo de água fria e sentou-se à mesa para dar uma olhada em um jornal que havia sido deixado no café no dia anterior. Ruby sonhava em ter tempo para si mesma para ler mais. Isso não apenas seria um bom exemplo para o filho, mas também queria terminar de ler *O Cão dos Baskervilles*, que lhe foi emprestado por Frank Green. Ele perguntou se estava gostando do livro quando trouxe um exemplar de *O Maravilhoso Mágico de Oz* para ela ler para George. Stella havia contado a ela que Frank havia acumulado muitos livros que estavam alinhados em prateleiras que ele mesmo construiu em seu quarto. Ruby não conseguiu pensar em nada melhor e teria adorado ver os livros, mas sentiu que seria um pedido impróprio. Felizmente, Frank sabia que Ruby gostava de ler desde que se sentou ao lado de sua cama, quando ainda estava doente, e estava ansioso para compartilhar seus livros com ela. Ele falou da excitação na cidade, pois uma biblioteca Carnegie seria construída e, esperançosamente, colocada em funcionamento dentro de um ano. Frank era membro da biblioteca circulante da W. H. Smith e sugeriu que Eddie também se juntasse, para que Ruby e George tivessem o benefício de ler novos livros. A ideia preocupou Ruby. Além de Eddie não ser um grande leitor, ela não tinha certeza sobre como cuidar de um livro. —O que acontecia se o livro fosse danificado ou perdido? Quanto custaria tudo isso? No entanto, se lembrou de uma loja de segunda mão em Woolwich que tinha fileiras e mais fileiras de livros alinhados na calçada em frente à vitrine em dias bonitos. Havia planejado usar algumas moedas de cobre de suas economias para iniciar a coleção de George. Seu filho precisava ser culto para ter sucesso na vida. Grande chance de isso acontecer agora, com o pai do rapaz tendo roubado grande parte de suas economias.

Pensando agora em seu marido, enquanto ele trabalhava no jardim, Ruby se perguntava se seria tarde demais para Eddie mudar de atitude. Sempre otimista, ela lhe daria tempo para provar seu valor. Sabia como as mulheres eram desprezadas pelos vizinhos quando seus maridos saíam ou eram expulsos de casa por seus erros. Sabia que poderia manter a cabeça erguida,

mas não seria justo com George, pois as crianças podiam ser cruéis quando percebessem o que estava acontecendo. Além disso, Eddie foi o único homem que amou, e em sua opinião isso era algo pelo qual valia a pena lutar.

Mergulhada em pensamentos, levou alguns momentos para ouvir as batidas na porta da frente. Certamente Milly não tinha esquecido a chave. Não, isso foi mais insistente, e entre as marteladas da aldrava de latão ouviu batidas frenéticas na madeira e uma voz chamando seu nome. Era George.

Apressando-se para abrir a porta, se deparou com seu filho, com o rosto vermelho e soluçando alto. Ele agarrou-se às saias dela e murmurou incoerentemente.

— O que há de errado, meu amor? Onde está a vovó? — ela perguntou, olhando para a rua enquanto estava na soleira da porta.

— Ela... ela... ela deu uma guinada engraçada e caiu no meio da rua em frente ao bar à beira do rio. Alguns trabalhadores vieram ajudá-la. Eles a colocaram em um carrinho de mão...



Com a cabeça ainda ocupada com Eddie e seus modos bêbados, o primeiro pensamento de Ruby foi que Milly também estava bêbada. Será que a mãe dela levava George para um bar — e num domingo? Os pubs à beira do rio não eram tão refinados quanto os do Prince of Wales e não eram lugar para crianças. Aliás, só um certo tipo de mulher frequentava esses pubs. Ajoelhando-se para ficar cara a cara com George, ela beijou sua testa e deu-lhe um sorriso tranquilizador.

— O que aconteceu com a vovó? Para onde os homens a levaram?

— Eles a colocaram em um carrinho de mão. Eu os segui caso eles a estivessem roubando. Foram para o hospital ali perto. — Ele fungou.

O hospitalzinho, pensou Ruby. Então a mãe dela devia estar mal. Sentindo-se envergonhada de seus pensamentos anteriores, enxugou o rosto de George com um lenço.

— O que os homens disseram, meu querido?

— Os homens pediram para lhe dizer que achavam que ela era um caso perdido e que morreria. O que é um caso perdido?

Ruby sentiu seu coração despencar. Sua mãe às vezes era uma pessoa que reclamava, mas Ruby não queria perdê-la. Ignorando sua pergunta, acariciou sua bochecha.

— Fique aí enquanto pego meu casaco e chamo seu pai — disse enquanto corria pela casa e gritava em voz alta para Eddie entrar e se apressar. Ela apenas teve um vislumbre da Srta. Hunter passando pela cerca enquanto voltava para dentro para pegar sua bolsa, vestir seu melhor casaco e chapéu e depois calçar seus melhores sapatos. Deus sabe com quem teria que falar no hospital e não queria decepcionar a mãe parecendo desalinhada.

— Por que tanto alvoroço? — perguntou Eddie, entrando sem camisa e coçando o peito.

— Mamãe foi levada para o hospital. George voltou para casa sozinho. O pobre menino está tão angustiado. Eu o deixei na porta, então não me ouve falar com você sobre isso. Eddie, tenho uma sensação horrível de que mamãe não vai demorar muito neste mundo — disse ela, pressionando o lenço contra a boca.

— Não seja tola. Ela só faz aquelas queixas todas. Ainda tem muitos anos pela frente.

Ruby balançou a cabeça.

— Não importa. Quero que passe uma toalha no rosto e vista sua melhor camisa... e se apresse — retrucou, enquanto ele ficava na frente dela,

parecendo confuso.

— Não quer dizer que preciso ir com você, não é?

— Pode ser a última vez que a veremos viva, e quero que ela vá até seu Criador pensando que somos uma família unida. Ela não quer desaparecer ouvindo o que você tem feito. Também não quero que as enfermeiras e os médicos saibam. O que acontece em casa deve ficar aqui.

Eddie olhou para Ruby.

— Então pare de importunar. Até a velha vizinha me perguntou sobre meu trabalho. Deve ter ouvido você, pois não tenho falado com ela.

— Ela é apenas uma velha solitária e intrometida — disse Ruby, balançando a cabeça e empurrando-o em direção à pia da cozinha para que pudesse se lavar. — Se ela sabe de alguma coisa, é porque está com o ouvido colado na parede ou porque ouviu de outro lugar. Se não se metesse em encrencas, não teria motivo para preocupação. Agora, estarei lá na frente com George. Apresse-se ou chegaremos tarde demais — sibilou, deixando-o murmurar para si mesmo enquanto lavava o rosto.

Entrando no hospital pela porta da frente, Ruby ficou novamente impressionada com o pé-direito alto e a maneira silenciosa com que foi abordada por uma mulher com um vestido preto severo, que a lembrava de uma freira. No entanto, não conseguia se livrar da lembrança de ter visitado o hospital para perguntar pelo Dr. Hind e para onde o corpo de seu bebê teria sido levado. Fez o possível para empurrar o pensamento para o fundo de sua mente.

— Estou aqui para perguntar sobre minha mãe, a Sra. Millicent Tomkins. Ela foi trazida há cerca de uma hora.

— Em um carrinho de mão — George interrompeu, fazendo Eddie rir alto, depois calar a boca com a mesma rapidez ao receber um olhar severo de Ruby.

— Ela foi levada de perto rio enquanto caminhava com meu filho — Ruby explicou, tentando ao máximo se lembrar de como falava. Não queria que ninguém pensasse que eles eram comuns. — Minha mãe mora conosco, a algumas ruas de distância, na Alexandra Road — acrescentou ela, esperando que isso impressionasse a mulher e que ela os olhasse com bons olhos.

— Se quiser esperar, verei como está sua mãe — disse a mulher, antes de desaparecer por uma porta lateral.

— Este lugar me dá arrepios — disse Eddie, torcendo o boné nas mãos. — Vou esperar lá fora.

— Vai ficar onde está — murmurou Ruby, colocando a mão no ombro de George e agarrando a manga de Eddie com a outra. — Estamos aqui pela minha mãe, então esqueça o quão desconfortável se sente e pense em outra pessoa pela primeira vez.

— Não gosto de hospitais — ele murmurou de volta.

— Quem gosta? Mas não cabe a nós sermos egoístas em momentos como este. Como se sentiria se não estivesse bem no hospital e ninguém o visitasse porque não gosta de hospitais? Logo teria algo do que reclamar.

Eddie abriu a boca para responder, mas parou quando um homem apareceu, seguido por uma enfermeira usando o gorro engomado mais elaborado que Ruby já vira. O homem estendeu a mão para Eddie.

— Eu sou o doutor Gregson. Sua mãe está extremamente mal, infelizmente...

Ruby parou na frente de Eddie.

— Ela é minha mãe. Ela vai morrer? — perguntou, esquecendo por um momento que George estava com eles. Ruby logo foi lembrada quando ele começou a chorar.

— Enfermeira, poderia levar o jovem para a ala infantil, por favor? Este não é lugar para ele no momento.

George lutou e gritou enquanto a enfermeira tentava segurar sua mão.

— Me deixe em paz. Quero ficar aqui com minha mãe e ver minha avó morrer — gritou ele.

O médico se abaixou até ficar cara a cara com George.

— Agora, meu jovem. Gosta de trens?

George parou de criar confusão e olhou para o homem.

— Que tipo de trens?

— Trens de madeira que circulam em trilhos. Temos um esplêndido na sala ao lado da ala infantil. O pai de um de nossos pacientes doou-o para agradecer por ter feito sua filha melhorar. Gostaria de brincar com isso?

George pensou por um momento.

— Você faz as pessoas melhorarem?

O médico parecia confuso.

— Mas é claro que sim.

— E eles não morrem?

O médico riu e bagunçou o cabelo de George.

— Ele é um rapaz inteligente, não é? — disse ele a Ruby enquanto se levantava.

— Ahamos que sim — respondeu Ruby, grata por George ter se acalmado. Por mais que amasse o filho, queria ver a mãe.

— Leve-o para brincar com o trem, enfermeira — disse ele, estendendo o braço para Ruby acompanhá-lo de volta pela porta.

Ruby olhou para Eddie e acenou para que ele a seguisse. Não confiava que ele não fugiria. Com o coração batendo mais rápido do que nunca, seguiu o médico até a enfermaria. Olhando em volta, tentou identificar a mãe, mas as mulheres nas camas pareciam todas iguais, com os lençóis brancos puxados até o queixo enquanto descansavam.

— Onde ela está? — sussurrou.

Foram conduzidos até o final da enfermaria, onde uma tela verde foi colocada em volta da última cama. Neste ponto o médico parou.

— Receio que sua mãe não esteja muito bem. Tudo o que podemos fazer é deixá-la confortável. Ela está chamando para você.

Ruby lutou contra as lágrimas enquanto corria até a cabeceira de Milly e se

sentava em um banco de madeira perto da cama. Pegando a mão desta e apertando-a com força, Ruby a segurou contra o peito.

— Estou aqui agora, mãe. O que fez consigo mesma?

As pálpebras de Milly tremeram ao ouvir a voz da filha. Ruby nunca a tinha visto tão pálida e velha. Sombras profundas ao redor dos olhos e um tom azulado nos lábios mostravam o quão doente sua mãe estava. Uma bandagem branca escondia a maior parte de seus cabelos grisalhos.

— Você chegou aqui, então? — ela sussurrou. — Pensei que iria embora antes de chegar.

— Não fale assim, mãe. O médico logo vai colocar você de pé e em boa forma, espere e verá — Ruby disse alegremente, forçando um sorriso.

— Pense o que quiser... se isso faz você se sentir melhor..., mas não vou ver... amanhecer — disse Milly, respirando fracamente entre as palavras. — Agora, quero você... para fazer algumas coisas... por mim. — Ela agarrou a mão de Ruby e engoliu em seco.

— Farei o que quiser — Ruby prometeu enquanto levava um copo d'água aos lábios de Milly.

Milly virou a cabeça, recusando o líquido.

— Há uma caixa debaixo da minha cama em casa... se olhar para dentro... vai ver... algumas coisas que quero que pegue — disse ela, parando para respirar estremecendo. Fechou os olhos por um tempo antes de continuar. — Na minha bolsa velha... encontrará o dinheiro que escondi... daquele seu marido bastardo. Certifique-se de que ele não coloque as mãos nisso... é tudo seu, então não compartilhe com suas irmãs.

Ruby não conseguiu responder, enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Vou avisar Fanny e Janie para virem ver você — disse ela, olhando para trás e esperando que Eddie tivesse ouvido. — Pode fazer isso por mim, Eddie?

— Não... tire-o daqui — Milly ofegou enquanto tentava se sentar. — Não confie mais nele... do que em você... Eu sempre pensei... Sempre achei que ele era bom... Eu estava errada. — Ela levantou a mão e apontou para ele. — Mude seus caminhos... Eddie Caselton... Juro que vou encontrar você do meu túmulo... e persegui-lo até o seu. — Ela ofegou a última das palavras antes de cair de volta no travesseiro.

— Eddie, é melhor levar George para casa. Não quero que mamãe fique mais angustiada do que já está — Ruby disse sem olhar em volta.

Milly virou o rosto para Ruby.

— Há mais algum dinheiro na caixa... não é muito..., mas isso vai ajudá-la... me dê uma despedida decente... eu tenho colocado... um cobre ou dois desde então... desde que me disseram... sobre meu coração idiota... eu não queria... ser um fardo para você.

— Mãe, nunca foi um fardo para mim e não deveria se preocupar com

essas coisas no momento. Precisa descansar.

Milly deu uma risada fraca.

— Eu descansarei bastante em breve... Há outra coisa... você encontrará um envelope e meu testamento... costurado no forro de... meu casaco de domingo. Há mais dinheiro lá também... Se isso não for suficiente... deve vender tudo... para compensar a diferença. Mas o que resta... se sobrar alguma coisa... é tudo seu... não há necessidade de contar às suas irmãs. Elas estão bem... sem minha ajuda... Você tem sido uma filha adequada para mim... não como aquelas duas com suas casas chiques em Bexleyheath. Me promete? — ela implorou, ainda segurando a mão de Ruby.

Ruby acariciou a bochecha de Milly.

— Eu prometo. Por favor, não se preocupe. Por que não fecha os olhos e descansa um pouco? Fanny e Janie chegarão aqui em breve — murmurou, esperando que Eddie tivesse o bom senso de correr para avisá-las.

Milly fechou os olhos, mas continuou segurando a mão de Ruby com força.

— É melhor elas se apressarem — disse ela, antes de cair num sono profundo.

Além de uma enfermeira que ocasionalmente aparecia para ver como Milly estava, Ruby ficou sozinha com seus pensamentos. Nunca soltou a mão da mãe, dando um aperto suave de vez em quando, sussurrando algumas palavras para garantir a Milly que ainda estava ao seu lado. O chá, deixado por um atencioso enfermeiro, esfriou enquanto se lembrava de sua infância, que passara principalmente sozinha com Milly depois que suas irmãs, que eram muito mais velhas, saíram para trabalhar, depois se casaram e raramente a visitavam. Nunca houve muito dinheiro sem um marido e um pai para sustentá-las, mas sobreviveram.

— Obrigada, mãe. Posso não ter falado muito sobre isso, mas obrigada por cuidar de mim e por tentar não julgar muito quando me casei com Eddie, depois de me apaixonar por nosso George. Não queria envergonhá-la. — Ruby não sabia se Milly conseguia ouvir suas palavras. Talvez não, já que Milly nunca se mexia.

À medida que o sol se punha no céu e a noite escurecia gradualmente a área isolada da enfermaria, uma enfermeira apareceu com uma pequena lamparina a óleo e a colocou no amplo parapeito da janela.

— Posso ficar? — Ruby perguntou, pensando que seria mandada para casa para passar a noite. Ficou surpresa por não ter sido dispensada antes, pois as placas que viu no hall de entrada indicavam horários rígidos de visita para a família.

As pálpebras de Milly tremeram e se abriram.

— Onde... estou... Eu? — murmurou baixinho.

— Está tudo bem, mãe. Você caiu mais cedo e seu coração está dando trabalho. Se descansar, logo estará em casa — Ruby a tranquilizou, perguntando-se se talvez Milly tivesse superado e estivesse melhorando.

Milly respirou fundo e estremeceu.

— Não... meu Bert... ele está esperando por mim — disse ela, olhando para além de Ruby e em direção à janela. — Olhe... olhe ali...

Ruby sentiu o medo apertar seu estômago.

— Mas, mãe. Papai — bem, papai morreu antes de eu nascer. Não se lembra?

Milly continuou a sorrir por mais alguns segundos. Seus olhos brilhavam exatamente como faziam quando ela dançava e bebia um pouco no bar.

— Bert... — murmurou, antes de dar seu último suspiro e afundar nos travesseiros.

— Mãe — não, mãe! — Ruby soluçou, jogando-se sobre o corpo imóvel e abraçando a mãe com toda a força. — Não me deixe, mãe, por favor, não me deixe. Tem que esperar para ver Fanny e Janie, e pela manhã George virá visitá-la. Mamãe...

Os braços gentis de uma enfermeira pegaram Ruby pelos ombros e afastaram-na da mãe. Uma segunda enfermeira se inclinou para verificar Milly antes de fechar os olhos e puxar o lençol branco para baixo do queixo.

— Ela teve uma morte tranquila, Sra. Caselton — disse ela, virando-se para dar um abraço em Ruby. — Que senhora sortuda ela foi por ter uma filha tão dedicada. — Ela entregou-lhe um lenço.

Ruby deu mais alguns soluços profundos e trêmulos antes de fazer o máximo para se acalmar. Os pacientes em suas camas do outro lado das telas não precisavam ser acordados pelo choro dela ou saber que alguém havia falecido.

— Minhas irmãs precisam saber. — ela finalmente conseguiu dizer.

— Há uma senhora esperando lá fora. Já está lá há algum tempo, mas insistiu em esperar.

— Deve ser uma das minhas irmãs. Por que ela não foi autorizada a entrar? Ela sentirá falta de se despedir — disse Ruby, sentindo-se subitamente irritada.

— Não, é sua vizinha — uma Sra. Green. Infelizmente, as nossas regras habituais não permitem que as pessoas entrem na enfermaria fora do horário de expediente, mas ela insistiu em ficar. Um dos meus colegas deu-lhe uma bebida quente — explicou a enfermeira, vendo que Ruby parecia confusa. — É preciso ser uma boa amiga para esperar com tanta paciência e por tanto tempo.

Ruby estava pensativa.

— Acha que ela poderia entrar e prestar homenagem à mamãe?

As duas enfermeiras se entreolharam e, sem falar, uma saiu da cabeceira de Milly. Ela voltou alguns momentos depois com Stella.

— Oh, meu pobre amor. Você tem sofrido muito — disse Stella enquanto se sentava ao lado de Ruby e a embalava nos braços. As duas enfermeiras desapareceram, deixando-as sozinhas com Milly.

Depois que Ruby se recompôs, se virou para Stella.

— Mamãe parece muito tranquila, não é? Isso pode parecer bobagem,

mas... logo no final, ela falou comigo.

— Eles geralmente têm alguns momentos de lucidez. Fez sentido o que ela disse?

— Ela me disse que meu pai estava aqui. Acha que ele veio atrás dela?

Stella olhou para Milly e para o sorriso que aparecia em seus lábios.

— Ouvi dizer que isso pode acontecer. Quanto tempo se passou desde que seu pai...?

— Ele estava no exército e morreu no exterior um mês antes de eu nascer. Não o conheci e minhas irmãs não falam sobre ele. Deviam ter entre dez e doze anos de idade, para se lembrarem do nosso pai. Sempre pensei que tinham um segredo que só elas compartilhavam e optaram por esconder de mim. Adoraria saber mais sobre ele.

Stella balançou a cabeça em simpatia.

— Não há nada mais estranho do que isto. Você sabe, meu Wilf tem seis irmãos e nenhum deles nos veem de um ano para outro. Isso não o preocupa nem um pouco, mas eu costumava ficar acordada à noite me preocupando com isso. Achei que a família permaneceria unida nos bons e maus momentos.

— Isso realmente não o incomoda? — Ruby perguntou enquanto olhava para sua mãe deitada pacificamente na cama. Ela meio que esperava que a mãe se sentasse e fizesse algumas perguntas também, já que nunca perdia um pedaço saboroso de fofoca.

— Ele diz que não, mas sei que no fundo está gravemente ferido.

Ruby sentiu que era verdadeiramente filha de sua mãe quando perguntou.

— Mas o que aconteceu para a família ignorá-lo — isso se não se importar em dizer. — Foi um choque saber que a família que morava perto dela tinha tanta turbulência em sua vida. Os Green pareciam a família perfeita, com três filhos brilhantes e uma mãe e um pai amorosos. Quem teria pensado que se removeasse as camadas, a vida deles não seria tão otimista?

— Oh, é uma longa história, mas, sendo o filho mais velho, os negócios da família passaram para o meu Wilf. Por mais que quisesse, não havia negócios suficientes para ele assumir todos os seus irmãos. Além disso, como só ele havia trabalhado com o pai no rebocador, recusou-se a vender tudo e dividir o dinheiro, como sugeriram várias de minhas cunhadas. A coisa toda deixou um gosto amargo na minha boca e aos poucos foi dividindo a família. Wilf pensou que, quando nossos rapazes tivessem idade suficiente, gostariam de se juntar a ele no negócio. Do jeito que está, nenhum deles está interessado. Talvez devêssemos ter vendido, afinal — ela suspirou. — Família pode ser tão estranha.

Ruby concordou.

— Sinto muito por seus problemas. Se houver algo que eu possa fazer a qualquer momento, por favor me avise. Desde que a conheço, tem sido uma boa amiga da minha família — disse ela, olhando para a mãe pela última vez antes de se abaixar e beijar sua bochecha. Depois de um momento, ela

acrescentou: — Acho que deveria voltar para casa. Eddie vai começar a se perguntar onde estou, e George sem dúvida se recusará a dormir até saber como está sua avó. Esta notícia vai partir seu coração.

Stella beijou a testa de Milly e seguiu Ruby para fora da área protegida. Saindo silenciosamente da enfermaria, pararam para agradecer às enfermeiras. Ruby disse a elas que entraria em contato com o agente funerário logo pela manhã.

Ao saírem, Stella disse:

— Seu George está em nossa casa, por acaso. Eddie o deixou mais cedo e perguntou se eu poderia ficar de olho no rapaz, pois tinha coisas para fazer. Foi assim que soube o que tinha acontecido com Milly e vim correndo até o hospital para ficar com você. Meus meninos prometeram cuidar de George e alimentá-lo. Frank disse que arrumariam uma cama para ele na nossa sala se ele ficasse cansado.

— Isso é muito gentil da parte deles — Ruby disse, agradecida. enquanto davam os braços e corriam de volta para a Alexandra Road. Já eram as primeiras horas da manhã e quase não havia ninguém por perto, o que parecia estranho quando estavam tão acostumadas a ver Erith movimentada com as pessoas. — Eddie deve ter ido contar às minhas irmãs. Parece estranho que não tenham chegado ao hospital. Talvez por ser tão tarde, estejam sentadas na minha casa esperando notícias.

Viraram a esquina da Alexandra Road e avistaram o número treze. A casa estava às escuras. Ao chegarem ao portão de Ruby, ela parou para procurar a chave da casa na bolsa e agradecer a Stella pelo apoio. Stella estava dizendo que acompanharia Ruby pela manhã para apoiá-la enquanto organizava o funeral de sua mãe, quando Frank saiu pela porta da frente e veio correndo. Stella explicou rapidamente que Milly havia falecido.

— Sinto muito pela sua perda — disse Frank a Ruby. — Se houver algo que eu possa fazer para ajudar, por favor me avise. Vim avisar que George está dormindo profundamente. No início estava inquieto, então o sono o alcançou no final.

Ruby agradeceu a Frank.

— Mas por que Eddie não foi buscá-lo? — Ela se perguntou, olhando para a casa deles. — Certamente ele não foi para a cama.

— Entraremos com você para verificar se está tudo bem — falou Stella, pegando as chaves da mão de Ruby e abrindo a porta da frente.

Ruby percebeu imediatamente que o casaco de Eddie estava faltando nos ganchos da parede. Ele nunca se dera bem com suas irmãs, então era improvável que ainda estivesse na casa de uma delas. Um pensamento repentino tomou conta dela.

— Oh, por favor, Deus, não! — gritou enquanto subia correndo para o quarto da mãe. Na cama estava a caixa ornamentada onde Milly guardava seus poucos pertences mais queridos, normalmente escondidos debaixo da cama por segurança. Ruby o pegou e verificou se havia alguma coisa dentro.

Estava vazio. Tudo o que restou espalhado sobre a cama foi um broche quebrado e uma carta desbotada, enviada há muito tempo, informando-a da morte de Bert durante o serviço. Ruby caiu de joelhos e soluçou na colcha.

— Meu Deus, o que é isso? — Stella perguntou enquanto corria para o quarto, seguida de perto por Frank. Os dois ajudaram Ruby a se levantar e a sentaram na cama.

— Mamãe me disse há apenas algumas horas que nesta caixa eu encontraria algum dinheiro para investir no enterro dela. Ela também escondeu algumas economias que guardava depois que Eddie pegou as minhas. — Sentiu vergonha de ter que dizer a essas duas pessoas boas que seu marido não era confiável.

— Desça e coloque a chaleira no fogão, querido — Stella instruiu Frank. — Desceremos em breve, assim que Ruby estiver se sentindo melhor.

Frank parecia que a última coisa que queria era deixar Ruby enquanto estava tão chateada, mas acenou com a cabeça solidariamente e fez o que lhe foi dito.

Antes de dizer uma palavra, Stella pegou a caixa, colocou alguns itens dentro e colocou-a em uma cômoda próxima. Puxando o edredom sobre os ombros de Ruby para confortá-la e mantê-la aquecida, se sentou ao seu lado e colocou um braço em volta dela.

— Não quero interferir no que acontece atrás da porta de casa de marido e mulher, pois isso é problema deles. Pode me dizer para ir para casa, se quiser. Mas tenho a sensação de que o seu Eddie está um pouco errado em pegar o dinheiro da sua mãe.

Ruby só conseguiu assentir antes de respirar fundo para dizer:

— Ele nunca foi bom com dinheiro. É tudo culpa minha. Deveria ter escondido nossas economias em algum lugar mais seguro. Mamãe o pegou fuçando na despensa e conseguiu resgatar parte do dinheiro e escondê-lo no seu quarto, junto com o dela. Só posso pensar que quando ele a ouviu me contar no hospital onde havia guardado o dinheiro, voltou para casa e o pegou. O que vou fazer? Não tenho um centavo para enterrar mamãe. Eddie pegou tudo e, para usar uma das frases favoritas de mamãe, não tenho onde mijar.



— Não fique muito zangado, Frank — disse Stella enquanto colocava o café da manhã na frente dele. — Ninguém sabe o que acontece na privacidade da casa de alguém.

Frank bateu com o punho na mesa, fazendo os talheres pularem e as xícaras chacoalharem nos pires. Stella agarrou o bule enquanto balançava. Como deu seu sobressalente para Ruby, tinha que ter cuidado, pois não confiava em sua sorte para não quebrar este. Se o fizessem, teria que usar seu melhor bule de chá, que fora presente de casamento.

— Mas sabíamos sobre Eddie — disse Frank, frustrado. — Veja quantos empregos teve neste mês ou mais, desde que os Caseltons vieram morar nesta rua. Eu não lhe contei outro dia que ele foi expulso do depósito de carvão por roubar e interferir nas entregas de carvão?

Stella afundou-se no assento vago ao lado do filho mais velho.

— Saber algo sobre o homem e ter uma palavra a dizer sobre isso para Ruby não são a mesma coisa. E se Ruby soubesse o que ele estava fazendo e não se incomodasse? Só estou dizendo — acrescentou ela rapidamente, enquanto Frank a olhava furioso. Sabia que seu filho gostava muito de Ruby, mas é claro que nada poderia acontecer, pois Ruby era uma mulher casada e com um filho. Mesmo que seu marido a abandonasse, ainda seria casada. Teria sido maravilhoso ter uma nora como Ruby, pensou Stella melancolicamente.

— Preciso fazer algo por ela. — Frank empurrou o prato, deixando a comida intacta. — Vou oferecer-lhe algum dinheiro. Não é muito, mas ajudará nas despesas do funeral. A última coisa que ela precisa é ver a Sra. Tomkins indo para a cova de indigente.

— Posso contribuir um pouco. Tenho certeza de que seu pai não se importará. Ele tem uma queda por Ruby e pelo rapaz. Já é bastante ruim que Ruby não tenha conseguido enterrar Sarah sozinha, muito menos ver a mãe dela ir para uma cova anônima.

— Sarah?

— Coma o resto enquanto eu conto — disse ela, empurrando o prato de volta para ele antes de começar a explicar.

— Caramba, eu não tinha ideia. Tenho vergonha de dizer que, depois que ela superou o parto, não pensei no que aconteceu — você sabe, com o corpo. Sinto muito — disse ele, incapaz de olhar para a mãe.

— Não se desculpe. É assim que o mundo funciona, e a maioria de nós não pensaria duas vezes sobre tal coisa, a menos que nos afetasse. No final deu

certo e é isso que conta. Estou mais preocupada com o que acontecerá a seguir na vida de Ruby. Precisarás organizar um funeral hoje e se perguntar sobre seu futuro.

— Vou até lá e ver o que posso fazer para ajudar. Mesmo que seja para tirar George de suas mãos durante o dia enquanto ela faz o que tem que ser feito. Por que não se senta e conversa com ela enquanto a criança está fora do caminho? Sempre dá bons conselhos, e ela vai precisar de um ombro para chorar, já que Eddie fez sua cama. — Até o fato de falar o nome de Eddie deixou Frank com um gosto ruim na boca. Por que um homem trataria uma mulher dessa maneira? Sabia que se Ruby fosse sua esposa, ele a trataria como uma joia preciosa. Para ele, Ruby era exatamente o nome certo para a mulher que admirava. Preocupado que sua mãe pudesse ler seus pensamentos, se levantou e anunciou: — Vou até lá agora. Avisarei ao gerente do depósito que não vou trabalhar hoje por causa de um luto.

— É um bom rapaz, Frank. Deixe-me colocar os pratos na pia e estarei logo atrás de você. A lavagem pode esperar uma vez. Vou deixar George dormindo e gritar para Donald ouvi-lo.

Juntos, atravessaram a rua, conscientes de que estavam sendo observados pela vizinha de Ruby, a Srta. Hunter, que limpava o amplo parapeito da janela saliente com um pano.

— Bom dia, Srta. Hunter. Começou seu trabalho doméstico bem cedo — disse Stella em um tom entrecortado.

— Tenho muito que fazer depois de passar o dia de ontem em oração. É uma pena que nem todos possam fazer o mesmo. — A Srta. Hunter olhou para a porta do número treze. — Não posso dizer o mesmo de todos nesta rua.

— Agora não é hora para tais pensamentos. A mãe da Sra. Caselton faleceu nas primeiras horas desta manhã, então talvez não compartilhe sua opinião com ela hoje. — Enquanto Stella falava, Ruby, de rosto pálido, abriu a porta.

— Vou acrescentar a Sra. Tomkins às minhas orações — respondeu a solteirona idosa, sem um pinga de compaixão passando por seu rosto magro.

— Obrigada, Srta. Hunter, mas não precisamos de suas orações — disse Ruby rigidamente enquanto deixava Stella e Frank entrarem em casa e fechava a porta, sem esperar para ouvir a resposta da vizinha. Sua mãe não teria agradecido por aceitar orações em seu nome. Milly Tomkins desentendeu-se com o Todo-Poderoso depois de perder o marido ainda jovem. Em sua opinião, uma igreja era apenas um lugar para casar ou dizer adeus aos entes queridos. Não havia necessidade de mencionar a religião.

Stella deu um abraço rápido em Ruby e colocou sua cesta sobre a mesa da sala.

— Coloquei algumas coisas aqui para manter você e George em movimento. Sei que estará ocupada demais para ir à mercearia.

— Obrigada, deixe-me dar-lhe o dinheiro — disse Ruby, pegando a bolsa que havia deixado sobre a lareira.

— Não! Se não posso trazer algumas coisas para ajudá-la, que tipo de

vizinha sou eu? Sei que faria o mesmo por mim ou pelos meus se a situação estivesse no outro pé.

— Eu gostaria, mas espero que esse dia nunca chegue. Odiaria pensar na sua família sofrendo como a minha — disse Ruby, levando a cesta para a cozinha para esvaziar. Havia o suficiente para cuidar dela e de George por alguns dias até que a vida voltasse ao normal, se é que algum dia voltaria. A generosidade de Stella animou seu coração, o que ela faria sem bons amigos? Foi um grande conforto para ela, mas de repente começou a tremer tanto que teve que se segurar na lateral da pia para não cair de joelhos.

— Meu Deus, Ruby! Frank, rápido, ajude-me a sentá-la. A pobre menina teve uma reviravolta — Stella exclamou enquanto segurava Ruby antes que caísse completamente no chão.

Frank pegou Ruby nos braços e a carregou até a sala da frente, depositando-a em uma das poltronas duras de crina de cavalo. Stella trouxe um copo d'água e levou-o aos lábios.

— Aqui está, amor. Com tudo o que aconteceu, não é de admirar que tenha ficado destruída. Aposto que nem comeu, não é? Frank, prepare o café da manhã enquanto vou buscar um cobertor para colocar em volta desta jovem. Sem discussão — acrescentou ela, enquanto Ruby começava a protestar. — Sei que está quente o suficiente lá fora, mas precisa de um pouco de carinho. Quando penso no que passou, ora, eu poderia chorar. Se colocar um pouco de comida na barriga e mantê-la aquecida é o que é preciso para você se recuperar, então pode calar a boca e me deixar assumir o controle.

Ruby murmurou um agradecimento, recostou-se na poltrona e fechou os olhos. Além da xícara de chá que ela deixou esfriar enquanto estava sentada no hospital, nada havia tocado seus lábios desde a manhã de ontem. Frank e Stella tentaram oferecer-lhe uma bebida quente quando chegou em casa de madrugada, mas ela não conseguia suportar a ideia de nada. Não admira que não se sentisse bem no momento. Ficando acordada durante as poucas horas que esteve na cama, não conseguia dormir pensando na lista do que tinha que ser feito hoje. Quase tudo exigia dinheiro, e mal tinha um centavo em seu nome. Em vez de amaldiçoar Eddie, pois sabia que isso não levaria a lugar nenhum, se perguntou por que ele a decepcionara naquele momento. Quando precisou dele ao seu lado para ser forte, a deixou sozinha. A atração pela bebida e pelo jogo era tão forte que ele a deixou sozinha com uma criança pequena? Ela lutou contra um soluço estremecedor que a percorreu. Não seria uma vítima nas mãos de seu marido.

— Aqui está, amor. Vamos colocar isso perto de você e, depois de tomarmos uma xícara de chá, faremos o que pudermos para ajudá-la — disse Stella enquanto se sentava na outra cadeira.

Ruby concordou com a cabeça. Por mais grata que estivesse, não tinha ideia de como Stella poderia ajudá-la.

— Obrigada. Espero que George não tenha incomodado. Tenho pavor de pensar em como vou contar a ele que não apenas sua vovó morreu, mas que

seu pai não voltará para casa.

— Tem certeza de que Eddie não saiu para beber em algum lugar e voltará para casa em pouco tempo? Lembro-me de você ter mencionado que isso já aconteceu antes.

— Não, desta vez se foi para sempre. A maior parte de suas roupas desapareceu da cômoda, junto com o kit de barbear e o relógio que ele só usava com o terno, e isso também sumiu.

Stella balançou a cabeça. Estava grata por seu Wilf ser um bom homem de família e nunca fazer tal coisa. Mesmo em tempos difíceis, ele se sentava com ela e conversavam sobre o assunto. Que tipo de homem agiria como Eddie Caselton agiu?

— Oh, querida, isso parece definitivo, não é?

— Realmente pensei que Eddie amava a mim e a George, e tinha algum respeito por minha mãe. Fazer isso sem dizer nada quando mamãe estava desaparecendo rapidamente e depois pegar o dinheiro dela é imperdoável. Sinto como se tivesse perdido tudo. Meu marido, minha mãe, os meios para lhe dar uma despedida decente, e esta casa. O futuro de George parece sombrio. Que tipo de mãe sou eu para não ser capaz de sustentar meu filho?

— Ruby forçou as palavras lentamente, não querendo expressar seus medos.

Stella pegou a mão dela e segurou-a com força.

— Vai superar isso, meu amor, e tem amigos aqui para ajudar. Ah, aí vem o café da manhã. Muito bem, Frank.

Frank colocou a bandeja de chá em uma mesinha lateral de aparência surrada, a única peça de mobília da sala além das poltronas. — Fiz uma torrada para você. Por favor, coma, pois precisa manter suas forças. Vou pegar uma cadeira na outra sala e então poderemos começar a traçar um plano de ação. Vou deixá-la servir o chá, mãe, sabe que sempre faço bagunça. — Ele sorriu, tentando aliviar a tristeza que pairava no quarto.

— Ele é um bom rapaz — disse Stella enquanto mexia o chá quente no bule. — Será um bom marido para alguém um dia desses.

Ruby deu um sorriso fraco.

— Isso é o que eu poderia ter feito. Eu não escolhi tão bem, não é?

— Ninguém pode saber o que vai acontecer na vida — disse Stella ao passar o prato de torradas. — Agora coma antes que esfrie — ela orientou. — Precisa de toda a sua força para sobreviver hoje.

Ruby fez o que lhe foi dito, embora o primeiro pedaço fosse difícil de mastigar, mas quando o sabor da manteiga derretida atingiu suas papilas gustativas, começou a salivar e logo limpou o prato.

— Estava delicioso — disse ela a Frank quando ele voltou, carregando uma cadeira.

— Vai ganhar mais daqui a pouco — disse ele, tirando um lápis e um caderno surrado do bolso do paletó. — Pensei que, se não se importa, poderíamos fazer algumas anotações... um plano de ação, por assim dizer. Concorda?

— Se acha que isso vai ajudar, então é claro que concordo — respondeu ela, embora tivesse pouca esperança de que seus problemas fossem resolvidos apenas com uma lista.

— Mãe, sei que tem algumas ideias, então gostaria de expressá-las primeiro?

Stella passou uma xícara de chá para Ruby antes de se sentar novamente com sua própria bebida, deixando a de Frank sobre a mesa para que ele tivesse as mãos livres para escrever.

— Espero que não pense que estou sendo intrometido, mas que providências foram tomadas quando ela faleceu? Conheço muitos idosos e nenhum deles quer ser um fardo para aqueles que abandonam.

— Claro que não está sendo intrometido. Estou grata pelo seu interesse. Mamãe só me contou ontem à noite, enquanto Eddie estava ao lado da cama dela, sobre a caixa embaixo da cama. De todas as contas havia algumas joias, junto com o dinheiro que ela resgatou da despensa onde eu o escondi. Notou Eddie olhando-o e o levou embora antes que ele colocasse as mãos sujas nele. Também disse que havia algum dinheiro na caixa para lhe dar uma despedida. Vocês viram o que sobrou — acrescentou ela, parecendo envergonhada.

— Reconheceria as joias se as visse de novo? — Frank perguntou. — Poderíamos avisar os policiais e visitar algumas casas de penhores?

Ruby ficou horrorizada.

— Por favor, não — não quero envolver a polícia! Ficaria tão envergonhada se alguém soubesse das minhas circunstâncias. As joias não teriam muito valor para ninguém. Também não creio que as medalhas do meu pai teriam rendido muito. Teria sido bom para George tê-las, no entanto. No momento estou mais preocupada com o funeral dela.

Frank observou enquanto rabiscava as palavras dela:

— Você mencionou antes que tem duas irmãs. É provável que sua mãe tenha deixado alguma coisa com elas?

Ruby deu uma risada frágil.

— É altamente improvável. As duas tinham pouco a ver com mamãe. Estou com medo de ter que contar a elas que mamãe morreu e que não há dinheiro para enterrá-la. Sem dúvida, verão que é seu dever cristão assumir o controle e nunca me deixarão esquecer como escolhi um marido ruim e não consegui sustentar nossa mãe. Na verdade, a única decisão que tomei foi não deixar as duas saberem que mamãe morreu até que eu tenha algum tipo de resposta sobre como vou lidar com a situação. Elas não têm visto muito a mamãe ao longo dos anos, desde que cresceram no mundo. Preciso esclarecer as coisas antes que tentem ajudar. Pode ser bem-intencionado, mas não suporto a ideia de que elas conheçam as nossas circunstâncias.

— Estou com você aí — concordou Stella. — Quanto menos souberem, melhor, por enquanto. Milly disse mais alguma coisa?

— Ela dormia principalmente — disse Ruby, lembrando-se das horas que passara sozinha no hospital com a mãe. — Ela disse algo sobre seu casaco —

agora, o que foi? Minha mente está uma confusão.

— Beba seu chá — chegará até você em seguida, não pense muito — Stella assegurou-lhe, quando algo chamou sua atenção através da grande janela saliente. — É o nosso Donald e o seu George vindo pela rua. Frank, pode deixá-los entrar e evitar que nós, senhoras, nos levantemos? — Sorriu para Ruby enquanto levantava o dedo mínimo e tomava um gole de chá delicadamente.

Ruby bufou com uma meia risada. Stella era um verdadeiro tônico e Ruby estava grata pela mulher mais velha ser uma amiga, especialmente num momento como este.

— Olá, meu amor — disse ela, dando um abraço em George enquanto ele corria para a sala.

— Não está bem, mamãe? — perguntou, olhando para sua mãe enrolada em um cobertor.

— Mamãe estava com um pouco de frio — explicou Stella, evitando que Ruby respondesse. — Agora, Donald, por que essa cara feia?

— Achei que nosso Frank iria me levar com ele ao trabalho hoje para me mostrar o que acontece no escritório do escriturário. Tenho uma redação para escrever para a escola sobre minha família e o trabalho que fazem.

Frank bateu com a mão na testa.

— Caramba, queria avisar que vou tirar o dia de folga para ajudar com um problema na família — disse ele, lançando um olhar tímido para Ruby. — Você é como da família para nós. Donald, poderia levar um bilhete para mim ao escritório? Tenho certeza de que o Sr. Porter permitirá que fique e observe por um tempo — acrescentou, trazendo um sorriso ao rosto do irmão mais novo.

— Mas, primeiro, vá para casa e lave o rosto. Ah, e pode colocar seu melhor casaco. Não quero que ninguém pense que meu filho se veste como um maltrapilho — Stella o advertiu, embora também estivesse sorrindo. Donald era um rapaz inteligente e ela esperava que se saísse bem na vida. Para ele, seguir Frank até o escritório do comerciante de carvão seria uma boa jogada, embora seu marido ainda desejasse ardentemente que um de seus rapazes se juntasse a ele como barqueiro no rio.

— Vou com você providenciar o bilhete — disse Frank, sem acrescentar que queria usar o belo papel que guardava para as cartas, em vez de rasgar uma página do caderno.

Ruby observou a interação entre mãe e filho, enquanto algo zumbia dentro de sua cabeça.

Stella notou a expressão confusa no rosto de Ruby.

— Tem alguma coisa incomodando você, amor?

Ruby franziu a testa e tentou clarear seus pensamentos.

— Foi algo que acabou de dizer a Donald... Ah, bem — ela encolheu os ombros. — Se for importante, virá até mim.

— O que vai fazer em relação ao seu trabalho? — Stella perguntou. —

Marge está esperando por você. Gostaria que eu fosse até o café e contasse a ela o que aconteceu? — Stella acenou com a cabeça na direção de George, sem querer mencionar a morte de sua avó.

Ruby se engasgou.

— Oh, meu Deus, tinha esquecido completamente que dia é hoje. Preciso ir ao café agora mesmo — disse ela, levantando-se de repente e deixando o cobertor cair no chão. Sentindo-se tonta, ofegou e agarrou-se à lareira próxima em busca de apoio.

— Ah, não, não precisa — Stella olhou, forçando-a a se sentar na poltrona.

— Você está mal e teve mais do que um choque depois...

— Depois de quê, mamãe? — George perguntou, seu rosto preocupado olhando entre Ruby e Stella.

Stella assumiu o comando.

— Vou ao café e direi a Marge que você demorará alguns dias para voltar. Tenho certeza de que ela vai entender. Frank, escreva aquele bilhete, depois lave a louça, e Donald, se apresse, lave o rosto, se arrume e vá para o depósito de carvão. Sente esse seu rapaz, querido, e conte a ele o que está acontecendo — ela concluiu, lançando a Ruby um olhar de simpatia.

Ruby agradeceu a Stella e acenou para que George se aconchegasse debaixo do cobertor com ela. Enquanto seus amigos realizavam suas tarefas, deu um aperto suave no filho antes de pigarrear. Já era bastante ruim ter que contar ao rapaz que sua avó havia morrido, mas dizer que seu pai havia fugido com todo o dinheiro não seria agradável.

— Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou.

— Sabe como sua avó estava mal com seu coração duvidoso, não é?

— E os homens a levaram para o hospital em um carrinho de mão? — ele perguntou com um sorriso. — Então corri para casa para avisar você.

— Sim, se saiu muito bem. Estou orgulhosa de você por ser tão corajoso e não ficar chateado.

— Chorei um pouco quando estava na cama ontem à noite na casa de Stella. Tenho apenas cinco anos — ressaltou solenemente.

Apesar de toda a seriedade da situação, Ruby sentiu-se sorrir.

— Eu sei, meu querido, e você pode chorar. Não é um crime.

— Papai me disse que ficaria aborrecido se alguma vez me visse chorar — respondeu. — Não queria que ele me esquentasse o traseiro como faz o pai do Freddie Martin, do fim da rua.

— Seu pai nunca bateria em você e não vai repreendê-lo novamente — disse ela, segurando-o ainda mais perto enquanto disfarçadamente enxugava os olhos no cobertor. Queria continuar contando a ele sobre a morte de Milly, mas talvez George lhe tivesse dado a oportunidade de explicar sobre o desaparecimento de Eddie. Não teria que deixá-lo saber sobre o dinheiro desaparecido e seus problemas. — Papai foi embora e duvido que o veremos novamente — disse ela, escolhendo as palavras com cuidado.

— Fiz alguma coisa para fazê-lo ir embora? — perguntou com os lábios

trêmulos.

— Não meu amor. Seu pai o ama muito. A partida dele não tem nada a ver com você.

George pensou por alguns segundos.

— Talvez ele tenha fugido com uma prostituta?

Ruby não pôde deixar de rir.

— O que o faz pensar assim?

— A vovó disse que ele provavelmente tinha uma mulher bonita e, quando perguntei o que era, ela disse que era o mesmo que uma prostituta. Não quis me contar mais nada. Disse que eu tinha orelhas pequenas e que pessoas com orelhas pequenas não deveriam saber dessas coisas.

Ruby sentiu lágrimas arderem em seus olhos. Podia imaginar sua mãe renunciando a suas pérolas de sabedoria sobre Eddie e seus erros.

— Duvido que seu pai tenha tido uma prostituta. A vovó estava brincando. Provavelmente estava brincando com você.

— Não creio que estivesse, já que ela disse uma palavra rude depois disso. Devo contar o que disse?

— Não, obrigada. Georgie, sobre a vovó Milly. Ela estava muito doente, você sabe...

— Ela passou? Um dos homens que a empurrava no carrinho disse que ela provavelmente ‘passaria antes do fim da noite. Como ela pode passar?

— Bem... o homem quis dizer que achava que a vovó iria para o céu em breve. — Ela se odiou por ter voltado a usar a palavra, mas “morta” soava tão brutal — e tão definitivo para um garotinho ouvir.

George suspirou.

— Quer dizer que ela morreu?

Não pela primeira vez, Ruby pensou que seu filho era uma alma velha em um corpo jovem.

— Sim, meu amor. A vovó morreu esta manhã. Foi muito tranquilo e não creio que tenha sofrido. Ela me disse para lhe enviar lembranças e dizer que estaria cuidando de você para que nenhum mal lhe acontecesse. — Quanto mais falava, mais pensava que estava cavando um buraco para si mesma. Sua mãe não havia dado uma mensagem para seu neto, nem para qualquer outra pessoa. Cometeu um pecado por contar mentiras? — De agora em diante, somos só você e eu, sozinhos — acrescentou ela, dando-lhe outro aperto.

— A vovó lembrou você de me dar as medalhas do vovô? Disse que podia ficar com elas quando partisse.

Ruby ignorou o modo como George falara, estava apenas repetindo as palavras muito usadas por sua mãe.

— Não tenho ideia do que teria feito com elas. Mas se as encontrarmos, serão suas como o único homem da família.

George saiu de debaixo do cobertor e ficou na frente de Ruby com as mãos nos quadris.

— Ela não lhe contou onde as escondeu?

Ruby pensou na caixa vazia que Eddie esvaziara de todos os objetos de valor enquanto Milly estava no leito de morte, a apenas duas ruas de distância. Ela não podia contar ao filho que o pai dele havia roubado as medalhas. Por pior que o marido tivesse se comportado, precisava manter a memória dele o mais positiva possível aos olhos do filho. Se Eddie voltasse para casa, Ruby não suportaria ver George chateado por saber o que ele tinha feito. George poderia decidir quando fosse adulto, até então, faria o possível para não manchar as memórias do filho com sua amargura. Além disso, ainda amava Eddie, independentemente do que ele tivesse feito. O amor era algo que não se podia ligar e desligar.

— A vovó nunca me contou o que aconteceu com as medalhas, George. Mas se as encontrarmos, elas serão suas.

George pareceu pensativo, mas aceitou as palavras de Ruby.

— Estou com fome. Posso comer alguma coisa?

Ah, ser jovem e tão inocente a ponto de poder deixar de aprender sobre a perda de um ente querido e passar a pensar em comida, Ruby pensou consigo mesma.

— Há um pão fresco e um pouco de queijo na cozinha. Devo fazer um sanduíche? — ela perguntou, levantando-se com cautela para o caso de sentir tontura novamente. Estendendo a mão, ela pegou a de George e foram para a cozinha.

Ruby limpou as migalhas da boca do filho.

— Por que não vai até o jardim dos fundos e brinca um pouco? Vai lhe fazer bem pegar um pouco de sol no rosto. Ficarei aqui, caso Stella ou Frank batam na porta — disse ela antes de observar George sair correndo alegremente pela porta dos fundos.

Enxaguando os pratos, os deixou secar no corredor de madeira antes de encher a chaleira e colocá-la de volta no fogão, pronta para quando seus amigos voltassem. Olhou ao redor da pequena cozinha, lembrando-se dos planos que tinha para a casa. Nada grandioso, mas um pouco de mudança no banheiro externo, um pedaço de cortina de renda nas janelas e, quando tivesse tempo, planejara fazer alguns tapetes novos para os quartos. Milly a ensinou a fazer tapetes com retalhos de tecido velho. Não havia sentido agora, já que sem dúvida o proprietário iria atirar nos ouvidos dos dois quando soubesse que não tinha um centavo em seu nome. Mergulhada em pensamentos, a princípio não ouviu a porta da frente sendo batida freneticamente. Foi só depois de ouvir seu nome ser chamado através da caixa de correio, seguido de mais batidas, que correu para abrir a porta.

— Oh, meu Deus! — Stella ofegou. — Achei que algo tivesse acontecido com você.

— Estava arrumando a cozinha. Por que está sem fôlego? — Ruby perguntou enquanto conduzia Stella para a sala e a observava sentada à mesa, respirando profundamente e tentando se recompor.

— Há uma grande confusão no café. Alguém esteve lá e se serviu do

dinheiro que sobrou embaixo do balcão, bem como de pedaços de comida. Marge está enlouquecendo e acusando você de ter feito tudo isto ao policial.

— Oh, Deus, deveria ter aberto esta manhã porque Marge era procurada em outro lugar. Com tudo o que aconteceu, isso me escapou completamente. É melhor eu ir até lá e ver o que posso fazer para ajudar.

Stella balançou a cabeça.

— Não, não chegue perto do local a menos que queira ser presa.

— Mas por que alguém iria querer me prender? Não fiz nada de errado além de não voltar ao trabalho — Ruby disse, parecendo confusa.

— O ladrão entrou pela porta da frente. Tinha um molho de chaves...

Ruby olhou onde estava sua bolsa, onde sempre a deixava no chão, perto do armário embaixo da escada.

— Eu tenho um molho de chaves. Marge me deu no sábado para que eu pudesse entrar no local.

— É melhor verificar se elas ainda estão lá, pois meu instinto me diz que foram embora, junto com seu Eddie — disse Stella com raiva.

— Por favor, não, elas devem estar aí! — Ruby gritou enquanto pegava a sacola e despejava o conteúdo sobre a mesa. — Sei que as coloquei aqui junto com meu salário no sábado.

— O que aconteceu com o seu salário? — Stella perguntou.

— Ele os pegou... Sei que os levou — Ruby disse enquanto se sentava em frente a Stella, colocava a cabeça nos braços e soluçava. — O que posso fazer?

— Chorar como um bebê não vai ajudar, não é? — disse uma vozinha vinda da porta dos fundos.

Ruby olhou para onde George estava parado, a cabeça inclinada para o lado e as mãos nos quadris. Seu filho imitava perfeitamente a maneira como sua mãe sempre falava com ele quando chorava.

— Está certo, amor — disse ela, enxugando as lágrimas dos olhos antes de começar a rir. Stella juntou-se às risadas. George era tão cômico. Mais batidas na porta da frente os fizeram parar. — Atenda, por favor, Stella?

Antes que Stella pudesse se mover, George passou correndo por elas e chegou à porta, estendendo a mão para girar o trinco. Ele voltou muito mais moderado.

— Tem policiais na porta, mamãe. Devo pedir que entrem?

— Está tudo bem, amor, eu cuido disso — disse Stella, dando tapinhas na cabeça dele. — Por que não volta para brincar lá fora?

George acenou com a cabeça. Sabia que algo estava acontecendo e não deveria ouvir.

Stella conduziu os dois homens uniformizados até a sala da frente e ofereceu-lhes assentos. Ruby a seguiu e ergueu os olhos agradecida ao ver Frank prestes a bater na porta da frente. Sentia muito menos medo com os amigos ao seu redor.

Quando ele passou pela soleira, um pouco sem fôlego, Ruby manteve a

porta aberta.

— Presumo que há novidades sobre Eddie? — ele perguntou.

— Sim. E fica muito pior — Ruby disse rapidamente enquanto os dois entravam na sala para ver o que os policiais tinham a dizer.

O policial sênior se apresentou como sargento Daniel Jackson. O policial mais jovem não parecia mais velho do que Ruby, e seu rosto vermelho e uniforme perfeito sugeriam que devia ser novo no trabalho.

— Este é o policial Robert Jackson, que está aqui para fazer anotações — disse o homem mais velho antes de tossir levemente, ao que o policial Jackson saltou e tirou um caderno e um lápis do bolso.

— Todos os policiais em Erith têm o mesmo sobrenome ou vocês são parentes? — Stella perguntou educadamente.

— PC Jackson é meu filho. Ele se juntou à força há duas semanas. No entanto, isso não importa. Acha que poderia sentar-se enquanto faço minhas perguntas?

Frank rapidamente trouxe três cadeiras da outra sala e eles se sentaram esperando o policial falar.

— Tenho certeza de que o conheço de algum lugar — disse Frank ao policial mais jovem, estendendo a mão para cumprimentá-lo.

— Possivelmente do clube de boliche, ou talvez o coro masculino da polícia. Temos alguns membros que não pertencem à força — disse Robert com um sorriso.

— Seria o clube de boliche, não sou muito cantor — Frank sorriu de volta. — Mora por aqui?

— Cross Street, com minha esposa e meu filhinho — ele respondeu. — Você...?

Outra tosse do sargento interrompeu a conversa.

— Sra. Caselton, preciso lhe fazer algumas perguntas sobre um roubo no café onde trabalha. Está de acordo que essas pessoas permanecerem na sala?

— Por favor, gostaria que eles ficassem. Não tenho segredos e a Sra. Green está comigo desde que minha mãe faleceu no hospital, esta manhã.

— Por favor, aceite minhas condolências — disse ele, parecendo um pouco desconfortável. — Poderia explicar seus movimentos desde que saiu do café no sábado à noite?

Ruby respirou fundo e explicou que estava em casa até domingo à tarde, quando recebeu a notícia do colapso de Milly. Stella e Frank contribuíram para confirmar o que sabiam.

— Estas são as chaves que foram deixadas em sua posse para abrir o café esta manhã? — ele perguntou, tirando do bolso as chaves que Ruby procurava.

— Sim, reconheço os nós do barbante que as mantém unidas. Achei que estavam na minha bolsa. Não fui ao café para abrir porque minha mente estava em outro lugar. Desde que voltei para cá esta manhã, não saí de casa.

— Alguém pode confirmar isso? Seu marido, talvez?

— Eu estava aqui sozinha. Meu filho dormiu na casa da Sra. Green — disse Ruby, lançando um olhar preocupado para Stella. Esperava que ele não perguntasse sobre Eddie. Explicar o que o marido fez seria como lavar a roupa suja na frente desses policiais.

— Sobre seu marido, Sra. Caselton...

Ruby congelou. O que poderia dizer?

— Posso falar, sargento? — perguntou Stella.

— Se for relevante para o arrombamento do café — disse o sargento, entrelaçando os dedos no colo.

— Sinto que sim — disse ela, lançando a Ruby um olhar interrogativo. Quando Ruby acenou para ela continuar, Stella explicou como Ruby descobriu que o dinheiro e os pertences de sua mãe haviam desaparecido, junto com as roupas de Eddie. — Eddie Caselton abandonou a esposa, levando consigo objetos de valor e dinheiro — disse ela, tentando não demonstrar qualquer emoção na voz, caso o policial pensasse que era tendenciosa em sua opinião sobre o marido de Ruby.

— Isso lança uma nova luz sobre a situação — disse ele, olhando para o policial mais jovem para ver se havia anotado tudo. Quando o outro ergueu os olhos e assentiu, o sargento levantou-se. — Isso é tudo por enquanto.

Ruby estava confusa.

— Não entendo. Vai perseguir meu marido para recuperar meu dinheiro? E as coisas que tirou do café? Poderá cobrar dele por isso? Não é como se eu tivesse feito algo errado. Sou apenas a boba abandonada agora que se foi. Não posso nem pagar o aluguel desta casa, então eu e meu filho seremos expulsos da casa no próximo fim de semana, quando o aluguel vencer.

O sargento Jackson parecia envergonhado.

— Sra. Caselton, a senhora não tem nada do que se culpar. Se pudermos provar que Eddie Caselton usou as chaves para roubar o café, poderemos prendê-lo para interrogatório. Quanto ao seu dinheiro, sinto muito, mas como chefe desta família, seu marido não fez nada de errado ao pegar o dinheiro para uso próprio.

— O que é meu é dele, o senhor quer dizer? — Ruby fungou, lutando contra as lágrimas.

Stella colocou o braço em volta de Ruby.

— É assim que o mundo funciona, meu amor.

— Que tal o homem abandonar a esposa e o filho? — Frank perguntou.

O sargento Jackson balançou a cabeça.

— Há quanto tempo ele se foi?

— Menos de um dia — disse Ruby, sabendo, enquanto falava, que aquilo não parecia significativo. Muitos homens ficavam muito mais tempo longe de casa apenas para ir trabalhar. — É infrutífero, não é?

— Eu não diria isso, senhora — ele assegurou-lhe enquanto os dois policiais se levantavam para se despedir. — Vou falar com os donos do café, para que saibam que não é culpada pelo roubo.

Stella abriu a porta, pronta para acompanhá-los em nome de Ruby.

— Eu faria isso rapidamente se fosse o senhor — comentou ela, enquanto olhava para fora. — Lá está Marge vindo pela rua agora, e parece muito zangada de onde estou.

Os policiais se ofereceram para ficar, mas Ruby recusou a ajuda. Ela tinha que enfrentar Marge sozinha.

— Se pudesse contar a ela como estão as coisas — Stella disse enquanto fechavam a porta rapidamente.

Frank voltou ao jardim para fazer companhia a George, enquanto Stella esperava para abrir a porta para Marge. Podia ver pela janela que havia uma discussão acalorada acontecendo na frente da casa — e podia ver as cortinas tremulando em quase todas as janelas do lado oposto da rua. Os residentes fariam por muitos dias.

— Tem certeza de que não quer que eu fique? Essa Marge pode ser uma força a ser reconhecida às vezes. Já a vi em ação antes, quando as pessoas experimentaram isso com ela no café.

— Não, obrigada mesmo assim, esta é uma batalha que tenho que enfrentar sozinha. Foi meu marido quem me colocou nessa situação e, como ele não está aqui, cabe a mim resolver o problema.

— Então estarei na outra sala. Se eu ouvi-la gritando com você, estarei aqui balançando sua frigideira para ela.

Apesar das circunstâncias, Ruby riu ao pensar nisso.

— Não, Stella, por favor. Eu consigo, não importa o que ela diga.

— Certo, aí vem ela. Vou deixá-la entrar e depois ficar fora do caminho. Levante o queixo, amor. — Stella deu tapinhas no ombro de Ruby antes de ir até a porta.

Quando Ruby olhou para trás depois, não conseguia acreditar que não tinha explodido com Marge. Só poderia ter sido o choque do dia anterior e a perda tão repentina da mãe que a fez sentar e receber uma bronca de sua empregadora. Marge rejeitou uma oferta de chá e recusou-se a sentar-se, elevando-se sobre Ruby enquanto gritava e fumegava.

Quando parou para respirar, Ruby aproveitou a oportunidade para falar.

— Lamento que as coisas tenham chegado a esse ponto, Marge. Nada do que aconteceu no café foi culpa minha. Os policiais devem ter lhe contado há pouco que meu marido tirou o molho de chaves da minha bolsa sem eu saber. E lamento não ter estado no café para abrir como planejado, — mas minha mãe faleceu nas primeiras horas desta manhã e foi um choque. Tenho certeza de que também deve ter sido informada de que Eddie me deixou enquanto eu estava no hospital durante a noite. Sei que isso não tem nada a ver com você, mas quero que entenda a situação. Não tenho ideia do que foi tirado do seu negócio, mas tentarei reembolsá-la aos poucos, com meu salário, todas as semanas — isso se puder ser provado que meu marido realmente foi o culpado. — Ela se recostou na cadeira, aliviada por ter tirado isso do peito. Esperançosamente, não gastaria muito a cada semana e ainda teria o suficiente

para sobreviver.

Marge deu uma risada áspera e quebradiça.

— Está pensando que vou tê-la de volta trabalhando para mim? Deve estar b brincando.

— Mas... Achei que gostava que eu trabalhasse para você? Sempre fui muito trabalhadora e cheguei na hora certa, até hoje. Por que está fazendo isso comigo realmente preciso trabalhar agora? Sou o único ganha-pão da casa! Não tenho nada por causa do Eddie. Não posso nem me dar ao luxo de enterrar minha mãe. Por favor, Marge, não faça isso comigo!

Marge olhou para Ruby enquanto ela implorava por seu emprego e, por um momento, pareceu vacilar antes de tomar uma decisão.

— Não. Não posso arriscar que faça o mesmo que seu marido e me espolie. Não vou persegui-la pelo dinheiro que ele roubou, pois sei que não o tem. No entanto, vou espalhar a notícia, então achará difícil trabalhar nesta cidade novamente. Conheço muitos lojistas nas ruas principais e a maioria são amigos. Eles não lhe darão a hora do dia, então pode pensar em se mudar. Não queremos seu marido ou sua espécie nesta cidade. — Acenando com o dedo para Ruby, ela se virou e saiu do número treze, batendo a porta atrás de si.

Ruby respirou fundo estremecendo. O que está feito está feito, pensou ela, respirando e expirando lentamente.

— Que vaca velha — disse Stella enquanto corria para dentro da sala, pronta para confortar Ruby. Ela ficou surpresa ao vê-la se levantar e arrumar as cadeiras, olhando ao redor da sala e verificando se havia poeira.

— Já está tudo dito e sei onde estou — disse Ruby com uma nova confiança. — Deus sabe como vou sobreviver, mas juro que vou, e não vou largar esta casa até o meu último suspiro.

— É melhor assim — disse Stella, embora se perguntasse como Ruby pretendia viver quando não havia dinheiro suficiente nem para o aluguel da próxima semana.

— Mamãe — disse George ao entrar correndo na sala, seguido por Frank, de rosto vermelho. — Podemos ir buscar as medalhas agora?

— Ele me deixou cansado naquele jardim — bufou Frank. — Ruby tem que ouvir isso. Conte para sua mãe o que me contou, George.

— As medalhas. A vovó me contou onde as escondeu por segurança. Venha e eu lhe mostrarei — disse ele enquanto corria em direção ao corredor e subia as escadas.

Ruby franziu a testa para Stella e Frank.

— Não tenho ideia do que ele está pensando, mas vamos ver.

Eles subiram correndo a escada íngreme e encontraram George no quarto de Milly. Estava remexendo nas poucas roupas penduradas em um guarda-roupa que havia sido deixado pelo inquilino anterior.

— Ele não vai ter sorte. Eddie revistou aquele guarda-roupa ontem à noite. Lembro-me de arrumar as roupas dela e fechar a porta enquanto estávamos todos aqui — disse Stella.

Ruby parou de repente.

— George está certo. Mamãe escondeu as medalhas. Ela me disse para olhar o forro de seu casaco de domingo. Com tudo o que aconteceu, isso nem passou pela minha cabeça. Só me lembrei da caixa debaixo da cama. — Juntando-se a George na busca, encontrou um casaco de lã preto no guarda-roupa, puxou-o e colocou-o sobre a cama. Passando os dedos por um broche em forma de cesta, decorado com contas vermelhas e verdes, ela sorriu. — Dei isso para mamãe em um Natal. Não poderia ser muito mais velha que George — disse ela.

Enfiando as mãos nos bolsos, tirou um lenço branco e limpo.

— Ela nunca foi a lugar nenhum sem um.

George pulou para cima e para baixo de excitação.

— Desfaça os botões para que possamos ver o interior — ele implorou.

Ruby fez exatamente isso e passou as mãos pelo forro até que seus dedos tocaram algumas saliências perto de uma costura lateral.

— Preciso de uma tesoura — disse ela.

— Aqui, use isto. — Frank entregou um pequeno canivete.

Levantando a lâmina, pegou cuidadosamente uma parte da costura feita à mão. Ela deixou George colocar a mãozinha dentro e, com alegria, ele tirou dois sacos de tecido. Gritos de alegria saíram de seus lábios quando três medalhas presas em fitas foram soltas de uma das sacolas. O outro, Ruby pegou timidamente e esvaziou na cama.

Milly cumpriu sua palavra: havia dinheiro suficiente aqui para lhe proporcionar uma boa despedida e algum dinheiro para Ruby usar como desejasse. Sem dúvida havia deixado um pouco de dinheiro em sua caixa para enganar quem quisesse roubar seus pertences. Entre as anotações havia um pedaço de papel cuidadosamente dobrado com o nome de Ruby do lado de fora.

— Vou ler isso mais tarde — disse ela, enfiando-o no bolso da saia. Queria ficar sozinha quando lesse as últimas palavras de sua mãe. Puxando o filho para perto, ela disse: — Deus abençoe a vovó, hein, George?



Véspera de Ano Novo de 1905

Eddie Caselton estava parado nas sombras do beco que passava entre as casas geminadas da Alexandra Road. Do seu ponto de vista do outro lado da rua, podia ver o número treze. As cortinas ainda não tinham sido fechadas e enquanto olhava para a janela saliente teve um vislumbre de sua esposa, Ruby. Havia um sorriso em seu rosto enquanto ela balançava de um lado para o outro. Ele percebeu que ela estava cantando e ficou olhando para onde seu filho estava segurando a mão dela. Não foi a primeira vez que voltou para verificar se estava tudo bem, embora nunca tenha batido na porta ou falado com a família. Não queria ser visto ou trazer perigo à sua porta.

Odiava o que tinha feito com eles. Se ao menos pudessem entender que sua mão foi forçada. Se não tivesse fugido naquela noite, enquanto sua sogra estava morrendo, Ruby poderia muito bem ter organizado dois funerais. Eddie observou de longe Milly ser enterrada pouco depois e ficou intrigado ao ver Ruby e George visitarem um túmulo próximo para colocar um buquê de flores antes de se juntarem às irmãs na carruagem que os esperava.

Uma vez sozinho no cemitério, prestou homenagem à sogra. Inclinando a cabeça, ele implorou perdão e fez o possível para explicar. Fez bem a ele desabafar, mesmo que ela não pudesse ouvir ou responder. A curiosidade tomou conta dele e foi ler a lápide do túmulo que Ruby e George visitaram antes de partirem. Ele coçou a cabeça, perplexo, — o nome da mulher não significava nada para ele. Percebeu que ela havia morrido na época em que se mudaram para Erith, mas ainda não tinha ideia de quem era.

Quando seus olhos foram atraídos para o buquê, ele notou uma pequena gravura. Curvando-se para mover as flores para o lado, viu a palavra “Sarah”. Veio-lhe uma lembrança fugaz de sua esposa dizendo que a criança que ela havia perdido se chamaria Sarah. Este era o local de descanso de sua filha? Mas por que neste túmulo? Pensando, se levantou e olhou para o rio Tâmsa. Esta cidade tinha perspectivas e ele esperava que sua esposa e filho prosperassem. Estavam melhor sem ele.

Mergulhado em pensamentos no beco, Eddie se assustou quando as portas de repente começaram a se abrir ao longo da Alexandra Road. Moradores entusiasmados correram para a rua, alguns batendo painéis com colheres de pau enquanto barcos no rio próximo buzinaavam. Eddie recuou ainda mais nas sombras, com medo de ser avistado quando a porta do número treze se abrisse. Entre as pessoas saindo pela porta, ele viu Ruby. Ela parecia tão bonita à luz de lamparina. Seu cabelo escuro estava preso no alto da cabeça e

ela usava um vestido roxo escuro condizente com uma mulher de luto. Apesar da sua situação, ela sorria e ria enquanto os residentes apertavam as mãos, formando um círculo e começando a cantar “Auld Lang Syne”. O estômago de Eddie se apertou quando ele viu um homem balançando Ruby em seus braços e dando um beijo em seus lábios. A raiva tomou conta dele, que homem se atrevera a beijar sua esposa? Ora, ele tinha partido há apenas quatro meses e ela estava permitindo que outro homem a beijasse. Ele observou por um tempo enquanto as pessoas começavam a voltar para suas casas e as embarcações no rio ficavam em silêncio. A essa altura, Ruby já havia sido beijada por vários homens, jovens e velhos, e ele se acalmou, sabendo que era a temporada e não o romance, embora pudesse ver que Frank Green não se afastava muito do lado de sua esposa.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou um envelope amassado.

— Aqui, rapaz — ele gritou para uma criança que ainda corria para cima e para baixo na rua. — Faça-nos um favor e coloque isto na porta do número treze, sim? Aqui estão alguns centavos para manter a boca fechada sobre isso. — Ele jogou uma moeda para a criança e observou o tempo suficiente para ver a ação realizada, antes de pegar sua mochila e seguir em direção à cidade.

Desde que deixou Erith, foi para os campos de lúpulo de Kent e trabalhou nos campos até o fim da temporada, depois mudou-se para a costa, encontrando trabalho onde pôde em barcos de pesca ao redor de Whitstable e ao longo da costa. Foi uma vontade de saber como estava sua família que o trouxe de volta aqui agora. Economizando cada centavo que podia, decidiu deixá-lo para Ruby sem que ela soubesse de quem veio. Não havia deixado nenhum bilhete dentro do envelope, para não correr o risco de ser encontrado. Tampouco poderia se dar a conhecer a Ruby ou George, pois não queria que corresse perigo. Prometeu naquele momento viajar para Erith e deixar dinheiro para sua família sempre que pudesse. Era um plano que lhe daria esperança e o manteria em sua nova vida. O que aconteceu fora culpa dele, exclusivamente. Quer Ruby voltasse a falar com ele ou não, faria o melhor por ela e pelo menino.

Mesmo assim, enquanto caminhava pela escuridão, Eddie sentiu o coração partir-se.

— Aqui, Ruby, isto acabou de chegar pela caixa de correio — Frank gritou enquanto passava o envelope para Ruby.

— Que estranho — ela disse enquanto abria o envelope e tirava o dinheiro, depois se engasgou. — Quatro libras! Mas não há nenhuma indicação de quem é. — Ela correu até a porta e olhou para fora, mas a rua estava vazia.

— Quem acha que poderia ter deixado isso? — Frank perguntou.

— Eu não faço ideia. Só tem meu nome no envelope.

— Não critique, amor — disse Stella enquanto espiava por cima do ombro de Ruby. — Você pode gastar cada centavo agora.

Ruby apertou o envelope contra o peito e sorriu para si mesma. Quando, em setembro, perdeu Milly e Eddie desapareceu, deixando-os quase na

miséria, pensou que sua vida não poderia ficar pior. Se a mãe não tivesse deixado dinheiro para o funeral e o velório, além de um pouco mais, não teriam sobrevivido. Ruby ficou desempregada depois que Marge falou mal dela para todos os lojistas da cidade, e seu futuro parecia sombrio. Foi apenas quatro dias antes do funeral que sua sorte começou a parecer melhor. Suas duas irmãs chegaram do nada para falar com ela, perguntando sobre o testamento de sua mãe. Ruby riu e disse que não havia testamento e que estava fazendo o possível para dar uma despedida decente à mãe delas.

Sabendo que Ruby receberia visitas antes do funeral de Milly, Stella lhe emprestou um jogo de chá, enquanto o marido e os filhos carregaram poltronas, um tapete, uma toalha de mesa de chenille verde-escura e duas mesas ocasionais combinando para mobiliar a sala da frente. Quando Ruby protestou, Stella rejeitou suas palavras, dizendo que dificilmente usavam a sala da frente. Como muitos na Alexandra Road, a sala da frente era usada somente para dias festivos, feriados e para colocar os falecidos. Ruby estremeceu com sua última palavra. Com uma criança em casa, decidira não levar Milly para casa na noite anterior ao funeral.

Deixando suas irmãs tomando chá nas xícaras e pires combinando, Ruby foi até a cozinha para refrescar o bule e colocar bolos delicados em um prato de servir. Ela demorou, sabendo que Fanny e Janie estariam discutindo seu comentário sobre não haver testamento. Ao voltar para a sala da frente carregando uma bandeja cheia, ficou satisfeita ao ver George sentado entre as mulheres conversando educadamente.

— George nos contou que Eddie não mora mais aqui — disse Fanny.

— Correto — disse Ruby, pousando a bandeja e sentando-se ao lado de Janie. O olhar que Ruby lançou as incentivou a não discutir o problema na frente de George.

— Tudo o que posso dizer é que não apreciamos a sua situação — disse Fanny.

— Dado o que aconteceu, se saiu muito bem. Pensamos em comprar uma dessas casas quando foram construídas, há três anos — disse Janie, balançando a cabeça em aprovação.

— No momento estou alugando a casa — respondeu Ruby. Seu sonho de um dia possuir o número treze parecia impossível com o desaparecimento de Eddie. Tudo o que podia fazer era manter um teto sobre suas cabeças, — e se não fosse pelo proprietário do Hotel Prince of Wales, oferecendo-lhe o emprego de Milly e algumas horas extras, nem teria conseguido isso. Ela foi honesta e contou ao homem o que havia acontecido no café, mas ele ignorou a explicação dela, dizendo que não dava ouvidos a fofocas e que se ela trabalhasse metade do que Milly havia feito, então ficaria satisfeito.

— Decidimos que vamos contribuir para o funeral da mamãe — disse Janie, ignorando a explicação de Ruby de que havia dinheiro suficiente guardado pela mãe. — Sei que posso falar por nós duas quando digo que estamos gratas por você ter cuidado de mamãe nos últimos anos. Sua vida

pode não ter sido fácil. Apenas lembre-se, estamos aqui para ajudar você e George, então, por favor, não seja uma estranha.

Pensando naquela conversa agora, Ruby sentiu lágrimas arderem em seus olhos.

— Ruby, está bem? — perguntou Stella, trazendo-a de volta ao presente com um sobressalto.

— Estou bem. Estou mais do que bem — ela sorriu. — Vamos pensar que esse dinheiro vem de um benfeitor. Será bem aproveitado.



Maio de 1910

Ruby nunca tinha visto tantas pessoas reunidas em um só lugar. Quando Stella mencionou pela primeira vez que iria a Londres para prestar homenagem ao falecido rei, ela não tinha certeza. Não gostava de trens lotados e coisas do gênero. Mas depois que Stella explicou que duvidava que voltassem a vivenciar tal ocasião — afinal, veja quanto tempo a mãe do rei viveu, — Ruby cedeu. Seria bom para George ver a grandeza de Londres e os soldados de guarda ao redor do caixão. Seria algo para contar aos filhos dele, pensou consigo mesma.

— Mamãe foi a Londres para ver o cortejo fúnebre da falecida rainha. Não falou de mais nada durante semanas. Sempre adorou uma boa despedida.

Stella e Wilf começaram a rir.

— Com minha velha mãe era o mesmo. Ela comparava os funerais dos vizinhos e, semanas depois, verificava os túmulos para ver quem tinha a melhor lápide — disse Stella.

— Não se esqueça de contar a Ruby sobre a lista que ela fez, para que você tenha uma despedida melhor do que a dos amigos. Posso vê-los todos agora, lá em cima, comparando anotações — Wilf deu uma gargalhada.

— Oh, meu Deus! — Ruby disse. — Espero que não fiquemos tão mal assim quando envelhecermos.

— Tem um longo caminho a percorrer para nos alcançar — Stella riu. — Sério, poderia arrumar um pouco de comida e, depois de prestarmos nossas homenagens, poderíamos levar as crianças para conhecer o Palácio de Buckingham ou se sentar à beira do rio e relaxar.

Ruby cedeu e junto com a família Green, partiram para Londres.

Esperando na estação de Erith, eles foram empurrados para cá e para lá e parecia que a maioria dos habitantes da cidade havia decidido fazer a viagem no mesmo dia.

— George, não chegue muito perto da borda da plataforma — ela gritou nervosamente.

— Está tudo bem, Ruby, estou segurando George e nosso Donald — Derek gritou para ela enquanto erguia a mão de George e acenava para onde segurava o colarinho de Donald para tranquilizá-la.

— E eu ficarei de olho em você — disse Frank, parado ao lado dela.

Ruby sorriu para Frank. Ele tinha sido um bom amigo para ela ao longo dos anos. Compartilhavam o mesmo amor pela leitura e muitas vezes se encontravam apenas para conversar sobre livros. Geralmente, seria Frank

recomendando um livro para Ruby, e geralmente ela concordava com as sugestões dele. Ocasionalmente, ela o acompanhava a uma biblioteca, onde compartilhavam a emoção de se debruçar sobre livros que ainda não haviam lido.

— Não tenho visto muito você ultimamente, Frank. Tem estado ocupado no trabalho? — Ele agora era responsável por uma seção do departamento de contabilidade do escritório do comerciante de carvão, mas não falava muito sobre seu trabalho, pois disse que não lhe interessaria.

— Não, na verdade não, mas há algo sobre o qual gostaria de conversar com você, Ruby. Tenho planos para o futuro e se estiver interessada... bem, eles poderiam incluí-la.

Ruby respirou fundo. Temia que isso pudesse acontecer em pouco tempo. Seria possível que o que Frank estava prestes a dizer tivesse algo a ver com o fato deles se tornarem um casal? Já fazia cinco anos que Eddie partira e, embora sentisse muitas saudades dele, Ruby se perguntava se não seria natural pensar em encontrar outro homem com quem compartilhar sua vida. Embora ela fosse próxima de Frank, não tinha certeza se sentia por ele a mesma profundidade que sentira por Eddie. Quando conhecera o marido, sentira um formigamento ao menor toque e poderia ter ficado feliz em seus braços para sempre. Com Frank era diferente: eles compartilhavam os mesmos pensamentos e interesses, e às vezes era como se pudessem ler a mente um do outro. No entanto, nas poucas ocasiões em que ele a beijou, pareceu mais o beijo que um irmão daria na bochecha da irmã, sem nenhum indício de paixão ou romance. Ruby sabia que Stella gostaria muito que ela se tornasse a esposa de seu filho mais velho, mas é claro, até que soubesse o que havia acontecido com Eddie, não poderia traçar um limite no casamento e seguir em frente com sua vida. Por mais que amasse profundamente um irmão ou irmã para George, não poderia ser.

Ruby não sabia o que dizer a Frank. A última coisa que queria era encorajá-lo, mas derrubá-lo poderia causar uma ruptura entre as duas famílias.

— Estou ansiosa para ouvir tudo sobre isso — ela murmurou enquanto o trem chegava à estação, envolvendo a família em vapor. Eles abriram caminho no meio da multidão para que todos pudessem sentar-se no mesmo vagão. Ruby sentou-se com um suspiro de alívio, pois naquele momento o assunto foi abandonado.

Chegando a Londres, pararam em frente à estação Charing Cross enquanto Frank consultava seu mapa.

— Pegamos um bonde no Embankment e descemos em Westminster. É apenas uma curta caminhada até lá.

— Parece bom para mim — disse Wilf Green.

— Não tinha muita certeza se pegaria um bonde na minha idade, mas prefiro isso a caminhar — concordou Stella, enquanto George pulava de excitação. Donald, agora com quinze anos, parecia adequadamente entusiasmado.

— Estou muito feliz por estar fora da estação — Ruby estremeceu, lembrando-se de uma história no jornal sobre o desabamento do telhado da estação há apenas alguns anos. Houve mortes. Embora os reparos fossem evidentes e nenhum dos viajantes parecesse preocupado, só queria ficar longe do prédio e ao ar livre.

— Sigam-me — disse Frank enquanto partia em ritmo acelerado.

No bonde, Ruby sentou-se no convés inferior com Wilf e Stella enquanto os outros subiram correndo para o convés aberto.

— Eu pago — Wilf gritou para os meninos.

— É muito triste, não é? — Stella disse enquanto apontavam bandeiras em prédios penduradas a meio mastro.

— Viu as guirlandas pretas nas portas? — Ruby respondeu.

Wilf deu uma tragada em seu cachimbo.

— Há muitos edifícios importantes por aqui ligados à família real, bem como ao nosso governo.

Stella espiou pela janela.

— Não há nada parecido em Erith, embora tenhamos algumas casas elegantes na avenida.

— Mesmo assim, amor, moramos numa rua importante.

Ruby ficou intrigada.

— Por que diz isso, Wilf?

— A Alexandra Road recebeu o nome da esposa do falecido rei, porque as casas foram construídas na época da coroação de Eduardo VII — explicou ele.

— Aprendemos algo novo a cada dia. George ficará fascinado com esse fato — disse Ruby, desejando ter pensado em colocar um pedaço de papel e um lápis na bolsa para anotar qualquer trecho interessante que encontrasse. Ela e George começaram recentemente a manter um álbum de recortes, recortando artigos de jornal sobre a morte de seu rei e histórias sobre o futuro rei e a coroação. Enquanto ela trabalhava no Hotel Prince Of Wales, os moradores locais foram muito prestativos, dando-lhe qualquer coisa que pudesse contribuir para a coleção de George.

— Está um pouco frio, não está? — Stella estremeceu. — Ninguém pensaria que estamos em meados de maio.

— O tempo está adequado para a situação. O sol forte não pareceria adequado enquanto nosso rei está morto a poucos metros daqui — disse Wilf, pensativo. — Pelo menos não está chovendo também. Certamente teremos que fazer fila antes de podermos prestar nossos respeitos.

— Fila? — Stella perguntou.

— Eu lhe contei que os rapazes das docas vieram ontem e disseram que a fila vai até o rio. — Wilf ergueu as sobranceiras para a esposa. — Calçou seus melhores sapatos, não foi?

— Queria parecer elegante para a família real — Stella bufou indignada.

— Acredite, mulher, quando digo que se encontrarmos um membro da

família real, ele não estará olhando para os seus pés. Não estará apta para nada amanhã, quando seus pés estiverem doloridos.

Stella cutucou Ruby.

— Ele está certo, mas não lhe darei a satisfação de saber disso. Coloquei chinelos na bolsa.

Ruby tentou não rir. Stella poderia ser um tônico às vezes.

— Pareçam animados — disse Wilf, levantando-se alguns minutos depois.

— Esta é a nossa parada.

Esperando que os meninos se juntassem a eles, Ruby olhou ao redor. Que lugar grandioso era Londres, pensou ela. Reconheceu o Big Ben pelas muitas fotos que tinha visto e se perguntou se ouviria os sinos quando batesse a hora.

— Fiquem juntos agora — Frank os instruiu. — Temos que atravessar a rua, então segurem-se um no outro para que ninguém se perca. Os bondes andam mais rápido aqui do que em casa.

Ruby agarrou a mão de George como se sua vida dependesse disso, enquanto Derek segurou a outra mão dela e a de seu irmão mais novo.

— Está gostando da viagem até agora? — ele perguntou com um sorriso atrevido.

— Gostaria de ter visitado em circunstâncias diferentes — respondeu ela.

— Estou surpresa que não tenha trazido uma de suas amigas com você? — Derek era um rapaz popular atualmente.

— Hoje é dia de família. Família e amigos — ele se corrigiu. — Mamãe não teria ficado feliz se eu tivesse trazido uma estranha.

— Sua mãe criou você da maneira certa — ela sorriu para ele quando chegaram ao outro lado da rua e entraram no final de uma fila que parecia não ter fim.

— Acha que seria rude se comêssemos um de nossos sanduíches enquanto estamos aqui? — Stella perguntou enquanto se virava para verificar se o grupo ainda estava junto. — Meu estômago está roncando muito.

— Não vejo por que não. Há outros comendo. É melhor ficar aqui na rua antes de chegarmos mais perto — Ruby disse enquanto olhava para a fila e depois para trás deles. — Nossa! Deve haver mais cinquenta pessoas que já se juntaram a nós.

Stella serviu a comida, dizendo aos rapazes mais novos que ficassem parados enquanto comiam e cuidassem para que suas melhores roupas não ficassem sujas.

Durante duas horas os amigos avançaram lentamente até que finalmente as portas do Westminster Hall apareceram diante deles. Ruby examinou o rosto de George e enxugou-o com o lenço antes de passar os dedos pelos cabelos rebeldes.

— Aí está você. Parece respeitável o suficiente para dizer adeus ao nosso rei — disse ela, recuando para examiná-lo antes de dar um beijo na ponta do nariz dele.

— Urgh, saia — disse ele, esfregando o nariz. — Alguém pode ver. Não

sou mais uma criança. Serei um trabalhador quando tiver quatorze anos. Não vai me beijar então, vai?

— São quatro anos de folga, George, e continuarei beijando você até meu último suspiro, então terá que aguentar isso — ela riu, beliscando a bochecha dele. — Imagino que não seja velho demais para segurar a mão da sua mãe, não é?

— Só estou brincando, mãe. Pode me beijar o quanto quiser, e continuarei beijando você até ficar velho também — disse ele, pegando a mão dela quando entraram no prédio sombrio.

— Do que acha que mais se lembrará hoje? — Frank perguntou a Ruby enquanto se sentava ao lado dela no trem para casa, apoiando George adormecido que estava caído contra ele.

— Suponho que pense que vou falar da grandeza do edifício e da solenidade da ocasião, — respondeu Ruby, com uma expressão distante no rosto. — Mas estou mais inclinada a imaginar as milhares de pessoas que passaram silenciosamente pelo caixão, sem dúvida lembrando que este era o filho da Rainha Vitória.

— Posso entender como se sente. Viajou para Londres para ver o cortejo fúnebre da rainha?

— Não. George era um bebê e eu não queria deixá-lo com mamãe, pois ficaria muito preocupada. Mas Eddie foi e me contou tudo — disse ela. — Talvez leve George para assistir à coroação. Ele adoraria ver os desfiles e as carruagens elegantes. Parece estranho pensar que a Rainha Vitória ainda não se foi há dez anos e já estamos falando de o seu neto ser rei. Imagine se minha mãe fosse rainha, — não poderia nem pensar em assumir a coroa dela enquanto ainda lamentava sua perda — disse ela com tristeza.

— A família real é diferente. Eles nasceram nisso — disse Frank enquanto se mexia um pouco para ficar mais confortável. — George pode ter apenas dez anos de idade, mas é como apoiar um saco de batatas — ele sorriu.

— Aqui, deixe-me ficar com ele um pouco — disse Ruby, estendendo os braços para pegar o filho. — Ele pode se espremer aqui ao meu lado.

— Não, estou bem agora que estiquei meu braço. Se quiser, posso dar-lhe carona para casa?

Ruby riu.

— Igual a um saco de batatas?

— Ele não é problema. Deve estar orgulhosa dele. Não conheço um garoto mais inteligente. Ele desbanca nosso Donald.

Ruby sentiu-se orgulhosa por Frank pensar bem de seu filho. Descobriu que ele era um homem inteligente, então suas palavras significavam algo para ela.

— Gostaria de poder dar a ele um irmão ou irmã. É bom que ele tenha o seu Donald para conversar, mas agora que seu irmão está um pouco mais velho, temo que George pareça infantil demais para o ter pendurado na barra da camisa.

— Ainda há tempo. Você é jovem — disse Frank, baixando a voz para que os companheiros de viagem não ouvissem.

Ruby esfregou a janela com a manga do casaco, tentando olhar para a escuridão para ver onde estavam.

— Poderia dizer o mesmo de você, Frank Green. Nunca o vi namorar tanto quanto outros homens da sua idade — ela sorriu enquanto o trem parava. — Meu Deus, esta é a nossa estação — acrescentou quando um apito foi ouvido, com o chefe da estação anunciando que haviam chegado a Erith.

O grupo de amigos caminhava em um silêncio sociável, exceto Frank. Ele notou que sua mãe estava usando chinelos de interior agora e brincou com ela por não poder levá-la a qualquer lugar elegante. Stella foi rápida em responder que a pessoa a quem eles foram prestar homenagem não saberia disso.

Ruby ficou para trás para caminhar com Frank que, apesar de dizer o contrário, estava lutando com George adormecido nas costas.

— Venha aqui, seu fracote, deixe-me levá-lo — disse Derek, tirando George do irmão e pegando-o nos braços com facilidade. — Se fizesse o trabalho de um homem, teria músculos — ele sorriu bem-humorado.

— E se tivesse inteligência, não estaria trabalhando na olaria — Frank respondeu rapidamente enquanto observavam Derek se mover rapidamente à frente deles.

— É uma alegria ver vocês, irmãos, se dando tão bem — falou Ruby enquanto Frank lhe oferecia o braço e lhe tirava a sacola pesada. Passando o braço pelo dele, pensou em como era sortuda por ter amigos tão bons.

— Há uma coisa que queria perguntar a você — disse Frank enquanto se aproximavam de Alexandra Road. — Posso entrar e trocar algumas palavras?

Ruby sentiu o coração disparar. Se ele fosse jurar seu amor eterno por ela, não era o momento certo. Amava Frank como amaria um irmão, se tivesse um. Decepcioná-lo poderia causar dor não só para ele, mas também para Stella e Wilf, e isso era a última coisa que queria, — especialmente quando todos estavam cansados depois da viagem a Londres, e George precisava de sua cama.

— Por alguns minutos — ela disse enquanto Frank tirava o menino bocejante dos braços de Derek e ela agradecia. Abrindo a porta da frente, ela os conduziu para dentro e se virou para olhar para a rua que conhecia e amava tão bem. Com a fileira de casas banhadas pelo brilho dos postes, havia uma certa magia no ar. Ruby rezou para que nada mudasse sua vida, mas enquanto se perguntava sobre o futuro, um arrepio percorreu seu corpo.

— Deus o abençoe, ele não precisou de nenhuma persuasão para ir para a cama. Tudo o que pude fazer foi despi-lo e passar uma toalha em seu rosto — Ruby disse ao se juntar a Frank na sala da frente. Ele acendeu os dois lampiões a gás na parede de cada lado da chaminé e trouxe uma bandeja de chá.

— Você tem sorte de ter um fogão a gás. Mamãe continuou assim por muito tempo, até que papai cedeu quando o fogão a carvão demorou muito

para funcionar.

Ruby sentou-se e pegou a xícara de chá que ele lhe entregou.

— Não foi culpa minha. Pode agradecer ao sujeito que era dono da casa antes de meu senhorio tomar posse dela. Certamente deve ter conhecido o dono?

— Nós realmente nunca nos cruzamos. Papai disse que ele saiu bem rápido.

Ruby contou a Frank a história de como a casa foi perdida devido ao vício do homem em jogos de azar e de Eddie estar no lugar certo para assumir o aluguel.

— Foi uma das melhores coisas que aconteceram na minha vida. Aqui estamos, quase cinco anos depois, com uma linda casa.

— Mas não há marido — disse ele, observando-a atentamente para ver como ela reagiria.

— Estou feliz como estou, Frank. Sinto falta de Eddie — o que quer que você pense, houve um tempo em que ele era um bom marido. Olhando para trás, posso ver que ele mudou na época em que nos mudamos para cá. Talvez eu seja a culpada pelo que aconteceu. Queria uma boa casa e uma família perfeita. Até isso deu errado quando perdemos Sarah. Devo reivindicar alguma responsabilidade pelo fracasso do meu casamento. Deveria ter pensado mais em Eddie do que em ter uma casa confortável. Desde que Eddie partira, Ruby pensara muito sobre ele se desviar do caminho certo e estreito, e seus pensamentos atuais eram de que ela devia ter contribuído para o sucesso de sua decisão de partir.

Frank colocou o chá em uma mesa lateral e se ajoelhou na frente dela, segurando suas mãos. Por um momento Ruby congelou, — ele iria lhe propor casamento? Por favor, Deus, que ele não diga nada precipitado.

— Ruby, nunca deve pensar que é culpada pelo que aconteceu com Eddie. Só o conheci depois que se mudou para cá, mas deve ter tido algumas qualidades muito boas para você se apaixonar por ele. Não é boba, Ruby Caselton. Só quero que saiba que serei seu amigo, — o melhor amigo que puder. Eu a amo e sinto que em outra vida teríamos sido almas gêmeas.

Ruby olhou para sua expressão séria e afastou as mãos das dele.

— Por favor, Frank, por favor, não faça isso. Não estrague nossa amizade...

— Estragar tudo? — gritou Frank. Então ele colocou o rosto nas mãos e respirou fundo várias vezes. — Não, tudo que eu queria que soubesse era que eu sempre seria seu amigo e...

Ruby caiu de joelhos ao lado dele e afastou suas mãos para que pudessem olhar nos olhos.

— Oh, Frank, isso era tudo que queria me dizer? Lá estava eu pensando que iria propor casamento... não que esteja livre para me casar de novo — ela riu, sentindo-se envergonhada. — No entanto, me fez pensar em Eddie e perceber que ainda o amo, apesar de todos os seus defeitos. Aconteça o que

acontecer, sou dele até que a morte nos separe. Fizemos nossos votos e vou cumpri-los. Apesar de não frequentar a igreja, gosto de cumprir uma promessa.

— É assim que deveria ser. E se algum dia chegar o momento em que Eddie estiver de volta à sua vida, quero poder olhá-lo bem nos olhos e dizer que fui um amigo de verdade e nada mais. — Frank respirou fundo e desviou o olhar. — Nunca disse isso a ninguém antes, mas... Sou diferente da maioria dos homens. Não tenho interesse em ter uma esposa — disse ele, olhando para Ruby para ver se ela entendia.

— Oh... Acho que entendo. — Ruby sabia que os homens estavam infringindo a lei por se relacionarem com outros homens e tinham que guardar seus sentimentos para si mesmos. Não queria saber o que eles faziam a portas fechadas, — só pensar nisso a chocava. No entanto, se um homem amasse outro homem da mesma forma que ela sentia amor por seu Eddie, não via nada de errado nisso. Frank era um homem bom e gentil e merecia experimentar o amor. Podia ver agora que o amor dele por ela era o de um bom amigo, de — um irmão. Concordou com a cabeça antes de parecer um pouco confusa. — Mas não saiu com aquela garota da Cooperativa?

— Só porque mamãe nos uniu. Ela logo se cansou de mim. Está noiva de alguém do balcão de queijos agora.

Ruby sentiu suas bochechas começarem a se contorcer e quando viu o brilho nos olhos de Frank, os dois começaram a rir.

— Caramba, Frank, pensei que tinha um problema com o desaparecimento de Eddie. Somos um par certo, não somos?

Eles se levantaram e se abraçaram antes de se recostarem nas poltronas e terminarem o chá.

— Quer me dizer que seus pais realmente não sabem que você é... diferente?

— O quê, eu li mais livros do que o resto da família junta, você quer dizer?

Ruby riu com ele, mas então uma grande tristeza tomou conta dela ao considerar a situação do amigo.

— Não pode fazer piadas pelo resto da vida. Não pode viver uma mentira.

— Era sobre isso que eu queria falar com você. Sei que entenderá por que quero mudar de vida e me afastar de Alexandra Road.

Ruby franziu a testa.

— Mas o que vai fazer? Aonde irá? Sentirei sua falta e de nossas conversas sobre livros. Quem me aconselhará sobre os melhores livros para ler?

Frank parecia entusiasmado.

— Bem, poderia vir comigo, se quiser.

— Ir com você..., mas onde? E George e minha casa? Meu trabalho no pub? Frank, isto tudo é um choque. Você tem um bom emprego no carvão. Por que jogar tudo fora por estar infeliz com sua vida amorosa? Por que não conta para sua família, para que possa ficar aqui?

Frank balançou a cabeça, rindo.

— Querida, doce Ruby — estou feliz com minha vida. Simplesmente cheguei a uma encruzilhada e tomei a decisão de viajar por uma estrada que significa apostar no meu futuro. Não há ninguém em minha vida no momento, e possivelmente nunca haverá. Só sei que não desejo cortejar e casar com uma mulher.

— A escolha é sua e eu respeito isso, mas como esse plano me inclui? Não tenho dinheiro para começar, e menos ainda se deixar meu trabalho e for com você. E tenho que considerar George...

Frank enfiou a mão no bolso e tirou o caderno que sempre carregava consigo.

— Deixe-me explicar. Sabe que adoro livros e pensei como seria bom trabalhar com eles o dia todo.

Ruby ficou animada.

— Quer dizer que vai escrever livros?

— Não — se eu tivesse talento, teria começado a fazer isso anos atrás. Prefiro lê-los. Quero ter uma livraria de segunda mão aqui mesmo em Erith. O que acha?

Ruby pensou por um momento.

— Acho que é uma boa ideia. Adora livros e seus clientes saberão disso pelo seu entusiasmo. Ora, poderá incentivar a leitura de pessoas que nunca compraram um livro antes. Mas onde encontraria esses livros de segunda mão para abastecer sua loja?

Frank abriu a parte de trás de seu caderno e tirou um recorte do jornal local, passando-o para ela com um sorriso.

— Algumas semanas atrás, decidi testar a água. Coloquei este anúncio no Erith Times, pedindo que as pessoas entrassem em contato caso tivessem interesse em vender seus livros. Fiquei preocupado que mamãe e papai se perguntassem por que recebi tantas cartas e comesçassem a fazer perguntas, e quisessem que lhes contasse sobre meus planos, pois quero fazê-lo no meu próprio tempo — quando tivesse as instalações seguras, e não antes. Então comecei a ficar perto da porta da frente antes de sair para o trabalho, para interceptar a correspondência. É sempre pontual. Tinha que arriscar que mamãe não perguntasse o que eu estava fazendo se alguma coisa chegasse nas outras duas entregas postais do dia, mas consegui me safar. Ruby, tenho mais de cinquenta cartas! Algumas pessoas querem se livrar de coleções inteiras de livros que pertenceram a membros falecidos de suas famílias, outras perguntaram sobre eu tirar dez ou vinte livros de suas mãos.

— Comprou algum? Algum deles foi bom? Que ótimo!

— Bem, até agora tenho cento e cinquenta livros — disse ele.

— Onde os colocou? Não é como se pudesse esconder tantos livros no seu quarto. Stella ficaria extremamente desconfiada em relação aos seus hábitos de leitura.

Frank balançou a cabeça.

— Aluguei parte de um celeiro no topo da Crayford Road. Está limpo e

seco, então servirá por enquanto. Mas precisarei de muito mais livros antes mesmo de abrir a loja, e mais do que isso para emprestá-los. Devo admitir que a ideia de uma biblioteca de empréstimo também me atrai.

— Viu alguma loja que pudesse alugar? Presumo que será bastante caro — Ruby disse pensativamente.

Frank riu. Podia ver o entusiasmo brilhando no rosto de Ruby e apreciou suas perguntas.

— Há uma loja no final da Pier Road. Falei com o proprietário e, como o imóvel está vazio há algum tempo e precisa de uma demão de tinta e de uma limpeza completa por dentro, ele disse que posso ficar com ela pela metade do aluguel nos primeiros seis meses. Claro, preciso construir estantes e arrumar o balcão — e o mais importante, preciso de alguém para trabalhar comigo.

— Ah, Frank, vai ser maravilhoso! Prometo ser sua primeira cliente e George será o segundo. Terá material de leitura para crianças, não é? Irei ajudar a limpar a loja, e hoje em dia sou habilidosa com o pincel.

— Sabia que ficaria tão animada quanto eu. Mas há uma pergunta que preciso fazer antes de tudo isso. Virá trabalhar para mim?

Ruby ficou pensativa por um breve momento. Gostava de seu trabalho no Hotel Prince of Wales, se dava bem com o proprietário e os clientes, mas não conseguia imaginar ser faxineira e fazer turnos ocasionais atrás do bar por muitos anos mais. Já estava lá há quase cinco anos e começava a sentir coceira nos pés, para variar.

— Oh, isso seria um emprego dos sonhos, mas pode se dar ao luxo de contratar uma vendedora de loja? Tudo isso vai custar dinheiro, Frank.

— Eu sei que vai. Economizei bastante ao longo dos anos e sei que posso fazer isso, especialmente com a oferta de seis meses de aluguel barato. Deverei saber até o final desse período se tenho condições de ser dono de uma livraria ou não. Vai ser uma grande aventura. Não tenho tanta certeza de que meus pais aprovarão, mas na minha idade, a maioria dos homens não mora mais com os pais e já tem esposa e família. Estou pensando em me mudar para os quartos acima da loja.

— Certamente já pensou sobre tudo isso, não é? Estou um pouco preocupada com você, no entanto. E se depois de seis meses o negócio falir? O que fará da sua vida então?

— Se não der certo, acho que posso conseguir outro emprego como contador em qualquer uma das minas de carvão locais, então não se preocupe com isso. — Frank virou as páginas de seu caderno e mostrou a Ruby seus planos. Ela podia ver o quanto havia economizado, quanto gastara em livros até agora e quanto achava que custaria para ter a loja pronta para abrir. Havia também uma nota sobre os salários que seriam pagos ao seu assistente. — Tenho dinheiro suficiente em minhas economias para sustentar o negócio por três meses. Espero até lá ter clientes suficientes. O que acha, Ruby? Poderia se tornar assistente de lojista? Talvez queira algum tempo para pensar sobre isso.

— Não preciso pensar sobre isso. É uma ideia maravilhosa, mas há um

problema — disse ela, apontando para a fileira de números que mostrava quanto Frank pretendia pagar à sua assistente por semana.

Frank olhou para ela.

— Sinto muito, Ruby, é o máximo que posso pagar. Faria mais se pudesse.

— Oh, seu idiota — ela riu. — Meu problema é que é demais! Posso viver com muito menos, Frank.

Ele pegou as mãos dela e olhou em seus olhos.

— Tem certeza? Não quero que você e George fiquem sem só porque quero brincar de lojista.

— Então vamos chegar a um acordo sobre um valor — disse ela, pegando o lápis dele e anotando uma soma que era pouco mais da metade do valor que ele havia anotado. — Ficará feliz em me pagar isso?

— Com uma condição — disse ele. — Revisaremos o valor após três meses. Isso é um acordo?

— Está combinado — disse ela, estendendo a mão para ele apertar.

Em vez disso, ele colocou as mãos nos ombros dela e deu-lhe um beijo suave na bochecha.

— Espero que isso seja puramente platônico — Ruby riu.

— Posso confirmar que é platônico — disse ele.

— Graças a Deus por isso. Sua mãe teria algo a dizer se o visse com uma “mulher elegante”, no apartamento em cima da loja — ela riu. — Agora, gostaria de outra xícara de chá para comemorar o início do seu império empresarial?

— Não, é melhor eu ir. Quero terminar o trabalho algumas horas mais cedo amanhã para ir ver a loja, então é melhor não chegar atrasado devido a dormir demais. Gostaria de vir comigo para ver?

— Não consigo pensar em nada melhor. Oh, Frank, estou tão animada por você — isso deve ser um sonho que se tornou realidade.

— Certamente é — disse ele enquanto abria a porta da frente para sair. Virando-se para encará-la no portão, lhe deu um beijo na bochecha. — Obrigado por acreditar em mim e por ser uma amiga verdadeira, Ruby. Se algum dia puder pagar de volta, eu o farei — prometeu ele.

Ruby ficou na ponta dos pés e retribuiu o beijo.

— Obrigado por me convidar para fazer parte da aventura. Estou tão emocionada por você. Durma bem, Frank — disse ela enquanto ele acenava um adeus, atravessando a rua e entrando no número quatorze.

Saindo para o corredor, Ruby fechou a porta e encostou-se nela, pensando em como seu futuro parecia brilhante agora. Ela não tinha visto as cortinas do quarto se abrirem enquanto Stella a observava beijar Frank. Também não viu o homem parado nas sombras, observando pensativo.

Bocejando amplamente, decidiu ir para a cama, a lavagem da louça poderia esperar pela manhã. Não tinha dado um passo para longe da porta quando ouviu um leve barulho na caixa de correio e um envelope caiu no capacho. Ela reconheceu a caligrafia — o redemoinho do “y” e a linha curta abaixo de

seu nome. Embora houvesse apenas uma palavra — *Ruby*, cuidadosamente escrita no meio do envelope, — esta era uma oportunidade de descobrir quem lhe tinha enviado dinheiro nos últimos cinco anos. Abrindo a porta, correu pelo caminho curto, reconhecendo o contorno da pessoa enquanto se afastava.

— Eddie! — ela gritou, alcançando-o e agarrando-o pelas costas da jaqueta. Ele se virou e olhou silenciosamente para ela, seus olhos queimando nos dela.

Ela não conseguia acreditar que este era seu marido. De alguma forma, ela o imaginou afundando nas profundezas da depravação enquanto a bebida e o jogo tomavam conta de seu corpo e mente. Em vez disso, estava barbeado, mais magro e tão bonito quanto se lembrava dos dias antes de os demônios chegarem e arruinarem seu casamento.

Ela estendeu sua mão.

— Por favor, entre. Nós precisamos conversar.

— Mas George?

— Ele está dormindo profundamente. Se ficarmos quietos, nem saberá que você está aqui... se é isso que quer?

Ele assentiu.

— Seu visitante...?

— Era Frank Green. Somos amigos, nada mais. Por favor, Eddie, entre em casa — ela implorou.

Eddie seguiu sua esposa, ultrapassando a soleira do que havia sido sua casa. Memórias de discussões passadas, sua infelicidade e sua bebida foram esquecidas quando seguiu Ruby e fechou a porta da frente.

Ruby acenou para que ele a seguisse até a sala da frente e fechou a porta.

— É improvável que George ouça você do quarto dele, nos fundos da casa. Se é assim que quer. Depois do dia agitado que teve, está dormindo profundamente.

Eddie assentiu sem dizer uma palavra.

— Eddie... por quê? — Ruby procurou uma resposta no rosto dele. — Não entendo por que saiu daquele jeito quando mamãe morreu. Ainda cuida de nós de alguma forma para deixar o dinheiro ao longo dos anos. Por favor, me diga o que aconteceu? — ela implorou.

Eddie não falou, apenas olhou faminto para o rosto de Ruby. Sabia que deveria ter ido embora e não aceitado o convite dela para entrar na casa. Sua esposa ficara mais bonita nos últimos anos.

— Meu Deus, Ruby, senti sua falta — ele sussurrou, puxando-a para si e abraçando-a.

— Ah, Eddie, isso não é um sonho, é? Voltou para sempre? — ela perguntou, sem se importar quando ele não respondeu à sua pergunta.

— Shush — disse ele antes de beijá-la suavemente.

Ruby sentiu surgirem lembranças do homem que ela amava e pensou que havia perdido. Os sentimentos que enterrara por tanto tempo voltaram à medida que seus beijos se tornaram mais intensos. Desde a primeira vez que

Eddie a beijara, sabia que estava apaixonada. Nada mais importava quando estava em seus braços; seu ato amoroso gentil despertou nela um desejo que nunca sentira por nenhum outro homem. Eddie não era o único culpado pela intensidade do amor deles, nem por Ruby ter cedido a ele tão rapidamente quando se apaixonara pelo bebê a caminho. Ruby o desejava tanto quanto ele a desejava. Se ao menos a vida não tivesse interferido, sabia que teria estado com Eddie até o fim dos tempos.

Eddie procurou os botões na parte de trás do vestido e começou a desabotoá-los lentamente com uma mão enquanto a segurava com a outra.

Ruby pensou que iria explodir com a intensidade de seus sentimentos quando seu vestido caísse de seus ombros. Afastando-se dele, lutou para controlar sua respiração.

— Aqui não, Eddie, aqui não — disse ela, pegando-o pela mão e conduzindo-o lentamente escada acima até o quarto deles, parando por um momento para ouvir qualquer sinal de que George estivesse acordando. Fechando a porta, caíram na grande cama de casal, o passado esquecido, pensando apenas no momento.

Amanheceu, trazendo raios de luz para o quarto enquanto Ruby se mexia. Ainda estava aconchegada em Eddie, a cabeça em seu peito nu. Passou os dedos delicadamente por seu peito, maravilhada com a forma como o corpo dele havia mudado em cinco anos. Agora tinha um torso cheio de músculos, a pele bronzeada e o rosto saudável. Ela sentiu-se corar ao pensar na noite e no ato de amor deles. Teria ficado satisfeita em ficar ali para sempre, mas pensamentos sobre George surgiram em sua cabeça. O que ele pensaria ao ver Eddie de volta em casa? Precisava prepará-lo para a surpresa de seu pai voltar a morar com eles. Dando uma sacudida suave em Eddie para acordá-lo, foi recompensada com um abraço de urso e um beijo que derreteu seu interior.

— Eddie, precisamos conversar sobre George e o que dizer a ele quando descer para tomar café da manhã. Será um choque ver o pai dele em casa mais uma vez.

Eddie congelou e se afastou de Ruby.

— Meu amor, não posso ficar. É muito perigoso para você me ter em casa. Prometo que voltarei quando puder, mas por enquanto preciso ir.

— O que quer dizer? Achei que voltaria para casa de vez assim que me seguisse até aqui. O que foi ontem à noite?

— Querida Ruby, isso não deveria ter acontecido. O que fizemos foi uma tolice, mas não pude resistir a você. Meu coração sempre esteve aqui com você nesta casa. Tem que acreditar em mim.

Ruby sentou-se, puxando o lençol sobre os seios nus.

— Eu não entendo. Por que continua fugindo? Não podemos viver assim. Se tornou um estranho, Eddie. Pegou o dinheiro da mamãe e quando eu mais precisei de você, simplesmente fugiu. Deveria pensar em você como um ladrão e um covarde, mas eu o amo, Eddie — disse ela, lutando contra a vontade de gritar com ele. Em vez disso, manteve a voz num sussurro intenso,

com medo de acordar George. — Fiquei com raiva por muito tempo! Os nomes que o chamei nunca deveriam ser repetidos em público. Passei noites sem dormir fumegando, depois me preocupando e ficando com muita raiva. Minha cabeça me disse para o esquecer, mas meu coração o queria de volta. Agora está aqui, e a noite passada foi como um sonho que se tornou realidade — e agora me diz que vai embora de novo? Quanto tempo vai demorar desta vez? Diga-me isso, Eddie. Como posso viver sem você?

Ele saiu da cama e Ruby desviou os olhos. Nunca havia olhado diretamente para o marido sem roupas antes, ele sempre se cobrira por respeito à sua timidez. Quando isso mudou, — houve outra mulher? Ruby precisava saber.

— Eddie, há outra mulher? — Ele se virou para olhar para ela enquanto apertava o cinto em volta da cintura. Havia dor em seus olhos.

— Como pode fazer essa pergunta? Nunca houve mais ninguém. Juro, Ruby, pela vida do nosso filho. É a única mulher para mim.

— Então por quê?

— Um dia poderei contar, mas por enquanto tenho que ir — disse ele, abotoando a camisa e pegando o paletó, que havia sido jogado no chão enquanto se despiam horas antes. Ajoelhando-se ao lado da cama, se inclinou para beijá-la. Ela estendeu a mão para puxá-lo para mais perto, mas ele lutou e se afastou. — Não, Ruby, estou indo. Tenho que fazê-lo, porque se eu ficasse, poderia colocar você e nosso filho em perigo. Por favor, acredite em mim — eu lhe contaria se pudesse, mas por enquanto, por favor, apenas preste atenção em George, para que ele não me ouça sair de casa.

Ruby agora sabia que não poderia mantê-lo ali.

— Vou me lembrar desta noite pelo resto da minha vida. Volte para mim quando puder, Eddie. Nunca haverá outro homem para mim. Aconteça o que acontecer, lembre-se de que estou aqui e esperarei por você o tempo que for necessário. — Ruby percebeu que ele estava à beira das lágrimas. — É melhor ir antes que seja reconhecido. Em breve haverá pessoas na rua indo para o trabalho, e as cortinas começarão a tremer se o virem saindo pela porta da frente.

— Vou pela porta dos fundos e seguirei pelo beco até a ponte Britannia. Se puder enviar uma mensagem para você, eu o farei. Eu a amo, Ruby — foram suas palavras de despedida.

Ruby vestiu o vestido e correu para o quarto de hóspedes nos fundos. Abrindo a cortina, viu o marido desaparecer pelo portão de madeira no final do longo jardim.

— Eu o amo, Eddie Caselton — ela sussurrou, beijando os dedos e acenando enquanto ele desaparecia de vista.



Agosto de 1910

— Você está pálida — disse Frank ao entrar na livraria pela sala dos fundos, com os braços cheios de livros. — Está indisposta?

Ruby afastou um fio de cabelo do rosto quente e se abanou, usando uma folha de papel que pegou no balcão.

— Não é nada. Estamos com pressa desde que apareceu. Sua vitrine de livros de aventura certamente atraiu compradores. F. Green Livreiro será um sucesso retumbante, posso senti-lo — ela sorriu, tentando se concentrar, embora sua cabeça estivesse começando a girar. — Está bastante quente — ela vacilou, quando seus joelhos começaram a ceder.

Frank deixou cair os livros que carregava e junto com um senhor idoso que folheava livros nas estantes de história, correu para o lado dela, quase pegando-a quando ela caiu no chão. O homem puxou uma cadeira de madeira do outro lado do balcão e ajudou Frank a deixá-la confortável.

— Poderia pegar um pouco de água, por favor? — Frank perguntou ao homem. — Há uma torneira logo depois daquela porta e encontrará xícaras na prateleira.

Ruby tentou afastar Frank.

— Estou bem... Estou bem... — murmurou.

— Você não está nada bem — Frank se agitou. — Sente-se aí e respire fundo — ele disse severamente enquanto ela tentava se levantar. — Nunca me perdoaria se adocesse enquanto trabalhava aqui. Passa muitas horas na loja e depois corre para casa para cuidar de George e fazer suas tarefas domésticas. A casa está sempre iluminada e limpa como um alfinete novo — e ainda por cima, encontrei você lá em cima arrumando os quartos vagos esta manhã. Isso não pode continuar, Ruby.

— Aqui está — disse o cliente, entregando uma xícara de porcelana cheia de água fria a Frank, que incentivou Ruby a tomar goles lentos.

— Obrigada, está um dia tão quente que fiquei um pouco abatida. Vou ficar bem agora. — Ruby sorriu para o homem, que ainda parecia preocupado. — Lamento ter interrompido sua busca. Há algo em que possamos ajudá-lo?

Frank riu.

— Nunca descansa? Servirei o cavalheiro, Ruby. Fique aí sentada e relaxe por alguns minutos, depois vou mandá-la para casa. De qualquer forma, George voltará da escola em breve.

Ruby ficou grata por poder relaxar um pouco. Desde que a loja foi inaugurada, no mês anterior, eles estavam perdidos. Frank costumava coletar

livros em endereços particulares ou participava de leilões. Ruby cuidava da loja, esperando por sua volta ao endereço da Pier Road para ver quais joias ele havia encontrado. Aos sábados, George ajudava na loja e, ocasionalmente, Donald também, por algumas horas.

Stella, entretanto, nunca chegara perto do local, desde a noite em que Frank lhe contara sobre seus planos, era como se tivesse se afastado. Nenhuma explicação de que seu sonho era ter seu próprio negócio poderia convencer sua mãe de que ele estava fazendo a coisa certa.

— Estou bem agora — me sinto muito melhor. Deve ter sido o calor que me afetou, é um dia bem fechado. Acha que vai haver uma tempestade mais tarde?

Frank olhou para as bochechas coradas de Ruby, notando que suas mãos tremiam um pouco enquanto ela segurava a xícara. Ele não se deixou enganar pelo sorriso no rosto dela. Ruby não era ela mesma há algumas semanas. Certamente havia algo errado com ela, o que o preocupava. Em circunstâncias normais, teria pedido conselhos à mãe, mas a frieza de Stella com ele naquele momento também se estendia a Ruby. Ele a viu virar as costas e raramente responder quando Ruby estava na sala. Seria porque havia desistido de um bom emprego na mineradora de carvão, — um emprego com perspectivas — para iniciar um empreendimento que poderia fracassar? Talvez tenha sido porque pediu ajuda a Ruby com a loja, e não à mãe? Trabalhando muitas horas, ainda não tinha os quartos do andar de cima da loja em Pier Road prontos para se mudar, então ainda morava com os pais. Porém, a recepção gelada que recebia sempre que estava em casa fazia com que se afastasse o máximo possível. Frank fechara os ouvidos para Stella, aconselhando-o a voltar ao seu emprego seguro na mineradora. Quanto mais resistia ao conselho dela, pior ficava a atmosfera.

O senhor mais velho aceitou suas compras, agora embrulhadas em papel pardo e cuidadosamente amarradas com barbante, e guardou o troco no bolso.

— Espero que sua esposa se sinta melhor logo — disse ele. — Ela precisa manter os pés mais levantados. Minha esposa era a mesma quando esperava nossas crianças.

O queixo de Frank quase bateu no chão enquanto considerava as palavras do homem. Certamente não? Tomando nota das compras, desejou boa tarde ao homem. Ele voltou para onde Ruby estava sentada, olhando para o nada. Deveria ter ouvido a conversa. Olhou para Frank quando ele colocou a mão em seu ombro.

— Ele tem razão. Tenho certeza de que estou esperando um bebê.

— Quem... quando...? — Frank perguntou, parecendo confuso. — Não tinha ideia de que tinha um amigo homem, muito menos...

Os olhos de Ruby brilharam com lágrimas não derramadas.

— É do Eddie.

— Mas não o vê há anos. Achei que ele tivesse desaparecido da sua vida.

Ruby pegou a mão de seu querido amigo e apertou-a com força.

— Cinco anos. Fazia cinco anos que não o via e, uma noite, há alguns meses, apareceu na minha porta. Ele mudou, Frank. Parecia que o bom homem com quem me casara tinha voltado.

— Se ele é um bom homem, por que a amou e a deixou? — ele perguntou amargamente. — Esse não é o comportamento de um marido decente.

— Não sei. Ele não disse — Eddie mencionou que me colocaria em perigo se eu soubesse. Tenho certeza de que voltará para mim um dia...

— Enquanto isso, ele a deixa sozinha para carregar um filho enquanto cria outro?

— Por favor, não fique com raiva. Preciso de amigos mais do que nunca agora. Eu teria contado à sua mãe sobre o bebê, mas ela parece ter se voltado contra mim.

— Não é só você — respondeu Frank, apertando a mão dela. — Parece que não sou o filho favorito dela no momento — ele riu asperamente. Stella costumava dizer aos três meninos que eram seus favoritos, tinha sido o mesmo desde que conseguia se lembrar. — Estou preocupado com sua reputação. Uma mulher com um filho, que foi abandonada pelo marido, pode ser julgada com bastante severidade aos olhos de algumas pessoas, mas uma mãe abandonada carregando um filho pode ser vista como algo diferente. Não sou de me preocupar com o que as pessoas dizem, mas vamos ser sinceros: sou um cara de trinta e poucos anos que nunca se casou. Parece que temos que nos ajustar às ideias das pessoas sobre a maneira correta de viver. No meu caso, é mulher e filhos, e no seu caso, deveria ser uma mulher digna e criar um filho sozinha.

Ruby concordou.

— As pessoas podem ser tão críticas. Faço uma cara dura, mas por dentro... isso dói. Moro ao lado de alguém que parece a mulher mais preconceituosa do mundo, mas por frequentar a igreja e viver uma vida santa, ela me faz parecer a filha do diabo. Estou preocupada com o que as pessoas vão pensar quando virem que estou grávida.

Frank passou o braço em volta de Ruby.

— Eu sempre estarei aqui para você. Não tenho certeza de quão bem serei com o bebê, mas tentarei ser o melhor tio que puder.

— Também estou preocupada com você, Frank. Isso pode afetar sua reputação.

Frank ficou intrigado.

— O que quer dizer? Não é como se eu e você...

— Mas as pessoas podem presumir que é seu. Estamos sempre juntos, e alguns acham estranho que um homem e uma mulher sejam bons amigos e nada mais.

Seu rosto ficou pálido.

— Não tinha considerado tal coisa. Sinto muito se minha amizade a colocou nessa posição. Que tarefa! — Ele pensou por um momento. — Talvez eu devesse me oferecer em casamento. Seríamos ambos considerados

respeitáveis.

Os olhos de Ruby se encheram de lágrimas.

— Essa é a oferta mais gentil que alguém já me fez. Por mais que eu ficasse honrada em aceitar seu gesto gentil, há uma mosca na sopa: Eddie. — Ela sorriu para Frank, presumindo que ele não estava falando sério.

Frank puxou uma cadeira para perto dela, verificando se não havia ninguém prestes a entrar na loja. — Estou falando sério. Aqueles que a conhecem sabem que Eddie a abandonou há cinco anos. Todos podem ver que estamos perto e se estão somando dois mais dois de qualquer maneira... por que não os deixar ver uma solução para o problema e presumir que somos um casal?

— Você faria isso por mim? — Ruby perguntou, sentindo-se tocada por ele estar sendo tão atencioso.

— É para nós dois. As pessoas parariam de sussurrar sobre mim e você não seria evitada ou alvo de fofoca. Se achar uma boa ideia, posso me mudar para sua casa e assumir o papel de seu marido, embora continuemos solteiros caso Eddie volte.

— Isso pode ficar muito confuso — disse Ruby, balançando a cabeça. — Odiaria que Eddie pensasse que fui infiel a ele, mas sua sugestão faz sentido. E tenho um quarto extra...

— Não há como avisar Eddie? Se souber da sua condição, pode até voltar para sempre. Que homem não faria isso se soubesse que teria outro filho a caminho?

— Um homem que está se escondendo de alguma coisa... ou de alguém — Ruby apontou. — Não tenho ideia de onde ele está. Eddie apareceu apenas uma vez, depois de cinco anos, e isso foi inesperado. Pode levar mais cinco anos até que eu o veja novamente! No entanto, não consigo administrar isto sozinha. Tenho certeza de que, se Eddie voltar, entenderá por que se mudou e está fingindo ser meu marido. Mas seremos capazes de cruzar essa ponte ao chegarmos a esse ponto?

Frank caiu de joelhos e pegou a mão da amiga.

— Ruby Caselton, me dará a honra de ser minha falsa esposa, até que a morte nos separe?

Ruby estremeceu quando um arrepio percorreu suas costas.

— Pelo menos até Eddie voltar — ela sorriu, beijando-o na bochecha. — Meu querido Frank, o que eu faria sem você?



28 de fevereiro de 1911

— Ora, ela é a cara do pai — disse Stella, inclinando-se sobre o berço onde o bebê Pat dormia. Com apenas três dias de vida, era a criança mais contente que se possa imaginar e adorada pela família.

Ruby prendeu a respiração. Stella estava se referindo a Eddie ou a Frank?

— Frank tinha a mesma cor de cabelo quando nasceu — sorriu a amorosa avó.

Ruby soltou um suspiro silencioso. Seu relacionamento com Stella voltou ao normal no dia em que ambos visitaram os pais de Frank para anunciar que estavam esperando um filho e que ele se mudaria para o número treze. Stella se preparou para a chegada do bebê, com toda a dedicação, tricotando e costurando até que o feto tivesse o maior enxoval possível. Enquanto isso, Wilf desapareceu em seu galpão para trabalhar em um berço de madeira com gravuras intrincadas de navios e do rio.

— Ele quer que a criança seja um isqueiro — Frank brincou.

— Devo dizer que tive a sensação de que esse dia chegaria — disse Stella com um brilho nos olhos.

— Ela tinha que sair algum dia — Ruby riu de onde estava deitada na cama. — Embora tenha havido um tempo em que pensei que estava carregando um bebê elefante.

— Quis dizer vocês dois. Certa noite, vi meu Frank saindo de sua casa, tarde da noite, há cerca de nove meses. Estava olhando pela janela do meu quarto naquele momento. Esperava que houvesse algo acontecendo entre vocês, embora nada tenha sido mencionado, e comecei a desaprovar seu sigilo. A certa altura, pensei que estava apenas usando meu filho porque seu marido a havia abandonado. Ruby pode me perdoar?

Ruby sentiu suas bochechas começarem a queimar. Essa foi a noite em que Eddie apareceu — logo depois que Frank saiu, quando conversaram pela primeira vez sobre a livraria. Graças a Deus Stella não continuou vigiando sua casa, ou teria visto a chegada de Eddie minutos depois.

— Não há nada a perdoar — e eu não percebi sua desaprovação — disse ela, cruzando os dedos sob as cobertas para expiar uma mentira tão descarada.

— Obrigada por batizá-la com o nome da minha mãe. Eu teria feito o mesmo se um dos meninos fosse uma menina. Em vez disso, todos levam os nomes do meu pai e dos irmãos dele.

— Não se esqueça que o segundo nome dela é Stella, em sua homenagem. É para agradecer toda a ajuda, principalmente quando minha Sarah nasceu. Não teria conseguido se não estivesse lá.

— Fiz o que qualquer amiga faria — Stella sorriu. — Estou surpresa que não tenha chamado esta pequena senhorita pelo mesmo nome.

Ruby ficou horrorizada.

— Não, só terei uma filha chamada Sarah. Ela é tão real para mim quanto esta pequenina — disse Ruby enquanto Pat se mexia no berço.

— Quando eu tiver filhos, chamarei a primeira menina de Sarah — disse George enquanto subia na cama dela e se aconchegava.

Ruby e Stella riram de suas palavras.

— Primeiro tem que encontrar um emprego e depois uma garota que esteja disposta a se casar com você — Ruby disse enquanto fazia cócegas nele até George ter ataques de riso.

— Alguém logo vai agarrá-lo — Stella sorriu. — Ele é um rapazinho tão bonito. O que acha que fará quando sair da escola, George?

— Vou trabalhar na Vickers e construir coisas — respondeu ele, sério. — A Sra. Grant disse que o marido dela me daria um emprego.

Stella lançou a Ruby um olhar confuso.

— Sra. Grant?

— É uma história um pouco longa, mas de certa forma, você e Sarah tiveram um papel importante no nosso encontro com a senhora. — Ruby continuou explicando o encontro deles com a mulher no cemitério, e sua benevolência ao longo dos anos, enquanto demonstrava interesse em George. — Ainda nos correspondemos regularmente, embora hoje em dia seja principalmente George quem escreve. Ela também se tornou uma cliente muito boa na livraria de Frank, recomendando a muitos de seus amigos que a visitassem e fizessem compras.

Frank se juntou a eles e sentou-se na beira da cama de Ruby. Sabendo que Ruby receberia visitas, transferiu algumas de suas roupas do quarto para o guarda-roupa dela e colocou seu kit de higiene em cima de uma cômoda. Para todos os efeitos, parecia que dividiam um quarto e uma cama.

— Foi a Sra. Grant quem sugeriu que eu dedicasse uma seção da loja aos livros de antiguidades. Traz clientes diferentes.

— Não se esqueça da minha ideia — George disse.

— Diga — Stella sorriu para o rapaz.

— Livros que foram muito lidos e manuseados e que colocamos fora em cestos para as pessoas pobres vasculharem — disse ele seriamente. — Nós os vendemos por um centavo cada.

— Vejo que está ouvindo Frank e aprendendo as palavras certas para vender livros — Ruby disse indulgentemente.

— O rapaz é um empresário — declarou Stella.

— O que é isso? — ele perguntou.

— Alguém que irá longe e será muito rico. — Ruby sorriu para seu menino inteligente.

— Gosto do som disso — exclamou ele.

E Stella riu.

— Em breve mudará o nome da sua loja para Frank Green and Son, meu filho — disse ela enquanto segurava as mãos de George para ajudá-lo a se levantar da cama. — Tem o início de uma dinastia, Frank.

Ruby abriu a boca para corrigir Stella, mas pensou melhor. Uma tristeza tomou conta dela ao pensar em Eddie e na rapidez com que parecia ter sido esquecido pelo próprio filho.



22 de junho de 1911

Eddie marchou pela Manor Road com agilidade, era a primeira vez que ele fazia isso em muito tempo. Sua vida estava prestes a virar uma esquina. Depois de ficar tanto tempo longe da esposa e do filho, sentiu que logo poderia retornar ao seu lugar de direito como chefe da família residente no número treze. A ideia de que Ruby ainda o amava, como lhe garantira durante

a última visita, trouxe alegria ao seu coração.

Cedric Mulligan estava morto — morto a sangue frio por alguém que lhe devia muito dinheiro e não podia pagar. Muitos segredos foram enterrados junto com ele, mas assim que Eddie fosse à polícia com suas evidências, a dureza de sua vida finalmente seria eliminada. Querendo morar mais perto da esposa, na primavera daquele ano se tornou inquilino na Arthur Street, no bairro conhecido como Northend, do outro lado de Erith. Embora a apenas dez minutos a pé, poderia ser o outro lado do mundo, no que diz respeito à sua esposa, pois ficava longe do centro da cidade e ele sabia que Ruby nunca teria motivos para visitá-la. Sim, era um risco viver ali, mas ele correria muitos riscos desde o dia em que deixou Alexandra Road, há seis anos.

Seu trabalho agora era honesto, embora cansativo, mas se sentia em forma, saudável e em paz consigo mesmo. Ao longo dos vários empregos que tentou, descobriu que gostava de trabalhar ao ar livre tanto quanto possível. Desde o tempo mais quente, ele conseguiu um bom emprego trabalhando em uma das olarias nos pântanos perto do rio. Fazia parte de uma equipe que produzia tijolos que eram usados localmente ou transportados pelo rio para todas as partes do país. A desvantagem desse trabalho era que, quando o tempo estivesse mais frio, o trabalho seria interrompido até a primavera seguinte, pois não era possível produzir tijolos quando o tempo estava úmido ou frio. Mas Eddie sabia que agora conseguiria encontrar mais trabalho perto de casa. As pessoas tendiam a ter memória curta e, depois de vários anos longe, tinha certeza de que seus erros anteriores teriam sido esquecidos. Com novos negócios e lojas surgindo por toda a cidade, a vida e o futuro de Eddie pareciam bons. Foi por isso que ele se arriscou a sair para ver Ruby durante o dia, em vez de ficar escondido tarde da noite, deixando cair um ou outro envelope na caixa de correio dela.

Embora ainda não estivesse pronto para voltar para a casa deles, ele o faria assim que transmitisse as informações que conhecia à polícia. Eddie seria capaz de colocar as cartas na mesa, explicando a Ruby mais sobre porque fugira. Ele também queria conhecer novamente seu filho. Sentia falta de ver George crescer e desejava reparar qualquer dano que já tivesse sido feito.

Chegando à esquina da Alexandra Road, parou ao lado de uma cerca. Parecia haver um grupo de pessoas saindo do número treze e indo em direção ao fim da rua. Ele franziu a testa ao ver Ruby empurrando um carrinho de bebê, com um homem colocando a mão no ombro de George de maneira paternal. Eddie reconheceu uma mulher mais velha — Stella Green do outro lado da rua — e não eram Derek Green e seu irmão mais novo seguindo atrás? Eddie conhecia Derek como um dos líderes da equipe nas fábricas. Embora não trabalhassem juntos, eles já haviam se cruzado. Eddie trocou uma palavra tranquilamente, pedindo a Derek que não mencionasse a Ruby que o tinha visto ou trabalhado com ele. Havia explicado que sua vida era complicada e que estava fazendo o possível para reparar qualquer dano causado. Em troca, Derek disse a ele que não estava interessado no seu passado ou nos negócios

de Ruby, então não mencionaria que o viu ou levaria qualquer mensagem. Isso tranquilizou Eddie e, desde então, os homens assentiram amigavelmente ao passar, com Eddie confiante de que sua presença em Erith não seria mencionada.

— Tem certeza de que não quer ir com Frank, George e os rapazes? Posso cuidar de Pat durante o dia — disse Stella enquanto tentava pegar o carrinho. Ruby se manteve firme, segurando a alça com força.

— Sei o quão movimentada será a capital e, para ser sincera, prefiro ficar aqui e cuidar da minha filha. Vá, Stella. Vai gostar de ver a pompa, as multidões e toda a realeza estrangeira em suas carruagens. Tenho certeza de que os homens encontrarão um bom lugar para que você possa ver tudo. Seria uma pena perder isso. Quem sabe quando o próximo rei será coroado?

— E eu, não sendo uma galinha, posso não ver outra — disse Stella com bom humor. — Se tem certeza, então irei com eles e sei que vou me divertir. Suponho que possa ter um dia tranquilo enquanto levamos George conosco.

Ruby sorriu com o comentário de Stella. Pretendia abrir a livraria pela manhã e tudo continuaria normalmente. Pat dormiria profundamente em seu carrinho de bebê e poderia arrumar a loja e vender alguns livros. Isso surpreenderia Frank em seu retorno, pois ele colocara uma placa na janela informando que estariam fechados naquele dia devido à coroação. Haveria uma festa de rua em Alexandra Road no final da tarde, assim que Ruby voltasse para casa, pegaria o bolo que havia feito para o chá das crianças e se divertiria socializando com os vizinhos. Ela se perguntou se George preferiria ficar e se juntar às outras crianças, mas sua proximidade com Frank era tamanha que o rapaz aproveitou a oportunidade de ir com ele para Londres. George havia falado muitas vezes sobre quando foram no ano passado prestar suas homenagens ao rei Eduardo e sobre querer ver o novo rei com todas as suas vestes e adornos. Todos os livros que tinham na livraria sobre a realeza, reis e rainhas do passado o fascinavam. Ele se tornou um conhecedor do assunto e, no outono, quando se mudou para a grande escola em Crayford, Ruby sabia que os interesses do filho o ajudariam no aprendizado. George absorveu o conhecimento com tanta facilidade que Ruby sabia que ele iria gostar de sua nova escola.

Ruby caminhou com eles até o Wheatley Hotel e depois acenou em despedida enquanto o grupo atravessava a rua em direção à estação. Ficou um pouco confusa ao ver que Derek parecia ficar olhando por cima do ombro e se perguntou se havia uma jovem envolvida em sua vida, talvez ela também estivesse indo para Londres para assistir à coroação. Ruby gostava de Derek, era muito reservado e trabalhava muitas horas. Seria um bom marido para alguém um dia.

Virando o grande carrinho, voltou pela Pier Road, parando em frente à livraria. As duas janelas de cada lado da porta brilhavam ao sol do início de junho, e a exibição de livros atraía os transeuntes a passar pela soleira e folhear. Subindo o carrinho pelo pequeno degrau, destrancou a porta e

respirou o cheiro de livros velhos e cera de lavanda. Quando não estava atendendo os clientes, Ruby gostava de polir as estantes de madeira e o balcão até que brilhassem. Adorava seu trabalho com o amigo; o único problema foi enganar sua família fazendo-a pensar que eram um casal adequado e que Pat era filha de ambos. Mas Frank entendeu perfeitamente quando a certidão de nascimento de Pat mostrava Eddie como o pai. Stella já estava insinuando mais netos, o que o envergonhou imensamente. Ruby o ouviu mais de uma vez dizer à mãe que estavam mais do que felizes com George e Pat em sua pequena unidade familiar, — e que tinham um negócio para administrar, então ela poderia, por favor, parar de pedir mais. Mas Stella só ouvia o que queria ouvir, e essa era a palavra “família”. Na sua opinião, os casais jovens tinham muitos filhos, por que deveria ser diferente para seu filho? Ela também mencionou a possibilidade de Ruby pedir o divórcio, tendo sido abandonada por Eddie. Ruby não se deixou levar pelo assunto, enquanto uma expressão triste assombrava os olhos de Frank.

Sem nenhuma nuvem de chuva no céu, Ruby carregou as cestas de livros baratos e as colocou na larga calçada em frente à loja. Frank decidiu que todo o dinheiro proveniente da venda desses livros deveria ser repassado a George, — afinal, fora ideia dele vender livros que não fossem tão perfeitos, embora as palavras estivessem intactas. Ele ressaltou que muitas pessoas só queriam ler a história, então, se isso ajudasse alguém que normalmente não poderia pagar nem mesmo um livro de segunda mão, o jovem George consideraria isso um trabalho bem executado. Uma velha lata de tabaco mantida sob o balcão era onde todos os centavos eram jogados. Sempre que Frank trazia um novo estoque de livros depois de visitar clientes, George sentava-se no chão, examinando-os um por um, retirando aqueles que considerava indignos de serem colocados nas prateleiras. Estes ele os requisitava para seus cestos. Ruby e Frank começaram a chamar sua seção da loja de “cestas do George”. Numa das janelas salientes havia uma seleção de livros para crianças e, quando George não estava na escola, gostava de supervisionar esses livros e muitas vezes podia ser encontrado explicando aos pais e aos filhos o que gostava nas publicações. Frank havia colocado uma seleção de livros de não ficção nas proximidades, para leitores mais jovens que ainda estavam na escola. Ruby, impressionada com o interesse do filho pela leitura, incentivou-o a escrever algumas palavras sobre os livros que lera e porque gostara deles. Elas ficavam na frente de cada livro e se tornaram bastante populares. Recentemente, um repórter do Erith Times visitou a loja. Seu objetivo era entrevistar Frank sobre o negócio, mas, ao ver George em ação, acabou entrevistando o rapaz também. Em nenhum lugar poderia ser encontrada uma mãe mais orgulhosa do que Ruby. No dia em que a entrevista saiu no jornal, Frank riu ao ver que ela havia comprado seis exemplares. Disse a Frank que queria mostrar aos filhos e netos de George como era jovem quando começou no mundo dos negócios.

No fundo de sua mente, se lembrou da oferta da Sra. Grant sobre George

trabalhar na Vickers quando tivesse idade suficiente. Ainda se correspondia frequentemente com a senhora, assim como George, e visitara seu Círculo de Mulheres na Christ Church para conversar sobre ser mãe e esposa de um livreiro. A Sra. Grant estava ciente das circunstâncias de Ruby, mas optou por encobrir essa parte de sua vida. As pessoas queriam falar sobre livros. As senhoras abastadas do grupo puderam oferecer livros antigos de que já não necessitavam, embora Ruby achasse divertido que depois da sua palestra mais do que algumas senhoras viessem fazer compras. Uma senhora comprou uma série completa de livros encadernados em couro vermelho porque disse que ficariam lindos em sua sala de estar. Parecia que os livros não seriam lidos, mas simplesmente necessários para caber na decoração. Ruby encolheu os ombros, no fim das contas, era uma liquidação.

Depois de arrumar as cestas, ouviu seu nome ser chamado do outro lado da rua.

— Sra. Green, estou surpreso em vê-la abrir hoje. Por que não está em Londres assistindo ao desfile da coroação?

Ruby se acostumou a ser chamada de “Sra. Green” e não se preocupou mais em corrigir as pessoas. Em vez disso, sorriu para uma de suas clientes habituais.

— Olá, Sra. James. Decidi ficar em casa com Pat e abrir a loja pela manhã. Vai comemorar hoje?

— Sim, vamos dar uma festa de rua. — A Sra. James atravessou a rua para se juntar a Ruby. — Estou prestes a começar a fazer sanduíches para as crianças, embora sinta que os olhos deles ficarão mais atraídos pelos bolos. Será um trabalho esplêndido. Uma vizinha está empurrando seu piano para o jardim da frente para que possamos cantar também.

— Que alegria — Ruby respondeu enquanto tirava a poeira da saia. — Nós também vamos dar uma festa de rua, mas não tenho tanta certeza sobre um piano e uma canção. — Ela se perguntou brevemente se sua própria vizinha intrometida lhe ofereceria um piano, mas, na verdade, só era usado para cantar hinos, pelo que sabia ao ouvir as músicas através da parede adjacente. — Eu adoraria um piano para a nossa sala — não que eu saiba tocar. Gostaria que George aprendesse. Parece um hobby muito sociável, e há muitas ocasiões em reuniões familiares em que seria agradável ficar ao redor do piano e cantar.

As mulheres continuaram a conversar sobre isso e aquilo antes que a Sra. James entrasse na loja para ver Pat e fazer uma compra.

Eddie ficou algum tempo parado no final da Alexandra Road, pensando no que fazer. Uma coisa era certa, Ruby não apenas seguira em frente com sua vida, mas também tivera um filho com outro homem. Sentiu suas esperanças e sonhos se despedaçarem ao seu redor. Parecia que ele também havia perdido George — mas então, quem era o culpado? — Ninguém além de mim — murmurou para si mesmo.

Sem saber o que fazer a seguir, foi atrás do pequeno grupo de homens, mantendo-se o mais afastado possível para o caso de ser avistado. Uma vez,

enquanto atravessavam a rua, ficou preocupado que Derek o tivesse visto, mas o homem mais jovem nunca acenou ou gritou, então talvez estivesse errado. Teve que correr para um beco ao lado das lojas quando Ruby acenou para o grupo e voltou. Ele se perguntou se deveria falar com ela, agora que estava sozinha...

Angustiado com o que viu e imerso em pensamentos, Eddie sentou-se no muro mais adiante na rua e observou enquanto ela entrava em uma livraria. Ficou surpreso ao vê-la deixar o carrinho dentro da loja e levar livros e cestas para a calçada. Parecia uma coisa estranha de se fazer. Talvez trabalhasse lá, e nesse caso iria falar com ela desde que não houvesse clientes presentes. Criando coragem, se aproximou da loja — apenas para recuar quando uma mulher a chamou do outro lado da rua. Já se sentindo miserável, sua vida ficou ainda pior quando ouviu Ruby ser chamada de Sra. Green. Olhando para a livraria, viu a placa na vitrine: Frank Green. O filho mais velho de Stella.

No fundo, Eddie sabia que tudo o que havia dado errado no casamento deles era obra sua, mas ainda assim sentia raiva de Ruby por se apressar em outro casamento. Era uma decepção, especialmente depois de todas as promessas que Ruby fizera a ele na última noite juntos. Não tinha certeza de como ela tinha conseguido se casar legalmente, mas então, o que sabia sobre o divórcio, já que não havia se deparado com isso antes? Ninguém sabia onde Eddie morava agora, então ninguém poderia contatá-lo sobre essas coisas.

Ele observou Ruby enquanto ria e conversava com sua cliente antes de voltarem juntas para a livraria. Cheio de raiva e autopiedade, deu as costas à mulher que amava de todo o coração e dirigiu-se pela cidade até seu alojamento.

Ele continuaria trabalhando em Erith, não via sentido em deixar as fábricas de tijolos. Sua pensão era limpa e confortável, então permaneceria, mas não faria nenhum esforço para entrar em contato com Ruby ou George novamente. Estavam perdidos para ele para sempre.



Agosto de 1914

Ruby recostou-se na poltrona e tentou respirar lenta e profundamente. O país esteve em suspense nas últimas semanas desde que o Arquiduque Franz Ferdinand foi morto ao lado da sua esposa. Os rumores de guerra eram abundantes e a ideia do que o futuro reservava era tudo o que se podia falar. No entanto, não era isso que a preocupava, mas o fato de que George não parecia estar se adaptando ao seu aprendizado na Vickers.

A Sra. Grant cumpriu sua palavra à medida que se aproximava o mês em que George deveria deixar a escola. Graças à influência dela, ele assistiu a diversas entrevistas na grande e extensa fábrica do outro lado de Erith. Ela deu boas palavras ao marido, que era um gerente sênior e bem-conceituado. Ruby, geralmente a mais corajosa da família, estava muito nervosa, este era o futuro de seu filho em jogo, tudo o que ela sonhava desde aquele dia em 1905, quando conhecera a Sra. Grant no cemitério de Brook Street. O interesse da mulher por George nunca vacilara e, ao longo dos anos, os dois formaram um vínculo estreito.

Após a primeira entrevista, Ruby sentiu-se incapaz de retornar aos escritórios ligados à movimentada fábrica, pois seus nervos a dominaram. O tamanho e o número de pessoas que trabalhavam lá eram assustadores. Em vez disso, foi Frank quem acompanhou George e ficou esperando enquanto ele realizava teste após teste, verificando sua inteligência e habilidade com números. Sem boas notas não poderia se formar engenheiro. George gostou da primeira experiência de visitar a empresa. Foi educado e cortês com os gerentes que conheceu e demonstrou grande interesse, fazendo perguntas durante o passeio pela fábrica. Não é de admirar que apenas uma semana depois tenha chegado uma carta informando-o de que lhe seria oferecido um estágio de aprendizagem. Sua jornada de trabalho seria longa e, durante seu treinamento, ele progrediria de departamento em departamento, aprendendo todas as habilidades necessárias para torná-lo um engenheiro competente.

Quando chegou o dia de começar a trabalhar, ele acordou cedo, ansioso para caminhar até a fábrica. Ruby havia feito sanduíches, embrulhando-os em papel vegetal antes de guardá-los em uma caixa de lata, não o veria passar fome durante o longo dia. Como o salário de George seria muito pequeno, ele perguntou se ainda poderia ajudar ocasionalmente na livraria. Frank concordou, embora Ruby achasse que seria muito trabalhoso para o rapaz, que também precisava estudar para aprender seu ofício. Ela prometeu que as vendas das cestas de livros ainda seriam dele. Cada pouquinho ajudaria.

George estava ansioso para trabalhar duro. O que Ruby não havia levado em conta era o fato de que, como o garoto mais novo, seria alvo de muitas piadas dos homens, e as pegadinhas eram frequentemente distribuídas aos novos aprendizes. Ele aceitou tudo com boa vontade, contando à mãe sobre as pegadinhas e sobre seu trabalho. Mas ontem chegara em casa com o lábio inferior tremendo enquanto explicava como o último truque o havia derrubado. Recebera a importante tarefa de ir ao departamento de lojas para pegar um pouco de tinta e sentiu orgulho de que os trabalhadores confiassem nele. Foi só quando o lojista riu alto antes de explicar gentilmente que não existia “tinta xadrez” que George percebera que havia sido enganado. Felizmente, o lojista foi gentil e o mandou de volta à oficina de engenharia com a tarefa de contar ao curinga principal que seu pedido de um martelo de vidro acabara de chegar. Ruby sorriu quando George explicou que ele havia seguido o truque, ganhando alguns amigos entre os trabalhadores mais velhos. Ruby percebeu que a transição de estudante para trabalhador estava sendo difícil para George. Esperava e rezava para que hoje fosse mais fácil para seu filho.

Olhando o relógio sobre a lareira, foi buscar o casaco e a filha, que brincava no jardim. Era hora de abrir a livraria. Frank estava participando de uma venda de casas, onde esperava adquirir uma seleção de títulos para o ramo de antiquários do negócio. Pelo menos, sendo terça-feira, a cidade estaria tranquila, pensou consigo mesma.

Ruby havia posicionado os expositores de livros e colocado Pat no chão, na sala dos fundos, com sua boneca de pano. Estava pensando em colocar a chaleira no fogo quando Stella, sem fôlego, entrou na loja.

— Ruby nunca vai adivinhar o que aqueles idiotas fizeram? — disse ela, encostada em uma estante, tentando recuperar o fôlego. — Depois de passar a maior parte da tarde de ontem em Londres, querendo fazer parte da multidão que esperava por notícias sobre a possibilidade de irmos para a guerra, e comemorando como se não houvesse amanhã, eles entraram em casa pedindo seu café da manhã. Agora acham que vão para Woolwich se alistar como rei e país e lutar contra os hunos!

Ruby franziu a testa enquanto empurrava uma cadeira para Stella se sentar.

— Quer dizer que Derek e Donald estão se juntando? Por quê?

Stella parecia confusa.

— Quer dizer que não ouviu? Segundo todos os relatos, foi anunciado às onze horas da noite passada. É por isso que os meninos e seus companheiros estavam do lado de fora do Palácio de Buckingham à espera de notícias. Posso entender a inscrição de Derek, — não fala de mais nada há semanas. Diz que os rapazes da olaria também vão se juntar, mas meu Donald ainda é um bebê aos meus olhos. Não quero que seja morto por aqueles húngaros assassinos. — ela olhou ao redor da loja. — Onde está

Frank? Não diga que foi com eles?

Ruby sentiu como se sua cabeça estivesse girando. Não tivera tempo de

olhar a primeira edição do jornal, que ainda estava sobre o balcão. Ao pegar o papel dobrado, só precisou olhar as manchetes para ver que Stella estava certa: o país estava em guerra. Ruby desabou no outro assento. Embora esperasse que isso acontecesse, o choque a atingira com força.

— Frank foi a um leilão, — saiu mais cedo. Espero que volte no meio da manhã, pois os livros que lhe interessaram são alguns dos primeiros lotes. Vai conseguir uma carona com alguns compradores de móveis de Dartford que tem interesse em conhecer. Por que os rapazes foram a Woolwich para se inscreverem?

Stella encolheu os ombros.

— Parece que é onde tudo é feito. Deus sabe por quê. Implorei para que não fossem, mas estavam muito animados e cheios de si quando saíram correndo. Tive uma sensação de mau pressentimento enquanto os observava da porta. Queria correr atrás deles e arrastá-los de volta. Pude ver um grupo da olaria rondando, esperando na esquina da rua. A excitação era tanta que qualquer um pensaria que estavam saindo para beber um copo no litoral, em um dos navios de recreio.

Ruby ficou consternada com o que Stella lhe contou.

— Ah, idiotas, idiotas. — Ela respirou fundo e levou as mãos ao rosto, como se quisesse bloquear a notícia. — Não posso professar ser uma especialista em todas essas coisas de guerra, mas pensei que o governo chamaria os homens se quisessem que eles se alistassem no exército.

— Não, há um sujeito chamado Kitchener dizendo que o país precisa deles para lutar agora e acabar com os inimigos. Se eu colocar as mãos naquele maldito sujeito, vou dar-lhe o que merece, tirando nossos rapazes de nós assim.

— Não fique tão chateada — Ruby disse enquanto Stella começava a chorar. — Deixe-me pegar uma xícara de chá para você e pensaremos sobre tudo isso. Pode não ser tão ruim quanto diz. Talvez quando Derek e Donald voltarem possamos conversar seriamente com eles e fazê-los reconsiderar o que fizeram.

— Será tarde demais. Depois de receberem o xelim do rei, não poderão mudar de ideia.

Ruby não sabia o que dizer, parecia tão definitivo.

— Talvez não dure muito e haverá apenas um monte de políticos gritando e berrando uns com os outros. Ora, Polly, na mercearia, disse outro dia que, se houver uma guerra, tudo acabará no Natal.

— Não presto atenção nela, — o que Polly sabe? Desde que Franz Ferdinand foi assassinado junto com sua esposa, tenho a sensação de que haveria problemas. Sabe como são os homens. Não podem deixar esses países estranhos para brigar entre si, têm que enfiar o nariz sangrento. E agora vou perder meu Donald e meu Derek — ela lamentou, estendendo a mão para agarrar a de Ruby. — Faça o que fizer, não deixe Frank se juntar a seus irmãos.

Ruby não gostava de política com outros países.

— Mas isso aconteceu num lugar chamado Sarajevo. Só sei disso porque George mencionou o nome do lugar. Não entendo como nos envolvemos. — Desejou ter ouvido agora quando Frank tentara explicar sobre os países que defendem uns aos outros e os ultimatos e ameaças de guerra. Estava ocupada tricotando um cardigã para Pat naquela época e o assunto entrou por uma orelha e saiu pela outra. — Deixe-me pegar aquele chá. — Foi tudo o que conseguiu pensar em dizer. — Pat, por que não mostra seus desenhos para a vovó Stella? Tenho certeza de que gostaria de vê-los — disse Ruby antes de desaparecer nos fundos da loja. Sabia que iria partir seu coração se seu George fosse para a guerra, então podia entender como Stella se sentia naquele momento. Ainda considerava Donald um jovem, mas ele tinha idade suficiente para se inscrever. Mesmo assim, os rapazes deveriam ter pensado nos pais antes de ficarem tão esquentados e saírem correndo daquele jeito.

Depois de beber o chá em silêncio, sem nenhum sinal de clientes aparecendo, Ruby decidira fechar a loja e ir para casa. Afinal, quem iria querer comprar um livro no primeiro dia em que o país estivesse em guerra? Ao voltarem pela Pier Road, virando uma esquina para entrar na rua principal, perceberam que a maioria dos lojistas tivera a mesma ideia. Ruby parou para pegar outro jornal, caso houvesse mais alguma notícia. No fundo, pensou que seria uma boa ideia separar o papel e guardá-lo. Não era sempre que notícias tão importantes eram anunciadas, e pretendia guardá-las para o futuro.

Frank rira dela quando guardara um exemplar do jornal do dia da coroação. Depois que Ruby lhe explicara que um dia isso seria história e que as crianças poderiam estar interessadas em olhar para trás para ver como era a vida naquela época, ele concordara e até encontrara uma caixa adequada. Ruby colocou seu souvenir lá dentro, guardando a caixa debaixo da cama. Então pensou em sua mãe, lembrando-se de como Milly também guardava coisas preciosas debaixo da cama.

Neste instante sua mente se voltou para Eddie. Onde está agora? Pensou antes de dizer em voz alta: — O que mamãe teria pensado hoje, eu me pergunto?

Stella deu um sorriso irônico.

— Sua mãe teria muito a dizer sobre isso, amor, assim como nós. Não se esqueça de que ela perdeu o marido na guerra e sem dúvida temeria pelos outros jovens.

— Rezo para que Polly, da mercearia, esteja certa e tudo acabe no Natal, — então Derek e Donald voltarão sãos e salvos — disse Ruby. Parecia melhor não mencionar sua gratidão por George ainda ser muito jovem para se alistar. — Eu me pergunto para onde o exército vai enviar os homens, uma vez que os transformem em soldados?

Chegaram ao número treze e conduziu Pat para dentro. Ela e Stella seguiram a criança e fecharam a porta atrás delas. Havia um ar de desolação na rua e elas não queriam parar para falar com as mulheres preocupadas

reunidas num grupo a várias casas de distância.

Quando Frank chegou em casa, Ruby já havia feito algo para comer. Ela sorriu quando ele entrou na sala.

— Como foi? — Ruby perguntou enquanto ele beijava sua bochecha.

— Ganhei todos os lances e os consegui por um bom preço. Havia menos da metade do número normal de pessoas ali. Sem dúvida, outros tinham coisas melhores em mente do que comprar livros e bugigangas. Como está, mãe? — perguntou ele, notando o rosto pálido de Stella. — Papai está bem?

— Seu pai está tão bem quanto pode, amor, — nada o impedirá de fazer seu trabalho. É como ele diz: o inferno vai acontecer se não houver rebocadores suficientes para fazer o trabalho. É com seus irmãos que estou mais preocupada. Os dois foram para Woolwich para se alistar no exército.

— Tive a sensação de que sim — disse Frank, incapaz de olhar nos olhos de Stella. — Eles mencionaram isso outro dia.

Stella levantou-se de um salto, lançando ao filho um olhar zangado.

— Por que diabos você não disse alguma coisa? Eu ou seu pai poderíamos tê-los impedido.

Frank parecia envergonhado.

— Foi apenas conversa fiada. Eu não pensei muito nisso. Derek estava nos contando como os homens de sua equipe iriam se inscrever. Ele estava interessado de qualquer maneira, mas se fosse o único que ficasse de fora de sua equipe, havia uma probabilidade de ficar desempregado de qualquer maneira. Sei que Donald também estava interessado, mas dissemos que você o mataria se ele se inscrevesse. Não esperava que ele fosse em frente e fizesse isso. — Frank balançou a cabeça tristemente.

— Tentei argumentar com ele, mas agora tem dezenove anos e sabe o que quer. É como se não se importasse com o que sua velha mãe pensa. Isso significa que também vai se alistar? Só Deus sabe o que seu pai terá a dizer sobre isso!

Frank pegou o braço de Stella e a guiou para que se sentasse novamente antes de lhe contar que o pai também sabia que os meninos queriam se alistar e disse que faria o mesmo se fosse mais jovem.

Stella estava lívida. Sacudiu o braço de Frank com desgosto.

— É como se todos estivessem conspirando contra mim. Não me diga que também sabia? — Stella indagou, olhando para Ruby.

— Não, também me mantiveram no escuro. — A expressão de Ruby não era menos irritada. — Tudo o que sei é que Frank sempre me disse que é contra a guerra, então pelo menos um deles não irá. A menos que tenha mudado de ideia. — Ela o desafiou.

— Posso prometer às duas que nunca serei um soldado. Chame-me de estranho, mas não acredito que a guerra seja a resposta. — Ele parecia triste enquanto continuava: — Meus dois irmãos acham que tenho a cabeça mole. Derek me chamou de menino afetado. — Olhou de soslaio para Ruby, e ela corou. Se os irmãos soubessem de seus arranjos para dormir, Frank seria

chamado de bem mais do que isso.

— São apenas homens conversando, — não preste atenção. Frank, é um bom homem. Se alguém perguntasse a mim ou à sua mãe, diríamos que também não iríamos para a guerra. Não há nada de suave nisso. Isso se chama ser sensato — Ruby disse, embora não tivesse certeza de que o que estava dizendo era certo. Mas queria desesperadamente apoiar seu querido amigo.

— Talvez — disse Frank. —, mas isso me deixou desconfortável. Nunca teria pensado que meu irmão falaria assim comigo. Foi por isso que não me envolvi, mãe — disse ele, parecendo se desculpar.

A expressão de Stella suavizou-se.

— Não se preocupe, Frank. São um par de cabeças quentes. Poderia bater a cabeça deles quando chegar em casa, na verdade... e na de seu pai.

— Gostaria de ver isso, mãe. Acho que comerei minha comida e voltarei para a loja. Mesmo que não tenhamos muitos clientes, posso pelo menos cuidar do que trouxe do leilão. Gostaria de catalogar os livros e colocá-los nas estantes. Há alguns livros para as cestas de George.

— E a minha — disse a pequena Pat, de onde estava brincando com suas bonecas.

— Oh, Deus, esqueci da pequenina sentada ali. O que ela vai pensar das minhas palavras iradas?

— Não ouvi você, vovó — disse Pat, dando-lhe um sorriso doce.

— Você é um amorzinho. — Stella enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um caramelo para a neta.

Ruby balançou a cabeça. Pat sabia exatamente como girar a vovó no dedo mínimo.

— Vou levá-la para casa comigo por algumas horas — ofereceu Stella. — Isso vai me distrair do que os rapazes estão fazendo. Sem dúvida, a esta altura, já encheram a barriga de cerveja e estão voltando para casa tão felizes quanto qualquer outra coisa. A vida teria sido tão diferente se tivesse tido filhas — suspirou.

Depois que Frank, Stella e Pat foram embora, Ruby ficou vagando por algumas horas, mas achou difícil se concentrar. Até virou o jornal para não ver as manchetes que pareciam saltar da primeira página. O que iria acontecer a seguir?

Sentindo-se inquieta, decidiu ir até a livraria e fazer companhia a Frank. Sempre havia algo para fazer ali, e isso manteria sua mente longe de pensamentos sobre o futuro.

Ela tinha acabado de chegar à rua principal quando um grupo de homens apareceu. Estavam alegres e brincavam em voz alta enquanto esperavam na calçada a passagem de um bonde antes de atravessar a rua para o Hotel Prince of Wales. No meio do grupo avistou Derek e o jovem Donald Green e correu em direção a eles.

— Se estão pensando em entrar lá para tomar uma bebida, é melhor mudarem de ideia. Sua mãe está esperando em casa e não está muito satisfeita

com vocês dois — disse ela, colocando as mãos nos quadris enquanto dizia a ambos o que pensava.

Sem responder a Ruby, os dois baixaram a cabeça de vergonha e passaram correndo por ela em direção a casa com gritos de seus companheiros ecoando em seus ouvidos. O resto dos homens seguiu viagem em direção ao pub, apenas um permaneceu. Ruby olhou para ele e depois prendeu a respiração em estado de choque.

— Eddie?

— Ruby... podemos conversar? — Eddie gritou, estendendo a mão como se quisesse puxá-la de volta para ele enquanto ela se virava para sair correndo.

Ruby parou e pensou por um momento. Queria falar com o homem que mais uma vez a abandonara e aos filhos? Girou nos calcanhares, caminhando de volta para ele, sua raiva não mostrando limites. Afastando a mão dele, acenou com o punho em sua cara.

— Como ousa pedir para falar comigo? Já se passaram quatro anos desde então... desde a noite que passamos juntos — ela gritou na cara dele. — Onde esteve? Por que não enviou dinheiro para as crianças? Se não fosse pelo que eu trago, as crianças morreriam de fome. Fez o que queria comigo e depois desapareceu. Não tive como entrar em contato com você. Por que, Eddie, por quê?

Eddie tirou a mão dela de seu rosto e agarrou seu pulso com força.

— Não me lembro de você ter reclamado na época — disse ele, com um sorriso estampado em seu rosto desgastado pelo tempo. — Mas parece bem — falou ele, afastando da mente a lembrança de tê-la visto com Frank e um bebê num carrinho no dia da coroação do rei. — Como está nosso filho?

— Nosso filho? Não reconheceria nosso filho se passasse por ele na rua.

Eddie gostaria de ter dito que não era esse o caso, já que ele fez questão de estar na escola do menino em mais de algumas ocasiões, cuidando dele apenas para se certificar de que George estava em boa forma e bem. Com seu humor irritado, seria difícil falar com Ruby, e queria muito falar com ela antes de sair da cidade. Foi por acaso que ela apareceu naquele momento, já que estava se perguntando se deveria bater na porta do número treze — para encarar Ruby e finalmente lhe dizer a verdade. Enquanto ainda tinha a chance.

— Ruby, o que quer que tenha acontecido antes... pode esquecer isso por um momento, por favor? Realmente preciso falar com você.

— Acho que não temos nada a dizer um ao outro, Eddie. Achei que depois daquela noite, há quatro anos, voltaria para mim e você, eu e George teríamos uma vida juntos. Com a nossa união naquela noite, pensei tolamente que seríamos uma família mais uma vez. Você mencionou na época que, se ficasse, traria problemas à nossa porta. Não pensou nos problemas que George e eu poderíamos enfrentar sozinhos? Se não fosse por Frank, não sei o que teria feito — disse ela, com o rosto vermelho enquanto as palavras raivosas jorravam dela.

— Não tinha ideia de que seria tão rápida em fazer com que outro homem

subisse na minha cama, assumisse o controle da minha família e lhe desse um filho. Talvez se não tivesse sido tão descarada com seu afeto por outro, eu tivesse voltado, em vez de esperar para falar com você até agora — retrucou Eddie, lembrando-se do dia em que viu a família feliz saindo do número treze. Dizer que seu coração estava partido era um eufemismo. Embora tivesse permanecido perto da cidade e ficasse de olho no filho, parte dele ficara congelada com o esforço de tentar não imaginar sua esposa com outro homem. — O fato de se divorciar de mim e se casar com Frank Green tão rapidamente diz muito sobre seus sentimentos por mim — ele rosnou.

— Ah, pelo amor de Deus, Eddie, de que diabos está falando? Talvez precisemos conversar sobre as coisas. E preciso apresentar sua filha a você. — Ruby balançou a cabeça ao ver como a conversa deles havia se tornado confusa.

— Minha filha? Do que diabos está falando, mulher?

Agarrando a manga da jaqueta de Eddie, ela murmurou:

— Siga-me. — Não desejando que nenhum transeunte ouvisse a conversa, caminharam em silêncio até um café próximo. Era o antigo negócio de Marge, mas ela já havia desistido há muito tempo, o que significava que Ruby poderia se sentir confortável em cruzar a soleira. Dizendo a Eddie para pedir duas xícaras de chá, ela se sentou em uma das mesas limpas e esperou, torcendo as mãos, temendo que ele fizesse uma cena enquanto as lembranças de seu caráter volátil voltavam à sua mente.

Quando voltou, sentou-se em frente a ela.

— Bem, vamos lá, estou ouvindo — disse ele, deslizando as xícaras pela mesa com tanta força que grande parte do chá caiu nos pires.

— Pat é sua filha. Nunca dormi com outro homem. Independentemente do que pareça, Frank e eu somos apenas bons amigos.

Eddie deu uma risada amarga.

— Não pode me enganar, Ruby Caselton. Ou é Ruby Green agora? — ele perguntou, sentindo um aperto em seu coração. Quantas vezes ouvira Derek Green falar sem parar sobre a livraria de seu irmão mais velho que administrava junto com Ruby, e como os pais estavam felizes com o filho morando do outro lado da rua, no número treze? Quem Ruby estava enganando? Porque certamente não era ele.

Ruby olhou ao redor do café. Naquela hora da tarde havia pouca gente sentada nas mesas e os funcionários estavam ocupados se preparando para fechar. O que estava prestes a contar a Eddie não era algo que desejasse que alguém que morasse na cidade ouvisse.

— Eddie, sei que você devia ter segredos, e até motivos, para não morar conosco. Também tenho razões para querer que as pessoas acreditem que Frank e eu somos um casal — e razões para deixar as pessoas acreditarem que Pat é sua filha. É mais para Frank do que para mim. Não pensou no que as pessoas teriam dito se eu, de uma hora para outra, anunciasse que Pat era sua? Com você escondido e eu sendo a única que sabia que voltava para entregar

dinheiro? Como eu explicaria de repente estar grávida? Aquele velho machado de batalha intrometido da casa ao lado iria descobrir isso num piscar de olhos. Do jeito que está, se mantém reservada porque não tem nada sobre o que fofocar, tudo o que pode dizer é que Frank agora é meu marido. E não, não me divorciei de você. Nem saberia como fazer isso. Precisa se lembrar que há três quartos em nossa casa. Eu durmo em um, com Pat tendo um berço no canto do quarto. George tem o quarto dos fundos, assim como fazia quando você morava conosco, e o terceiro quarto... bem, se entrasse naquele quarto agora, veria a cama de Frank, suas roupas penduradas no guarda-roupas e todos os pertences de dele na cômoda. Isso deixa claro para você?

Eddie pensou por um momento. Que tipo de homem se mudaria para a casa de uma linda mulher casada e fingiria ser o pai do filho dela? Na idade de Frank, deveria estar procurando sua própria esposa e começando sua própria família.

— Como pode esperar que eu acredite em tal coisa? — ele disse enquanto pensava no que lhe havia sido dito.

Ruby poderia ter chorado. — Não está claro por que ele faz isso? Sim, trabalho para ele na livraria. Adoro o trabalho e, para ser sincera, o dinheiro que eu ganho mantém-nos acima da água. Sim, Frank paga a sua estadia, mas para todos os efeitos é meu marido, não meu inquilino. Ele não tem planos para mim ou para qualquer mulher. Já entendeu, Eddie?

Eddie franziu a testa.

— Você quer dizer...? Frank Green é um... um...? — Ele caiu na gargalhada.

— Sim, Frank não está interessado em mulheres — ela sussurrou incisivamente, sem perder o contato visual com Eddie. — Imploro que guarde isso para você. Ele é meu amigo mais querido e um bom amigo desta família. Deve manter isso entre nós. Está me ouvindo, Eddie?

Eddie tomou um gole de seu chá agora morno enquanto os pensamentos passavam por sua cabeça. Se tudo isso fosse verdade — e ele nunca pensaria em Ruby como uma mentirosa — como isso o afetaria?

— Alguém sabe?

— Ninguém sabe. Frank é um homem gentil e amante da paz. Ele está feliz com a vida que tem, com a livraria, e adora nossos filhos. Seu nome está na certidão de nascimento de Pat, Eddie. Não quero de outra maneira. Meus sentimentos por você são mais de perplexidade depois de nossa noite juntos e de desaparecer novamente. Deus, Eddie, realmente deveria odiá-lo pelo que me fez passar..., mas tudo o mesmo... — Ela não conseguiu continuar porque sua voz falhou.

Eddie olhou para a esposa do outro lado da mesa. Agora com trinta e poucos anos, ainda era uma mulher bonita. Havia apenas algumas linhas nos cantos dos olhos e seu cabelo ainda tinha a cor castanha brilhante que chamara sua atenção quando a viu pela primeira vez — e se apaixonara. Ruby lambeu os lábios nervosamente, esperando que ele falasse, e Eddie percebeu

uma expressão preocupada em seus olhos. Pensamentos sobre a última vez que estiveram juntos fizeram com que sentimentos se agitassem profundamente, sentimentos que ele geralmente lutava arduamente para suprimir.

— Acredito em você — ele disse finalmente. — Deus sabe que teve que suportar muita coisa, e a maior parte por minha causa — acrescentou ele, desculpando-se.

— Diga-me, finalmente, o que aconteceu para que precisasse fugir. Por que ficou escondido? E por que apareceu de repente com os irmãos Green?

— Vou pegar outras dessas primeiro. — Eddie pegou as xícaras e os pires.

Ruby cruzou os braços sobre a mesa e abaixou a cabeça. O que acontecera hoje já fora ruim o suficiente até agora. O país estava em guerra e Eddie reaparecera. As coisas poderiam piorar?

Eddie colocou as xícaras de chá sobre a mesa.

— Achei que gostaria disso — disse ele, colocando um prato com dois pãezinhos secos na frente dela.

— Não, obrigada — disse ela, afastando o prato enquanto endireitava as costas e olhava nos olhos dele. — Tenho muito que fazer em casa, minha família precisa de mim, então diga o que tem a dizer e seguiremos caminhos diferentes. Não vejo outra maneira de lidar com o que foi jogado contra nós. Não é justo com Frank ou com as crianças. Meu Deus, Eddie, o país está em guerra e isso é mais do que suficiente para qualquer um aguentar. — Suspirou, sentindo-se subitamente cansada. — Você não mencionou que eu poderia estar em perigo quando voltou e ficou aquela noite? Achei que nossa vida voltaria a ser equilibrada, mas foi embora e nunca mais o vimos, Eddie. Preferia ter vivido em perigo pelo resto da minha vida e ter você em casa conosco do que tudo o que me fez passar. Então, diga o que quiser e seguiremos caminhos separados.

Eddie respirou fundo.

— Não vivi uma vida inocente, nem de longe. Quando nos casamos, sonhei que poderia lhe dar sua própria casa e não precisaríamos ficar nos mudando de um lugar para outro, mas nós o fizemos. Sim, parte disso foi porque gostava de beber e jogava. Deus, joguei dinheiro fora a torto e a direito, mas nunca em direção a você e George, e peço desculpas por isso. Então, quando se apaixonou pelo bebê, que acabou perdendo...

— Sarah. O nome dela era Sarah — Ruby interrompeu.

— Quando estava grávida de Sarah e Cedric Mulligan nos alugou a casa, eu não só queria fazer o bem para você, como também queria virar a página. Então Cedric me pediu para fazer outro trabalho para ele. Foi perigoso.

— Foi ilegal? — Os olhos de Ruby brilharam.

— Não para mim, — não aos olhos da lei. Mas se tivesse dado errado, Cedric nunca teria me perdoado. Ele poderia ser um homem vingativo e sabia onde você e meu filho moravam. Lembra como eu queria nos afastar? Tentei ver se isso poderia ser feito. Procurei outra casa tão decente quanto a número

treze, mas não tínhamos dinheiro para comprar as poucas que vi em outras cidades. No final das contas, o melhor para mim era desaparecer, e a melhor maneira era fazer com que parecesse que eu era mau. Se eu tivesse coragem, teria fingido minha própria morte, mas não queria que sofresse por mim, e sabia que faria isso. Até deixei o depósito de carvão sob uma sombra, esperando que, quando eu desaparecesse, isso não fizesse você ficar mal.

— E o dinheiro da mamãe? — ela perguntou, tentando entender o que ele estava dizendo.

— Achei que se as pessoas sentissem pena de você, poderia manter a cabeça erguida. Ainda estava fazendo biscoitos para Cedric, tentando mostrar que era leal a ele até ter dinheiro para livrar você e George de suas garras. Eu tinha que parecer leal, embora soubesse que ele havia providenciado para que um homem fosse agredido só porque devia um dinheiro que não podia pagar.

Ruby sentiu-se desmaiar.

— Quer dizer que ajudou a machucar alguém?

— Não, simplesmente fui ajudar a pessoa que estava cobrando a dívida. Ruby, eu era uma criança. Posso ter juntado dinheiro e sido um pouco pesado com os punhos ocasionalmente enquanto trabalhava para Cedric. Não sabia que o homem seria morto, mas essa dívida era de centenas de libras — muito diferente daquilo com que eu estava envolvido antes. Cedric pediu a outro sujeito que recolhesse o dinheiro. Eu estava lá apenas para ficar de vigia e gritar se os policiais aparecessem. Tudo deu errado e significou que Cedric tinha controle sobre mim. Ele poderia ter colocado a culpa em mim, contratado testemunhas para dizer que fui eu quem matou o homem.

— Ah, Eddie — disse ela, sem perceber que havia estendido a mão e agarrado a do marido. — Por que não pôde me contar? Eu teria entendido e poderia ter ajudado você.

— Não achei que pudesse confiar em você, não com sua mãe nas minhas costas o tempo todo. Ela sempre falava sobre apoiar a família e fazer o melhor para você. Eu sabia que amava aquela casa, então se eu tivesse contado o que acontecera, teria insistido em ir embora. E eu não poderia afastá-la da casa que sempre sonhou. Merece pelo menos isso — disse ele, acariciando a mão dela. — Foi melhor eu sair e tentar resolver a bagunça antes de voltar para você. Então eu poderia explicar e, se me perdoasse, talvez houvesse um futuro para nós.

Ruby estava se esforçando para entender tudo o que Eddie tinha a dizer.

— E o dinheiro que deixou para nós? Veio daquele homem?

— Não, eu não faria isso com você. Esse dinheiro foi ganho honestamente e guardei o máximo que pude. Estava determinado a não lhe contar onde eu estava e esperava que reconhecesse minha caligrafia nos envelopes. Essa foi a única pista que eu estava preparado para lhe dar. Se não tivesse me pegado naquela noite, quatro anos atrás, as coisas teriam mudado para melhor — disse ele, com uma expressão desanimada cruzando seu rosto.

— Mas o que poderia ser melhor do que você demonstrar seu amor por

mim e Pat ser o resultado do nosso amor? Não entendo, Eddie.

— Eu sabia naquela noite que Cedric havia morrido — devo dizer, foi morto. Seu domínio sobre mim acabou naquele estágio. Finalmente tive esperança no coração e, quando coloquei um envelope na caixa de correio, sabia que da próxima vez que voltasse para Alexandra Road seria como um homem livre das garras de Cedric. Eu tinha informações sobre Cedric e seus negócios que coletei e levei à polícia no dia seguinte. Contei-lhes tudo sobre o homem e, como nunca fui culpado de nada criminoso, ficaram felizes em me ouvir. Mantive registros cuidadosos de seu negócio de apostas ilegais, bem como de roubos e fraudes. Demorou alguns meses até que aqueles que trabalharam com Cedric fossem presos e acusados. Durante esse tempo, voltei para Erith, mas encontrei emprego e alojamento em Northend, sabendo que assim que fosse seguro voltaria para você. Eu tinha que ter certeza de que não seria acusado e não traria problemas à sua porta.

— Então por que não fez isso? — Ruby exigiu. Ela odiava pensar no que Eddie devia ter passado.

— Eu fiz. Cheguei até o fim da rua. Foi o dia da coroação, — um dia feliz, cheio de alegria pelo futuro com um novo rei para o nosso país, e para mim esperava que fosse o início de uma nova vida.

— Mas por que não veio, por que não bateu na porta? O que aconteceu, Eddie? Ruby enxugou as lágrimas de raiva. — Mudou de ideia?

— Não. Você mudou para mim — disse ele, olhando suplicante para ela enquanto enxugava as lágrimas de seu rosto com os dedos. — Eu vi você. Vi Frank e George, e a família de Frank, caminhando juntos pela rua. Pareciam uma família tão feliz e por isso entendi mal a situação. Ruby, pensei que tivesse desistido de mim e começado uma nova vida com Frank. Agora sei que não é o caso. Mas não consegue ver como isso teria parecido para um homem parado na esquina, observando de longe?

— Mas por que não falou comigo? — ela soluçou.

— Porque fui tolo. Estava com raiva. Frank parecia ter tudo o que eu queria. Além disso, aos meus olhos, tivera o filho de outro homem. Eu estava trabalhando nas fábricas ao lado de Derek Green. Ele jurou silêncio sobre minha presença na cidade. Do jeito que estava, ele não queria se envolver. Achei que era o melhor, mas agora sei que estava errado. Mas é tarde demais, mesmo sabendo a verdade partirei amanhã.

— Partirá? Para onde vai?

— Entrei para o exército e amanhã à noite estarei fora da sua vida de uma vez por todas.

— Mas, Eddie, não está velho demais para ser soldado?

— Eu menti sobre minha idade. Juntar-me ao exército... parecia ser a melhor solução. Achei que não tinha nada — nem ninguém — para ficar.

Ruby soube então que se não fizesse algo rapidamente, perderia Eddie para sempre.

— Sinto como se muita coisa tivesse acontecido entre nós. Sei que ainda o

amo, embora odiasse o homem que se tornou quando nos mudamos para cá. Você me assustou e, para ser sincera, naquela época estava pronta para partir — isto é, até me apaixonar pela casa e fazer amigos aqui. Sabia que poderia ser um bom lar para George e para nós, se voltasse, Eddie. Perder mamãe como nós perdemos, e então você desaparecer na mesma noite, me assustou muito. Mas tenho orgulho de dizer que consegui, — trabalhei duro e consegui. Frank é um querido, querido amigo. Ele me ajudou e em troca pude ajudá-lo. Ele sabe que Pat é sua filha e entende. Se eu dissesse a ele hoje que você voltaria para a casa como meu marido, ainda entenderia. Ele o receberia de braços abertos e espero que também aceite Frank como o amigo da família que me manteve em bons e maus momentos. Ele nunca interveio e falou com George como uma figura paterna, sabia que essa era a sua posição. Sempre o considerou o pai de George e ele próprio como nada mais do que um amigo, e George sabe disso. Ninguém tomou o seu lugar na casa.

Eddie não sabia o que dizer. Pela maneira como Ruby falara, poderia voltar para casa naquele mesmo minuto e ser aceito.

— Muita água passou por baixo da ponte agora. Odiaria que alguém falasse sobre você, ou sobre Frank. Eu aprecio sua amizade. Por favor, passe isso para ele. Quanto a roubar o dinheiro da sua mãe daquele jeito, sei que foi por um motivo, mas nunca poderei me perdoar. — Uma expressão de vergonha cruzou seu rosto.

Ruby enxugou os olhos e sorriu para ele.

— Quero que volte comigo agora, Eddie. Você mesmo poderia contar a eles e tenho certeza de que todos entenderiam.

— Não, eu não posso fazer isso. Não seria justo com Frank. O mundo veria isso e presumiria o pior. Seríamos vistos como o casal que expulsou o homem que a amou. Para onde ele iria senão voltar para sua mãe e ser ridicularizado por sua família e pelos vizinhos intrometidos? Além disso, todos consideram Pat sua filha. Eu não faria isso com o homem que cuidou de você todos esses anos.

— Entendo o que quer dizer, Eddie. Frank tem quartos em cima da livraria. Sempre foi sua intenção se mudar para lá depois de limpos e decorados, mas convidei-o para ficar conosco porque era conveniente para sua família, que acreditava que Pat era dele e que éramos um casal. Não tenho certeza agora como podemos desfazer as coisas. Até você falar, nem tinha pensado nisso. O que podemos fazer?

— Tem certeza de que me quer de volta na sua vida, Ruby? — A voz de Eddie estava cheia de emoção.

— Realmente quero, Eddie. Sei que se tivesse me explicado tudo isso quando nos mudamos para cá, eu poderia não ter sido solidária. Mas agora — acredito em você. Mesmo assim, como posso fazer isso com Frank? Ele seria motivo de chacota. E Stella ficaria com o coração partido.

Eddie pensou por um momento antes de falar.

— Temos que contar para alguém? Vou embora amanhã e só Deus sabe

quando voltarei. Poderíamos manter isso em segredo até eu voltar? Se eu voltar.

Ruby se engasgou.

— Por favor, não diga isso, Eddie. Não depois de tudo o que aconteceu. Já ouvimos que esta guerra não durará muito, então por que não contar a todos agora?

— Olha, amor — disse ele, apertando a mão dela. —, não quero que você ou as crianças se machuquem com comentários desagradáveis de pessoas mal-intencionadas. Pelo que todos sabem, estou completamente fora da sua vida. Só Derek sabe que estive por aqui, mas está preparado para ficar quieto. Nós dois iremos para a guerra, então por que não continuar normalmente?

Ruby odiou o que ela tinha a dizer.

— Suponho que esteja certo. — Ela respirou fundo. — É uma boa ideia ir para casa agora, antes de continuar implorando para que fique. Pode me acompanhar até a esquina?

— É claro que vou. — Eddie pegou a mão dela e eles saíram do café, caminhando lentamente em direção a Alexandra Road, de mãos dadas. — É melhor eu me despedir aqui — disse ele. — Não quero que ninguém me veja parado no seu portão. Além disso, acho que não conseguiria suportar. Mas antes de ir, tenho algo para lhe dar. Ele enfiou a mão no bolso e tirou um longo envelope. — Não há necessidade de abri-lo agora. São as escrituras da casa e estão em seu nome. É o que merece depois do que fiz você passar. Não há necessidade de dizer nada. Recebi algum dinheiro por ajudar a polícia, pois havia uma recompensa oferecida por informações sobre o assassinato daquele homem, e eu tive um pouco de paciência. A esposa e os filhos de Cedric ficaram felizes com o dinheiro e com a fuga de casa. Isto é seu, com meu amor. — Ele colocou o envelope nas mãos dela.

Ruby caiu contra seu peito. Seu coração estava partido.

— Ah, Eddie, não sei o que dizer. Este é um sonho que se torna realidade, mas em outros aspectos é um pesadelo, saber que não o verei por tanto tempo. Vai me escrever, não é? Explicarei tudo a Frank assim que ele voltar da livraria.

A voz dela falhou quando Eddie a esmagou nos braços e a beijou até ela ficar sem fôlego. Segurando-a com os braços estendidos, olhou para seu rosto.

— Quero memorizá-la exatamente como é agora. Vou levar a lembrança comigo.

— Deus, não diga isso, sua visão não deve estar correta!

— Sempre será linda para mim, Ruby. Agora volte para casa — disse ele, dando-lhe um último beijo gentil.

Ruby correu pela Alexandra Road, enxugando os olhos com um lenço. Não viu Stella parada na janela do número quatorze, segurando Pat nos braços. Virando-se para olhar para trás, acenou para Eddie até que ele desapareceu de vista.

Respirando fundo, entrou em casa — ainda sem perceber o olhar congelado

no rosto de Stella enquanto sua vizinha observava a porta do número treze se fechar atrás da mulher que considerava uma nora de confiança.



31 de outubro de 1917

— Stella está descansando agora. Wilf está com ela, embora esteja quase igualmente perturbado. Acho que talvez devesse ir até lá e sentar-se com ela, Frank. Precisa ficar com sua mãe — Ruby disse gentilmente, colocando a mão no ombro dele. A notícia naquela manhã de que Donald Green sucumbira aos ferimentos enquanto lutava para defender seu país chocara a todos. A dor de Stella foi além de tudo que Ruby já havia testemunhado antes. Seus gritos de angústia podiam ser ouvidos do outro lado da rua, e Ruby correu temendo o pior quando avistou o garoto do telegrama andando de bicicleta pela estrada.

— Vou até lá agora, obrigado — disse ele, levantando-se cansado da cadeira. O chá forte que Ruby preparou para ele permaneceu frio na mesa. — Deveria ter sido eu — murmurou. — Deveria ter sido o primeiro de nós a ir. Não parece certo de que o mais novo da nossa família tenha morrido dessa forma.

Ruby queria concordar — estava tudo tão errado — mas sabia que Frank não esperava uma resposta, pois estava imerso em seus próprios pensamentos. Não parecia passar um dia sem que aparecessem nos jornais notícias sobre a perda de mais vidas de jovens.

— Ela precisa de você, Frank, então, em vez de voltar para a livraria esta noite, vou arrumar a cama do seu antigo quarto. Precisa estar por perto. Teve notícias de Derek recentemente?

— Já se passaram mais de três meses. Ele mandou para minha mãe um cartão com flores de seda bordadas na frente. Ela ficou emocionada ao pensar que tinha algo enviado da França.

— Eddie me enviou um também, deviam estar juntos quando os compraram. Não disse onde eles estavam. Exceto por algumas palavras francesas no padrão, poderiam estar em qualquer lugar. Duplo holandês para mim. George me contou o que queriam dizer, mas não percebo nada.

— Desejo boa sorte a Eddie — disse Frank. — Às vezes pode não parecer, mas desejo.

— É um bom amigo, Frank. Gostaria de poder ajudar a curar sua dor de cabeça e fazer algo por sua mãe. Trarei um pouco de comida mais tarde. Nunca se sabe, talvez possa incentivá-la a comer alguma coisa. Ela me disse, quando cuidou de mim depois que perdi Sarah, que eu precisava manter minhas forças. Agora é a nossa vez de dizer o mesmo a ela e a Wilf.

— É você quem é a boa pessoa, Ruby. Depois que a atacou abertamente por ter beijado um homem na rua, a raiva dela não teve limites. — Frank

balançou a cabeça, lembrando-se da raiva e da amargura da mãe. — Pelo menos está tudo bem agora, e ela sabe que somos simplesmente bons amigos e isso é tudo que sempre foi.

— Temo que se descobrir toda a verdade, será demais para ela, Frank. Devemos sempre guardar isso para nós mesmos — disse Ruby, parecendo preocupada.

— Felizmente ela parece aceitar que Stephen é simplesmente meu inquilino na livraria — disse Frank, pensando em seu querido amigo que agora morava com ele na livraria em Pier Road.

— E é assim que deve ser sempre. Mantenha sua vida o mais privada possível. Deus sabe o que aconteceria se alguém descobrisse que são tão próximos — insistiu Ruby. — Eu o amo como um irmão e odiaria qualquer mal que pudesse lhe acontecer. — Ruby sabia que se o segredo de Frank de ter um relacionamento com outro homem se tornasse conhecido, poderia acabar na prisão. — Eu me pergunto se acha que Stephen gostaria de vir jantar aqui esta noite? Estou fazendo uma panela de ensopado, pois espero que George chegue a qualquer minuto, e há bastante para todos. Vai ficar muito chateado quando souber de Donald.

— Quando espera conhecer a garota dele? — perguntou Frank, tentando afastar a ideia de seu irmão mais novo morto em uma terra estrangeira. Ele sabia que, embora George tivesse quase dezoito anos, Ruby achava difícil aceitar que tivesse idade suficiente para sair com uma garota.

— Tenho certeza de que não é nada sério. Ele tem tantos amigos no trabalho e parecem se socializar em grupo. Estou mais preocupada com a conversa dele sobre se alistar. Muitos na Vickers estão fazendo isso. Achei que, quando fosse transferido para a fábrica de Crayford, deixaria de lado essas ideias sobre o alistamento, afinal, ainda não terminou seu aprendizado. O fato de o senhor Grant tê-lo colocado no comando de uma equipe deveria ser suficiente para manter tais pensamentos fora de sua cabeça.

— Não acho que isso vá acontecer. Mesmo com tantas mortes e homens desaparecidos em combate, o fervor de se unir e lutar pelo rei está mais forte do que nunca. Depois de três anos, muitas pessoas querem que a guerra acabe, e se isso significa sacrificar os seus filhos... — Frank deixou a frase terminar melancolicamente. Ele pegou o sobretudo, que estava pendurado nas costas de uma poltrona, e algo caiu no chão.

Ruby estendeu a mão e pegou-o.

— Oh, Deus, outro não! O que essas malditas mulheres estão fazendo? Onde ganhou essa? — ela perguntou, dobrando a pena branca em duas e jogando-a no fogo que ardia na lareira.

Frank colocou a mão no bolso e tirou mais três penas. Ao passar cada uma para Ruby, ele disse:

— Isto foi da mulher que trabalhava na mercearia; isso por causa do amontoado de mulheres idosas na esquina da rua principal; e isso foi colocado na cesta de livros em frente à loja. Pelo menos manterão o fogo aceso, embora

o cheiro permaneça. — Ele riu sem demonstrar nenhum humor real.

— Por favor, não deixe que isso o aborreça, Frank. Já faz o suficiente pelas pessoas desta cidade sem se voluntariar para pegar em armas e atravessar o Canal da Mancha para uma morte incerta. Uma perda é suficiente para sua mãe. Qualquer coisa a mais vai matá-la.

— Nunca dispararei uma arma contra outro homem — disse ele. — Ignorei meu aviso de recrutamento, mas é apenas uma questão de tempo até que percebam e venham me procurar. Mas estou preparado para me recusar a ir.

Ruby ficou chocada. Sabia que Frank nunca gostara da ideia de homens brigando entre si, mas recusar significava que provavelmente iria para a prisão — ou pior.

— Por favor, não diga isso, Frank. Eles não atiram em homens que se recusam a lutar?

— Não tenho ideia, mas devo manter minhas crenças.

— Talvez isso nunca aconteça. Ora, a guerra pode acabar em breve — disse ela, tentando parecer positiva.

Frank concordou enquanto vestia o casaco, embora Ruby pudesse ver o quão perturbado estava.

— Se precisar de ajuda com sua mãe, deve vir me buscar. Seja qual for a hora, estarei aí num piscar de olhos — disse ela enquanto beijava a bochecha do amigo e o via sair pela porta.

A menção de Eddie a fez querer ler suas cartas mais uma vez. Alcançando a cômoda perto da lareira, Ruby tirou a pequena caixa de sua mãe, onde guardava todas as suas memórias preciosas. Ela primeiro tirou o longo envelope de Manila e sorriu para si mesma. E pensar que possuía uma propriedade, e era essa mesma casa que tanto valorizava. Ela gostava de pensar que o número treze da Alexandra Road era um lugar onde a família e os amigos poderiam vir quando estivessem com problemas, ou simplesmente para tomar uma xícara de chá e conversar. Até suas duas irmãs passaram a visitá-la com mais frequência, embora ainda não tivesse explicado a elas o que havia acontecido com Eddie. Suas cartas estavam embrulhadas com um pedaço de fita. Sabia que era algo que as meninas mais novas faziam quando recebiam cartas de seus namorados, e como ainda amava tanto Eddie, teve vontade de fazer o mesmo. A fita vermelha foi comprada no departamento de armarinhos da Hedley Mitchell's e ela comprou um pedaço de fita rosa ao mesmo tempo para o cabelo louro de Pat, não querendo que ninguém pensasse que tinha um amigo homem. A filha era tão parecida com Eddie, até mesmo em seus modos francos quando as coisas não aconteciam como ele desejava. Felizmente, Pat sabia como controlar seu temperamento, mesmo com a tenra idade de seis anos.

Profundamente pensativa, não ouviu a porta da frente abrir até que George apareceu. Olhou para cima com um sobressalto.

— George, já é essa hora? Deixe-me verificar seu jantar.

— Tenho alguns amigos comigo, mãe. Podem entrar para tomar uma xícara

de chá?

— Claro, amor, não precisa perguntar. Entre e sente-se, aqueça-se. Está um pouco frio lá fora. — Ficou bastante surpresa quando duas meninas entraram na sala, em vez de seus colegas de trabalho, e sorriram timidamente para ela.

— Ah, olá — Ruby disse enquanto ajudava a tirar os casacos. A morena agradeceu. Ruby ficou surpresa ao ver que a menina estava grávida.

— Provavelmente não se lembra de mim, Sra. Caselton. Eu era Maureen Stokes, de Manor Road. Meu nome é Maureen Gilbert, agora sou casada e moro com minha sogra em Crayford Road.

Ruby pensou por um momento.

— Claro — eu conheço sua mãe, assim como sua sogra. Seu marido não trabalha na Vickers com meu George?

— Sim, isso mesmo, ele fazia isso, mas agora está na Brigada de Fuzileiros. George cuida de nós, não é, Irene?

A outra garota sentou-se afetadamente na poltrona que lhe foi oferecida e assentiu sem dizer uma palavra. Ruby podia ver seus olhos varrendo a sala, inspecionando cada móvel, bem como as bugigangas pertencentes à dona da casa.

— Parabéns por se casar, Maureen. George não me contou.

— Foi tudo muito rápido — Maureen riu enquanto olhava para sua barriga.

Ruby não pôde deixar de sorrir. Sempre gostou de Maureen e há apenas um ano esperava que seu filho tivesse sentimentos pela garota. Obviamente isso estava fora de questão agora. Além disso, seu filho olhava com devoção para Irene. Parecia estar apaixonado pela garota. Ela se perguntou se Frank estava certo quanto a eles já estarem saindo há algum tempo.

— George, porque não me ajuda a colocar a chaleira no fogo, então vou cuidar do nosso jantar — disse ela, perguntando-se o que o filho via na garota magra e de cara feia.

— Você parece inteligente, querido — Ruby disse, admirando George em seu uniforme enquanto verificava o ensopado borbulhando em cima do fogão enquanto George enchia a chaleira.

— Oh, mãe, sabe que não é um uniforme adequado. É exatamente o que posso usar enquanto ensino os escoteiros a usarem nossas metralhadoras.

— Acho que o que seus chefes lhe deram para fazer é muito importante. Devem valorizá-lo muito para colocá-lo no comando do treinamento das tropas de reconhecimento sobre as armas que fabricam e como dispará-las.

George encolheu os ombros.

— Mas não é realmente o exército, é?

— Não comece a falar assim, meu filho. Tem um trabalho importante a fazer. Ora, nem terminou seu aprendizado e eles o transferiram para Crayford e o colocaram no comando de pessoas. Isso conta para alguma coisa. Acho que irá longe, George Caselton — disse ela com orgulho.

George riu.

— Mas a senhora diria isso, é minha mãe. — Ele riu antes que o sorriso

desaparecesse de seu rosto.

— Tem alguma coisa o incomodando, filho? — Ruby perguntou. Ela se lembrou de que George ainda não tinha ouvido falar da morte de seu amigo Donald.

— Sei que tenho um bom emprego... e, de certa forma, trabalhar nas metralhadoras Vickers e produzir tantas quanto as que estamos, está desempenhando um papel importante na guerra. Mas realmente quero me juntar.

Ruby suspirou ao pensar em Stella, a menos de trinta metros de onde estavam, perturbada pela morte de seu filho mais novo. Poderia ser ela em pouco tempo, se George partisse para lutar por seu país. Olhou para seu filho lindo e honesto, seu cabelo ainda tinha a mesma cor castanho-claro da infância, e nenhuma quantidade de umidade nos cachos poderia domá-los. Ruby sabia que precisava agir com cuidado, caso contrário poderia alienar o filho, se fosse pressionado demais, poderia se juntar apenas para irritá-la.

— Quais são seus planos, amor?

— Sem dúvida me juntarei aos engenheiros, pois com minha experiência na Vickers seria a escolha óbvia. A administração indicou que pode garantir que eu seja destacado para o regimento certo.

Ruby prendeu a respiração. Parecia que isso iria acontecer, independentemente do que ela pensasse a respeito.

— Parece que já se decidiu, amor. Não gostaria de impedi-lo, mas sabe que não quero que vá. Sou como qualquer outra mãe nesse aspecto. Mas e Irene? Posso ver que está interessado nela. A conhece há muito tempo?

George parecia um pouco envergonhado.

— Nós nos conhecemos há cerca de um ano. Trabalhou com Maureen e foi com ela a um baile da Vickers, na cabana do Rodney.

Ruby já tinha ouvido falar da cabana e sempre achou o nome estranho, considerando que era mais um salão de dança e ponto de encontro. Fora doado por alguém chamada Lady Rodney, em memória de seu filho. George gostava de ir lá para os bailes e palestras educativas, mas Ruby não tinha ideia de que ele estava de olho em uma garota todo esse tempo.

— Então é algo sério com essa Irene, não é?

— Gosto muito dela, mãe — disse ele, ficando com as bochechas rosadas.

— Posso ver isso. Mas então, pensei que estivesse sendo gentil com Maureen há algum tempo.

— Ela é apenas uma amiga, nada mais.

Ruby pensou um pouco enquanto colocava bolinhos no ensopado.

— E como Irene se sente sobre você se alistar?

— Sabe que isso acontecerá com todos nós, rapazes, quando tivermos dezoito anos, e eu atingirei essa idade em janeiro. Serei chamado de qualquer maneira. Irene acredita que em breve serei oficial.

Ah, ela acredita? Ruby pensou consigo mesma. Certamente não gostava daquela pequena senhora que parecia ter roubado o coração do filho.

Enquanto despejava água fervente nas folhas de chá da chaleira, respirou fundo antes de dar a notícia da morte de Donald ao filho.

— George, tenho más notícias. Stella recebeu um telegrama esta tarde. É Donald...

George ficou pálido.

— Ele foi ferido? — perguntou, esperançoso.

— Não, amor, ele foi morto. Não temos outros detalhes no momento. Gostaria de saber se poderia dar uma passada lá e conversar com Stella e Wilf. Como pode imaginar, estão fora de si de tristeza. Frank está com eles no momento.

George assentiu, incapaz de falar por um momento.

— Ele é a terceira pessoa que conheço que foi morta nesta guerra — disse George, sua voz não passando de um sussurro. Ruby estendeu os braços e envolveu o filho, desejando poder mantê-lo perto e seguro para sempre.

— Nunca será velho demais para um abraço, George, lembre-se sempre disso.

— Eu vou, mãe, e sinto muito...

— Por quê? — ela perguntou, percebendo que ele estava piscando para conter as lágrimas.

— Falando em me alistar, com a senhora aí sabendo sobre Donald.

— Não há necessidade de se desculpar. Um homem tem que fazer o que um homem tem que fazer. Não serei a primeira mãe preocupada com um filho. Sinto que perderemos muito mais entes queridos antes que tudo isso acabe. Sabe que não sou muito religiosa e nunca fui, mas até eu faço minhas orações antes de dormir à noite. Faz apenas algumas semanas desde que a família Luck ouviu falar de seu Edward. Segundo todos os relatos, ele está enterrado na França. Não é como se eles pudessem prestar suas homenagens.

— Não se esqueça de Tom Crispin, há dois anos, — e de John Smart, pouco tempo depois, afogado no mar. Apenas para mencionar pessoas desta rua.

— E agora podemos adicionar o jovem Donald à lista. — A voz de Ruby começou a tremer enquanto abraçava o filho novamente. — Apenas me prometa uma coisa, George: deve ter cuidado. Não quero que seu nome seja adicionado a uma lista de rapazes mortos de Alexandra Road... está me ouvindo?

— Estou ouvindo, mãe — respondeu ele, com a voz tão trêmula quanto a dela. — Não ousaria decepcioná-la.

— Certo, vamos levar este chá para as meninas antes que elas se perguntem o que estamos fazendo. Acha que ficarão para jantar?

— O que temos no ensopado? — perguntou ele, olhando dentro da panela.

— Fiz um belo ensopado de carneiro. Só preciso adicionar mais alguns bolinhos na frigideira. Suponho que gostaria de dois... um para cada menina?

— Não acho que Irene goste de ensopado. Além disso, vão para a casa de Maureen. Nós só aparecemos para tomar uma xícara de chá antes de levá-las

para lá. Mas, dizendo isso, quer que eu apareça e preste meus respeitos aos Greens, então voltarei imediatamente. Pode preparar o jantar para mim? A propósito, onde está a nossa Pat?

— Ela foi para sua primeira reunião de Brownie. Sei que é um pouco jovem para isso, mas com as garotas com quem ela brinca aqui na rua já frequentando, e a Brown Owl concordando, decidi que poderia participar por algumas horas, e isso a distrairá desta guerra. Desde que ela viu o Zeppelin passando por cima da cidade, não consegue pensar em mais nada. Algumas horas de jogo e coisas assim irão animá-la. Preciso buscá-la no salão missionário em Northend dentro de três quartos de hora.

George pegou a bandeja de chá.

— Por que não vou buscá-la depois de deixar as meninas na casa de Maureen? De qualquer maneira, estou na metade do caminho. Isso lhe dará tempo para levantar um pouco os pés. Parece exausta.

Ruby deu-lhe outro abraço.

— É um bom rapaz, George.

— Calma, mãe, quase deixei cair a bandeja — ele sorriu antes de dar-lhe um beijo na bochecha e piscar para ela.

— Sempre será meu bebê — Ruby sorriu, embora seu coração estivesse pesado.

Depois de se despedir de George e das meninas, Ruby se acomodou no tricô. Sua cabeça estava cheia dos homens que haviam morrido, bem como daqueles que ela conhecia que ainda serviam no exterior. Havia parado de ler muitos jornais e, como Stephen, grande amigo de Frank, morava na livraria e ajudava na maior parte dos dias, Ruby só aparecia lá para trabalhar meio período. Agora que não precisava arranjar o dinheiro do aluguel todas as semanas e George estava lhe dando um pouco para cuidar da casa, a pressão para conseguir um salário adequado desapareceu de seus ombros. Frank presenteava ela e Pat com comida, já que o número treze ainda era tanto a casa dele quanto a de Stephen, que era um convidado sempre bem-vindo. Para o mundo exterior, Frank ainda morava com eles. Se os pais de Frank acharam estranho o ambiente da livraria, nunca comentaram.

Colocando o tricô ao lado da cadeira, pegou novamente a caixa de lembranças e tirou a última carta de Eddie. Ele não mencionara nada sobre sua situação, mas em vez disso contara a ela sobre sua tristeza ao saber da morte de Charlie Sears, filho de sua senhoria, onde se alojara na Arthur Street enquanto trabalhara nas olarias. Ruby tinha ouvido falar da perda e dera a notícia a ele em sua carta anterior. A resposta de Eddie estava repleta de lembranças da maneira como a família cuidara dele. Ele até mencionara seu trabalho, que interessara muito a Ruby. Embora houvesse algumas olarias ao redor da cidade, ela não sabia nada sobre como os tijolos eram feitos. Ela se lembrou de Derek Green contando que só podiam fazer tijolos durante os meses mais quentes, e se perguntou o que Eddie teria feito durante o resto do ano.

Ruby sorriu ao reler as palavras dele sobre Derek e como o homem dava um sermão nas trincheiras sobre tijolos a ponto de Eddie pensar em se juntar às trincheiras inimigas apenas para escapar. Houve menção de quando estaria em casa com Ruby e seu futuro juntos, e ela corou quando Eddie mencionara a vontade de estar sozinho com a esposa. Ruby rapidamente dobrou a carta e a colocou no envelope. Ela as colocou em algum lugar seguro, caso os olhos curiosos de Pat as encontrassem.

Incapaz de se acalmar até saber que seus dois filhos estavam de volta em casa, Ruby pegou um livro. Foi um livro que Frank lhe recomendou e sobre o qual aguardava a opinião dela. Sua mente vagou depois de ler as primeiras páginas, pensando nos aviões alemães lançando bombas sobre seus filhos enquanto estavam fora de casa. Ficou surpresa quando soube dos aviões voando até Londres e depois lançando explosivos. George explicou que eles também lançaram algo chamados artefatos incendiários, que provocaram fogo e causaram muita destruição e morte, então quando viram os Zeplins pela primeira vez e depois avistaram um avião inimigo, Ruby ficara petrificada. — Aonde o mundo chegou? — murmurou para si mesma. O público foi avisado que se ouvisse assobios, buzinas de carros e gritos da polícia, deveria se proteger, pois isso significava que um avião estava na área. No início, Ruby não tinha certeza de onde a família se esconderia se isso acontecesse e se preocupou com o lugar mais seguro da casa. George disse para ir até o armário embaixo da escada — sendo cercado por alvenaria, deveria dar alguma proteção se a casa fosse afetada por bombas caindo nas proximidades. Ruby não tinha tanta certeza disso e disse a George, em termos inequívocos, que preferia sentar-se no meio do jardim, pelo menos assim poderia ver o que iria cair em cima dela, em vez de se esconder de medo no escuro.

O que a fez sorrir foi a notícia de que saberiam que era possível sair do esconderijo quando ouvissem os escoteiros passando de bicicleta, soprando seus apitos. Como disse a Pat, que mãe em sã consciência deixaria os filhos passearem de bicicleta numa hora como essa? Olhando para o relógio em cima da lareira, percebeu que estava ficando tarde. George já deveria ter buscado Pat e voltado para casa. Talvez devesse dar uma olhada para ver onde eles estavam? Puxando o casaco sobre os ombros, foi até o portão da frente e olhou para cima e para baixo na Alexandra Road. Aonde eles foram? Sentindo-se como se estivesse sendo observada, se virou para olhar para a janela saliente da porta ao lado, e lá estava a Srta. Hunter observando-a. Ruby ergueu o queixo em desafio e olhou para a velha intrometida. Por que não se importava com a própria vida?

Enquanto ficava ali pensando no que fazer, a porta oposta se abriu e Frank saiu. Ao avistar Ruby, ele acenou.

— Aconteceu alguma coisa? — gritou.

— George foi pegar Pat no Brownies, e já deveriam estar em casa. Estou ficando preocupada.

Frank correu pela rua.

— Eles provavelmente pararam para conversar com alguém — disse ele.
— Quer que eu suba a rua e procure por eles? Eu poderia ir até Britannia Bridge e esperar lá.

— Não há necessidade, obrigada mesmo assim, Frank. Provavelmente está certo, George ainda não comeu, embora eu tenha alimentado Pat antes dela sair. Acho que Pat também estará com fome de novo. Por que não entra e se aquece perto do fogo? Vou lhe dar uma tigela de ensopado. Também tenho um pão bem crocante, se quiser mergulhar um pouco no molho.

Frank esfregou as mãos.

— Parece bom para mim. Boa noite, Srta. Hunter, como vai? — Ele acenou para onde a vizinha estava novamente espiando por trás da cortina.

— Meu Deus, aquela mulher é intrometida — Ruby quase praguejou. — Parece que não consigo fazer nada sem que ela perceba o que está acontecendo.

Ele riu.

— Ela provavelmente é apenas uma velha solitária.

— Calma, Frank. Assim me faz parecer uma velha bruxa gemendo. Se estivesse aqui tanto quanto eu e a visse observando cada movimento seu, também estaria gemendo — ela riu de volta para ele. — Venha se aquecer enquanto eu pego sua comida — resmungou gentilmente.

Frank sorriu e balançou a cabeça. Ruby poderia ser muito preocupada às vezes. É por isso que a amo tanto, pensou ele, parando ao pensar na palavra “amor”. Sim, amava muito Ruby. Queria apenas o melhor para ela, assim como queria para seus irmãos. Ou deveria ser irmão, agora que Donald havia morrido? Por mais abalado que estivesse com a perda, estava mais preocupado com sua mãe e seu pai. Wilf exibia seu típico lábio superior rígido, até falando em voltar ao rio amanhã, mas Stella ficava sentada olhando para o nada, de vez em quando se dissolvendo em soluços. Isso aconteceu várias vezes, gritava o nome de Donald enquanto se segurava com força, os braços em volta do corpo enquanto balançava para frente e para trás na poltrona. Wilf assistiu impotente enquanto Frank abraçava sua mãe e acalmava suas lágrimas. Se ela não melhorasse pela manhã, ligaria para o médico para ver se havia algo que pudesse ser feito. Ninguém deveria passar tanto sofrimento.

Seus pensamentos vagaram para Derek. A última notícia que Frank tivera foi de que ele estava em algum lugar no Somme. Frank se confortou com o fato de estar com Eddie Caselton e seu companheiro Ernie Minchin. Todos eles poderiam cuidar uns dos outros.

— Parece bom — disse ele, esfregando as mãos enquanto Ruby carregava a tigela de ensopado quente.

— Sei que deveríamos nos sentar à mesa e comer, mas o fogo aqui é tão bom que parece mais aconchegante numa noite tão miserável. Apenas tome cuidado para não derramar no meu tapete — ela o advertiu com bom humor.
— Vai voltar para a loja com Stephen esta noite? É uma pena que não tenha

voltado com ele aqui para jantar.

— Eu ia, mas acho que vou ficar com mamãe e papai. Não devem ser deixados sozinhos esta noite. Papai parece completamente perdido, enquanto mamãe... Ela está desmoronando — disse Frank, com as palavras presas na garganta.

— Ah, meu pobre amor — Ruby disse enquanto pegava a tigela de comida dele e a colocava no chão, perto da lareira, antes de abraçar Frank. — Esta guerra sangrenta, cruel. Odeio tudo isso, — tenho medo de dormir na minha cama à noite e me preocupo com as crianças. Quem imaginaria que bombas poderiam ser transportadas por aviões e lançadas sobre pessoas? Monstros, esses alemães são!

— É preciso lembrar que também temos aviões lançando bombas sobre o inimigo. Isso também nos torna monstros? Há mãos de cada lado desta guerra preocupadas com os filhos e chorando quando não voltam para casa. A guerra é má para todos e precisamos tentar pará-la.

— Como podemos fazer isso, — como podemos parar uma guerra sem lutar? — Ruby perguntou, confusa com suas palavras.

— Recusando-se a lutar. Estive em algumas reuniões junto com Stephen. Parece que se apresentarmos o nosso caso corretamente, não poderão nos obrigar a lutar.

Ruby não gostou do que estava ouvindo. Embora odiasse a guerra, agora que imaginava George lá fora, arriscando a vida pelo seu país, não gostava da ideia de que alguns homens não lutariam para mantê-lo seguro e fariam o mesmo sacrifício que o filho estava preparado para fazer. Mas, novamente, concordou com a opinião de Frank. Se sentia tão confusa às vezes.

— As penas brancas que recebeu não incomodaram sua consciência? — ela perguntou.

— Não me diga que pensa como aquelas mulheres? — Frank perguntou com raiva na voz. — Pensei que fosse melhor do que isso!

— Não, me entendeu errado. Não concordo em dar penas brancas aos homens. Isso é uma coisa horrível de se fazer. Ninguém tem o direito de insistir para que todos os homens se inscrevam. Mesmo assim, Frank, não quer fazer a sua parte nesta guerra?

— Claro que quero. Mas me recuso a portar uma arma ou fazer qualquer coisa que possa antagonizar o inimigo.

Ruby parecia esperançosa.

— Pode fazer isso? — ela perguntou. — Certamente há alguma maneira de contribuir?

— Sim, — eu poderia perguntar se posso trabalhar ajudando os feridos. Sei que não tenho as habilidades de um médico ou de uma enfermeira, mas talvez me deixassem carregar macas ou ler para os feridos... segurar as mãos dos moribundos. Sei que posso ajudar se fizer isso.

Ruby pensou por um momento.

— Sei que se estivesse ferida, ter alguém como você segurando minha mão

e falando comigo me daria muita força. Se decidir fazer isso, tem minha bênção — disse ela, beijando-o na bochecha antes de pegar a tigela de comida. — Agora, coma antes que esfrie. Acredito que são meus filhos que ouço entrando pela porta da frente — disse ela com grande alívio.

Pat entrou correndo na sala, tirando o cachecol e as luvas ao fazer isso.

— Adivinha o que vimos?

Ruby se abaixou para desabotoar o casaco.

— Deve ter sido algo emocionante para fazer suas bochechas brilharem desse jeito. Agora sente-se antes que exploda e me conte tudo.

Pat pulou na poltrona extra que estava colocada do outro lado da lareira e sorriu de alegria.

— Vimos um daqueles aviões alemães. Estava sobrevoando Slades Green, — mas não o vimos lançando nenhuma bomba — acrescentou ela com pesar.

O rosto de George se contraiu de diversão quando se juntou à irmã sentando-se no braço da cadeira. — A criança desprezível ficou desapontada porque ninguém foi explodido. De onde veio essa garota sedenta de sangue? Ainda outro dia ela estava petrificada com os húngaros — ele riu antes de notar o rosto preocupado da mãe. — Está tudo bem. Nós nos protegemos, para o caso de haver mais de um.

Ruby suspirou profundamente de alívio. — Graças a Deus por isso, talvez todos nós tenhamos uma boa noite de sono pelo menos uma vez.

— Mamãe, tio Frank, — sabiam que as pessoas dormem nas estações de trem de Londres? Por que fazem aquilo?

Frank limpou um pedaço de pão na tigela, pegando um pouco de molho enquanto falava.

— Vão para as estações onde as plataformas são subterrâneas. Dessa forma, se uma bomba cair, a maioria deles estará segura.

— É uma pena não termos estações como essa em Erith, não é? — Pat respondeu.

— Eu lhe disse, estará segura se entrar no armário embaixo da escada — explicou George. — É o lugar mais seguro da casa.

— A menos que a bomba exploda ao cair no telhado ou desça pela chaminé — disse ela fazendo um barulho sangüinário.

— Oh, sua criança nojenta — disse George enquanto começava a fazer cócegas nela até que Pat gritou para que Ruby a resgatasse.

— Vamos, os dois, deixem-me pegar um pouco de comida. E pode sentar-se à mesa — disse Ruby, enquanto Pat começava a choramingar. — Não, não vai comer aqui. Não posso confiar em você para não derramar a comida. — Ela assentiu levemente para Frank enquanto falava, indicando que ele havia derramado molho na gravata.

— Depois que jantarem, gostariam de vir comigo ver sua vovó Stella? — ele perguntou aos dois. — Está bastante chateada no momento, e vê-los pode animá-la um pouco.

— É uma ideia esplêndida — disse Ruby, — mas, por favor, não faça

perguntas a ela Pat, sua vovó Stella não quer falar sobre Donald no momento. Quero que seja uma boa garota e apenas seja gentil. Conte a ela sobre os Brownies e a escola.

Pat deu um sorriso para Ruby.

— Sei que vovó está muito triste por causa de Donald. Eu também — disse ela, ficando quieta por alguns segundos. — Mas o que acontece se os aviões voltarem enquanto a senhora estiver aqui sozinha?

— Vou me esconder no armário embaixo da escada. Coloquei alguns tapetes ali e um travesseiro velho. Há também algumas velas, por isso, se tivermos que ficar sentados lá por algum tempo, poderemos ler nossos livros se não conseguirmos dormir — acrescentou Ruby, tentando ficar alegre com o que seria uma experiência horrível.

— Mas se eu fosse até a casa da vovó Stella, não seria melhor passar por baixo da escada dela? — perguntou Pat.

— Não se preocupe com isso, Pat. Eu decidirei se isso deve acontecer — disse Frank, puxando uma de suas tranças.

Ruby ficou pensativa enquanto enxugava os pratos e talheres depois que Frank saiu com as crianças. Ruby esperava que Pat não ficasse muito curiosa sobre a morte de Donald. Talvez devesse tê-la mantido aqui, pensou ela. Mais uma vez, Stella precisava de animação, e nada melhor do que sua garotinha favorita. As duas formaram um vínculo estreito, com Stella ainda permitindo que a criança a chamasse de vovó, mesmo depois de ter sido explicado a ela que o pai de Pat era na verdade Eddie Caselton. A relação entre Ruby e Stella ainda estava tensa; parte de Stella ainda queria muito que Ruby e Frank fossem um casal feliz e Pat, sua filha. Só via Eddie como um vagabundo e não conseguia acreditar que Ruby o amava mais do que a seu filho. Stella também achava estranho que Frank preferisse ficar em quartos na livraria com seu amigo Stephen, quando tinha uma família pronta no número treze. Até agora o casal conseguira evitar as perguntas dela. Ruby sabia que era errado ter tantas esperanças, mas talvez com a morte de Donald Stella se esquecesse de perguntar sobre a vida amorosa de Frank por um tempo.

Ruby tinha a sensação de que Wilf entendia o estilo de vida de Frank, mas preferia ficar quieto ou ignorar a escolha de companhia do filho mais velho. Wilf nunca foi mais feliz do que no Tâmisia, trabalhando como barqueiro, e ficaria igualmente feliz dormindo em seu barco e fazendo seu trabalho, embora soubesse que ele se importava profundamente com Stella e seus filhos.

Ela pensou em ir para a cama, — mas então, precisaria estar acordada quando as crianças voltassem. Pat ainda dormia numa cama pequena no quarto grande de Ruby. George tinha o maior dos quartos extras, com o cômodo menor dos fundos sendo arrumado para quando Frank ficasse ou, falando nisso, um dos amigos de George.

Para se manter ocupada, ferveu uma chaleira com água e tirou quatro garrafas de pedra debaixo da pia, enchendo-as cuidadosamente com água e

apertando bem as rolhas para evitar vazamentos. Fez duas viagens escada acima, colocando-as sob as cobertas para que todos estivessem aquecidos a qualquer hora que fossem para a cama. Retomando o tricô, tentou relaxar. Estava fazendo um cardigã para Pat, o que representava uma mudança bem-vinda em relação as toucas balaclava que vinha doando para os homens que lutavam no front. Mais uma vez, sua mente voltou ao que poderia fazer para ajudar no esforço de guerra. Algumas peças de malha não pareciam suficientes. Ruby iria perguntar a Stella o que achava, mas duvidava que a mulher agora estivesse no estado de espírito certo. Como poderia pedir ajuda em uma guerra que matou seu filho mais novo? Da próxima vez que Ruby fosse ao salão da igreja para se juntar ao círculo de tricô, pediria conselhos às mulheres que conhecera lá. Sim, pensou consigo mesma, era uma ideia muito boa.

Suas pálpebras se fecharam e sua cabeça começou a cair quando o tricô escorregou de seus dedos antes de ficar alerta aos sons lá fora na rua, de repente. Apitos eram soprados freneticamente, enquanto as buzinas de vários carros soavam longa e frequentemente. Isso significa alguma coisa, pensou consigo mesma enquanto tentava limpar seu cérebro nebuloso. Então percebeu, era — o sinal de que havia aviões no céu. Poderia estar em perigo. Seus primeiros pensamentos foram para os filhos e Ruby correu para a porta da frente, abrindo-a quando um policial passava pelo portão de bicicleta. Ele parou de repente, tirou o apito da boca e gritou para ela se proteger.

— Mas meus filhos estão do outro lado da rua. Preciso pegá-los — ela gritou.

— Agora não, senhora. Seus vizinhos cuidarão deles e precisa fazer o mesmo por si. — Enquanto ele falava, houve uma grande explosão e o chão sob os pés de Ruby tremeu. Ela gritou enquanto as ardósias do telhado batiam ao seu redor. O policial saltou da bicicleta, que caiu na calçada, e mergulhou em cima dela, empurrando-a de volta pela porta da frente. — Qual é o melhor lugar para se abrigar? — ele perguntou enquanto a ajudava a se levantar e fechava a porta atrás deles.

— O armário embaixo da escada — disse ela, apontando com a mão trêmula.

— Então vamos lá agora. Espero que seu marido não se importe — ele brincou enquanto a seguia até o pequeno espaço.

— Talvez devêssemos ser cautelosos e deixar a porta entreaberta — Ruby riu, tentando esconder seu medo. — Dadas as circunstâncias, tenho certeza de que meu marido entenderá. Provavelmente está se protegendo agora — acrescentou ela.

— Ele está no trabalho? — perguntou o oficial.

— Não, está em algum lugar no Somme. Acho que é onde está — ele está lutando pelo nosso país — disse Ruby com orgulho.

— Então acho que ele vai entender — concordou o policial.

Ruby perdeu a noção de quanto tempo ficaram ali conversando. Acendeu

uma das velas para dar-lhes um pouco de luz, e ela queimou bastante. Descobriu que ele tinha um filho mais novo que seu George, e que o menino esperava ingressar na força policial quando tivesse idade suficiente.

Ruby se perguntou se George conhecia o rapaz.

— Há algum outro policial na sua família?

— Sim, meu pai — então, se o nosso Mike se juntar, serão três gerações — acrescentou com orgulho.

Ruby contou a ele sobre George e seu aprendizado na Vickers, junto com suas preocupações de que o filho logo ingressaria no exército.

— Com as habilidades de seu garoto, será muito procurado por lá. Duvido que lute como a maioria dos rapazes. Ele será necessário para manter as armas funcionando.

Ruby foi consolada por suas palavras.

— Meu bom amigo perdeu o irmão, só ouvimos a notícia hoje. Sua mãe está fora de si de tristeza. É errado da minha parte pensar que poderia ser eu? Não quero que isso aconteça com meu filho.

O policial deu tapinhas na mão dela.

— Todas as mães do país estão pensando o mesmo. Minha esposa está muito feliz porque Mike é muito jovem no momento para ser recrutado. Então, no momento seguinte, me diz que se sente culpada por seus pensamentos. Não posso dizer que a culpo, e sinto o mesmo. Vivemos em um mundo muito estranho no momento. Ouça, ouça, isso soa como os escoteiros com seus chocalhos e cornetas. Deve estar tudo limpo — disse ele enquanto ajudava Ruby a se levantar e os dois se limpavam. — Talvez devêssemos sair e ver os danos.

Na rua, Ruby não conseguia acreditar no que via. A longa rua de casas de frente para a baía estava uma bagunça. Os portões estavam pendurados, as janelas estavam sem vidro. Uma casa perdeu completamente o telhado, enquanto outras, como a dela, perderam apenas algumas telhas. A rua parecia envolta em poeira e fumaça, e ela torceu o nariz ao sentir o cheiro de queimado. Olhando em volta, incrédula, ouviu os gritos dos moradores quando saíram de suas casas. Mais adiante, no outro lado da rua, havia um buraco onde antes havia uma casa de família. Ruby levou a mão à boca para conter o grito de choque quando o policial a pegou pelo cotovelo e a guiou até o pequeno muro entre sua casa e a porta ao lado.

— Preciso ir ajudar — disse ele. — Vai ficar bem?

— Sim, sim, ficarei bem. Deve ir e fazer o seu trabalho. Obrigada por cuidar de mim, sargento...?

— Jackson, meu nome é Bob Jackson — disse ele, acenando com a cabeça e indo buscar sua bicicleta, que ainda estava na calçada, felizmente intacta.

Ruby atravessou a rua correndo até o número quatorze e ficou satisfeita ao ver que todos estavam bem. O choque da invasão fez Stella recobrar o juízo e estava ocupada preparando bebidas quentes para todos.

— Nunca fiquei tão satisfeita por ainda ter meu fogão a carvão — observou

ela. — Com todos esses danos, eles desligaram o gás.

Ruby sorriu. Com tudo o que havia acontecido na rua, ficou aliviada por Stella parecer mais com ela mesma. Frank e Wilf olharam pela porta da frente.

— Precisamos ajudar — disse Wilf. — Ficaré bem aqui com Ruby?

— Vão vocês — disse Stella. — Há muitas pessoas que precisarão de ajuda, eu acho, considerando todo o barulho que ouvimos esta noite.

Ruby ajudou Stella a preparar uma bandeja de chá usando todas as xícaras que tinha no armário.

— As pessoas ficarão felizes com algo quente enquanto ajudam na limpeza — disse Stella.

— Vou pegar minhas xícaras também. Assim haverá o suficiente para todos. Gostaria de vir me ajudar, Pat? — Ruby perguntou.

— Você fica aqui, vou ajudar sua mãe — Stella disse a ela. — Podemos carregar mais entre nós — acrescentou enquanto voltavam para o outro lado da rua. Stella parou por um momento para olhar para a destruição e deu uma risadinha de simpatia. — Definitivamente precisamos de mais xícaras — disse ela enquanto caminhavam até a casa de Ruby. — Meu Deus, as janelas da porta ao lado estão uma bagunça. Quase todas as vidraças foram quebradas.

— Ah, espero que a Srta. Hunter esteja bem. Sei que ela é a pessoa mais irritante do mundo, mas odiaria pensar que se machucou. Acha que não há problema em olharmos pela janela?

— Bem, não saberemos de outra forma, não é? — Stella disse, e em vez de voltar pelo portão, levantou a saia e pulou o muro baixo. Enquanto Ruby fazia o mesmo, ela ouviu Stella ofegar de horror. — Oh, meu Senhor, ela foi ferida. Rápido, chame meu Frank, — ele sabe um pouco de primeiros socorros e pode ser capaz de ajudar. — Ela começou a puxar cacos de vidro da moldura da janela para abrir caminho até a Srta. Hunter.

Ruby correu para encontrar Frank e ficou consternada ao ver dois corpos estendidos na calçada mais adiante na rua, cobertos por cortinas rasgadas que deviam ter sido puxadas da casa danificada pela bomba. Contou a Frank o que havia acontecido e ele voltou correndo com ela, acenando para alguns homens próximos a segui-lo, gritando que alguém havia sido ferido quando todos se aproximaram do número quinze. Frank gritou para sua mãe se afastar da janela e, com a ajuda dos outros homens, arrombaram a porta da frente. Ruby e Stella seguiram Frank até a sala da Srta. Hunter.

Frank se abaixou e sentiu o pulso.

— Ainda está viva, mas pelo sangue e pela maneira como está deitada, foi gravemente ferida. Pode pegar um copo de água, Ruby? E, mãe, tire essas almofadas do sofá para que possamos deixá-la mais confortável.

Alguns outros homens saíram para chamar uma ambulância enquanto Ruby voltava com a água, passando-a para Frank. Ele apoiou a cabeça da Srta. Hunter.

— Aqui, tome um gole e pode se sentir melhor.

Quando a água tocou seus lábios, os olhos da mulher se abriram. Ao olhar

ao redor, reconheceu Ruby e depois olhou para Frank, afastando-se ao fazê-lo.

— Tire as mãos de mim — ela murmurou, com os lábios cobertos de poeira de onde a ripa e o gesso haviam caído do teto. — Não quero gente como você me tocando. Sou uma mulher temente a Deus, e os homens que dividem a cama com outros homens queimarão no inferno por toda a eternidade. Vi vocês dois indo e vindo daquela livraria. Deveria pensar em fechar as cortinas à noite — ela cuspiu, antes de desabar contra uma cadeira.

Stella olhou para o filho e franziu a testa, depois se virou para ver o rosto chocado de Ruby.

— Não acredito que ela sabia — Ruby deixou escapar antes de parar, percebendo que Stella a teria ouvido perfeitamente.

Stella olhou feio para Ruby e depois se virou para o filho.

— Tudo faz sentido agora — ela disse asperamente enquanto se levantava e passava por Ruby para sair da casa.

Ruby começou a segui-la, mas Frank a chamou de volta.

— Deixe isso por enquanto, — temos coisas muito mais importantes para tratar. Nada do que for dito agora alterará o que minha mãe pensa de mim.



Dia de Natal de 1917

Ruby olhou para a mesa. Fez o possível para tornar a refeição do dia de Natal festiva. Nos anos anteriores, havia mais pessoas sentadas para jantar. Infelizmente, este ano havia apenas Frank representando a família Green, e mesmo que tivesse trazido Stephen por insistência dela, ainda parecia um grupo muito pequeno. George perguntou se poderia trazer Irene e, embora Ruby não gostasse da jovem elegante, concordara A última coisa que queria era afastar o filho. Também tentou fazer as pazes com Stella, mas quando sua amiga atravessou a rua em vez de falar com ela, Ruby decidiu deixar as coisas de lado. A última coisa que queria era ser criticada na rua e que vizinhos intrometidos aproveitassem mais as brigas do que já haviam feito.

Alisando a toalha de mesa branca, recuou e sorriu. Suas duas irmãs haviam prometido visitá-la no final da tarde para tomar chá — pelo menos isso era algo pelo qual ansiar. Nunca havia convidado sua própria família para uma refeição especial. Talvez fosse porque os dois cunhados haviam se alistado no exército, embora Fanny gostasse de lembrar a Ruby que ambos eram oficiais.

Pat estava na sala da frente, brincando com a linda boneca que Frank lhe dera. Com seu lindo rosto de porcelana e corpo macio, vestida com o mais delicado vestido de renda, Ruby sabia que seria difícil de encontrar e provavelmente muito cara. Quando repreendera Frank por gastar muito, ele ignorara seus comentários, dizendo que comprara com o dinheiro da venda de uma casa.

Frank voltou à livraria para verificar se estava tudo bem e retornaria com Stephen a tempo para a refeição. O amigo de Frank, como ele gostava de chamá-lo, era tão quieto quanto este, e ambos ficavam com o nariz enfiado em um livro quando Ruby o visitava, tornando a livraria o refúgio de paz perfeito para os curiosos. Qualquer que fosse o relacionamento entre eles, quando a porta da frente da loja ficava trancada à noite, isso não incomodava Ruby. Viva e deixe viver era sua filosofia de vida. Somente se seus entes queridos fossem maltratados se envolveria nos negócios de outra pessoa. Com exceção de algumas penas brancas entregues aos dois, que a perturbaram, a vida dos homens era pacífica.

George tinha ido buscar Irene, que morava em uma das casas elegantes no fim da avenida. Ruby não sabia muito sobre a família de Irene e não gostava de bisbilhotar, caso George pensasse que ela estava interferindo. Talvez um dia ele lhe contasse. Até lá esperava que o casal se separasse, pois não sentia que Irene era a pessoa certa para seu George, por ser muito afetada. Agora, se

fosse Maureen, teria sido um balaio de peixes diferente, já que a garota era simpática e alegre. Claro, ela se casara, — e não só isso, recentemente dera à luz um lindo menino. O jovem Alan era o oposto da mãe, tinha cabelos louros, embora compartilhassem os mesmos olhos risonhos. Ruby achou que seria ótimo um dia ser avó, mas ignorou suas fantasias, rindo de si mesma ao ouvir uma batida na porta da frente. Passariam muitos anos antes que um novo bebê se juntasse à família.

Perguntando-se se Frank havia esquecido a chave, abriu a porta e encontrou um estranho na porta da frente.

— Posso ajudá-lo? — ela indagou, perguntando-se se o homem havia batido na porta errada.

— Lamento incomodá-la em um dia tão importante no calendário do Senhor. Tenho algumas novidades para contar sobre sua querida vizinha, a Srta. Hunter. Sou o reverendo Gilroy, da Queen Street Church.

Ruby franziu a testa. A Srta. Hunter estava no hospital desde o ferimento na noite do bombardeio.

— Na verdade, não a conheço muito bem — falou ela, perguntando-se se talvez ele quisesse que Ruby fizesse algo pela senhora. Ela se sentiu um pouco culpada por não a ter visitado no hospital com algumas flores, mas, na verdade, a mulher tornara sua vida um inferno. Ruby temia que uma visita pudesse facilmente se transformar em uma cena desagradável. Podia muito bem imaginar a velha jogando flores nela e fazendo comentários maldosos enquanto Ruby fugia da enfermaria. Estremeceu só de pensar nisso.

O homem tossiu e Ruby saiu de seus pensamentos.

— Sinto muito — o que posso fazer pelo senhor?

— Receio que a Srta. Hunter tenha falecido — disse ele, parecendo ainda mais sombrio, se isso fosse possível.

— Oh, céus, sinto muito — ela respondeu, perguntando-se se deveria convidá-lo para entrar. — Ela tem família? Não posso dizer que já tenha visto alguém visitar, não que eu seja de bisbilhotar, o senhor entende — acrescentou Ruby, pensando em todas as vezes em que a mulher espiava por trás das cortinas sempre que ela ou as crianças saíam de casa. Ainda estava sofrendo com os comentários que causaram a briga entre ela e Stella.

— Há um primo distante, creio — disse o homem, pensativo. — Eu só queria informar os vizinhos dela.

— É muita gentileza da sua parte. Gostaria de prestar meus respeitos. Poderia nos avisar quando o funeral for organizado? Eu fui tão rude, me perdoe. Posso lhe oferecer uma xícara de chá?

— Não, obrigado. Vou apenas dar a notícia às pessoas do número dezessete e depois vou jantar. Minha esposa está me esperando.

Ruby agradeceu e desejou-lhe o melhor Natal possível nestes tempos de guerra, depois fechou a porta e voltou para a cozinha, espiando dentro do forno para ver se o ganso estava pronto. Ela se perguntou quem seriam seus novos vizinhos. Por um breve momento, pensou que seria melhor contar a

Stella sobre o falecimento da Srta. Hunter, mas então lembrou-se de que Stella não queria nada com ela, o que a deixou muito triste.

— Quem estava na porta, mãe? — Pat perguntou, saindo para se juntar a ela, ainda abraçando sua nova boneca.

Ruby acariciou seu cabelo.

— Foi um homem que nos disse que a vizinha foi para o céu.

— Foi a bomba? — perguntou Pat com interesse repentino.

— Não, meu amor, era apenas uma senhora muito idosa e doente — disse Ruby. Não havia necessidade de Pat saber que a morte da Srta. Hunter fora resultado do bombardeio. A criança ainda tinha um interesse mórbido por bombas.

— Então, ela estará no céu com Donald? — Pat perguntou.

Ruby sorriu com o pensamento, lembrando-se da vez em que Donald foi perseguido pela Srta. Hunter na rua depois que uma bola que estava chutando bateu na janela dela. Foi preciso que Wilf saísse pela porta da frente de chinelos, camisa desabotoada e suspensórios pendurados na cintura, para parar a mulher em seu caminho. A Srta. Hunter ficou ainda mais horrorizada com o traje de Wilf do que com o incidente da bola, e correu para sua casa gritando bem alto sobre a terrível família do número quatorze.

— Por que não coloca Dolly para dormir na poltrona e me ajuda a colocar as facas e os garfos na mesa? Todos estarão aqui em breve e será ótimo se tudo estiver pronto para eles.

Pat começou ajudando a mãe e falando de tudo ao mesmo tempo. Elas tinham terminado quando George entrou pela porta e conduziu Irene até sua frente.

— Olá, mãe, já tem mais alguém aqui?

— Eu! — disse Pat. — Quer ver minha nova boneca?

Irene ignorou Pat e ficou parada enquanto George tirava o casaco dos ombros dela.

— É um casaco muito elegante — disse Ruby, admirando o tecido de lã verde e a gola de pele.

Irene sorriu educadamente.

— Foi um presente dos meus pais.

— Um presente muito generoso — disse ela. — Gostaria de tomar uma bebida enquanto esperamos por Frank e Stephen? Tenho um vinho do Porto bastante agradável que Frank preparou para hoje. Vamos comer ganso — acrescentou ela, pensando que pelo menos isso deveria ser algo que Irene aprovaria.

Irene rejeitou o vinho e informou a Ruby:

— Estou com o estômago muito sensível no momento. Direi não, obrigada, ao ganso. Um pouco de sopa pode ser melhor para mim — sugeriu ela.

— Vou levar Irene para a sala da frente e deixá-la descansar um pouco numa poltrona — disse George, ele próprio parecendo bastante pálido. — Voltarei para ajudá-la depois — continuou, enquanto Ruby lhe lançava um

olhar perplexo. Ela não iria preparar uma pequena tigela de sopa para sua convidada. A menina teria que comer o que lhe fosse oferecido, ou ficaria sem.

Com Stephen e Frank aparecendo de repente com os braços cheios de presentes, a indisposição de Irene logo foi esquecida. Stephen entregou a Pat um pacote grande coberto com papel pardo. Ele a ajudou a colocá-lo no chão antes que a criança mergulhasse, arrancando o papel.

— Oh, olhe, é um carrinho para minha boneca — ela exclamou, abraçando animadamente as pernas de Stephen antes que ele se inclinasse para aceitar um beijo em sua bochecha.

— Aqui está a outra parte do seu presente — disse Frank, entregando à criança um embrulho macio que na verdade era roupa de cama para o carrinho.

— Vocês mimam a criança, os dois. Frank já deu a ela aquela linda boneca! Isso teria sido suficiente — disse Ruby. Eram tão bons quanto tios em qualquer dia.

George juntou-se a eles e ficou emocionado com o presente de Frank, um cachimbo e um saco de tabaco. Suas iniciais estavam gravadas no couro macio.

Ele lançou um olhar tímido para a mãe, mas Ruby assentiu.

— Agora já tem idade suficiente para fumar cachimbo, e esse é um belo exemplar — disse ela enquanto o filho desembulhava o tabaco pronto para alimentar o cachimbo. — Mas talvez não agora, George. Estou prestes a preparar nosso jantar — acrescentou Ruby.

— Antes de fazer isso — disse Frank. —, precisa se sentar e abrir seus próprios presentes.

— Ah, não deveriam ter feito isso — Ruby disse. — Por que se incomodaram comigo? O Natal tem tudo a ver com as crianças.

Os homens a ignoraram enquanto lhe entregavam um pacote cada. O de Stephen era um lenço de seda delicado. Ruby passou os dedos por ele e sorriu.

— Vou guardá-lo para o melhor e lembrar de você toda vez que usá-lo. Obrigada, Stephen.

— Não guarde para o melhor, Sra. Caselton, use-o todos os dias. Nunca sabemos o que o amanhã trará.

Ruby segurou o lenço contra o rosto: sua suavidade e delicadeza a lembravam de Stephen.

— Eu farei isso — sim, certamente farei isso. Obrigada. Mas, por favor, Stephen, preciso ficar lembrando-o de me chamar de Ruby?

Stephen deu-lhe um sorriso tímido e prometeu que o faria.

O presente de Frank era um pacote maior e parecia bastante pesado.

— Espero que também não esteja gastando seu dinheiro comigo — ela o repreendeu, pensando que parecia a mãe. Ansiosamente tirando o papel, ela se engasgou de alegria.

— Não é novidade — disse Frank rapidamente, sabendo o quanto Ruby

tentava ser econômica. — Eu o vi há meses em uma liquidação. Simplesmente sabia que iria adorar.

Ruby passou os dedos pela caixa de madeira entalhada. O uso de diferentes cores de madeira criou um padrão tão complexo que tudo o que ela pôde fazer foi acariciar sua superfície brilhante e suspirar.

— Nunca vi nada parecido — disse ela.

— Chama-se marchetaria: todos os padrões são feitos de pequenas lascas de madeira.

Ela sorriu enquanto traçava o padrão dos pássaros que pareciam voar pela superfície da caixa.

— Abra — Frank a incentivou.

Ruby girou a pequena chave de latão e levantou lentamente a tampa. Ao fazer isso, uma música tilintante começou a tocar. A caixa estava forrada com veludo vermelho.

— A música se chama “Valsa das Flores” —, disse Frank, enquanto Ruby se aproximava para ouvir a melodia maravilhosa. — Achei que a caixa seria um lugar onde poderia guardar suas memórias. Sei como adora guardar pedaços.

Ruby suspirou novamente de alegria enquanto ouviam a música até que diminuiu a velocidade e parou. Frank mostrou a ela onde havia uma pequena alça embaixo, para rebobinar.

— É uma música tão linda — disse ela, com os olhos dançando de alegria.

— O nome do compositor é Tchaikovsky — disse Frank. — Da próxima vez que vier à loja, a levarei lá para cima e poderá ouvir a gravação completa no meu gramofone.

— Há mais do que esta parte? — Ruby perguntou. — Que maravilha. — Ela terminou e eles ouviram mais uma vez, enquanto Pat dançava pela sala como uma bailarina. — Agora, todos devem ir para a sala da frente e se juntar a Irene. Meus filhos podem me ajudar a resolver essa bagunça e organizar o jantar.

George seguiu a mãe até a cozinha, enquanto Pat continuava a brincar com seu novo carrinho.

— Então, o que tem para me dizer? — Ruby disse, olhando o filho diretamente nos olhos.

George era agora centímetros mais alto que ela e um homem bonito e robusto. Mesmo assim, se encolheu sob o olhar dela.

— Presumo que o que Irene tem seja familiar?

— Como sabe? Quero dizer... íamos dizer algo mais tarde, depois do jantar, quando Frank e Stephen tivessem ido para casa...

Ruby só conseguiu balançar a cabeça.

— Ah, George! O que fez?

Ao olhar para a mãe, Ruby lembrou-se do garotinho que sempre corria até ela quando tinha algum problema.

— Não sei o que fazer, mãe — ele gritou.

Ruby puxou-o para seus braços, assim como fazia quando ele era criança.

— Agora é um pouco tarde, rapaz. Tem que fazer a coisa honrosa. O que os pais dela dizem sobre isso?

— O pai de Irene quer organizar um casamento o mais rápido possível. Ele disse que os vizinhos e seus amigos só seriam informados de que nos casaríamos rapidamente porque estou prestes a me alistar no exército.

— Mas..., mas não está, não é?

Mais uma vez, George não conseguiu olhar nos olhos da mãe e desviou o olhar para a janela acima da pia, embora não houvesse muito para ver.

— Bem, é assim — disse ele, tossindo nervosamente para limpar a garganta. — Como daqui a algumas semanas farei dezoito anos, serei recrutado de qualquer maneira, então fui ao escritório e perguntei...

— Seu maldito idiota — Ruby disse com raiva. — Tinha um futuro brilhante e está em um emprego que significava que talvez não tivesse sido convocado devido ao seu trabalho com os armamentos para a guerra. A senhora Grant encontrou para você o melhor aprendizado que qualquer jovem poderia sonhar, e é muito respeitado na Vickers. Agora está se afastando de tudo, deixando uma esposa esperando um bebê em casa, enquanto foge para brincar de soldado? O que será de você, George? — Uma única lágrima caiu em seu rosto.

George estendeu a mão e enxugou a lágrima.

— Eu sei que fiz uma bagunça, mãe, mas agora sou um homem e vou dar um jeito nas coisas. Gosto muito de Irene e ela gosta de mim. Não queria lhe contar sem saber que meus planos futuros estavam seguros. Falei com o Sr. Grant no trabalho e ele me disse que se eu voltar, haverá um emprego para mim. O problema é que quero ir embora sabendo que Irene pode recorrer a você se tiver algum problema. Pode achar que ela é um pouco arrogante, mas quando a conhecer, espero que a ame tanto quanto eu.

— Oh, George, como eu poderia não amar alguém que o ama? Por acaso sabe onde vai morar quando se casar? Poderia sempre trazer Pat de volta comigo e deixar que fique com os dois quartos no andar de cima, se desejar.

George parecia um pouco envergonhado.

— A questão é que a mãe de Irene quer que vivamos com ela...

— Oh, entendo. É assim, não é? — Ruby disse, sabendo que a família de Irene tinha uma casa muito maior e era uma classe de pessoas mais elevada. — Parece-me que está progredindo no mundo.

— Não, se eu puder evitar — disse George. — Meus pés estão firmemente presos em Alexandra Road. É bom o suficiente para mim e sempre será. O pai de Irene é um bom tipo — ele só quer ter certeza de que sua filha está bem. Está interessado em mim e no meu trabalho e me trata como um filho, e não como alguém que gerou seu neto fora do casamento. Tivemos uma pequena discussão outro dia, e me disse que eu precisava falar-lhe o mais rápido possível.

Ruby considerou isso.

— Ele parece ser uma pessoa decente — ela reconheceu. — O que ele tinha a dizer, além de você falar comigo?

— Bem, ele acha que Irene é um pouco mimada... e agora vai ser esposa e mãe, precisa se sustentar sozinha. Não tenho certeza se a mãe de Irene concorda com isso, mas não estava lá naquele momento, então não teve uma palavra a dizer. Ele acha que deveríamos morar sozinhos em breve, pois isso dará a Irene algo em que se concentrar enquanto eu estiver fora. Ele diz que será o crescimento dela.

Ruby riu.

— Estou ansiosa para conhecê-lo. O que Irene tem a dizer sobre tudo isso?

— Acho que meu pai está certo — disse Irene ao se juntar a eles, passando o braço pelo de George. — Espero que não esteja muito chateada, Sra. Caselton?

— Como posso ficar chateada com você? Ora, eu não era muito mais velha que George quando me casei com meu Eddie. A essa altura também tinha uma criança a caminho. Foi sua avó quem não ficou feliz. Não ficou muito satisfeita, posso garantir. — Ruby riu novamente. — Não vou interferir nos seus planos. A última coisa que quer é uma sogra chata — disse ela, dando um sorriso gentil para Irene. — No entanto, se quiser meu conselho e minha ajuda a qualquer momento, estou aqui, então lembre-se disso.

— Obrigado, mãe — disse George, beijando-a na bochecha.

Irene fez o mesmo.

— Obrigada por não ficar com raiva de nós — disse ela. — Há uma coisa que quero lhe perguntar.

— Fale — disse Ruby enquanto abria a porta do forno novamente, preocupada com o fato de o ganso estar muito seco.

— Gostaria de saber se conhece algum lugar que possamos alugar? Meu pai vai nos dar uma mesada generosa como nosso presente de casamento. Gostaria de morar perto, se não se importa? Sei que meus pais esperam que fiquemos com eles por um tempo, mas quero minha própria casa antes que o bebê nasça.

— Verdade? Não consigo pensar em nada melhor. Está procurando quartos ou uma casa?

— Adoraria uma casinha, mesmo que tivéssemos que alugar. O seu senhorio teria alguma propriedade em seus livros?

Ruby riu gentilmente.

— Não tenho senhorio, amor. Possuo cada pedaço de pau e cada tijolo desta casa — ela sorriu com orgulho. — No entanto, conheço uma casa que acabou de ficar vazia. Deixe comigo por alguns dias e farei algumas perguntas.

— Isso vai ser ótimo, mãe, obrigado — disse George, parecendo extremamente aliviado. — É muito longe daqui?

Ruby olhou para a parede que separava sua casa do número quinze ao lado.

— Não muito longe — ela respondeu com um sorriso gentil.

Houve silêncio ao redor da mesa de jantar, exceto Pat conversando sobre seus presentes. De certa forma, Ruby estava feliz por a criança não saber o que estava acontecendo com sua família e amigos mais próximos. Mesmo Frank e Stephen não estavam alegres como sempre. Tentando quebrar a atmosfera gelada, se virou para George e Irene.

— Queridos, por que não compartilham suas boas notícias com todos?

George olhou para Irene, que acenou com aprovação.

— Solicitei a mão de Irene em casamento e ela aceitou. Planejamos nos casar antes de eu entrar no exército, em janeiro — disse ele, olhando para os dois homens mais velhos em busca de aprovação.

Ruby olhou para Frank para dizer algo de apoio, mas sua cutucada não foi necessária.

— Eu digo, são notícias maravilhosas — exclamou ele, levantando-se de um salto para beijar a bochecha de Irene e apertar a mão de George com entusiasmo. — O que acha disso, Stephen? — ele perguntou ao amigo, que já estava se juntando à conversa com seus próprios parabéns.

— Espetacular, muito bom — disse Stephen. Era o contraponto perfeito para Frank, geralmente sendo o mais quieto do casal. Ruby sorriu para si mesma. Essa foi a primeira vez que realmente pensou neles como um casal, e de fato eram. Nunca sentiu que houvesse algo de errado nisso, mas tinha certeza de que um caminho difícil estava pela frente para seus dois amigos. — Precisa nos contar que tipo de casamento pretende realizar, Irene. Será um grande evento?

Irene olhou para seu colo, mas manteve seu habitual ar de indiferença. Era muito raro Ruby conseguir apoiar sua atitude.

— Será um casamento simples, dadas as circunstâncias — disse ela calmamente.

Frank ergueu as sobrancelhas para Ruby, que respondeu com um pequeno aceno de cabeça. Seus amigos presumiram a situação imediatamente, percebendo a necessidade de pressa.

— Suponho que, se George partir a qualquer momento para servir nosso país, é melhor realizar o casamento o mais rápido possível — disse ele, fazendo o máximo para ajudar a preservar a ilusão de que tudo estava em ordem.

Assim que o pequeno grupo terminou de comer, Frank pigarreou.

— Também tenho algumas novidades — disse ele, enquanto Stephen acenava para que ele continuasse falando. — Trouxe isso comigo hoje para que pudéssemos fazer outra queima cerimonial. — Ele enfiou a mão no bolso da jaqueta e tirou um punhado de penas brancas.

George parecia irritado.

— Quem está fazendo isso com você? É nojento — ele cuspiu.

— Lendo os jornais, poderia pensar que mulheres corajosas vieram até nós e as entregaram, mas descobri que nem sempre é esse o caso. Temo que Erith esteja cheia de covardes — disse ele com tristeza. — Para começar, nunca

falei nada quando aquela estranha me entregou. Não está em mim ser rude com uma mulher. No entanto, agora viro as costas para elas e ignoro suas palavras indelicadas. Ainda encontro na livraria o suficiente para encher uma fronha.

— Mas não é nosso dever encorajar os homens a se juntarem ao exército? — interveio Irene. — A minha mãe diz que nós, mulheres, precisamos exortar os homens a lutar pelo nosso país.

George mexeu-se desconfortavelmente na cadeira e esperou que a mãe dissesse alguma coisa. Stephen ficou com os olhos arregalados com o comentário de Irene.

— Acho que não entende muito bem as implicações do que está acontecendo aqui — disse ele, parecendo nada satisfeito.

Irene ficou bastante animada ao explicar como as amigas de sua mãe viam como seu dever encorajar todos os homens a se alistarem no exército.

— Mamãe diz que não há desculpa para os homens não lutarem.

— Posso perguntar o que sua mãe pensa sobre pessoas que têm princípios e não acreditam que a guerra seja a resposta? — Stephen perguntou, seu rosto ficando bastante rosado.

— Deixe isso — disse Frank calmamente.

— Não, sinto muito, não vou deixar isso — disse Stephen. — Aplaudo qualquer homem que tenha princípios fortes e acredite que a guerra não é a resposta para os problemas do nosso mundo neste momento.

— Mas mamãe diz...

— Por favor, Irene... — George disse enquanto começava a mexer em seu cachimbo e tabaco. Ruby percebeu que seu filho estava achando difícil apoiar as opiniões de sua noiva, bem como as de seus queridos amigos. Frank encolheu os ombros para Ruby em desespero.

— Irene, querida, sua mãe está envolvida na distribuição dessas penas brancas?

Irene sorriu, alheia à tensão ao redor da mesa.

— Sim, ela preside vários comitês onde, além de realizar outras boas obras, procuram homens que ainda não lutaram pelo seu país.

Ruby não conseguia acreditar no que estava ouvindo, mas tentou manter a calma. Afinal, essa menina estava grávida de seu neto ainda não nascido.

— Sua mãe trabalha? Entendo que muitas mulheres estão agora assumindo empregos que os homens abandonaram para poderem servir o seu país. Ora, já vi mulheres trabalhando nos bondes. Isso é algo que sua mãe faria?

Irene pareceu chocada.

— Não, uma mulher não deveria fazer o trabalho de um homem. É muito impróprio.

— Isso é bastante antipatriótico, não acha? — Stephen retrucou.

— Pretendo fazer algum trabalho de guerra — anunciou Ruby. A conversa à mesa de jantar a ajudou a tomar uma decisão. Já há algum tempo pensava que poderia fazer mais, pois tinha certeza de que seu tricô não contribuía

muito. No entanto, ainda não tinha certeza do trabalho que poderia fazer para contribuir para pôr fim à guerra.

Frank sorriu.

— Parece ser um dia para anúncios. O meu é que depois de todo este tempo, e examinando a minha consciência, também aceitarei o xelim do rei.

Ruby sentiu seu coração despencar.

— Mas é o homem mais pacífico que conheço, sempre disse que não conseguia portar armas. O que o fez mudar de ideia? — ela perguntou.

— Bem, não foram estas. — Ele apontou para a pilha de penas tortas. — Devemos colocá-las no fogo aqui, ou talvez Irene queira devolvê-las para sua mãe? Para responder à sua pergunta, Ruby, pretendo ingressar no Royal Army Medical Corps para ajudar as pessoas. Sei que só tenho conhecimentos básicos de primeiros socorros, mas se alegar ser um objetor de consciência e for atirado na prisão, não ajudarei ninguém, muito menos a mim mesmo. Posso ajudar a tratar os feridos, tanto amigos quanto inimigos — disse ele, lançando a última frase na direção de Irene. Ela teve a boa vontade de parecer envergonhada, mas não disse nada.

— Gostaria de poder ir também, mas não há como me deixarem ir com minha saúde do jeito que está — disse Stephen. — Será muito difícil ficar aqui sozinho sabendo o que está enfrentando — mas ficarei muito orgulhoso. — Ele estendeu a mão e pegou a de Frank.

Isso realmente chocou Irene.

— Talvez seja hora de partirmos — ela disse a George enquanto se levantava. — Obrigada pela deliciosa refeição, Sra. Caselton, e por sua oferta de ajuda para encontrar um lugar para morarmos.

— Por favor, deve me chamar de Ruby. Sra. Caselton parece tão formal — Ruby disse, tentando aliviar um pouco a atmosfera. Ela tinha certeza de que Irene não poderia ser tão arrogante quanto dizia. Devia haver algum tom de decência na garota, caso contrário seu filho não teria se apaixonado por ela. Ruby manteve essa esperança enquanto ajudava com os casacos e acenava para George e sua noiva na porta da frente.

Agora que tinha feito o anúncio quanto a realizar trabalho de guerra, realmente precisava se concentrar nisso.

Na mesma rua, no número quatorze, Stella estava sentada sozinha. Wilf, incapaz de passar o dia numa casa que antes era tão cheia de risadas, voltou para o rio. Havia trabalho a ser feito mesmo no dia de Natal e ele se sentia necessário. No momento, não sentia que sua esposa precisava dele.

Olhando pela janela, Stella observou os convidados de Ruby chegarem. Ela se lembrou dos Natais anteriores, quando sua porta estava aberta para os vizinhos, assim como a de Ruby estava agora. Quando seu Donald estava vivo e com seus dois irmãos mais velhos trazendo amigos para casa, o Natal era sempre a melhor época do ano. Agora, com a partida de Donald e Derek servindo seu país, seu Frank preferia a companhia de uma mulher casada: Ruby Caselton.

Como alguém que ela ajudou no primeiro dia em Alexandra Road — no ponto mais baixo da vida da outra mulher — acabou levando sua família embora? Até Wilf preferia não ficar em casa e passava o tempo todo no rio. Afastando-se da janela, pensou muito antes de pegar uma folha de papel da gaveta do aparador e colocá-la sobre a mesa. Pegando a caneta-tinteiro de Donald, agarrou-a com força e começou a escrever.

Meu querido Derek,

Parte meu coração informar que perdemos nosso Donald recentemente. Disseram-me que ele foi corajoso até o fim, quando sucumbiu aos ferimentos. Não tenho ideia de como devo continuar. Frank parece ser um estranho para mim e prefere a companhia de Ruby Caselton. Enquanto escrevo esta carta, é dia de Natal e vi homens estranhos entrando em sua casa. Se os rumores forem verdadeiros, ela está grávida, mas só Deus sabe quem é o pai.

Eu só tenho você agora, Derek. Por favor, fique seguro por mim e dê meus cumprimentos a Eddie se o vir. Minhas orações voam por quilômetros e espero que possa ouvi-las. Até nos encontrarmos novamente,

Sua querida mãe.

Ela dobrou o papel e colocou-o dentro de um envelope, usando o endereço que recebera algum tempo antes. Levando o envelope para sua bolsa, que estava perto da janela, o guardou com segurança, não desejando que Wilf o encontrasse. Ao se endireitar, notou Frank e seu amigo saindo do número treze. Ruby beijou e abraçou os dois homens e acenou enquanto caminhavam pela rua. Foi por acaso que Derek mencionou que Eddie Caselton estava servindo com ele. Como Eddie reagiria depois de ouvir a notícia contida na carta? Ninguém sabia, mas certamente ficaria com ciúmes — e Ruby sofreria por isso. Stella não teve escrúpulos em mentir para o filho, Ruby não tinha feito exatamente isso, fingindo que a jovem Pat era sua neta, quando na verdade era filha de Eddie? O mesmo homem que deveria ter sido um marido tão ruim e fugido anos antes, nada menos.

Stella assentiu com satisfação e fechou a bolsa, murmurando:

— Vou rir por último, Ruby Caselton.

Ruby gostou da visita de suas irmãs, pois passaram algumas horas agradáveis conversando sobre nada em especial enquanto assistiam a jovem Pat brincar com seus brinquedos. Ruby confidenciou-lhes sobre o casamento iminente de seu filho e suas irmãs mostraram-se solidárias com a situação, insistindo que a culpa era da guerra pela moral frouxa dos jovens de hoje. Ruby mordeu a língua e prometeu que receberiam um convite para o casamento, implorando que guardassem o segredo do bebê para si. Ela não tinha certeza de como Irene ou seus pais reagiriam se soubessem que Ruby estava conversando com outras pessoas sobre isso. Mas de alguma forma parecia que a notícia do bebê havia unido as três mulheres, com Fanny e Janie provocando a irmã mais nova sobre ser avó e insistindo que ajudariam a tricotar o enxoval depois de inspecionarem o trabalho manual de Ruby com suas agulhas de tricô.

Depois de guardar as coisas do chá quando as irmãs partiram, Ruby ajudou a filha cansada a ir para a cama e acomodou-a ao lado da boneca. Quando George chegou em casa, encontrou sua mãe agradavelmente cansada, sentada perto da lareira, na escuridão, longe do brilho do fogo.

— Pensei que já tivesse subido há muito tempo — disse ele, ajoelhando-se ao lado da cadeira dela.

Ruby acariciou seu cabelo.

— Para onde foram os anos? — ela lhe perguntou. — Parece que não faz cinco minutos desde que me ajudou a mudar para esta casa quando era um garotinho de cinco anos.

George apoiou a cabeça no ombro dela.

— Isso também acontece comigo. Lembro-me de tudo daquele dia: de ter ficado tão assustado quando desmaiou na rua, e depois de ser levado para casa pela vovó e de não saber o que tinha lhe acontecido. Ninguém quis me explicar, e só dias depois tive permissão para vê-la, e parecia muito doente. Lembro-me de perguntar sobre o bebê porque me contou como eu teria um irmão ou irmã mais novo — e não houve nada. Quando perguntei, as pessoas choraram. Vovó até me deu um tapa por perguntar. Ela me disse que os meninos deveriam ser vistos e não ouvidos. Tudo que eu queria era ver o bebê. Isso é o que mais temo em Irene esperando nosso filho. Ela é tão jovem. E se nosso bebê morrer?

À luz do fogo bruxuleante, Ruby pôde ver o medo estampado em seu rosto.

— Não pode pensar assim, George. Tem que ser forte por Irene. Ela é uma jovem saudável e será a mãe perfeita, não tem nada a temer, acredite.

— Mas e se eu estiver ausente quando o bebê chegar? Duvido que a mãe dela seja de muita utilidade. Pode me prometer que estará lá com ela, por favor?

— Eu prometo. Não se preocupe, estarei ao lado dela e lembrarei de tudo. Vou escrever para contar sobre seu lindo bebê quando ele nascer. Suponho que esteja esperando um menino forte. — ela disse, tentando aliviar o ar de tristeza.

— Não necessariamente. Mãe, já falei sobre o que aconteceu quando a senhora perdeu Sarah, e Irene concorda comigo que, se quisermos ter uma menina, vamos chamá-la de Sarah, assim como lhe prometi quando fomos visitar o túmulo dela no dia em que conhecemos a Sra. Grant.

Ruby não conseguiu encontrar palavras para agradecer. E pensar que ele se lembrava daquele dia quando era um garotinho. Soluços profundos e trêmulos vieram de dentro dela e se viu chorando, não apenas pela filha perdida, mas por Donald, por tudo o que havia acontecido com ela e Eddie, por Frank e Stephen e seu perigoso futuro juntos, e por seu querido filho, que poderia perecer nos campos de batalha da França. Quando as lágrimas diminuíram enxugou os olhos, e disse:

— Agora é um homem, George, há coisas que preciso lhe contar sobre seu pai, por que nos deixou e por que ainda o amo até hoje.

George ouviu atentamente enquanto as palavras saíam dos lábios de Ruby.

— E pensar que nunca contei a ninguém além de Frank, a respeito daquela noite em que Eddie voltou e desapareceu novamente. Então, veja bem, não importa o que digam, Pat é sua irmã.

George pegou a mãe nos braços e segurou-a com força até sentir que ela havia se acalmado e estava tranquila dentro de si.

— Mãe, sempre confiei na senhora. Eu a admirei: a maneira como lidou com a situação, a maneira como construiu um lar para mim e para Pat e vi que os outros a respeitam. Quando papai voltar da guerra eu o receberei de braços abertos, se é isso o que quer. Vamos deixar tudo isso para trás e começar de novo. 1918 será um bom ano para nossa família, posso sentir isso em meus ossos. Além disso, a senhora vai ser avó — ele riu.

— Não comece — Ruby sorriu enquanto enxugava o rosto com o lenço. — Suas duas tias zombaram de mim esta tarde. Mas eu me protejo: lembrei-lhes que serão tias-avós. Também lhes mostrei minhas terríveis habilidades em tricô, então já estão planejando vestir seu bebê com as melhores roupas. Será uma jovem de sorte.

— Ou um jovem — George sorriu.

— Ah, não, acho mesmo que estamos prestes a conhecer nossa Sarah — disse Ruby, satisfeita.



Janeiro de 1918

Ruby gostaria de poder dizer que gostou do casamento do filho, mas seria mentira. O pai de Irene era encantador, no entanto, sua mãe era uma questão diferente. A Sra. Desmond era uma esnobe, não havia outra palavra para isso. Ela fez o possível para ofuscar Ruby e, sem dizer uma palavra, deixou claro que pertencia a uma classe diferente de Ruby e de seu filho.

Ruby ficou feliz em ver que o Sr. Desmond recebeu George de braços abertos. Ele era um sujeito jovial, e as poucas palavras que trocou com Ruby antes do casamento garantiram-lhe que cuidaria do filho e seria um bom sogro para ele. Claro, também deixou claro que não estava satisfeito com a situação, mas como disse, não adiantava chorar pelo leite derramado. Tinham que tirar o melhor proveito da situação. George já estava uniformizado e ingressaria em seu regimento dentro de duas semanas. Vê-lo parado esperando a noiva subir ao altar foi uma visão que Ruby jamais esqueceria. Isso a lembrou de ver seu Eddie parado ali no dia em que se casara, embora seu próprio casamento não tivesse sido nada parecido com o de Irene. A Sra. Desmond certificou-se de que sua filha tivesse apenas o melhor de tudo, e Ruby tinha que admitir que Irene parecia um colírio para os olhos, vestida da cabeça aos pés com renda e usando uma tiara de prata herdada da avó da Sra. Desmond.

Pat era a dama de honra perfeita e fazia tudo conforme as instruções de Irene, o que foi um alívio para Ruby. Depois, na casa dos Desmond, comendo sanduíches finos e copos de xerez, Ruby se misturou aos convidados, conversando educadamente. Ela já sentia uma bolha no pé esquerdo, mas colocou um sorriso no rosto e seguiu em frente. É verdade que suas duas irmãs estavam lá, mas fora isso não tinha outra família para apoiá-la. Ela avistou Stella e Wilf sentados no fundo da igreja e ficou satisfeita por terem sido convidados. No entanto, quando todos saíram da igreja para ficar do lado de fora sob o sol do inverno, os viu ir embora, sabendo que a discórdia entre eles ainda não havia sido curada. Ruby decidiu que seria uma boa ideia ir até a casa deles mais tarde com uma fatia de bolo de casamento, para agradecer a presença. Se levasse Pat com ela, isso quebraria o gelo. Ela sentia falta de Stella e da facilidade com que conversavam, mas a dor fazia coisas estranhas na vida das pessoas, pensou ela.

Perto do final da recepção, quando o Sr. Desmond chamou o casal, Ruby juntou-se a eles. Este era o momento de dar ao jovem casal o presente de casamento, seria um presente conjunto, e Ruby nunca se sentira tão animada. Queria ver a expressão no rosto do filho quando lhe contassem. Com apenas

algumas palavras, o Sr. Desmond entregou um envelope a Irene.

— Sei que seu plano era ficar aqui enquanto procurava um lar para você e George, mas nós — isto é, sua mãe, eu e a Sra. Caselton — temos uma surpresa para ambos. — Ele hesitou, sem saber o que dizer em seguida, então Ruby interveio.

— Você me disse no Natal que gostaria de morar perto da cidade, e eu disse que estaria por perto enquanto George estivesse fora. Esta casa ficou disponível e entre nós foi comprada e colocada em seu nome. — Ela não acrescentou que sua contribuição tinha sido apenas um décimo do valor da casa, foi somente graças à generosidade dos Desmond que a compra foi possível.

Irene abriu o envelope e tirou um documento legal.

— Oh, meu Deus! — Irene gritou. — George, olhe. Não acredito, obrigada a todos — disse ela, jogando-se nos braços do pai antes de abraçar Ruby e, em seguida, dar um beijo educado na bochecha da mãe.

George estava olhando o documento e ficou sem palavras.

— São as escrituras do número quinze da Alexandra Road. Vamos morar ao seu lado, mãe. Não posso dizer o que isso significa para mim. Obrigado, senhor — disse ele, apertando a mão do Sr. Desmond e fazendo como Irene havia feito e beijando a bochecha da Sra. Desmond. Ele então abraçou a mãe e girou-a em círculo, para grande surpresa da Sra. Desmond.

— Presumo que esteja feliz — Ruby riu. — No entanto, por favor, não pense que serei uma sogra intrometida, Irene. Nem quero segurar uma chave reserva. O número quinze é seu e somente seu.

— Oh, por favor, Sra. Ca... Quero dizer, Ruby, deve ter uma chave reserva. Eu insisto. Se algum dia não tiver ninguém para cuidar de Pat, ela será tão bem-vinda em minha casa quanto na sua. George, mal posso esperar para dar uma olhada na casa. Vou me divertir muito fazendo dela um lar, meu amor.

O Sr. Desmond disse:

— Vou lhe dar um cheque bancário para que possa mobiliar a casa da maneira que desejar.

— Oh, meu Deus, isso vai ser maravilhoso — Irene sorriu enquanto dava o braço a George. — Quero torná-lo o lar perfeito para quando você voltar e para nosso bebê ser criado.

Ruby sorriu para George. Sem dúvida ele estava pensando, assim como ela, nos poucos móveis modestos que tinham quando se mudaram para o número treze. Ruby só esperava que o jovem casal adorasse morar em sua nova casa tanto quanto ela adorava morar na cidade nos últimos treze anos.

Ruby pegou a mão de Pat enquanto atravessavam a rua, colocara alguns petiscos saborosos em um prato junto com duas fatias do bolo de casamento, cortesia dos pais de Irene. Esperava que Stella vendo Pat em seu lindo vestido de renda suavizasse um pouco seu coração. A vida parecia ter sido sugada de Stella desde a notícia da morte de Donald. Ruby queria muito que fossem amigas novamente e que a vida voltasse a ser como antes. Ela sentia falta das

idas às compras na cidade, com xícaras de chá e uma boa conversa no café. De certa forma, Ruby achava que a vida sem Stella era uma existência solitária.

Espançosamente, com Irene se mudando para a casa ao lado e George indo para seu regimento, a vida dela poderia mudar um pouco, mesmo que Irene não fosse o tipo de pessoa com quem Ruby costumasse conviver. A garota a surpreendeu de alguma maneira — no fundo, havia um lado simpático nela. Ela só precisava empurrá-lo mais para a superfície. Ao se aproximar da casa de Stella, os pensamentos de Ruby se voltaram para Maureen Gilbert, que esperava que fosse uma visitante regular de Irene. Ruby então teria muitos abraços de seu adorável filho, Alan.

Ruby notou as cortinas se movendo quando abriram o portão. Ah, pensou ela, pelo menos alguém está em casa e pode ver que estamos prestes a bater na porta. Ela sorriu para Pat enquanto entregava o prato de comida à menina. Sua filha queria muito entregar o presente sozinha.

Foi Wilf quem abriu a porta, com uma expressão taciturna no rosto.

— Sinto muito amor, se é Stella que queria ver, ela está deitada no momento. As notícias sobre Derek foram demais para ela. Também não estou me sentindo muito bem, então me desculpe se não convido as duas para entrar. Acabamos de saber — ele disse, balançando a cabeça com tristeza.

Ruby não entendeu o que ele quis dizer. Pat, alheia ao que estava sendo dito, estendeu o prato de comida.

— Vim mostrar-lhe meu vestido. Fui dama de honra de George e ele mandou um bolo de casamento para vocês — ela sorriu para o homem que considerava um avô.

— Está linda como uma foto, e Stella vai ficar triste por não a ter visto — disse ele enquanto pegava o prato.

— Posso voltar e mostrar a vovó outro dia — ela sorriu. — Irene disse que posso ficar com o vestido.

Ruby acariciou a cabeça da filha.

— Vou dizer uma coisa, por que não pega minha chave e volta para casa e começa a fazer um desenho do casamento? Pode dá-lo para Stella quando ela se sentir melhor — disse ela, e observou sua filha encantada atravessar a rua saltitante. — Wilf, isso deve ter sido repentino. Vi os dois sentados no fundo da igreja mais cedo.

Wilf assentiu com a cabeça.

— Queríamos ver o seu George se casar, mas dadas as circunstâncias e a maneira como Stella se sente em relação às coisas, não se sentia bem para socializar. A carta estava no capacho quando chegamos em casa.

— Carta? O exército não teria enviado um telegrama?

— Eles só fazem isso quando a pessoa morre. Nosso Derek sofreu ferimentos terríveis e não se espera que sobreviva. Foi o único dos rapazes em sua trincheira que não foi morto imediatamente.

Ruby sentiu um medo gelado tomar conta de seu coração. Ela estendeu a

mão para se firmar contra a parede da casa. Sabia que Eddie e Derek estavam grudados como cola. Eddie sempre mencionava Derek e um sujeito chamado Ernie Minchin que ambos conheciam por trabalhar na olaria, a menos de um quilômetro de distância de onde ela estava naquele momento.

— Houve alguma notícia de Eddie? — ela perguntou.

— Eddie? Você pergunta sobre Eddie? — Stella gritou enquanto empurrava Wilf para o lado, fazendo o possível para chegar até Ruby. Seu cabelo estava desganhado e seu rosto manchado de lágrimas. Ela segurava nas mãos uma carta enrolada em forma de bola e acenou para Ruby. — Provoca meu filho e ainda quer saber sobre seu marido? Nunca conheci uma vaca tão egoísta. Para sua informação, seu Eddie morreu pensando que estava se envolvendo com alguém que olhasse duas vezes para você. Eu me certifiquei disso — ela cuspiu. — Não contente em arruinar seu próprio casamento, agora convenceu meu Frank a se alistar. Não é suficientemente ruim eu ter perdido dois filhos sem que você tenha enviado o terceiro para a morte?

Wilf pegou o braço de Stella e a guiou de volta para dentro antes de fechar a porta. Lançou a Ruby um olhar vago, mais preocupado com sua esposa do que com os protestos de Ruby.

— Mas não é o que parece... nós não temos... Eu não entendo... — gritou ela, incapaz de entender as palavras de Stella ou de se fazer entender.

— Deveria voltar para casa. Se Pat quiser vir nos ver, será mais que bem-vinda, mas é melhor ficar longe, Ruby. Stella nem quer ver Derek. Não suporta pensar nele com ferimentos terríveis e quer lembrá-lo como era antes da guerra. Não posso deixá-la ir vê-lo, então de certa forma me sinto como ela neste momento. Pode não ser totalmente culpada, mas seria melhor ficar longe.

Ruby se recusou a apanhar quando não fez nada de errado. Embora em sua cabeça as palavras “seu Eddie morreu” continuassem gritando, se recusou a aceitá-las. Certamente sentiria isso em seu coração se ele se fosse? Alguém não escreveria para ela — a menos que Eddie tivesse esquecido de torná-la sua parente mais próxima? Respirou fundo e tentou pensar com clareza. Nada deveria mudar até que ela soubesse mais sobre o marido.

Sabia que Derek não deveria ficar sozinho e, por respeito a Frank, que agora servia no Corpo de Ambulâncias, não podia deixar o rapaz morrer sem ninguém por perto. Não só isso, mas também poderia saber alguma coisa sobre Eddie — e precisava descobrir como seu marido havia morrido.

— Para onde levaram Derek? — ela exigiu.

— Ele foi levado para um lugar chamado Queen’s Hospital em Sidcup, é para onde levam soldados que... Quem... — Lágrimas caíram dos olhos de Wilf quando parou e se virou, fechando a porta na cara dela.

De volta a casa, Ruby verificou se Pat estava bem e sentou-se à mesa da cozinha. Apoiando a cabeça nas mãos, se forçou a pensar cuidadosamente sobre o que havia acontecido.

Precisava desesperadamente conversar sobre o assunto com alguém. A

primeira escolha dela teria sido George, mas era injusto fazer tal coisa no dia do casamento dele — além disso, iria passar um fim de semana prolongado com a noiva no campo antes de voltar para casa, e então iria embora para se juntar ao seu regimento. E, de qualquer forma, fazia tanto tempo que George não via o pai que Ruby não teve coragem de contar a ele naquele momento, especialmente porque não havia provas de que o pai dele tivesse morrido. Ela não sentia que poderia confiar nas irmãs, pois simplesmente não teriam compreendido, ademais, isso significaria explicar sobre Frank e seu relacionamento com Stephen, e não era certo fazer tal coisa. Houve um tempo em que Stella teria sido a primeira pessoa com quem falaria se estivesse preocupada...

— Está tudo uma bagunça — ela disse em voz alta.

Pat colocou a mão na da mãe.

— Não fiz bagunça, fui muito arrumada — disse ela. — e olhe, tirei meu vestido de dama de honra, para não estragar.

Ruby a abraçou forte. — Não estava falando de você, minha querida. Foi uma garota tão boa hoje. Que tal irmos visitar Stephen na loja? Precisa dar uma olhada nas cestas de George. Já faz algumas semanas que não chegamos perto da loja.

Pat considerou a sugestão.

— Mamãe sabe que George me deu as cestas, não é? Se algum livro foi vendido, o dinheiro é meu — ela sorriu.

— Então certamente devemos ir à livraria, mas primeiro precisa vestir algumas roupas — Ruby riu, fazendo a filha rir. — Está muito frio para sair de roupa íntima.

Com sorte, a livraria estaria tranquila e Ruby poderia abrir seu coração para Stephen enquanto Pat se mantinha ocupada separando os livros que não podiam ser vendidos. Mesmo que estivesse chovendo, as cestas ficariam logo atrás da porta e longe de onde Ruby pudesse conversar em particular.

Já era fim de tarde quando partiram pela cidade em direção à Pier Road. Os postes de luz já começavam a ser acesos e havia cheiro de fumaça saindo das chaminés das casas. Ruby geralmente gostava dessa hora do dia, quando os pensamentos eram voltar para casa, fechar a porta para o mundo e passar a noite com a família. Em vez disso, seus pensamentos agora estavam voltados para seus problemas e se Stephen seria capaz de aconselhá-la.

Havia apenas uma cliente quando entraram na loja, Ruby a reconheceu como uma cliente regular. Ela ajudou a parcelar as últimas compras enquanto Stephen pegava o dinheiro. Depois de passar o dia conversando sobre o casamento de George, a senhora se despediu.

— Posso dizer que esta não é uma visita social. Sabe que nunca estamos ocupados a esta hora do dia, então não veio me ajudar — disse Stephen, olhando para o rosto pálido dela. — Aqui, sente-se. Vou simplesmente colocar a placa da loja fechada e pode me dizer o que a está incomodando.

Ela observou quando ele colocou a chave na fechadura da porta e inverteu a

placa para mostrar que estavam fechados. Embora conhecesse Stephen há apenas alguns anos, sabia que tudo o que dissesse seria muito bem guardado. A família de Stephen veio do West Country e, além de Frank e um pequeno grupo de amigos, Ruby era a família mais próxima que ele tinha e sabia de seu relacionamento com Frank.

— Agora — disse ele, sentando-se no outro lugar perto do balcão —, diga-me por que a mãe do noivo tem uma cara tão taciturna?

Ruby balançou a cabeça desanimada.

— Realmente não sei por onde começar. Presumo que Frank tenha explicado a você sobre meu Eddie e nossa situação desde que nos mudamos para esta área?

— Sim, sei muito do que aconteceu. Nunca fofocamos sobre sua vida, mas isso surgiu nas conversas gerais. É como uma irmã para Frank. Certa vez, me disse que, se algum dia pensasse em se casar, se casaria com alguém como você, em vez de com uma frívola exigente que só pensaria em si mesma e nas últimas modas.

— Vou considerar isso um elogio — disse Ruby, reconhecendo as palavras exatamente como algo que Frank diria. — Já sinto muita falta dele.

— Assim como eu. Ele me encarregou de diversas tarefas que desejava que eu cumprisse enquanto estivesse fora, uma delas era cuidar bem de você e, como levo a sério meus deveres, insisto que me conte tudo o que a está incomodando. Farei o meu melhor para ajudar.

Ruby abriu seu coração para Stephen, terminando com Stella dizendo a ela que Eddie estava morto.

Stephen expirou lentamente, coçando a cabeça ao fazê-lo.

— Isso é certamente um grande problema. Mais importante ainda, lamento saber do seu marido. Se for verdade, estou triste por sua perda e por nunca poder conhecê-lo.

As palavras de Stephen tiveram o efeito de abrir as comportas, com Ruby soluçando até não haver mais lágrimas para derramar. Stephen se agitou ao redor dela, pegando um lenço seco e um copo de água fria para Ruby bebericar. Ela recusou o conhaque que ele colocou na frente dela.

— Sinto muito — ela engoliu em seco, tentando se recompor. Não tinha ninguém com quem pudesse conversar sobre isso e é como um irmão para mim... Vou ficar bem agora, preciso ficar — disse ela, tentando se endireitar e decidindo tomar um gole de conhaque. Fazendo uma careta, o devolveu. — Como as pessoas podem beber isso? — ela balbuciou. — Por favor, continue com o que estava dizendo. Estarei bem agora.

Stephen acenou com a cabeça e, depois que Ruby insistiu para que continuasse, ele começou a falar devagar.

— Agora, a meu ver, Stella está muito frágil neste momento — não consigo nem imaginar o que ela está passando, com um filho morto, outro à beira da morte e um terceiro indo para o inferno carregando apenas uma maca. Por mais que queira falar com ela, Ruby, acho melhor se manter afastada. Sem

dúvida, deixe Pat ir até lá, mas certifique-se de que a criança saiba que Stella está doente e mantenha a visita curta. Ela é uma criança inteligente — vai entender. Me preocupa que Derek possa falecer sem ver um rosto amigável. Ele está num hospital em Sidcup, foi o que disse?

— Sim, mas não tenho ideia de onde seja. Tudo o que Wilf me contou foi que se trata do Queen's Hospital, em Sidcup.

Stephen levantou-se e tirou um livro grande de uma das prateleiras.

— Há alguns mapas aqui. Sabe que Sidcup não fica longe, não é?

Ruby balançou a cabeça.

— Pelo que sei, poderia ser Timbuctoo. Não faço ideia.

Ele folheou as páginas.

— Ah, aqui estamos — disse ele, chamando-a. — Aqui estamos em Erith, e aqui está Sidcup. — Ele apontou com um lápis. — Seria possível viajar até lá para visitar o paciente e voltar em um dia.

— Não parece tão distante quando se olha assim. Mas como eu chegaria lá?

— Aqui que reside o problema. Se deixar comigo, vou perguntar por aí e descobrir mais para você. Isso ajudaria?

— Isso seria maravilhoso. Se eu puder visitar Derek, ele poderá se animar ao saber que alguém se importa. Também poderia voltar para Stella e contar como está o filho dela, isto é, se não chegar tarde demais... E Derek pode ter notícias do meu Eddie, e isso seria um bônus. Só me resta ter esperança — disse ela, enquanto Stephen sorria diante da torrente de pensamentos de Ruby.

— Há mais uma coisa sobre a qual quero falar com você — disse Stephen. — Sinto que tem muito tempo disponível agora que não passa tantas horas na loja. Não estamos muito ocupados atualmente, então não posso pedir que venha com mais frequência. Mas precisa preencher seu tempo, Ruby, caso contrário, sofrerá por Eddie e isso não será bom para você, especialmente quando não sabemos ao certo se ele morreu no campo de batalha. Já pensou mais sobre o trabalho de guerra? Sei que se não fosse pelo meu problema de saúde, eu teria aderido, embora tivesse optado, como Frank, por não ser combativo.

— Pensei muito sobre isso, mas não tenho a mínima ideia. Ao ver tantas mulheres assumindo empregos masculinos, sinto que devo fazer a minha parte. Mas o que posso fazer? Sabe de alguma coisa?

— Acontece que um cliente mencionou que sua irmã trabalha em uma fábrica de munições. Parece que ela gosta do trabalho e fez muitos amigos, embora nunca tenha feito trabalhos manuais antes. Deve vir à livraria na próxima semana para pegar um livro que comprei para ele. Eu poderia perguntar-lhe se a irmã dele poderia encontrá-lo e lhe contar mais sobre o trabalho. O que acha?

— Li sobre as trabalhadoras das munições no jornal, — parecem ser um grupo corajoso de mulheres e gostaria de experimentar. Assim que eu souber mais sobre isso, claro. Obrigado, Stephen. Parece interessante.

— Por que não vou visitá-la daqui a alguns dias? A essa altura já devei

ter descoberto detalhes sobre como podemos levá-la a Sidcup e espero receber notícias do meu cliente.

Ruby concordou rapidamente, sentindo-se muito mais calma. Beijou sua bochecha, pegou a filha e foi para casa.

Stephen observou Ruby e Pat enquanto caminhavam pela rua. Será que agira certo — não apenas ajudando-a a descobrir como ver Derek, mas também aconselhando-a a trabalhar em um lugar tão perigoso?

Ele enfiou a mão no bolso interno da jaqueta e tirou uma folha de papel dobrada. Inscrito nela havia uma pequena lista de desejos. Olhando além das instruções sobre o que fazer se Frank não voltasse do front, leu a breve nota que dizia respeito a Ruby. Stephen já sabia que a loja deveria ir para ele, mas havia uma nota acrescentada que dizia que uma certa porcentagem, se a loja fosse vendida, seria para Ruby, com o amor de Frank. Esperava-se também que ele guardasse a cesta de livros e continuasse a chamá-la de “cestas do George”, sendo todo o lucro repassado à jovem Pat. O que parecia preocupar mais Frank era o bem-estar de Ruby, e foi por isso que se sentou com Stephen e explicou-lhe sobre a vida de sua amiga desde que ela veio para Erith. Queria que Stephen sempre cuidasse de Ruby, para mantê-la ocupada com a probabilidade de sua vida tomar um rumo ruim. Queria particularmente que Stephen encontrasse para ela algum trabalho útil que mantivesse sua mente ativa e a ajudasse a sentir como se estivesse contribuindo para a sociedade.

Stephen pegou um lápis e foi marcar ao lado das palavras, mas se conteve. O trabalho ainda não fora concluído. Em vez disso, guardou a lista no bolso, pegou a folha de papel e escreveu rapidamente uma carta ao cliente cuja irmã poderia aconselhar e ajudar Ruby a dar o próximo passo em sua vida. Depois de fazer isso, dobrou-a e colocou-a num envelope. Tirando um selo postal da gaveta da escrivaninha, conferiu a hora no relógio pendurado na parede da livraria. Sabia que tinha cinco minutos antes que a última correspondência fosse enviada, então puxou a porta da loja e atravessou a rua correndo, postou sua carta e voltou para a loja. Faltava meia hora para que fechasse o dia na livraria, tempo suficiente para definir as instruções para Ruby seguir até o Queen's Hospital. Com sorte, o que ela encontraria lá lhe daria algum tipo de encerramento.

Ruby sorriu timidamente ao entrar nos salões de chá. Era mais o tipo de pessoa que gostava de café do que de comer sanduíches deliciosos e tomar chá em casas de chá pitorescas.

— Aqui, amor — chamou uma mulher. — Isso se o seu nome for Ruby.

— É. — Ruby sorriu ao se juntar às mulheres. — Qual de vocês é Cissie?

— Essa sou eu — disse uma garota de bochechas rosadas e aparência amigável, enquanto se sentava ao lado dela. — Sente-se aí. O chá ainda está quente — acrescentou ela, passando o bule para Ruby. — Não viemos aqui com frequência, mas é o presente de aniversário de Doreen, e como é sábado, pensamos em comemorar em grande estilo, por assim dizer.

— Feliz aniversário! — Ruby sorriu enquanto colocava leite em sua xícara.

— É muito gentil da parte de todas me deixarem interromper suas celebrações assim.

— Não nos importamos — disse a outra garota na mesa. — A propósito, meu nome é Jean. Mora aqui?

Ruby assentiu.

— Sim, moro na Alexandra Road.

— Nossa, aqui perto de nós — disse Jean. — Doreen e eu moramos em Manor Road. Mas não na mesma casa — ela riu. — Tenho um marido no exército, e Doreen aqui mora com a mãe e o pai.

— Cissie mora em uma das casas grandes na South Road — ressaltou Doreen. — É um pouco mais elegante do que nós. — Ela caiu na gargalhada.

— Não dê atenção a elas. Aqui, coma um pãozinho — disse Cissie, deslizando um prato pela mesa.

Ruby aceitou com gratidão.

— Obrigada. Estava tão ocupada que não comi nada desde a hora do café da manhã. Estou ajudando minha nora a se mudar para a casa ao lado da minha e esqueci a hora.

Na verdade, estava nervosa demais para comer qualquer coisa. Conhecer três estranhas para conversar sobre a fábrica de munições W. V. Gilbert, que, esperançosamente, ajudaria o esforço de guerra, deixou-a nervosa. Estava mordendo mais do que podia mastigar?

— Nossa, não parece ter idade suficiente para ter uma família adulta — disse Jean. — Tenho dois rapazes no exército — acrescentou ela com orgulho.

— Meu filho, George, acabou de se alistar. Ele se casou antes de partir para o front. Também tenho uma menina que está chegando aos sete anos. E vocês duas?

— Só uma garota. Perdi meu marido ano passado em Ypres — disse Doreen.

— Ah, sinto muito — disse Ruby. — Acredito que o meu marido também morreu recentemente. — Era uma situação difícil de explicar, mas sentia que, uma vez que fosse trabalhar em estreita colaboração com estas mulheres, deveria ser aberta sobre a sua vida.

Cissie torceu o nariz enquanto absorvia as palavras de Ruby.

— Acredita nisso?

— É complicado — foi tudo o que Ruby conseguiu pensar em dizer. — Espero que ele esteja bem, mas até descobrir não posso dizer, pois não tenho ideia.

— Pode ter sido informada de algo errado — disse Jean. — Havia uma menina que trabalhava no galpão ao lado do nosso e recebeu um telegrama dizendo que seu marido havia falecido. Dez meses depois, ela teve o maior susto de sua vida quando ele entrou pela porta da frente, enorme como a vida.

— Nossa, o que ela disse? Ficou chocada?

— Acho que ele ficou mais chocado, pois ela arrumou outro sujeito e estava em apuros — Jean gritou.

Ruby juntou-se às risadas. Essas mulheres pareciam tão divertidas. Esperava poder trabalhar com elas.

— E você, Cissie? Tem filhos?

Doreen cutucou o braço de Ruby.

— Está se guardando para o homem certo — ela sorriu.

— Muito ocupada sonhando com seu belo oficial do exército — acrescentou Jean.

— Calem a boca, as duas! — Cissie corou. — Apenas conversamos, só isso.

— Que trabalho tem feito até agora? — Jean perguntou a Ruby.

— Tenho trabalhado principalmente na livraria do meu amigo em Pier Road, mas os negócios não estão tão dinâmicos como costumavam ser, então reduzi meu horário imediatamente. Poderia ter procurado um trabalho semelhante, mas sinto que deveria estar fazendo algo para ajudar a acabar com a guerra. Fazendo a minha parte, se é que me entende?

Cissie acenou com a cabeça com entusiasmo.

— Foi exatamente assim que me senti. Estou lá há dois anos e gosto muito do trabalho.

— Dá para saber pela cor do rosto — gritou Doreen. — Jean e eu estamos fazendo isso apenas por dinheiro, o salário é bom e ficamos bem alimentadas. O horário também não é tão ruim.

Enquanto Doreen falava, Ruby olhou mais de perto para os rostos das três meninas.

— Nossa — fiz sem pensar, desculpe. — Agora que mencionou, sua pele está bem amarelada. É por isso que as chamam de canários?

— Ela é rápida — Doreen cutucou Jean. — Basta dar uma olhada no cabelo dela — acrescentou, levantando o chapéu elegante de Jean e mostrando uma faixa de cabelo ruivo brilhante na frente de sua cabeça.

Cissie resmungou.

— Se cobrisse o cabelo como lhe disseram, não ficaria com esta cor horrível.

— Acho que ficou muito bonito — disse Ruby, sem querer ser rude. — Diga-me, eles fornecem macacões?

— Eles fazem isso, e estamos cobertas quase da cabeça aos pés para nos proteger dos explosivos — Cissie tentou explicar enquanto as outras duas garotas conversavam sobre ela.

— É para nos salvar de sermos mortas pelo veneno. Presumo que não espera ter mais filhos? — Doreen perguntou com um brilho nos olhos.

— Bem, espero que não — disse Ruby. — Estou ficando um pouco chata com esse tipo de coisa. Por que pergunta?

— Dizem que engolimos alguns dos explosivos enquanto trabalhamos e isso bagunça o nosso interior — explicou Doreen, que parecia adorar contar essas histórias.

— Os patrões nos dão leite para beber. É para ajudar — disse Cissie, vendo

o alarme no rosto de Ruby.

Jean deu tapinhas no braço de Ruby.

— Não se preocupe com isso. Dizem também que se não conversássemos tanto enquanto trabalhamos e ficássemos de boca fechada, seria mais seguro. Espero que não a estejamos assustando? — disse com um sorriso.

— Ah, não, eu realmente quero fazer o trabalho, se puder. Só pensei que se pudesse falar com alguém que trabalha na fábrica de munições, poderia ter uma ideia se seria bom fazê-lo. E então estaria mais preparada e poderia decidir se era para mim ou não.

Cissie explicou mais sobre seu trabalho diário e o que esperar.

— Há um trem especial que vai da estação de Dartford até as obras, que ficam às margens do Tâmesa. Nos pântanos, passando por Slades Green.

Ruby franziu a testa.

— Quer dizer que tenho que pegar um trem para Dartford e o trem especial, quando quase poderia caminhar até a margem do rio de onde moro?

As meninas riram.

— Não, nós caminhamos ou andamos de bicicleta. Voltando para casa, podemos pegar carona em um dos caminhões do exército, embora os motoristas estejam ficando astutos e esperem que lhes demos dois centavos. Não ganham tanto quanto nós, os pobres rapazes — explicou Doreen.

— Posso perguntar como é o dinheiro? Não tinha pensado no salário.

— Recebemos trinta xelins por semana — disse Cissie, — e cinco extras por trabalhar com materiais perigosos. É muito melhor do que as meninas que trabalham no Arsenal ganham.

Jean interrompeu.

— Não se esqueça de que ganhamos mais cinco centavos se enchermos sessenta cartuchos por dia. Depois que se pega o jeito do trabalho, é fácil — disse ela, olhando para o rosto chocado de Ruby. — O que tendemos a fazer é ajudar as meninas novas e aquelas que não são tão habilidosas com os dedos, para que todas se beneficiem. Simplesmente não informamos os patrões, ou seria um inferno pagar.

— Isso parece muito gentil da sua parte — disse Ruby. — Acho que todas estão de bom humor aí?

— É um ótimo lugar para trabalhar — Cissie assegurou-lhe. — Por que não se inscreve? Pode descer conosco. Vou lhe mostrar o que fazer e pediremos que esteja em nosso galpão. Há muitas garotas daqui que trabalham lá, até mesmo algumas na sua rua.

Ruby acenou com a cabeça enquanto absorvia todas as informações.

— Quero me juntar ao grupo. Na verdade, só pensei em trabalhar para ajudar no esforço de guerra, mas se conseguir ganhar algum dinheiro e me divertir ao mesmo tempo, tanto melhor. Vou para casa e escrevo uma carta pedindo uma entrevista. Há tempo para fazer isso e pegar a última postagem. Mas primeiro, deixe-me oferecer a todas um chá fresco e um bolo.



— Se seguir por aquela estrada, senhorita, verá o hospital — disse o carroceiro enquanto Ruby descia da carroça ao lado dele. Procurando em sua bolsa, tentou oferecer-lhe algumas moedas pelo trabalho, mas ele afastou a mão dela. — Saia daqui! Eu estava vindo para cá e é uma honra ajudar uma jovem a encontrar seu namorado. Esteve ali antes?

— Não, não, é por isso que fiquei tão grata por ter me permitido viajar com o senhor. Foi uma jornada e tanto para mim — disse ela, embora achasse que nunca mais conseguiria sentar-se direito. A prancha em que estavam sentados balançava para cima e para baixo enquanto o cavalo e a carroça passavam por todos os sulcos da estrada. Por mais que quisesse esticar todos os seus membros para aliviar suas dores, Ruby não o fez, para que o carroceiro não pensasse que estava sendo ingrata. — Mas não é meu namorado. Estou indo ver um amigo da família, — e não tenho certeza do que esperar — admitiu.

— Tudo o que posso dizer é que as pessoas desta cidade abriram os seus corações aos rapazes que foram prejudicados na guerra. Certamente ouvirá algumas histórias lindas sobre a arrecadação de fundos. Ora, há até uma pequena casa de chá para eles — bem, isso é para aqueles que querem caminhar até a rua principal. Espero que seu amigo se recupere logo. Não há lugar melhor no país do que o Queen's Hospital. Ouvi dizer que o Sr. Gillies pode fazer magia em rostos danificados. Estarei de volta aqui dentro de duas horas e esperarei um pouco... isso se quiser uma carona de volta?

Ruby agradeceu.

— Isso seria maravilhoso, muito obrigada. Vou me certificar de estar aqui às três horas em ponto.

— Não se preocupe se chegar um pouco atrasada. Sempre faço uma pausa, um pouco de pão e queijo na volta. Não tenha pressa, e não se esqueça de se preparar para o que verá. Apenas lembre-se de que sob todas essas bandagens e cicatrizes há o filho ou o marido de alguém olhando para você — então mantenha um sorriso nesse seu lindo rosto.

— Certamente irei. Obrigada mais uma vez — disse ela, enquanto ele fazia um barulho entre os dentes e os dois cavalos começavam a se afastar.

Ruby ficou agradavelmente surpresa quando Stephen bateu à sua porta dois dias depois dela ter tomado chá com as meninas da fábrica de munições.

— Está pronta para visitar o Queen's Hospital amanhã? — ele perguntou, parecendo bastante animado. — Encontrei um carroceiro que conheço que viaja para Sidcup uma vez por semana. Expliquei as circunstâncias e ele ficou mais do que satisfeito em levá-la consigo em sua próxima entrega. Pode ser

uma jornada um pouco difícil, mas economizaria muito tempo, especialmente porque não conhece o caminho.

— Ora, isso é maravilhoso. Não posso agradecer o suficiente. Entre, estive cozinhando e posso lhe oferecer uma fatia de bolo com uma xícara de chá.

— Já me ouviu dizer não? — ele disse enquanto a seguia para dentro. — Está bastante frio lá fora. Não ficaria surpreso se nevasse em pouco tempo. É melhor se agasalhar amanhã. Vista seu casaco mais quente e suas meias de lã — ele sorriu. — A jovem Pat já voltou da escola?

— Não deve demorar muito. Sabia que ela não gosta mais que eu a pegue? Chega em casa com as outras meninas. Está bastante crescida e independente hoje em dia, e tem uma língua que me lembra a da minha mãe. — Ruby sorriu com ternura, olhando para uma foto de sua mãe, que estava fitando-os severamente de um pequeno porta-retratos pendurado na parede.

Stephen riu.

— Às vezes a maçã não cai longe da árvore. Muitas vezes pensei que sua Pat era uma alma velha em um corpo jovem.

— Deus me livre — Ruby disse enquanto pegava a bandeja de chá na cozinha. — A chaleira não vai demorar muito para ferver. Sente-se — ou prefere sentar-se na sala da frente? Não acendi o fogo lá dentro, mas não demorará muito para pegar.

— Não faça cerimônias por minha causa — disse ele enquanto se acomodava à mesa e enfiava a mão no bolso. — Antes que me esqueça, há aqui alguns xelins para Pat. Alguém retirou livros das cestas de George. Preciso reabastecer em breve. Acho que foi um daqueles professores da escola. É bom saber que foram bem aproveitados.

— Oh, isso vai agradá-la, ela está pensando em economizar para comprar um bezerro. Já ouviu algo tão maluco? Pat acha que vai se casar com um fazendeiro quando tiver idade suficiente, então é melhor começar a colecionar animais agora. Só Deus sabe onde pensa que vai enfiar esse bezerro quando ele crescer. Só espero que fique entediada com a ideia e decida gastar seu dinheiro em um cachorrinho.

— Ela é única. — Ele riu. — Teve notícias de George?

Uma sombra fugaz passou pelo rosto de Ruby.

— Ainda não. Ele só poderia ter chegado lá nos últimos dias, — onde quer que “lá” seja. Irene entrou para me dizer que havia recebido um cartão-postal e que em breve haveria uma carta a caminho. Espero que esteja bem. Estamos ouvindo tantas coisas no momento.

— Ele é um rapaz inteligente e fará o possível para evitar problemas. Também pode correr rápido, — Stephen sorriu, tentando manter o ânimo dela. — Recebi uma carta de Frank — acrescentou, tirando um envelope do bolso. — Aqui, leia.

— Não quero ler sua correspondência particular — ela o repreendeu. — Pode haver coisas privadas aí.

— Como se eu fosse mostrar se existisse. Aqui... dê uma olhada — disse

ele, estendendo a única folha de papel.

Ruby examinou a caligrafia familiar.

— Oh, ele fez alguns amigos, isso é bom. Preocupo-me muito com ele. Realmente não acho que Frank esteja preparado para a guerra. — Ruby dobrou a carta e a devolveu.

— Nem eu. Sabe que sonho com ele sendo capturado pelo inimigo e torturado por segredos.

— Tem lido muitos livros de aventura — Ruby sorriu. — Essa é a chaleira fervendo. Deixe-me encher o bule.

— Já recebeu alguma resposta da fábrica de munições? — ele gritou.

— Sim! — ela gritou da cozinha. — Não acredito que me responderam tão rapidamente. Devo ir lá depois de amanhã e encontrar um gerente que me entrevistará para ver se sou adequada. Estou mais do que um pouco nervosa. Então, tendo que ir para Sidcup amanhã, o que deve ser mais um dia nervoso para mim, estou começando a pensar que talvez nunca mais coma. Não tenho certeza se consigo manter alguma coisa no estômago, tanto é o frio na barriga.

— Então não quer que eu corte uma fatia deste bolo delicioso para você?

— Talvez apenas uma pequena fatia. — Ela riu enquanto voltava para a sala. — Pensei em levar alguns pedaços para Stella e Wilf e dizer a eles para onde vou. O que acha?

Stephen parecia sério enquanto pensava um pouco sobre a pergunta dela.

— Para ser honesto, não acho que deva. Não é como se tivesse feito algum progresso com eles desde o dia do casamento, não é?

— Não, não, embora tenha tentado várias vezes. Eu os vi enquanto voltava das lojas para casa outro dia e acenei. Ambos olharam para o outro lado. Sinto falta de sua amizade, mas posso entender como se sentem. Odiaria estar no lugar de Stella neste momento. Mas se eu puder falar com Derek, quem sabe? Ele pode escrever para a mãe e isso a convencerá. Mesmo que esteja gravemente ferido, pode haver uma maneira de persuadi-la a ir vê-lo.

— Não conte suas galinhas, Ruby. Sabe que eles disseram que Derek está gravemente ferido. Só espero que ele ainda esteja vivo para que possa vê-lo. Não invente histórias de felizes para sempre, certo? Basta ir e ver o que pode fazer. O carroceiro disse que estaria fora da livraria pouco depois das sete da manhã. Vou embrulhar alguns livros para que leve. Se Derek não estiver interessado, podem ser do interesse dos outros rapazes de lá.

— Isso é muito gentil da sua parte, Stephen. Vou passar na livraria depois e contar como ele está. Se ainda estiver vivo — Ruby disse, esperando que fosse esse o caso.

Se Ruby esperava ver um hospital cheio de homens doentes, teria uma surpresa. Os belos jardins estavam cheios de homens que ela teria descrito como “feridos ambulantes”. Alguns tinham enfermeiras para auxiliá-los, alguns estavam em cadeiras de banho, mas em geral havia um ar de senão de felicidade, pelo menos de contentamento. Na maioria das vezes, viu soldados fortemente enfaixados e alguns que deviam estar no hospital há mais tempo,

pois não tinham curativos, mas ainda tinham cicatrizes vermelhas que lembravam seus sofrimentos. Sim, alguns dos homens estavam terrivelmente desfigurados, mas ninguém parecia olhar para eles, então ela também fez o possível para manter uma aparência calma e um sorriso no rosto. Ruby assentiu para dizer bom dia a todos por quem passou na longa caminhada até o prédio à frente. Independentemente dos ferimentos, alguns deles foram bastante atrevidos, elogiando-a e sendo repreendidos pelas enfermeiras e ajudantes, mas foi tudo bem-humorado.

Entrando no prédio pela entrada principal, dirigiu-se ao balcão de informações para explicar quem era e por que estava ali. Ela esperava poder ver Derek, mesmo que não fosse da família. Sabendo o quanto a maioria dos hospitais era rigorosa, temia ter feito a viagem em vão.

— O cabo Green não recebeu nenhum visitante até agora. Receio que esteja bastante deprimido, pois seus ferimentos são graves. Escrevemos para a família dele, mas não houve resposta.

— Seus pais não estão muito bem no momento, pois pouco antes de ouvirem sobre Derek, foram notificados de que haviam perdido o filho mais novo. Sua mãe também não aguentou a notícia de Derek. Ela não está aceitando nada bem — Ruby tentou explicar, embora não tivesse certeza se era certo falar de Stella dessa maneira. — Sou uma boa amiga da família e moro do outro lado da rua. Meu marido, Eddie Caselton, é... era um camarada de Derek. Não houve notícias do meu marido — acrescentou ela, lutando arduamente para manter a compostura.

A gentil enfermeira-chefe a deixou sozinha por alguns minutos enquanto ia verificar se Derek estava pronto para receber uma visita.

Ruby esperou nervosamente. Era um sinal de esperança que a enfermeira não tivesse dito que Derek estava muito mal para receber visitas — ou mesmo que havia falecido devido aos ferimentos. Ruby mordeu o lábio. Em algum lugar próximo podia ouvir música, possivelmente um disco de gramofone. Era uma música alegre, e vozes masculinas se juntavam a ela. Que estranho, ela pensou, nunca tinha ouvido isso em um hospital antes, — mas, na verdade, só visitara o hospital caseiro.

Ela se sentou em um banco de madeira, o que a lembrou da viagem na carroça, então se levantou novamente e se espreguiçou, estremecendo ao fazê-lo. Seria uma jornada difícil para casa, mas valeria a pena se ela conseguisse notícias de Derek e talvez até de seu Eddie.

A enfermeira voltou e deu um sorriso gentil para Ruby.

— Derek está sentado no jardim de rosas com sua enfermeira. Seu médico deseja que saiba que ele pode não ser o mesmo, pois é propenso a crises de depressão e sua linguagem pode ser bastante volátil. Gostaria de esperar e falar primeiro com o médico?

— Não, prefiro ir ver Derek. Se houver algum problema, prometo que vou deixá-lo em paz. Realmente só preciso ver se ele está bem.

A mulher parecia triste.

— Temo que muitos dos jovens aqui nunca mais ficarão bem. Para alguns, é difícil aceitar os ferimentos. Gostamos de incentivá-los a levar uma vida normal entre as muitas operações que precisam realizar. Este é um hospital pioneiro: estamos tentando tudo para trazer de volta algum sentido de normalidade a estes jovens corajosos para quem a vida nunca mais será a mesma.

Ruby estava começando a entender o quão especial aquele hospital era.

— Prometo que farei o meu melhor para não o aborrecer. Poderia indicar o caminho para o jardim de rosas, por favor?

Esforçando-se para lembrar as instruções, saiu pela porta da frente e seguiu uma trilha ao redor do terreno até avistar um roseiral. Nesta época do ano não havia rosas florescendo, mas ainda assim era um lindo jardim. Mais à frente, viu um soldado sentado em um banco, vestindo um sobretudo do exército e a cabeça envolta em bandagens brancas. Ao seu lado estava sentada uma enfermeira bonita, segurando sua mão. Ruby se aproximou lentamente, perguntando-se o que dizer agora que chegara a hora de falar com Derek. Estava sem palavras.

— Posso ajudá-la? — perguntou a enfermeira.

Ruby percebeu que ela não passava de uma menina — mais ou menos da mesma idade de Irene.

— Fui direcionada para cá na esperança de ver Derek Green — disse ela.

A cabeça do soldado virou de lado para ela.

— Ruby, é você? — ele sussurrou, com a voz fraca. Este não era o rapaz barulhento e tempestuoso que conhecera antes da guerra.

Ruby sentou-se no banco do outro lado de Derek.

— Sim... sim, sou eu, Derek. Vim vê-lo.

— Teria preferido que ficasse longe. Não trouxe minha mãe com você, trouxe?

— Não, eu vim sozinha. Queria muito saber como estava. Não contei para sua mãe que estava vindo. Espero que não se importe.

Ruby percebeu que a enfermeira estava seguindo cada palavra dela.

— Sou vizinha — Ela tentou explicar —, e a família dele é uma boa amiga. Meu marido, Eddie, alistou-se ao mesmo tempo que Derek e seu amigo Ernie Minchin.

A cabeça de Derek inclinou-se como se estivesse sobrecarregada de muitos problemas.

— Por favor... por favor, não mencione seus nomes — gritou.

As bandagens de Derek cobriam a maior parte de sua cabeça, exceto um olho, que olhava fixamente para fora. Ruby notou que, quando se sentou, ele acompanhou o movimento dela enquanto falava, mas o olhar não tinha focou. Ruby olhou para a enfermeira, que simplesmente assentiu como se quisesse confirmar seus pensamentos. Derek havia perdido a visão.

— Não quero que mamãe e papai me vejam assim. É melhor que não venham, na verdade, acho que não quero vê-los novamente. Muita coisa

mudou para mim, é melhor não voltar para Erith. Prefiro ficar aqui, onde tenho amigos que entendem — disse ele, pegando a mão da enfermeira e apertando-a com força. Ruby sorriu. Obviamente havia mais entre o casal do que apenas uma enfermeira cuidando de seu paciente.

— Posso perguntar quais são seus ferimentos? Prometo não contar para sua mãe.

— Foi uma bala da arma de um atirador. Disseram-me que tenho sorte de estar vivo, mas não tenho tanta certeza. Já fiz muitas operações no rosto. Nunca mais terei a mesma aparência. O Sr. Gillies fez o melhor que pôde por mim e estou-lhe verdadeiramente grato por isso, mas a guerra mudou-me, o que vi, o que ouvi. — Havia amargura em sua voz. — Não consigo pensar além de estar aqui, mas espero que com Susannah ao meu lado, talvez consiga enfrentar o futuro. Mesmo que nunca veja isso.

Ruby estendeu a mão para pegar a mão dele e foi então que percebeu que, por baixo das bandagens, Derek claramente tinha vários dedos faltando.

— Meu querido, querido amigo — disse ela. — Sempre será a mesma pessoa para mim.

A enfermeira Susannah, ficou com lágrimas nos olhos ao ouvir as palavras gentis de Ruby enquanto permaneciam sentadas em silêncio por vários minutos.

— Diga-me como está George? — perguntou Derek, quebrando o silêncio.

— Acredita que está casado — Ruby riu, — e será pai no final do ano?

A notícia fez Derek rir pela primeira vez desde que Ruby chegara.

— Ora, ainda é um menino. Já estou aqui neste hospital há tanto tempo que esqueci quantos anos se passaram e George Caselton se tornou um homem?

Ruby juntou-se à risada dele.

— Não, meu filho ainda é um bebê, — será um bebê para mim mesmo quando for velho. Ele se casou há apenas algumas semanas e ingressou no regimento dias depois — disse ela, lutando contra a dor na voz.

Derek estendeu a mão para pegar a dela. Ele agarrou-a com força.

— Quando escrever para ele, por favor, transmita-lhe meus melhores votos; ele é um bom rapaz. Desejo-lhe boa sorte.

— Eu tenho o endereço dele — disse Ruby, — se quiser escrever...

— Posso ajudar com isso — disse Susannah.

— Gostaria muito disso, obrigado — disse ele.

— Sabia que Frank também se alistou no exército? Está na brigada de ambulâncias. Stephen teve notícias dele recentemente.

— Stephen?

Ruby poderia ter se chutado.

— Seu amigo Stephen, agora, dirige a livraria. Ainda ajudo um pouco, mas espero poder fazer algum trabalho de guerra em breve.

— Então desistiu do tricô? — ele riu.

— Por favor, Derek, sabe que não sou muito boa com as mãos. Vou trabalhar na fábrica de munições nos pântanos.

— Meu Deus — disse Derek. — Não consegue tricotar uma balaclava — como diabos vai encher bombas sem deixá-las cair? Vai explodir a cidade até chegar ao reino.

Ruby e Susannah também riram.

— Tem sido um verdadeiro tônico para mim, Ruby. Voltará, se conseguir fazer isso depois de iniciar seu trabalho? Só peço que não traga meus pais. Não suportaria que me vissem assim.

— Tem certeza de que não quer vê-los? Apenas me diga se mudar de ideia. Mas prometo que voltarei em algumas semanas, se puder. Posso perguntar uma coisa, Derek? Tem alguma notícia do meu Eddie?

Derek se afastou dela como se tivesse sido escaldado por água quente.

— Desculpe... Não posso... Não consigo pensar no que aconteceu...

— Oh, Derek, me desculpe, não deveria ter perguntado — disse ela, vendo a mudança repentina. Seu corpo ficou rígido e, embora enfaixado, seu rosto se afastou dela como se estivesse perdido em pensamentos.

— Acho que é melhor deixá-lo descansar agora. Tome cuidado, meu querido — disse ela.

— Vou acompanhá-la até a entrada da frente — disse Susannah. — É um labirinto por aqui e pode se perder. Voltarei em breve, Derek. — Ele não pareceu ouvi-la, e as duas mulheres se afastaram lentamente.

— Espero que não tenha sido um choque muito grande — disse Susannah a Ruby. — Ele é um homem querido e já passou por muita coisa.

— Ele vai deixar o hospital em breve?

— Não, isso não é possível. Ele fará reabilitação e nós garantiremos que tenha uma vida boa. Preocupo-me profundamente com ele, Sra. Caselton, se houver alguma mudança, escreverei para informá-la.

Elas pararam enquanto a enfermeira tirava um caderninho do bolso e Ruby anotava seu endereço, bem como para onde poderiam escrever para George.

Então colocou a mão no braço da mulher mais jovem.

— Por favor, me chame de Ruby — e peço, mantenha contato comigo. Não gostaria de dizer, mas o irmão mais novo de Derek foi morto recentemente. É por isso que a mãe dele não é mais ela mesma. Além disso, a notícia de Derek foi demais para ela.

— Já vi isso acontecer antes — disse Susannah com simpatia. — Agora, posso pegar uma bebida ou algo para comer antes que comece sua jornada para casa? Temos aqui um café muito agradável para os visitantes.

— Isso seria ótimo — disse Ruby —, mas precisa voltar para Derek. Esperava que ele tivesse notícias do meu Eddie. Lamento ter perguntado.

— Receio que Derek só tenha pesadelos com o tempo que passou nas trincheiras. Não recebeu notificação do seu marido?

— Não, absolutamente nada. Disseram-me que às vezes pode demorar um pouco para que as notícias cheguem. Vou manter a esperança de que um dia ele volte para casa.

— Isso é tudo que pode fazer por enquanto, mas não se esqueça de fazer

perguntas. Nunca se sabe...

Ruby beijou a bochecha da mulher e agradeceu por tudo que ela estava fazendo por Derek.

Seguindo para o café, sentou-se bebendo seu chá pensativamente, sentindo-se mais ela mesma e grata por pelo menos Derek ter sido salvo. Depois de entregar os livros à encarregada, caminhou lentamente pela rua e sentou-se num muro baixo, esperando que o carroceiro aparecesse. O dia ficara ainda mais frio. Quando puxou a gola para cima e cruzou os braços sobre o corpo para tentar se aquecer, flocos de neve começaram a cair.

Ela se lembrou de quando conhecera a família Green: um marido e uma mulher satisfeitos, com três filhos saudáveis e felizes. Lágrimas escorreram por seu rosto ao pensar na família dilacerada pela tragédia. Quando essa guerra terminaria?



3 de setembro de 1918

— O que vai fazer hoje à noite? — Cissie perguntou, dando os braços a Ruby enquanto seguiam apressadas pela Manor Road. Tinha sido um dia quente e as duas mulheres sentiam-se exaustas depois do árduo dia de trabalho.

— Só quero tirar os sapatos e descansar — disse Ruby. — Gostaria de arrastar a banheira de estanho e tomar um banho de imersão também, mas não sei se tenho energia. Veja bem, a primeira coisa que farei quando chegar em casa é colocar a chaleira no fogo para preparar uma xícara de chá e ler a carta de Frank. Chegou pela caixa de correio esta manhã e não tive tempo de abri-la antes de vir para o trabalho. Pat não saía da cama e isso me atrasou.

— Deveria tê-la trazido com você e lido enquanto almoçávamos — disse Cissie.

— Não, gosto de sentar e ler coisas assim em particular — respondeu Ruby. Por mais que gostasse da companhia da nova amiga, sabia que havia coisas que queria guardar para si.

— Você gosta dele? — Cissie perguntou. — Sei que fala muito sobre ele, mas nunca menciona seu marido.

Ruby deu uma risada cansada. Cada vez que falava de Frank, sentia que precisava ter cuidado com o que dizia. O que as pessoas diriam se soubessem a verdade sobre ele?

— Não é bem assim, Cissie. Somos apenas bons amigos.

— Este Frank é casado?

— Não. Ele costumava ser meu inquilino. Agora serve no Corpo de Ambulâncias.

Cissie inclinou a cabeça para o lado.

— Ele vendeu a livraria?

— Não, o amigo dele Stephen agora administra a loja e ainda mora lá em cima desta. — Ruby poderia ter mordido a língua. Sabia que tinha falado demais, pela forma como Cissie lhe lançara um olhar agudo.

— Ah, é assim mesmo, é? — ela disse, erguendo as sobrancelhas. — Imagine você se misturando com gente como eles.

Ruby parou no local e se voltou para a amiga. Conhecia Cissie muito bem, até mesmo cobrindo-a algumas vezes quando estava atrasada para o trabalho, e uma vez, quando quis manter segredo sobre sair com seu amigo oficial do exército, Ruby fingiu que tinha ido ao cinema com ela. Mais tarde, Ruby descobrira que o oficial, embora muito simpático, era casado. Desde então, sempre dizia que estaria ocupada se Cissie quisesse que ela a substituísse.

— Olhe aqui, Cissie — disse, colocando as mãos nos quadris —, não sei onde quer chegar, mas Frank é um bom rapaz. Tem sido um bom amigo para mim ao longo dos anos e para meus filhos, e não machucaria uma mosca. Acontece que o conheço porque a mãe dele mora perto de mim. Então enfie isso no seu cachimbo e fume — ela concluiu, começando a avançar.

— Ah, não quis dizer nada com isso, Ruby. Sabe como eu sou, sempre fazendo piadas sobre as coisas.

Ruby diminuiu a velocidade. Ela não tinha energia para brigar com ninguém. O dia havia se arrastado tanto, e teve que lembrar a si mesma que não teria atingido sua meta diária quando começou na fábrica de munições se as meninas não tivessem intervindo para ajudá-la. Ruby se sentia tão preguiçosa nas últimas noites em que se sentara com Irene na casa ao lado. A menina sentia muita falta de George e agora, nos últimos estágios da gravidez, não fazia nada além de lamentar-se e chorar. Ruby sugeriu que Irene voltasse a morar com a mãe até depois do nascimento, mas a nora recusou categoricamente, afirmando que a mãe se preocupava demais e a mandaria para uma daquelas maternidades. Queria estar na casa dela e de George quando o bebê nascesse e queria que Ruby a ajudasse, em vez de sua mãe. Acima de tudo, queria George em casa com ela. Por mais que Ruby continuasse dizendo que precisava dormir e acordar cedo para trabalhar, Irene simplesmente não entendia. Isso significava madrugadas para Ruby, então não estava bem quando desceu para o trabalho de munições às sete e meia da manhã seguinte.

Naquela noite, embora se sentisse culpada ao pensar nisso, entraria sorrateiramente em casa na esperança de que Irene não soubesse que já havia voltado do trabalho. No dia anterior, havia entrado pelo portão dos fundos para evitar ser vista. Tudo o que queria era um tempo para si mesma — ora, já fazia dias que ela mal se sentava e falava com Pat. Pelo menos a menina pôde ir até o outro lado da rua, ficar sentada com a vovó Stella, como ela ainda a chamava, até Ruby chegar do trabalho.

Stella nunca mais foi a mesma desde que soube da morte de Donald. Wilf tentou falar com a esposa sobre Derek, mas ainda gritava e berrava, afirmando que ele estava morto para ela. Simplesmente não conseguia lidar com a ideia de seu lindo filho ter sido ferido, prejudicado. Ocasionalmente, Ruby tentava ao máximo conversar com Stella, mas sempre era ignorada ou mandada embora. Sabia que Frank escrevia para a mãe. Mas explicou em suas cartas

para Ruby, que era breve, pois não sabia mais o que dizer a ela.

Ruby decidiu tentar novamente e levar a carta de Frank para mostrar a Stella — depois dela mesma lê-la, é claro, para o caso de haver alguma menção a Stephen. Rezou para que um dia Stella pudesse voltar a ser a pessoa que conhecera quando se mudara para Alexandra Road, tantos anos atrás. Por mais amiga que fosse com as meninas do trabalho, Ruby ansiava por estar perto de Stella mais uma vez.

— Vou me despedir aqui — disse Cissie. — Quero aparecer na cidade. Vou lhe contar amanhã no caminho para o trabalho. — Ela se inclinou e beijou a bochecha de Ruby.

— Até mais — Ruby gritou enquanto se virava e subia a Alexandra Road e se aproximava do portão.

— Ruby! — Wilf gritou da porta da frente aberta. Ele parecia tão chateado que Ruby congelou por um momento.

— O que foi, Wilf? — ela perguntou, correndo pela rua. — O que está errado?

— É Stella. Ela está muito mal. Está queimando e não sei o que fazer.

Wilf continuou a cuidar de Stella desde a morte de Donald, embora as coisas tivessem mudado a tal ponto que não era mais o homem orgulhoso que trabalhava no Tâmis. Era como se tivesse encolhido por dentro, ficando mais velho do que era.

Ruby passou correndo por ele, tirando o casaco ao fazer isso. A casa dos Greens estava extremamente quente.

— Acendi a lareira porque Stella disse que estava com frio, — mas olhe para ela. Nunca vi ninguém suar tanto e está delirando.

Ruby foi até o sofá onde Stella estava deitada. Parecia estar dormindo, mas quando Ruby se aproximou dela percebeu que seus olhos tremiam e murmurava o tempo todo. Parecia bastante angustiada.

— Pode me trazer uma tigela de água e um pano, por favor, Wilf? — disse ela, ajoelhando-se ao lado do sofá e afrouxando as roupas de Stella, que estavam úmidas de suor. — Está tudo bem, Stella, estou aqui. Vou lhe ajudar. Veja que não se sente bem.

Stella se mexeu e se concentrou em Ruby.

— Onde está meu Donald? — murmurou enquanto agarrava a mão de Ruby. — Pegue meu Donald para mim, por favor.

Wilf voltou com uma tigela de água. Enquanto Ruby passava a esponja no rosto de Stella, perguntou há quanto tempo ela estava assim.

— Há alguns dias. Achei que iria melhorar.

— Gostaria de ter sabido. Não teria mandado Pat incomodá-la. — Ruby não pôde deixar de se perguntar se o que havia de errado com Stella poderia ter sido transmitido à filha.

— Ela esteve na cama nos últimos dias e Pat brincou aqui tranquilamente. Sabe que ela não é problema, mas hoje Stella decidiu que queria descer. Ela piorou, então a coloquei no sofá e pedi para sua Pat ir até lá e se sentar com

Irene. Acha que é a gripe espanhola?

Isso não ocorrera a Ruby. Meu Deus, pensou ela, por favor, não deixe que seja a gripe espanhola. Tinha ouvido falar de muitas pessoas na cidade que estavam sofrendo com isso. Ocorreram algumas mortes também. As garotas das munições achavam que os soldados a estavam trazendo das trincheiras, mas Ruby achara que era tudo boato. Tudo o que sabia era que se tratava de uma doença terrível e havia tanta coisa sobre isso nos jornais que até parou de lê-los. Se não era a guerra, era a gripe. No trabalho, suas colegas não falavam de outra coisa, e então os lojistas faziam a mesma coisa. Como tantas pessoas, estava desgastada por quatro anos lendo sobre os horrores da guerra e conhecendo tantas pessoas que perderam entes queridos. A guerra não parecia discriminar, pois houve enormes perdas de todos os lados — e agora a gripe espanhola estava fazendo o mesmo. Já era hora de todos terem boas notícias em suas vidas.

— Não sei, Wilf, mas acho que deveria ir chamar o médico. Vou deixá-la o mais confortável possível enquanto você estiver fora.

— Pensei que apenas os mais jovens contraíssem a doença, por isso talvez não seja a gripe espanhola — disse ele, esperançoso.

— Seja o que for, Stella está mal. Por favor, pode se apressar e chamar o médico?

Wilf fez o que lhe foi dito e Ruby começou a trabalhar para deixar Stella mais confortável. Correu escada acima até o quarto da mulher e encontrou uma longa camisola de algodão. Tomando cuidado, a esfriou com a água que Wilf trouxera e a secou antes de vesti-la, depois ajeitou as almofadas em volta de sua cabeça.

— Pronto, está muito melhor, não é, Stella? — ela disse com um sorriso. — Wilf estará de volta em breve com seu médico. Em breve estará bem melhor. — Ruby sabia por que sua vizinha havia reagido tão mal. Stella era apenas pele e osso — quase não havia nada dela.

Pensando bem, houve uma ocasião recentemente em que Ruby a viu andando pela cidade e Stella nem pareceu reconhecê-la. Um grupo de soldados passou por perto e ela ouviu Stella gritar: “Donald, é você?”, antes de entrar em um café e se sentar.

Ruby, com medo de ser repreendida novamente, viu que havia outra vizinha conversando com Stella, então seguiu seu caminho, mas o que testemunhara a preocupou. A luz dentro de sua amiga fora diminuindo gradualmente e Ruby sentira que deveria fazer alguma coisa. Mas o quê?

Ela sentou-se no chão perto da cabeça de Stella e conversou, esperando que a ouvisse e se sentisse confortada por sua voz. Ela falou sobre Frank, mencionando que havia uma carta e que a traria mais tarde para compartilhar suas palavras. Falou de George e de como ele esperava estar em casa logo antes do nascimento de seu bebê. À menção da palavra “bebê”, Stella abriu os olhos e olhou diretamente para Ruby. — Seu bebê morreu — disse ela, antes de cair em um sono agitado.

Embora chocada, Ruby continuou a falar, pois achava importante para Stella saber que alguém estava ali. Doeria agora mencionar Derek? Respirando fundo, conversou sobre o filho do meio de Stella e como ela o visitara diversas vezes no hospital. Contou a Stella sobre Susannah e como ela era boa para o filho. Disse a ela que Derek havia recuperado a visão de um olho, embora seu rosto estivesse com muitas cicatrizes. Ela acrescentou que na última vez que foi visitá-lo, Susannah lhe mostrou um anel de noivado. Derek planejou que, quando deixasse o hospital para sempre, alugariam uma pequena casa onde ele cuidaria de seu jardim e trabalharia com um colega soldado ferido, iniciando seu próprio negócio de carpintaria. Susannah era muito boa para ele, dizia ela a Stella.

— Acho que quando estiver melhor, deveria ir vê-lo. Ficaria muito orgulhosa de seu filho — implorou. Finalmente ficando sem palavras, Ruby ficou em silêncio.

Depois de um momento, os olhos de Stella se abriram lentamente. Ela olhou diretamente para Ruby, parecendo vê-la claramente pela primeira vez desde que havia chegado. Ruby esperou ansiosamente, Stella parecia prestes a falar.

— Sinto muito — Stella sussurrou finalmente, e com uma respiração difícil, faleceu.

Ruby chorou baixinho pela amiga que amava, chorou por Wilf, que estaria perdido sem a esposa e chorou por Frank e Derek.

— Agora está tudo acabado — disse ela, fechando os olhos de Stella e beijando sua testa.

Poucos minutos depois, Wilf entrou correndo em casa, com o médico logo atrás. Deu uma olhada no rosto tranquilo de sua esposa e caiu de joelhos, implorando para que ela acordasse.

O médico examinou Stella antes de se virar para Wilf, ajudando-o a sentar-se em uma cadeira.

— Sinto muito, Sr. Green — o senhor estava certo. Sua esposa deve ter contraído a gripe espanhola, pelo menos está em paz agora. Gostaria que eu avisasse o Sr. Hind, o agente funerário?

Wilf assentiu.

— Por favor... se pudesse dizer a eles que só quero o melhor para ela — disse antes de ir para o lado de sua esposa, levantando-a nos braços e abraçando-a enquanto soluçava.

O médico perguntou a Ruby se ela ficaria bem. Ruby assentiu com a cabeça.

— Vou ficar aqui com Wilf por um tempo — prometeu enquanto acompanhava o médico.

Durante uma hora, sentou-se com Wilf. Tentou dar-lhe de beber e se ofereceu para preparar algo para ele comer. Mas Wilf recusou, ainda segurando o corpo de sua esposa.

Depois de um tempo, o agente funerário chegou. Enquanto ainda

encorajava Wilf a deixá-los levar Stella embora, alguém bateu na porta. Ruby abriu e viu dois homens mais velhos, que se apresentaram como irmãos de Wilf.

— O médico entrou em contato conosco, pois trabalhamos perto do consultório — explicou o mais velho ao deixá-los entrar. Ambos pareciam angustiados ao ver o irmão. — Nós cuidaremos dele agora, minha querida, — você não precisa testemunhar isso.

Ruby contou onde morava e depois saiu da casa. Atravessando lentamente a rua, imersa em pensamentos, viu a porta do número quinze se abrir e Pat sair correndo, com o rosto fantasmagoricamente pálido.

— Mãe, venha rápido! Irene está muito mal. Ela pediu para avisar que o bebê está chegando. Onde esteve? Estou esperando-a há muito tempo!



Esse dia poderia ficar pior? Ruby pensou. Esperançosamente, Irene estaria se preocupando por nada. Já haviam tido mais de um alarme falso antes, com a menina pensando que estava prestes a dar à luz.

— Onde ela está? — Ruby perguntou a Pat, seguindo-a até a casa de Irene.

— Ela está na sala da frente — respondeu Pat, parecendo chorosa. — Eu não quero voltar lá. — . . Posso... Posso ir para casa?

— Sim, claro que pode, querida — Ruby disse, dando-lhe um beijo rápido na testa. — Mas pode fazer algo por mim? É muito urgente.

— Claro que posso, mamãe.

— Poderia ir até a sala da frente e fechar as cortinas, depois subir para o meu quarto e fazer o mesmo? Explicarei mais tarde por que quero que isso seja feito. Então quero que fique em casa — perguntou Ruby, sabendo que deveria fazer algo para prestar homenagem a Stella.

— Posso ir até vovó Stella e dizer a ela que o bebê pode estar a caminho?

— Não — Ruby disse bruscamente. — É melhor que não faça isso. Explicarei em breve, mas prefiro que fique aqui por enquanto.

— Vovó Stella ainda está mal?

— Sim, meu amor, ela está — disse Ruby, fazendo o possível para sorrir e agir com naturalidade pelo bem da filha.

Irene gritou por socorro.

— Estou aqui! — Ruby gritou de volta. Beijando Pat mais uma vez, a conduziu até o número treze e fechou a porta atrás dela.

— Estou aqui, não há necessidade de se preocupar agora — disse ela, respirando fundo ao entrar na sala. — Oh, meu Deus, você tem estado ocupada. — Ruby sorriu.

— Eu baguncei minha toalha de mesa — Irene sorriu de onde estava deitada no chão. — Pedi para Pat pegar para mim e depois mandei-a para fora.

— Agora, por que não pediu para ela chamar alguém? — Ruby perguntou enquanto se abaixava ao lado da menina e olhava para o bebezinho enrolado na toalha de mesa.

— Conheça sua primeira neta — Irene sorriu fracamente.

— É uma menina? Que esplêndido — Ruby disse quando o bebê começou a chorar, e sentiu-se à beira das lágrimas. — Ela tem um bom par de pulmões, isso eu admito. Se ao menos George e seus pais estivessem aqui — acrescentou ela, parecendo triste.

— Estaria bastante lotado, não acha? — Irene sorriu. — E não tenho certeza se esse tipo de coisa agrada a minha mãe. Falando nisso, estou

ressecada e bastante rígida aqui embaixo. Sinto como se estivesse deitada no chão há muito tempo, quando provavelmente faz menos de uma hora.

Ruby se levantou.

— Certo, vamos nos organizar. Vou até a rua e buscar a Sra. Leighton — ela sempre faz as coisas para as mulheres quando estão dando à luz. Ela sabe tudo o que há para saber. Pode ficar aí mais dez minutos, até eu trazê-la? Então vou pegar aquela xícara de chá para você. George ficará encantado. Ele costumava me dizer quando era pequeno que um dia teria uma filha — disse ela, olhando para o bebê mais lindo que já tinha visto. — Ela é adorável — mas sou um pouco tendenciosa.

— Não se esqueça de que vamos chamá-la de Sarah — Irene sorriu. — Ela parece uma Sarah, não é?

Ruby pensou que seu coração iria explodir de alegria ao olhar para a criança antes de sair correndo pela porta da frente quando o agente funerário estava levando Stella para longe do número quatorze. À medida que uma alma sai desta vida, outra chega, pensou consigo mesma.

O funeral de Stella foi sombrio, com poucos presentes. Ruby esperava ver muito mais gente lá, sempre teve a impressão de que Stella era muito amada. Supunha que a guerra tinha contribuído muito para distanciar amigos que haviam perdido filhos, e Stella havia se distanciado bastante dos outros habitantes locais. Sua dor a deixou amargurada com qualquer pessoa que tivesse algo para comemorar.

Ruby saiu do lindo cemitério que cercava a igreja de St. Paulinus. Estava pelo menos satisfeita por sua amiga ter sido enterrada em um lugar tão pacífico. Além dela, de Stephen e dos irmãos de Wilf, apenas alguns vizinhos estiveram presentes. Ela e Stephen decidiram voltar para Erith.

— Ruby! — uma voz feminina gritou, e ela se virou para olhar para trás. — Certamente não poderia ser...? — ela sussurrou, olhando para Stephen com surpresa.

— O que há de errado? — ele perguntou.

— Pensei ter ouvido uma voz que reconheci me chamando.

— Ruby!

— Eu ouvi desta vez — disse Stephen. — Olhe, lá atrás, — na frente da igreja. Há uma mulher acenando para você.

— Ah, meu Deus — disse Ruby. — Eu escrevi uma carta, — mas não tinha certeza se eles viriam.

— Quem? — Stephen perguntou enquanto seguia Ruby, que agora estava quase correndo em direção à pessoa que havia chamado seu nome.

— Susannah! Graças a Deus conseguiram chegar aqui — ela disse enquanto abraçava a mulher mais jovem e mais alta, que parecia recatada em um vestido preto sombrio e chapéu.

— Eu, isto é, nós queríamos vir prestar nossos respeitos. Para Derek, foi uma oportunidade para se despedir e fazer as pazes com o pai. Para mim, foi para tentar estabelecer laços com minha nova família. Lamento muito não ter

conhecido a mãe de Derek.

— Não conheceria a mulher que todos amamos e respeitamos se a tivesse visto antes de falecer. Stella não foi mais a mesma nos últimos anos — Ruby a consolou. Ela se virou para Stephen, que acabara de alcançá-la. — Gostaria que conhecesse Susannah. Ela é noiva de Derek Green, irmão de Frank.

Quando Stephen estendeu a mão para apertar a mão direita de Susannah, ela ergueu a esquerda para mostrar uma aliança de ouro novinha em folha.

— Sou a Sra. Green agora. Gostaria que conhecesse meu marido — disse ela, virando-se para onde Derek estava encostado em uma parede, parcialmente escondido por uma árvore.

Ele deu um passo à frente enquanto Ruby gritava de alegria e corria para lhe dar um abraço gentil.

— Não vou quebrar — disse ele, abraçando-a de volta e girando-a. — Como vai você? — perguntou ele a Stephen, enquanto colocava Ruby de volta no chão e se endireitava.

— Estou muito feliz em conhecê-lo — disse Stephen, retribuindo o aperto de mão. — Ouvi dizer que passou por momentos difíceis? Graças a Deus pôde ser cuidado no Queen's Hospital. Li muitas coisas boas sobre eles.

— Para mim, foram um salva-vidas. Há muitos homens que ficaram mais gravemente feridos do que eu. Portarei minhas cicatrizes pelo resto da vida e, claro, perdi três dedos. Minha visão está afetada, com visão parcial em apenas um olho, — mas vou sobreviver. Não tenho escolha — disse ele, dando uma risada gentil. — Minha esposa não permite que eu mergulhe na autopiedade. Ruby testemunhou minha mudança de humor quando me visitou pela primeira vez. Eu nunca me desculpei. Desculpe.

— Não tem nada pelo que se desculpar. Estou aliviada por não o termos perdido — disse Ruby, maravilhada com a mudança nele. — Veio prestar suas homenagens? — ela perguntou enquanto olhava para onde dois homens haviam começado a preencher o túmulo de Stella. — Os enlutados foram embora, então não encontrará ninguém se não quiser. O caminho é um pouco irregular, pode pegar meu braço para eu não tropeçar?

Derek caiu na gargalhada.

— Ruby Caselton, posso ver através de você, mas vou entrar no jogo. Aqui, pegue meu braço — disse ele, continuando a rir enquanto caminhavam pelo cemitério até o túmulo de Stella.

— Este é um cenário lindo — disse Susannah enquanto olhava para os campos além da igreja, que ficava em um terreno mais alto. — O que é esse prédio?

— Eu não faço ideia. Não sou local — disse Ruby.

— Essa será a mansão — Derek os informou.

Ruby ficou maravilhada.

— Sua visão melhorou tanto assim? — ela se engasgou.

— Gostaria que tivesse acontecido, mas não, a verdade é que vim aqui muitas vezes com mamãe e papai. Meus avós estão enterrados aqui. Papai

contou a nós, meninos, a história do proprietário, Sir Cloudesley Shovell, e suas façanhas no mar, há mais de duzentos anos. Quando jovem, isso chamou minha imaginação. Parte de mim agora gostaria de ter seguido meu pai e trabalhado no rio.

— Viu seu pai? — Ruby perguntou quando chegaram ao túmulo.

— Chegamos tarde porque nos perdemos — explicou Susannah. — Estava me concentrando em dirigir e não na rota. Entramos nos fundos da igreja assim que o culto começou.

— Dirige um automóvel? — Ruby perguntou surpresa. Ela não conhecia um homem que dirigisse um veículo, muito menos uma mulher. Frank já havia brincado com a ideia, pensando que poderia ajudar seu negócio, mas não foi além de falar sobre a ideia. — Oh, meu Deus — acrescentou ela, imaginando tentar manobrar um automóvel, quanto mais dirigi-lo na direção certa.

— O pai de Susannah trabalha na indústria e diz que suas filhas deveriam poder fazer o mesmo que seus dois filhos. É uma sorte que ela consiga, já que não sou muito bom com esta mão — disse Derek, erguendo o braço. — Depois, há a questão de ver para onde estou indo. Não ter uma visão decente pode ser um problema — ele sorriu.

Ruby ficou maravilhada com a maneira como Derek se recuperara dos ferimentos. Somente o amor de uma boa mulher poderia ter criado o milagre que agora estava diante dela.

Eles permaneceram em um silêncio respeitoso ao redor do túmulo, prestando suas últimas homenagens. Os coveiros foram embora, dando à família tempo para chorar sozinha.

Derek ergueu os olhos de seus pensamentos e orações.

— Ela era uma boa mãe, não era?

— Eu sei que ela era uma boa amiga para mim — disse Ruby, tentando descartar todas as coisas odiosas que Stella havia dito ou feito nos últimos anos.

— Eu gostaria de tê-la conhecido, ou mesmo de ser apresentada — disse Susannah, enxugando os olhos com um delicado lenço de renda.

Stephen assentiu enquanto eles falavam.

— Só ouvi coisas boas sobre Stella — disse ele, tentando evitar os olhos de Ruby, pois ambos sabiam que isso não era bem verdade.

Enquanto se afastavam depois de agradecer aos coveiros, Ruby perguntou a Susannah quando deveriam voltar para casa.

— Se tiverem tempo, gostaria de voltar para casa e lhes servir um chá — Ruby havia feito um bolo e sanduíches, imaginando que poderia receber alguns convidados. Stephen também estava voltando para casa porque queria conhecer a bebê Sarah.

Susannah olhou para Derek.

— O que acha de voltar para Alexandra Road? Sei que adoraria ver o bebê. Talvez fosse uma boa prática segurar um recém-nascido. — Ela notou o

sorriso se espalhando pelo rosto de Ruby e sorriu de volta. — Sim, são as primeiras pessoas a quem menciono isso. Ainda nem contamos aos meus pais.

Ruby beijou a bochecha de Susannah.

— Estou tão feliz por vocês, ora, é como um novo começo! — Ruby percebeu que essa devia ser a razão pela qual Derek estava tão otimista e positivo em relação ao futuro.

— Acho que estou pronto para voltar para casa — disse ele. — Precisamos que o nosso filho tenha raízes e família — e como podemos ensinar isso a uma criança, quando abandonei a minha?

— Isso significa que verá Wilf? Tenho certeza de que ele ficará emocionado com a notícia. Tem tão pouco agora — disse Ruby.

— Estou pronto, isso se voltarmos inteiros, já que insisto que viajem conosco, e a direção de Susannah é muito insuficiente, sendo um exemplo tão fraco da raça feminina.

Susannah deu um tapa de brincadeira no braço dele.

— Para que saiba que na minha época fui sufragista. Sou uma dessas novas mulheres de quem falam — ela sorriu e piscou para Ruby. — Não dê atenção ao meu marido. Ele pode ser insuportável às vezes.

— Temos alguma escolha de não ser? — Ruby riu. — Gosto bastante de trabalhar para viver. Se e quando esta guerra terminar, continuarei com o meu próprio trabalho.

Stephen riu enquanto ajudava as mulheres a entrarem no veículo.

— Espero que sim, Ruby: seu rosto amarelo combina com você. — Ruby ignorou a piada. Estava acostumada e orgulhosa do tom amarelado que sua pele adquirira. Mostrou a todos que trabalhava com munições e estava desempenhando seu papel no esforço de guerra.

Ela ficou impressionada com a direção de Susannah. Quase nunca tinha andado num veículo motorizado antes, por isso foi uma emoção não só ser transportada a tal velocidade, mas também ver uma mulher conduzindo um veículo com tanta destreza. As duas mulheres sentaram-se na frente deste e ignoraram as zombarias dos homens, que brincaram sobre contratar um homem com bandeira vermelha para andar na frente.

De volta ao número treze, Susannah ajudou Ruby a preparar as coisas para o chá, enquanto Stephen foi até a porta ao lado ajudar Irene a trazer o bebê para uma visita.

Pat, que já havia saído correndo da casa de Irene quando viu o veículo parar, estava sentada com Derek, atualizando-o sobre o que havia feito desde que ele fora para a guerra. Ele aceitou de bom humor, fazendo perguntas à menina e admirando sua boneca e o carrinho.

Ruby acenou para Susannah se aproximar um pouco dela para que Derek não pudesse ouvi-las conversando na cozinha.

— Acha que eu deveria ir até lá e trazer Wilf aqui para tomar chá?

— Essa é uma ideia admirável. Por que não vou com você? Se me apresentar a Wilf em sua casa, pelo menos não poderá recusar facilmente o

convite.

— Ora, Sra. Green, parece ser uma mulher muito esperta — brincou Ruby.

— Morando com Derek, tornei-me perita em persuadir e ser astuta o suficiente para extrair o melhor de meu marido. — Ela sorriu. — Ele ainda tem momentos de depressão. Temo que seja algo com que viveremos pelo resto da vida, mas, entre esses momentos, é o marido mais amoroso. Agradeço às minhas estrelas da sorte por ter sido a enfermeira designada para cuidar dele. Tinha ouvido falar de romances entre enfermeiras e soldados quando me ofereci pela primeira vez para trabalhar no hospital, sem nunca sonhar que isso aconteceria comigo. Sou verdadeiramente abençoada.

Depois de servir o chá aos convidados e dar a Susannah tempo suficiente para cuidar da bebê Sarah, as duas mulheres pediram desculpas e atravessaram a rua para ver Wilf. Quando abriu a porta para elas, cumprimentou Ruby com um sorriso gentil e olhou interrogativamente para a estranha.

— Por favor, entrem — disse. — Devem me desculpar, acabei de desfazer minha gravata. Sei que Stella teria me repreendido, mas está muito quente e estou pronto para me sentar e descansar. Foi um dia tão cansativo. Vai me apresentar sua amiga? — ele disse, oferecendo-lhes um assento.

— Wilf, acho que deveria se sentar um pouco. Isto pode ser um choque. Minha amiga é casada com alguém que você conhece.

— É mesmo? — disse Wilf, franzindo um pouco a testa.

— Sim, por favor, conheça a Sra. Susannah Green.

Wilf pareceu confuso.

— Green, foi o que disse? É casada com um dos meus sobrinhos?

Susannah foi até Wilf e pegou sua mão.

— Meu marido é Derek Green. Sou sua nora.

Wilf olhou para ela por um momento, absorvendo a notícia.

— Se ao menos Stella pudesse estar aqui para conhecê-la. — disse ele. — Gostaria de ter dito a ela para esquecer as ideias idiotas em sua cabeça. Quaisquer que sejam os ferimentos que Derek teve, ainda é nosso. Temo que a perda de Donald a tenha mudado de muitas maneiras.

Ruby fez tudo o que pôde para não chorar com as palavras de Wilf.

— Stella não era ela mesma naquela época, temos que lembrar disso. Para mim, Stella sempre será a pessoa que salvou minha vida e me manteve sã depois que perdi meu bebê. Algum dia lhe contarei tudo — disse Ruby, em resposta ao olhar perplexo de Susannah. — Por enquanto, acho que Wilf deveria ver o filho, não é?

— Concordo. Por que não vai até a casa de Ruby? Ela preparou um adorável chá da tarde como uma espécie de velório. Acabei de conhecer Irene e a bebê Sarah, assim como Stephen, que acredito cuida da livraria do seu Frank. — Temos outra surpresa, mas quero estar com Derek quando lhe dermos a notícia. Por favor, diga que virá?

Wilf concordou com a cabeça e pegou a gravata.

— Deixe-me ficar apresentável — disse ele.

— Não há necessidade disso. Não estamos fazendo cerimônia na minha casa — Ruby disse. — Gosto que meus convidados se sintam confortáveis.

— É uma boa mulher, Ruby Caselton. Tenho muito a agradecer. Tenho sido um velho tolo, mantendo-me afastado de todos desde que perdi minha querida esposa. Ora, meus irmãos até prepararam chá para os enlutados, mas não consegui enfrentar isso. Vim direto para casa. Eles podem ser da família, mas não são minha família próxima. Só queria estar em casa aqui com minhas lembranças..., mas irei com prazer à sua casa, Ruby, porque é mais família para mim do que algumas pessoas que compartilham o mesmo sobrenome. Além disso, preciso recuperar o tempo perdido. Tenho pontes para construir com Derek.

Quando Wilf entrou na casa de Ruby e viu seu filho, não hesitou. Em vez disso, agarrou o rapaz com um abraço de urso, que Derek retribuiu. Stephen cedeu sua cadeira para que o pai pudesse sentar-se ao lado do filho.

— Como está, filho? — Wilf perguntou enquanto olhava para o rosto cheio de cicatrizes de Derek.

— Já estive melhor, pai, mas também estive pior. Minha visão não é mais tão boa, mas estou aqui e vivo. Ouvi falar do nosso Donald. Só rezo para que Frank supere esta guerra e volte para casa são e salvo.

O olhar entre os jovens presentes mostrou que todos entendiam a relação entre Frank e Stephen.

Wilf estendeu a mão e pegou a de Stephen.

— Como amigo do nosso Frank, faz parte da nossa família — disse ele. — Devemos a Stella permanecermos juntos.

Ruby passou o braço em volta dos ombros de Pat e Irene. Foi um momento comovente ver a família Green reunida.

Susannah pigarreou.

— Temos mais novidades, Wilf. Talvez queira contar a ele, Derek?

— Pai, seu primeiro neto vai chegar na primavera.

— Esperemos que o bebê chegue a um mundo livre de guerra — disse Wilf. — Isso seria realmente algo para se comemorar. Porém, direi agora: nunca uma criança será mais amada do que a que for acolhida nesta família. Devemos isso à sua mãe.

A tarde foi passada atualizando as notícias do que havia acontecido enquanto os familiares estavam separados. Por fim, Irene se despediu para levar a filha para casa para ser alimentada, enquanto Ruby foi para a cozinha lavar a louça, recusando ofertas de ajuda de seus convidados. Estava quase terminando quando ouviu uma cadeira sendo arrastada no chão. Virando-se, viu Derek caminhando em sua direção e ficou maravilhada com o quão bem ele conseguia, agora que sua visão estava limitada.

— Precisa de uma mão, Derek?

— Não, estou bem, obrigado. Queria conversar com você, a sós.

— Então sente-se e eu vou acompanhá-lo — disse ela, dobrando o pano de

prato e deixando-o sobre o escorredor de madeira antes de ir para a sala para se juntar a ele. Nunca se sentiu tão grata como naquela época por ter uma sala de jantar e uma sala de estar separadas, porque às vezes havia necessidade de privacidade. — O que queria me contar?

— É sobre Eddie. Sei que já faz algum tempo que me machuquei e me perguntei se ouviu alguma coisa sobre ele?

Ruby sentiu seu coração palpitar quando colocou a mão no peito.

— Nenhuma palavra. Tento não pensar nele atualmente. Pelo que li, há muitos homens que morreram cujos restos mortais nunca foram encontrados. Deve ter sido terrível lá, Derek. Não consigo entender o que passou.

Derek assentiu pensativamente.

— Não pense por um momento que estávamos todos nas trincheiras lutando o tempo todo. Havia outro trabalho a ser feito e podíamos sair do front de licença ocasionalmente. Passei a maior parte do tempo com seu Eddie, assim como com Ernie Minchin. Como a vida mudou... — Derek parou de falar para pensar. — Minha última lembrança é de quando fui ferido por uma bomba. Se Eddie ficou ferido, não me lembro, pois estava perto da morte. Mas durante a minha dor e toda a atividade ao meu redor, senti que ele estava ali, enquanto alguém falava comigo e tentava me manter consciente. Eu juro, quando olho para trás, sinto que foi Eddie — então não poderia ter sido morto, poderia?

— Mas então onde está agora? — Ruby perguntou. — Eu teria pensado que, a esta altura, se tivesse sido morto — mesmo que tivesse sido feito em pedacinhos — alguém com autoridade teria escrito para me avisar. Portanto, meu coração está me dizendo que em algum lugar meu Eddie está vivo. O problema é que não sei a quem pedir informações.

— Isso é algo em que posso ajudá-la. Vou escrever algumas cartas e ver o que acontece.

Ruby agradeceu.

— Seria de grande ajuda se pudesse, mesmo que sejam más notícias. Terei algum encerramento, pelo menos. De certa forma, já segui em frente com minha vida. Muita coisa mudou, — mas ainda amo meu marido. Preciso saber o que aconteceu com ele.

— Ruby, espero que não se importe que eu pergunte. — Derek parecia desconfortável enquanto tentava encontrar as palavras certas. — É tipo isso. Mamãe me escrevia com frequência e, quando o fazia, me contava coisas sobre você e o que estava fazendo. Deu a entender que você não foi fiel a Eddie.

Ruby balançou a cabeça.

— Nunca fui infiel ao meu marido. Estou surpresa que Stella tenha pensado que sim. Direi, em minha defesa, que ela às vezes agia de maneira bastante estranha comigo. Veja bem, quando Frank morou aqui como meu inquilino, — eu estava esperando Pat, assim — ele achou melhor deixarmos o mundo nos ver como um casal. Frank estava preocupado com minha

reputação, com Eddie não sendo visto por alguns anos, e depois eu esperando um filho. Pat é de Eddie — acrescentou ela apressadamente. — Ele voltou por apenas uma noite e... — Ruby corou enquanto tropeçava nas palavras.

— Não há necessidade de me explicar — Derek sorriu.

— Eu quero. Parece entender a amizade entre Frank e Stephen. De certa forma, nosso engano foi conveniente para mim e para Frank. Nós dois parecíamos ser respeitáveis para quem nos observava, o que era importante na época. Quando Eddie voltou, antes de partir para o front, expliquei tudo a ele e, me pareceu que nosso casamento estava de volta ao equilíbrio. Nós nos correspondemos enquanto ele estava fora e achei que estava tudo bem.

Derek parecia um pouco envergonhado.

— Há algo que não me contou? — perguntou ela, quando os sinos de alerta começaram a tocar.

— Mostrei a Eddie algumas das cartas em que mamãe mencionava você...

Ruby ficou chocada.

— Oh, não! Por que fez isso?

— Tem que lembrar que nós somos — éramos — camaradas. Quando os homens são colocados juntos assim, lutando e suportando todo tipo de coisa, tendemos a criar laços. Eddie podia ser irritante às vezes, mas corajoso, ousado. Um dia, enquanto ele dizia como você era maravilhosa enquanto eu estava cansado e com fome, tirei do bolso as cartas de mamãe e joguei-as nele.

— O que ele disse?

— Nada. Poucos minutos depois disso, fui ferido e não o vi novamente.

Ruby colocou a cabeça entre as mãos e suspirou. Sabendo o quão cabeça quente Eddie era, poderia ter feito algo realmente estúpido e, em vez de escrever para perguntar a ela sobre as cartas de Stella, simplesmente ter desaparecido. Foi então que as últimas palavras de Stella voltaram para ela...

— Sinto muito, Ruby.

— Isso foi o que sua mãe disse pouco antes de morrer... Ela estava arrependida.

— Farei tudo o que puder para encontrá-lo, Ruby.

Ruby esperava que Derek cumprisse sua palavra. Só queria o marido de volta em casa com ela, são e salvo. Ou, se o pior fosse verdade, queria poder chorar por ele adequadamente.



11 de novembro de 1919

— Já estive em Londres antes, mãe? — perguntou Pat, agarrada ao braço de Ruby enquanto eram empurradas pela multidão. — Todo mundo parece tão triste.

Ruby olhou no meio da multidão e conseguiu ver o contorno do Palácio de Buckingham.

— Sim, amor, vim para Londres quando George era criança. O rei anterior havia morrido e viemos prestar nossos respeitos. Naquele dia, fomos a um lugar chamado Westminster, em outra parte de Londres, e levamos horas apenas para chegar ao local onde o corpo do rei estava exposto. Isso foi ainda mais triste do que hoje, mas não teríamos perdido isso por nada no mundo.

Ruby ficou pensativa ao se lembrar do dia. George tinha dez anos de idade. Stella estava viva, assim como Donald, e todos os homens eram jovens, em boa forma e felizes, sem qualquer pensamento de guerra pairando sobre suas cabeças. Ruby lembrou-se de que Eddie estava desaparecido naquele dia, assim como de tantos outros, e a tristeza e o medo de que tantas vezes a assombravam voltaram com força total, — mas então pensou nas poucas horas roubadas que passaram juntos naquela única noite. — Deus, Eddie, como sinto sua falta — sussurrou para si mesma.

Ela olhou ao seu redor para os homens uniformizados. Muitos ainda pareciam cansados, mas muitos exibiam seus ferimentos com orgulho. Havia tantos homens e mulheres uniformizados quanto à paisana. Teria realmente passado apenas um ano desde que as armas pararam de disparar e a Grã-Bretanha foi declarada vencedora da guerra?

Estava no trabalho naquele dia, quando se espalhou a notícia de que a guerra finalmente havia acabado. As mulheres largaram as ferramentas, um tanto confusas.

— Suponho que isso significa que estamos desempregadas? — Cissie dissera quando o capataz se aproximou.

— Continuem trabalhando, meninas, ninguém nos disse para parar. Se quiser levar para casa um pacote de pagamento no final da semana, é melhor cumprir sua cota. Haverá outras guerras que precisarão de bombas — disse ele, sorrindo para Ruby, que estava ouvindo por perto.

E tiveram que continuar trabalhando. Tudo o que Ruby sabia era que aparecia às sete e meia da manhã e colocava explosivos em bombas, onde as bombas acabaram sendo usadas, não tinha certeza, mas não cabia a ela questionar. Então vestia um macacão que cobria seu corpo, obedecendo às

regras de não usar grampos de cabelo ou qualquer coisa metálica que pudesse causar faísca. Trabalhou duro, sabendo que o dinheiro que levava para casa proporcionaria a ela e a Pat uma boa vida. Ponderou, às vezes, quantos homens, ou mesmo mulheres e crianças, foram mortos por causa de sua ajuda na fabricação de bombas. Disse isso uma vez para suas amigas e elas riram, então guardou para si. Isto é, até que um dia estava descansando fora do lugar onde trabalhava e um jovem capataz parou para conversar. Ruby fez a mesma pergunta e, em vez de ignorá-la, ele disse que sempre teria uma guerra em algum lugar.

— No entanto, fui informado que a produção está prestes a mudar. Vamos extrair pólvora dos cartuchos Verey Light, então pelo menos ainda terá um emprego.

— Eu orei por este dia — disse ela. — Tenho estado preocupada ultimamente em fazer bombas, agora tenho um neto pequeno.

— Pense em algo mais feliz — disse ele. — É uma boa trabalhadora, Caselton. Não deixe que seus pensamentos a impeçam. Acho que se a guerra tivesse continuado, teria sido nomeada supervisora nas linhas. Talvez um dia estivesse brigando comigo pelo meu trabalho — ele riu antes de ir embora.

De volta ao Palácio de Buckingham, sendo empurradas pela multidão, Ruby sugeriu a Pat que seguissem um pouco mais a frente um pouco.

— Não se esqueça, George disse que nos encontraria. — Ela a lembrou. — Irene deixara a bebê Sarah com a mãe. Ele disse para nos encontrar nos portões do Palácio. Não sei no que estávamos pensando, vindo aqui hoje ver o desfile em meio a essa multidão. Por que não percebemos que haveria tantas pessoas? Duvido que consigamos localizá-los — ela resmungou.

— Nós vamos — disse Pat. — Só precisamos procurar um chapéu coberto de rosas de seda. Ajudei Irene a costurá-las em seu melhor chapéu preto. Foi ideia de George, pois sabia que Irene se afastaria para olhar as vitrines das lojas e estava preocupado em perdê-la.

— Por que ele pensou em rosas quando todo mundo fala em papoulas?

— Ela os tinha em um vaso na sala da frente, então pensei que serviriam. Acho que as papoulas teriam ficado mais bonitas — disse Pat, considerando as palavras da mãe. — Por que as pessoas pensam tanto nas papoulas?

— Elas são vistas como um símbolo da guerra, que agora é chamada de Guerra para Acabar com Todas as Guerras — explicou Ruby. — As papoulas cresceram nos campos de batalha depois de as armas pararem. — Pensar nisto fez com que a sua mente se voltasse mais uma vez para os seus amigos e para o que a guerra lhes tinha feito.

Frank estava de volta em casa, com o rosto assombrado pelo que tinha visto. Dissera a ela que houve um tempo em que, durante semanas a fio, nunca tiravam as botas ou sequer dormiam, as armas disparavam implacavelmente enquanto cuidavam dos feridos e moribundos. Ele permaneceu no hospital de campanha, onde realizou todos os trabalhos imagináveis. Ruby queria saber mais sobre como era isso, mas Frank se

recusara a entrar em detalhes, dizendo que isso apenas assombraria seus sonhos.

— Uma senhora nunca deveria ver o que eu vi. Na verdade, reforçou a minha crença de que a guerra é terrível e que nenhum lado vence realmente, então qual é o sentido de brigar? — Ele discutia noite adentro sempre que os dois se reuniam.

Frank deu a Ruby uma cópia de um poema e disse-lhe para lê-lo com frequência, entender as palavras e certificar-se de que Pat também entendesse a futilidade da guerra. O poema era “In Flanders Fields”, de John Alexander McRae, um poeta que serviu na guerra. Ruby não gostava de poesia, só tendo lido canções infantis para as crianças quando eram mais novas, mas esse poema ressoou muito com o que ela leu, e o pouco que lhe contaram sobre a guerra lhe foi trazido por suas linhas simples. Ruby copiou as palavras para Pat guardar, entender e não esquecer.

Enquanto estava ali agora, perto da multidão, murmurou as palavras.

— Nos campos da Flandres as papoulas florescem...

Eddie foi uma das vítimas da guerra? Ele tinha papoulas marcando o local onde morreu?

Derek cumpriu sua palavra e escreveu inúmeras cartas às autoridades, mas suas respostas não conseguiram explicar o que havia acontecido com Eddie ou onde poderia estar. Ruby precisava saber para poder seguir em frente com sua vida. Era como se estivesse em luto perpétuo. Várias vezes, um dos capatazes mais jovens do trabalho convidara Ruby para ir com ele ao cinema ou até mesmo dar um passeio, e teve que explicar que, até saber o que havia acontecido com seu marido, teria que recusar — embora, como admitira para si mesma, o achasse muito bonito.

— Bem, vou me surpreender — disse Ruby, enquanto Pat começava a pular de excitação ao avistar Irene e seu chapéu. — Terei que pegar esse chapéu emprestado para a próxima vez que formos fazer compras no mercado de Woolwich e você se afastar.

— Mãe, não se atreva — Pat a repreendeu antes de abrir caminho pela multidão e pular sobre seu irmão mais velho. — Encontramos você — exclamou enquanto acenava para Ruby se apressar e se juntar a eles.

— É certamente um chapéu surpreendente, Irene — disse Ruby, admirando o trabalho manual da nora.

— É adequado ao propósito de me destacar na multidão, e pelo menos me encontram — disse Irene. — Mas deve me ajudar a remover as rosas agora. Minha mãe ficaria bastante chateada se descobrisse que as usei para enfeitar um chapéu, em vez de deixá-las no vaso de cristal que ela comprou.

Ruby olhou para George.

— Parece bastante infeliz, meu querido. O que o está perturbando?

— Nada, mãe. Sinto que, um ano depois do fim da guerra, é bastante edificante. Os dois minutos de silêncio me darão muito em que pensar — respondeu ele.

Mesmo assim, pensou Ruby, tinha mais coisas em mente do que estava dizendo. Ruby conhecia bem o filho.

— Mamãe preparou um piquenique — exclamou Pat. — Quando podemos comê-lo? — ela perguntou.

— Depois de observarmos os dois minutos de silêncio e a marcha passar. Podemos caminhar para encontrar um lugar para nos sentar e comer. Parece que há um lindo parque ali. — Acenou com a cabeça para onde podiam ver o topo das árvores.

— Desde que todos os outros não tenham a mesma ideia — ressaltou Irene. — Está bastante frio para fazer um piquenique.

— O rei e a rainha vão sair para a varanda? — Pat perguntou. — Acho que não poderei vê-los.

— Não se preocupe, magrela, vou colocá-la nos meus ombros — George disse a ela. — Talvez deva tirar o chapéu também, minha querida — disse à esposa. — Temo que as pessoas atrás não consigam ver nada.

— Estou começando a achar que, afinal, não foi uma boa ideia — disse Irene.

Ruby deu o braço à nora.

— Vamos, vamos ver se encontramos um lugar melhor para ver a varanda. Não sei quanto a você, mas não posso acreditar que já se passou um ano desde o fim da guerra.

— E nossa pequena Sarah tem quatorze meses e é muito querida. Com a guerra terminada e um futuro brilhante pela frente, tenho muitos planos para a vida de minha filha.

Ruby fungou. Esperava que Sarah, quando crescesse, não se tornasse uma daquelas mulheres esnobes com quem Irene e sua mãe se misturavam. Embora Irene fosse gentil o suficiente, poderia transformar sua elegância num piscar de olhos.

Quando o canhão de um parque próximo disparou para marcar o início dos dois minutos de silêncio, Ruby descobriu que ficar ali, de cabeça baixa, era bastante perturbador. Isso a fez pensar no jovem Donald — um desperdício de vida — e na querida Stella, que sem dúvida estaria ali hoje se não fosse a guerra que a devastara e depois a terrível gripe espanhola. Sua mente vagou para Derek e como lidara com seus terríveis ferimentos com a ajuda de sua devotada Susannah. Eles adoravam o filho, que se chamava Donald em memória do saudoso irmão mais novo. Wilf tornou-se uma presença permanente na casa de Derek, ajudando seu filho com seu negócio de carpintaria e desfrutando da atmosfera familiar feliz. Tanto era verdade que anunciara recentemente que estava entregando seu rebocador para seus irmãos e vendendo sua casa na Alexandra Road. Ruby sabia que era o melhor, mesmo assim ficava triste sempre que saía pela porta da frente e via a placa na parede declarando que a casa estava à venda.

Quando o canhão disparou pela segunda vez para marcar o fim dos dois minutos, os pensamentos de Ruby se voltaram para Eddie. Seu coração doía

só de pensar nele. O último encontro deles antes de partir para a guerra estava gravado em seu coração, e tudo o que sonhava era que ele voltasse para ela. Havia morrido ou ainda estava vivo? Se de fato tivesse morrido, então merecia que seu nome fosse registrado como tal. Então pelo menos ela poderia continuar com sua vida, mesmo que fosse uma casca vazia do que era quando Eddie a amara. Sabia que precisava seguir em frente agora, e talvez se casar novamente — se algum homem a aceitasse, com seu rosto amarelado por trabalhar na fábrica de munições de Gilbert.

George passou o braço em volta do ombro dela enquanto Pat avançava com Irene.

— Um centavo por eles, mãe? Estava a quilômetros de distância.

— Estava pensando no seu pai. Sabia que já se passaram cinco anos desde a última vez que o vi? Nós nos correspondemos enquanto ele estava no exército, e então tudo parou. Realmente gostaria de saber o que aconteceu com ele, mesmo que tenha sido algo ruim.

— O que quer dizer com ruim?

Ruby pensou por um momento.

— Não me refiro a ele estar morto, porque agora acredito que se realmente estivesse morto, teria sido informada. Derek escreveu algumas cartas no ano passado em busca de informações e não deram em nada. É como se Eddie tivesse desaparecido da face da terra.

George balançou a cabeça, incrédulo.

— Honestamente, mãe. Sei que é meu pai, mas eu poderia nem ligar para ele. Ele lhe causou uma série de problemas todos esses anos, e merece coisa melhor. Não pude acreditar quando me contou sobre ele e toda aquela história do Cedric.

— Precisamos encontrá-lo primeiro, antes que possa sequer pensar em brigas.

— Eu me pergunto, se há alguém que o conheceu — alguém a quem possa perguntar e que possa ter ouvido falar dele desde 1914? Talvez, depois de verificar com todos, possa ir à polícia e declarar sua morte.

— Ainda o amo, George. Chame-me de idiota, mas eu o amo. Tem razão, no entanto. Vou ter que sentar e fazer uma lista. Vou pedir ajuda aos rapazes Greens também. Nunca se sabe, podemos encontrar algo que nos leve até ele — Ruby sorriu.

George sorriu de volta, embora pessoalmente acreditasse que seu pai não queria ser encontrado. No entanto, amava demais sua mãe para discutir.



24 de dezembro de 1921

Ruby não poderia ter ficado mais surpresa se o Papai Noel tivesse pulado na frente dela e dito “boo”.

Era véspera de Natal de 1921 e quase o fim do dia útil. Todas as meninas da fábrica de munições conversavam animadamente sobre ir à cidade fazer as últimas compras e depois voltar para casa, para suas famílias, para aproveitar o Natal. Junto com Jean e Doreen, Ruby iria encontrar Cissie, que havia desistido de trabalhar na Gilbert depois de ter seu filho, a bebê Cyril. As meninas gostavam de manter contato e todas tinham presentes embrulhados para o novo bebê.

Ruby havia sido chamada ao escritório do gerente e temia que a demitissem. Afinal, era uma das mulheres mais velhas que trabalhavam nos galpões, e a empresa havia recentemente contratado muitas mulheres mais jovens. Houve um novo fluxo de trabalho na semana anterior e sabia que haveria mais depois do Natal. A mudança para abrir os cartuchos Verey Light e extrair a pólvora de dentro foi diferente de encher cartuchos e cápsulas, mas ainda era um trabalho. Após o fim da guerra, todos os projéteis foram desativados, o que proporcionou um trabalho bem-vindo às mulheres que usavam munições. Havia muita coisa para todos fazerem e Ruby estava feliz com isso, porque apesar de sua busca de alto a baixo, não encontrara nenhum vestígio de seu marido nos últimos anos. Embora fosse dona de sua casa, ainda precisava ser capaz de sustentar a si mesma e a Pat.

O que mais a agradara na mudança em seu trabalho fora que a tonalidade amarelada de sua pele estava desaparecendo gradualmente. Durante a guerra, Ruby e suas amigas gostavam muito que as pessoas olhassem para elas quando saíam juntas. —Foram apelidadas de Meninas Canárias, e Ruby vira isso como uma marca de sua contribuição para o esforço de guerra. Ficava orgulhosa quando as pessoas olhavam em sua direção. Durante todo o tempo em que trabalharam com os materiais explosivos, sua pele permanecera amarelada.

Ah, bem, se fosse demitida, apenas teria que pensar em fazer outra coisa para ganhar a vida. Talvez George pudesse dar uma palavra em seu favor. Era bastante fácil chegar de casa à Crayford e à fábrica Vickers.

Pensando em George, seu coração doeu ao vê-lo. Apenas algumas semanas antes, ele e Irene haviam vendido tudo e se mudado para Devon. Irene estava cheia de Erith e encontrara uma linda casa perto do mar. Quando, em tão tenra idade, George fora promovido a gerente, Irene aproveitara a chance de subir

na vida, mas Ruby chorara ao ouvir a notícia. Adorava a pequena Sarah agora que estava andando e começando a conversar. Sarah derretera completamente o coração de sua avó. George havia prometido que viriam visitá-las com frequência, afinal, precisava visitar a fábrica de Crayford para poder continuar seu trabalho como projetista na seção de engenharia da empresa. Disse que levaria Sarah com ele, embora Irene tivesse mencionado que tinha certeza de que estaria muito ocupada organizando a casa e esperava que Ruby os visitasse. Ruby ficou decepcionada com Irene, pois a menina estava ficando cada dia mais parecida com a mãe. Mas Ruby sempre dissera que não iria interferir, e por isso não o fez. George parecia bastante feliz.

Batendo na porta do escritório e entrando quando mandada, ficou surpresa ao ver não só o gerente, mas também o dono da fábrica de envase, como era conhecida.

— Sente-se, Sra. Caselton — disse o gerente, pegando uma pasta com o nome dela na capa. — Vejo que já está conosco há um bom tempo. — Ele bateu os dedos na mesa, olhando a papelada antes de entregá-la ao proprietário.

Ruby esperou que o dono da fábrica dissesse alguma coisa, mas ele simplesmente olhou para as folhas de papel e acenou de volta para o gerente. Ruby não tinha certeza se ele alguma vez falara, nas vezes em que viera inspecionar a fábrica, só o vira andando por ali, imerso em pensamentos.

Aí vem, pensou ela, demitida na véspera de Natal porque sou mais velha que as novas trabalhadoras. Mas não vou deixar que me vejam chateada. Vou erguer o queixo. Ruby esperou, olhando fixamente para os homens.

— Sra. Caselton, a senhora deve ter notado que ocorreram algumas mudanças na fábrica desde que se juntou a nós.

— Sim, senhor. — Foi tudo o que disse.

— Com o fim da guerra, não fabricamos mais munições para as forças...

Ele acha que sou cega, pensou consigo mesma? Faz algum tempo que não fazemos uma bomba. Vamos, vá direto ao ponto...

— Hoje em dia nosso trabalho é desmontar a munição, enviar os cartuchos para sucata e o conteúdo para outros usos — ele continuou.

Ruby poderia ter gritado. Desejou que ele continuasse dizendo o que realmente tinha a dizer. Corria o boato entre os trabalhadores de que os explosivos foram para outras fábricas. O velho Gilbert não ficaria pobre, pensou consigo mesma.

— Sim, senhor — ela repetiu.

— Teremos outra contratação de jovens funcionários depois do Natal. Significa montar outra seção e precisamos de outra encarregada. Gostaria de lhe oferecer o cargo, Sra. Caselton.

Ruby ficou pasma: uma promoção e mais dinheiro! E lá estava ela pensando que seria demitida.

— Isso é muito generoso da sua parte, senhor, obrigada.

— Haverá um pequeno aumento em seu pacote salarial devido às

responsabilidades envolvidas. Como tem muito a aprender, pretendo colocar outro encarregado com a senhora até que aprenda o básico. Conhece Herbie Wilcox?

— Só de passagem, senhor. Não conversamos muito — disse ela. Herbie era um homem quieto. Sabia que era viúvo e alguns anos mais novo que ela. Não se misturava com a maioria da equipe — mas então, por que iria querer se misturar com um grupo de mulheres cacarejantes?

O gerente passou uma folha de papel para Ruby por cima da mesa.

— Este será o seu novo contrato — disse ele, enquanto ela lia rapidamente as palavras na página e piscava diante da quantia que receberia a cada semana.

— Obrigada, senhor. — Foi tudo o que conseguiu dizer ao assinar no final do contrato, desejando educadamente aos dois homens um feliz Natal e saindo do escritório. Ao atravessar o pátio em direção ao galpão onde trabalhava, sorriu para si mesma. A vida certamente parecia boa. As meninas ficariam satisfeitas por ela, embora estivesse grata por não supervisionar suas próprias companheiras, isso teria sido difícil. Afinal, Doreen e Jean começaram na Gilbert muito antes dela. Com passos rápidos, atravessou o pátio até o galpão e, ao abrir a porta, esbarrou em Herbie Wilcox.

— Olá, Ruby — estava esperando encontrá-la. Presumo que acabou de voltar do escritório do gerente — ele disse educadamente. Herbie era mais magro que Eddie e tinha cabelos mais escuros e olhos verdes. Ele falava bem e Ruby gostava de suas maneiras.

— Sim, estou bastante satisfeita por ter a oportunidade. Vou gostar do trabalho — ela sorriu quando ele apertou sua mão.

— Estou ansioso para trabalhar com você — disse ele enquanto seguia seu caminho.

Ao voltar para sua mesa de trabalho, Doreen e Jean sorriram para ela.

— Não é o que pensam — disse ela, lhes sorrindo. — Tenho muito para lhes contar quando sairmos do trabalho.

Na casa de Cissie, Ruby contou sobre sua promoção.

— Mas pensei que o emprego seria oferecido a uma de vocês primeiro — ela disse rapidamente.

— Poupe-me, não quero ficar responsável por um monte de crianças — disse Doreen. — Estou pensando em desistir de trabalhar na fábrica. Vou trabalhar na Cooperativa, é mais perto de casa. Estou farta de trabalhar em galpões velhos e cheios de correntes de ar. A excitação desapareceu agora que a guerra acabou. É provável que a tenham escolhido porque é mais velha do que todo mundo — acrescentou ela, fazendo Ruby se sentir anciã.

— Não sou tão velha — ela riu. — Ora, só tenho quarenta e um.

— Isso é mais velha do que todas nós — Cissie riu enquanto embalava o filho nos braços.

Prometendo oferecer chá aos amigos no Ano Novo para comemorar sua promoção, Ruby desejou a todas um feliz Natal e desceu da South Road de volta à cidade, onde comprou algumas coisinhas extras para o dia de Natal.

Parou na livraria para ver Frank e Stephen. A loja estava linda, decorada com hera e alguns ramos de azevinho, parecia caloroso e acolhedor.

— Pare e tome uma xícara de chá — disse Stephen. — Vou apenas atender esse cliente, depois estaremos juntos. Frank quer conversar, Ruby. Sinta-se à vontade para subir e vê-lo.

Ruby raramente subia para os aposentos privados dos homens, então, ao subir a escada íngreme, gritou na frente para avisar Frank que estava chegando.

— Frank, Stephen disse que queria falar comigo? — ela disse enquanto se encontrava em uma sala de estar aconchegante com grandes janelas que davam para Pier Road. — Está com uma aparência muito bonita — disse ela. — Sinto cheiro de tinta fresca?

— Sim, decoramos todo o apartamento agora. Sabe há quanto tempo estou esperando para fazer isso, desde que me mudei. — Ele riu. — Cansei das reclamações de Stephen. O que acha?

— Está muito atraente — disse ela, olhando para as pinturas antigas nas paredes e para o sofá e as cadeiras de couro ao redor de uma grande lareira. — Você tornou tudo tão aconchegante e acolhedor.

— A maior parte das peças comprei nas vendas de casas quando vamos comprar livros lá, também. Parece caro, mas custa apenas algumas libras.

— Terei que fazer com que cuide de algumas dessas peças para mim — disse ela —, especialmente porque fui promovida agora e tenho um pouco mais de dinheiro para gastar. Serei encarregada no Ano Novo.

Frank ficou satisfeito por ela.

— Trabalhou duro lá, Ruby. Merece a promoção — muito bem.

— Então, por que queria me ver? — perguntou.

Frank foi até uma mesa lateral e pegou uma carta.

— Eu ouvi do nosso Derek. Sabia que há outra criança a caminho?

— Sabia, Susannah escreveu para mim. Estou emocionada por eles. Seu pai parece estar se adaptando também. A última vez que os visitei, Wilf parecia dez anos mais jovem. Deve ser todo aquele ar fresco e a comida de Susannah.

Frank concordou com a cabeça.

— Estou feliz pelo papai. Não sei como seria para ele viver sozinho no número quatorze até a velhice. Sei que você o teria ajudado, mas sabe o que quero dizer.

— Sim, embora teria sido bom ter a companhia dele agora que George e Irene se mudaram.

— Não fique muito triste — disse Frank. — Seu George irá longe no mundo dos negócios, mas nunca esquecerá suas raízes.

— Então era sobre isso que queria falar comigo? Não poderia ter esperado até o dia de Natal?

— Não, há outra coisa. Achei melhor contar sem Pat por perto. Ela percebe tudo o que está sendo discutido.

Ruby riu concordando enquanto se sentava em uma das poltronas.

— Vamos, então, me conte. O que é?

— Não quero que fique animada, mas Derek descobriu algo sobre Eddie. Queria que eu falasse com você primeiro, para poder contar tudo cara a cara.

Ruby sentiu-se tonta e sem fôlego enquanto agarrava o braço da cadeira. Respirando fundo, ela deixou escapar:

— Vamos, eu aguento, sejam boas ou más notícias.

Frank sentou-se à sua frente.

— Ele não está morto, Ruby. Está bem vivo.

Ruby sentiu a raiva tomar conta dela de repente.

— Quer dizer que está vivo há todos esses anos e nunca se preocupou em entrar em contato comigo? Não tenho certeza se quero vê-lo agora. — Ela cuspiu, a felicidade com seu novo emprego e o Natal esquecidos.

— Não é bem assim — disse Frank. — Eddie sofreu ferimentos ao mesmo tempo que Derek, mas por algum motivo, recebeu o nome de outro soldado. Não sei os detalhes disso — falou ele, enquanto Ruby abria a boca para lhe fazer perguntas.

— Mas onde esteve todo esse tempo?

Frank olhou-a diretamente nos olhos.

— Eddie está na prisão.

Ruby estava sentada com as costas rígidas, a bolsa apoiada nos joelhos. Nunca, em um milhão de anos, teria pensado que se encontraria sentada na sala de espera de uma prisão. Quando Frank lhe contou sobre a situação de Eddie, não acreditou. Como ele pôde lutar na França num minuto, voltar para a Inglaterra e ir parar em uma prisão, sem que soubéssemos nada sobre isso? Ruby perguntara a Frank.

— Eddie está preso há mais de três anos e ainda tem mais três anos pela frente.

— Oh, meu Deus, o que ele fez? Isso parece sério, mesmo para Eddie. Nunca teve uma vida completamente limpa, mas ir para a prisão por seis anos? Por que e como é que ele nunca me avisou que estava lá? É tão cruel da parte dele. Quero vê-lo, Frank. Preciso chegar ao fundo disso.

— Gostaria de não ter contado a você — disse Frank. — Ele vai estragar o seu Natal.

Ruby suspirou.

— Não pense que eu não saberia que tem um segredo. Nunca foi capaz de guardar um, eu o descobriria em minutos. Conte-me tudo o que sabe, Frank.

Frank levou três semanas para conseguir uma ordem de visita para Ruby ver Eddie. Tirou o dia de folga da livraria e a levou pessoalmente para a prisão de Wandsworth. Isso não era algo que Ruby deveria enfrentar sozinha. É verdade que não poderia entrar com ela, mas poderia esperar em seu automóvel. Tinha um livro com ele, então ficaria confortável pelo tempo que fosse necessário, embora seus olhos continuassem se desviando para os altos muros da prisão e para a porta trancada.

Quando Ruby foi chamada à sala onde poderia encontrar Eddie, ela se

engasgou em estado de choque. Eddie parecia tão desanimado e envelhecera terrivelmente.

— O que fez, Eddie? — ela retrucou. — E o que fez com minha família? Aposto que nem sabe que é avô e não reconheceria nossa Pat se passasse por ela na rua — é como um estranho para nós. Nem sei por que vim ver você.

— Sei tudo sobre a sua vida, Ruby. Sei onde trabalha, sei que George se mudou com a esposa e a filha e sei que nossa Pat está prosperando. A única coisa que não consegui fazer foi segurá-la em meus braços e beijá-la — disse ele, procurando desesperadamente no rosto dela um sinal de perdão.

Ruby sabia que havia um diretor da prisão parado no canto da sala. Ele podia ouvir tudo o que erara dito.

— Por favor, não faça isso — ela sussurrou. — Não fale sobre nós assim. Por que não entrou em contato comigo, Eddie? Isso é tudo que quero saber. Achei que tivesse morrido quando Derek foi gravemente ferido. Fiquei confusa quando ninguém pode me dizer nada sobre você. Poderia pelo menos me dar as respostas para o que estive pensando durante todos esses anos?

Eddie continuou a olhar para o rosto da mulher que amou por tanto tempo e não suportava decepcioná-la. Viu alguns fios de cabelo prateados e linhas minúsculas ao redor dos olhos dela, mas, no fundo, Ruby ainda era a jovem forte com quem se casara.

— Não sirvo para você, Ruby. Está melhor sem mim.

— Apenas me conte o que aconteceu — ela implorou.

— Eu me machuquei ao mesmo tempo que Derek. Achei que ele tivesse morrido. Olhar para ele deitado ali, com o corpo torcido, o rosto coberto de sangue... Pensei que era um caso perdido. Ernie Minchin jazia sem vida ali perto, todos os meus companheiros foram exterminados de uma só vez. Tive uma concussão, muita dor, com lesões no ombro e na perna. Como um covarde, levantei-me e corri. Houve fortes tiros e muita comoção. Se eu tivesse corrido na outra direção, teria sido atingido por atiradores de elite. Corri às cegas até cair numa trincheira e fiquei lá por um tempo, perto de alguns rapazes. Eles podiam ver o quão mal eu estava. Não tem ideia de como era lá, Ruby, com os bombardeios persistentes, não havia muito o que comer. Estava enlouquecendo de medo.

— Mas, Eddie, muitos homens estavam no mesmo barco e não acabaram na prisão. Então, o que fez para chegar aqui?

— Estava molhado. Estava frio. Os dois rapazes na trincheira tiraram minha jaqueta, enfaixaram meu ferimento e me deram um sobretudo mais limpo que pertencera a um de seus camaradas. Abri caminho cegamente pelas trincheiras antes de desmaiar. Quando acordei, estava sendo levado de volta para uma unidade médica atrás das linhas. Eles me interrogaram para descobrir quem eu era, mas estava completamente louco. Eles revistaram meus bolsos e encontraram a papelada do cabo Daniel Gordon. Depois de alguns dias, quando minha memória voltou, pude ver que essa era uma saída. Poderia me dar um novo começo, longe de você e de suas mentiras.

Ruby ficou surpresa.

— Do que está falando — que mentiras? O que isso tem a ver comigo? — ela perguntou. E então a ficha caiu. — Foram aquelas cartas que Stella enviou para Derek, não foi?

Eddie deu-lhe um olhar duro e encolheu os ombros.

— Se ao menos tivesse me escrito perguntando. Stella não era a mulher que você lembra. Depois que Donald foi morto e descobriu que Pat era sua filha e não de Frank, ficou muito amarga comigo. Foi só quando vi Derek e gradualmente descobrimos o que acontecera que percebemos, por mais horrível que pareça, que Stella estava deliberadamente causando problemas entre nós. Sabia que quando ela soube que Derek havia sido ferido, mais ou menos na mesma época em que Donald foi morto, se virou contra mim e disse que Derek havia avisado que você havia sido morto? Quando não recebi a notificação do exército sobre sua morte, tive a esperança de que fora um grande erro e que estava vivo, e um dia me encontraria e voltaria. Eddie, — nunca esperei, nem por um momento, que aparecesse na prisão. E como sabe tanto sobre minha vida? Alguém está me observando? Por que não se deram a conhecer?

— Era a filha da pessoa com quem eu morava quando trabalhava na olaria. Ela trabalhava na fábrica de munições e via você. Contou para sua mãe e seu pai. Eu me correspondi com eles por um bom tempo, querendo saber o que estava acontecendo na cidade velha, e prometeram não a deixar saber onde eu estava.

Ruby balançou a cabeça.

— Que bagunça sangrenta — disse ela. — Deveria virar as costas para você e ir embora de uma vez por todas.

— Mas não vai, não é? — implorou, sabendo que agora que a tinha visto não poderia deixá-la sair de sua vida. — Porque me ama.

Ruby tremeu. Estando tão perto de Eddie, podia sentir o magnetismo entre eles.

— Levou meu amor longe demais às vezes, Eddie.

Eddie disse:

— Você me conhece e conhece meu temperamento. Quando fui trazido de volta para Blighty e tive alta por causa dos meus ferimentos, não eram nada sérios — acrescentou ele, notando o olhar assustado dela —, voltei para Erith. Consegui um emprego na olaria durante o verão e até fiquei morando em meu antigo alojamento por um tempo.

— Quer dizer que estava a menos de um quilômetro de distância durante todo o tempo em que estive preocupada?

— Como antes, não consegui ficar longe de você, mas fui covarde demais para tornar minha presença conhecida.

— Então, como diabos veio parar aqui? — ela perguntou, com a cabeça ainda cheia de perguntas.

— Eu briguei e o outro homem quase morreu. Não foi minha culpa, ele

começou a atacar alguém com quem trabalhava.

— Mas a culpa nunca é sua, não é, Eddie? Sempre há desculpas. Bem, já estou farta disso. Não quero viver me perguntando o que vai acontecer com você e se haverá problemas novamente. Tenho uma vida adorável agora. Tenho um emprego, sou avó, nossa Pat é uma menina linda... Não preciso de você na minha vida, Eddie. Partiu meu coração com muita frequência e agora sou eu quem vai dizer adeus. Sempre amarei você, Eddie, mas não posso mais viver assim. — Ruby se levantou e saiu da sala enquanto ele a chamava.

Se Ruby tivesse olhado para trás, teria visto as lágrimas nos olhos do marido e os braços estendidos para ela suplicantes, e teria mudado de ideia. Em vez disso, se afastou de Eddie Caselton pela última vez.



18 de fevereiro de 1924

— Não é justo, realmente não é justo. George tem um e fala sobre isso o tempo todo — Pat fez beicinho.

— Por favor, Pat, sabe que isso não é verdade. George mencionou seu aparelho sem fio uma vez em sua carta, e quando trouxe Sarah pela última vez para me visitar, não ouvi a palavra ser mencionada nenhuma vez. Provavelmente é fantasia de Irene — sabe como ela fica quando coloca algo assim na cabeça. Por que não usa o gramofone que Frank e Stephen compraram para você no Natal? Poucas garotas da sua idade têm um. Deveria estar grata.

— Se meu pai morasse aqui, ele me compraria um — disse Pat, lançando um olhar penetrante para a mãe.

Ruby revirou os olhos, esta era a resposta padrão de Pat. Sempre que não conseguia o que queria, mencionava Eddie. Não que a garota o tivesse conhecido.

— Ficarei feliz quando tiver idade suficiente para começar a trabalhar. Fará treze anos na próxima semana e é hora de agir de acordo com sua idade. Nesta época, no próximo ano, procurará emprego.

Pat pensou por um momento.

— Se eu passasse mais horas na livraria, acha que o novo dono me pagaria mais? Dessa forma, eu poderia economizar para comprar meu próprio aparelho sem fio.

— Não incomode o pobre homem. Ele paga mais do que o normal por ajudar quando não está na escola, porque Frank pediu que a mantivesse. Agora vamos lá, o que está fazendo? Vou me atrasar para o trabalho se ficar aqui me importunando. Vai caminhar comigo ou não, e o que vai fazer depois da escola?

— Posso dar uma volta pela fazenda para ver se eles precisam de ajuda com alguma coisa.

Ruby balançou a cabeça. Pat era obcecada por agricultura desde que, quando pequena, economizara para comprar um bezerro. Felizmente, quando tivera dinheiro suficiente, mudara de ideia.

— Pode voltar a tempo para o seu chá? Pensei que poderíamos ir ao cinema esta noite. Há um filme que eu gostaria de ver.

Pat sorriu.

— Podemos ir ver *The Monkey's Paw*? Daphne, na escola, disse que é muito divertido.

— Não vou pagar um bom dinheiro para morrer de medo — Ruby repreendeu. — Vamos ver *Bonnie Prince Charlie*. Aquele lindo Ivor Novello está lá — disse ela, dando um suspiro exagerado só para envergonhar a filha.

— Oh, mãe, por que não consegue agir de acordo com sua idade?

Ruby riu.

— Vem ou não? Não quero me atrasar. Isto não dá um bom exemplo aos trabalhadores.

— Não estou pronta. Vejo-a hoje à noite para o chá. Por favor, pense em *The Monkey's Paw* — sempre pode colocar as mãos na frente do rosto nas partes realmente assustadoras.

Ruby se olhou no grande espelho pendurado sobre a lareira. Seu chapéu estava reto e seu cabelo arrumado.

— Lembre-se de fechar a porta corretamente quando sair. Da última vez deixou a porta aberta e o gato do vizinho entrou.

Pat deu um suspiro exagerado.

— Oh, mãe, vá embora, ou terá problemas com seu chefe. Ele pode ser gentil com você, mas não vai gostar que se atrase — ela sorriu.

Ruby deu um beijo rápido na bochecha da filha, ignorando o comentário sobre Herbie Wilcox, que agora era seu chefe.

— Deus ajude qualquer homem que se casar com você — murmurou antes de partir.

Pat correu escada acima e olhou pela janela do quarto da frente para ver sua mãe caminhar até o fim da rua e virar à direita para seguir pela Manor Road em direção aos pântanos e à fábrica de munições.

— Bom, ela se foi. Achei que nunca iria — murmurou em voz alta.

Descendo correndo as escadas, abriu a porta da frente e correu para o portão. Acenando para uma figura parada no fim da rua, deixou a porta entreaberta e voltou para dentro para colocar a chaleira no fogão.

— Alguém em casa? — chamou uma voz grave.

— Entre, papai, não precisa esperar na porta — ela sorriu quando Eddie Caselton entrou no número treze.

Ruby saiu em passo acelerado. Contava que Herbie tivesse esperado por ela. Tornou-se norma para ele esperar em seu carro mais adiante na Manor Road para que pudessem conversar no caminho para o trabalho. Havia prometido dar-lhe sua resposta hoje, e o que quer que decidisse causaria repercussões em sua vida e possivelmente alienaria seus entes queridos.

Mais à frente, Ruby o avistou encostado no carro, fumando um cigarro. Ela acenou e andou mais rápido enquanto ele o apagava, andando alguns passos para encontrá-la.

— Eu sinto muito. Espero que não esteja esperando há muito tempo? — Ruby disse enquanto ele a puxava para perto e beijava sua bochecha.

— Pareceu uma vida inteira — ele sorriu, abrindo a porta para ela.

Ruby gostou da atenção desse homem bonito. Já fazia muito tempo que não recebia atenção do único homem que significava algo para ela — Eddie.

— Pat estava se arrastando como sempre. — Ela suspirou enquanto o carro saía de Erith em direção a Dartford. Embora os pântanos estivessem perto de Erith, não havia estrada transitável de carro.

— Presumo que ainda não contou a ela sobre nós?

— Não com tantas palavras, mas ela sabe que me leva para trabalhar no seu carro. Ela não é idiota, Herbie.

— Então diga a ela que a amo e quero que vivamos juntos, e que pedirá o divórcio de Eddie.

— Dê-me mais tempo — ela sussurrou. — Não está feliz do jeito que as coisas estão?

Herbie praguejou quando uma criança entrou na estrada, fazendo-o desviar.

— Não, não é suficiente para mim. Disse aos meus meninos que tenho uma amiga e eles querem conhecê-la. Sei que as pessoas estão fofocando sobre nós no trabalho. Só quero fazer de você uma mulher honesta e que vivamos juntos como marido e mulher. Não sou de ficar me escondendo e roubando algumas horas aqui e ali. Sei que combinamos que tomaria sua decisão hoje à noite, quando nos encontrarmos..., mas certamente já sabe?

Ruby sentiu seu estômago revirar de ansiedade. Tinha esquecido que encontraria Herbie mais tarde. Isso significava que não se importava com ele?

— Sinto muito, mas vou levar Pat ao cinema esta noite. Ela tem sido mais do que difícil ultimamente, e realmente preciso mantê-la feliz se quiser lançar uma bomba sobre nós.

Herbie balançou a cabeça em desespero.

— Às vezes me pergunto se realmente me ama ou se sou apenas uma pessoa conveniente para se ter por perto?

Ruby ficou surpresa com sua explosão.

— Sinto muito por se sentir assim. Realmente tenho carinho por você...

— Mas ainda carrega uma tocha por Eddie? — ele interrompeu.

Ela ficou irritada com a interrupção.

— Eu ia dizer que gosto do nosso namoro, mas que não somos o sonho jovem do amor. Ambos temos filhos a considerar — e acredito que ambos guardamos uma tocha pelos nossos amores passados — acrescentou ela, sabendo que Herbie ainda tinha bons pensamentos por sua falecida esposa.

Ele deu uma risada sarcástica.

— Minha querida, a diferença é que está carregando uma tocha por alguém que ainda está vivo.

Ruby ficou pensativa enquanto viajavam em silêncio. Herbie acertara precisamente. Ainda amava Eddie e, desde que o vira, nunca estivera longe de seus pensamentos. No entanto, gostava da companhia de Herbie. Mesmo que o relacionamento deles não tivesse a paixão de seu primeiro amor, descobrira que o conforto e o companheirismo que tinham a consolava agora que havia perdido Eddie.

Eles haviam caído em um padrão ao longo de vários anos de viagens juntos a trabalho e viagens ocasionais, mas Ruby não tinha vontade de apresentar a

filha a um amigo se o romance não desse certo. Se Pat, que parecia velha para a idade, suspeitava de alguma coisa, nunca dissera. Ocasionalmente havia zombarias sobre Herbie ser seu namorado, mas era mais uma piada infantil do que qualquer coisa concreta. Pat sabia apenas que o chefe de Ruby a deixava em casa depois do trabalho nas raras ocasiões em que trabalhava até tarde. Isso foi até dois dias atrás, quando Ruby disse a Pat durante o jantar que Herbie era um pouco mais do que apenas seu chefe e que queria que eles se tornassem um casal.

Pat ficou indignada.

— Mas ainda é casada com meu pai — retrucou para Ruby. — Ele não tem o direito de querer namorar você.

— Só sou casada de nome, amor. Eu e seu pai não nos falamos há mais de três anos. Não contara a Pat que Eddie havia escrito para dizer que estava saindo da prisão e queria vê-la. Rasgou a carta e jogou-a no fogo. Mesmo assim, houve momentos nos meses seguintes em que se perguntara se tinha feito a coisa certa. Uma pequena parte dela ansiava pelo Eddie que conhecera.

Pat pouco mais falou, embora Ruby soubesse que a criança não estava feliz. Ruby sabia que Herbie estava quase no limite e queria uma resposta. Por alguma razão desconhecida, Ruby disse que lhe daria uma resposta até 18 de fevereiro. Parecia longe o suficiente para lhe dar tempo para pensar no futuro, pois sabia que não conseguiria atraí-lo por muito mais tempo.

Tentando imaginar a vida sem Herbie, sabia que seria vazia, com tantos de seus amigos tendo se mudado. Doreen e Jean não trabalhavam mais na Gilbert, Cissie deu à luz a mais dois filhos em rápida sucessão e agora que sua vida estava repleta com o novo marido e os filhos, ela e Ruby não tinham mais muito em comum. Isso entristeceu Ruby, mas aceitou. Com o fim da guerra, a vida de muitas pessoas mudara.

Pouco antes do Natal, Frank e Stephen sentaram-se com ela e explicaram com muita gentileza que haviam decidido se mudar para o litoral. Eles insistiram que Ruby deveria visitá-los com frequência em sua nova casa em Eastbourne, onde haviam comprado outra livraria. Como Frank dissera, teriam um novo começo, longe de fofocas e de pessoas que conheciam o seu negócio, — e o mar estaria a uma curta distância. Nunca falara sobre o que tinha visto enquanto estava na guerra, mas agora seu rosto estava enrugado e seu cabelo prematuramente grisalho. Ele e Stephen precisavam se sentir preparados para a velhice. Ruby estava com o coração partido, mas não podia lhes contar isso, em vez disso, brincou dizendo que, como não era muito mais jovem que Frank, a velhice parecia uma desculpa esfarrapada. Foi então que Stephen explicara que estava doente e que a brisa marítima fora prescrita pelo médico para os problemas no peito que o perseguiram durante toda a vida.

De certa forma, Ruby sentiu como se tivesse sido abandonada, além de Pat, todos que conhecia haviam se afastado de Erith. Não era de admirar, então, que tivesse se apegado a Herbie, embora não estivesse necessariamente pronta para assumir um compromisso. Ruby estava relutante em perder sua amizade.

Quando o automóvel entrou na fábrica, Ruby respirou fundo. Era justo contar a Herbie sua decisão. Quando abriu a boca para falar, um homem veio correndo do prédio de escritórios, agitando os braços para chamar a atenção de Herbie.

— Eu queria dizer... — Ruby começou.

— O que há de errado, Dick? — Herbie perguntou enquanto abaixava a janela, ignorando as palavras de Ruby.

— Desculpe, chefe, temos um problema com a máquina de ponto. Queria encontrá-lo antes que fosse inspecionar os galpões.

Herbie saiu do veículo e, com um rápido aceno para Ruby, começou a se afastar.

— Herbie, quero lhe dizer... — Ruby vacilou, sem saber se deveria continuar falando nas costas dele.

— Vejo-a quando chegar ao seu galpão — ele respondeu.

— Eu ia dizer sim... — ela quase sussurrou enquanto o observava se afastar. Ruby se virou e foi para o galpão número seis para começar seu trabalho.

— Então, como está minha garota? — Eddie perguntou enquanto tomava um gole do chá quente que ela havia colocado na frente dele.

Pat sorriu para o pai. Esta era a terceira vez que ela o viu desde que ele saíra da prisão.

— Estou preocupada. Foi por isso que lhe enviei o postal — disse ela, oferecendo-lhe um biscoito. — Eu mesmo fiz.

Eddie balançou a cabeça e sorriu. Surpreendeu-o ver como Pat parecia velha. Ela era muito parecida com a mãe e, com apenas doze anos, falava como uma adulta.

— Seu cartão postal dizia que está preocupada porque sua mãe tem um amigo homem?

Pat apoiou os cotovelos na mesa e segurou o queixo com as mãos.

— Se não pararmos com isso, tenho a sensação de que ela se casará com ele, e então você nunca mais conseguirá voltar para casa e ser um pai adequado para mim. Temos que fazer alguma coisa agora — disse ela com seriedade. — Não quer fazer parte desta família de novo? — perguntou, irritada, enquanto ele ria de suas palavras.

— Meu amor, tentei fazer parte desta família durante tantos anos — mas entre mim e sua mãe, continuamos bagunçando. Desde que saí da prisão e tenho um emprego adequado, escrevi e implorei para que ela me encontrasse. Mas Ruby ignorou minhas cartas — disse ele. Não mencionou que Ruby respondeu apenas uma vez para dizer que ainda o amava e sempre o amaria, mas temia que nunca mudasse de atitude e, portanto, não leria mais nenhuma de suas cartas.

— Ela as joga no fogo. Foi assim que descobri seu endereço, quando uma delas não estava totalmente queimada.

— Estou satisfeito por ter feito isso. Pelo menos podemos manter contato.

Mas não deveria brincar com fogo.

Pat revirou os olhos.

— Não acredito que não entenda o quão sério isso é, pai.

Mas eu quero, Eddie pensou consigo mesmo enquanto agradava a filha. Se o que Pat disse fosse verdade, — e não tinha dúvidas de que a filha estava dizendo a verdade, — então estava prestes a perder Ruby para sempre. Desde a última vez que escrevera à mulher, conseguira um bom emprego como leiteiro e mudara-se para um alojamento, exatamente o mesmo onde ficara antes de se alistar. Tudo o que precisava era que Ruby entendesse que estava falando sério sobre o que havia prometido.

— Preciso voltar ao trabalho logo, amor. Estacionei o carrinho de leite no topo da rua e não quero que meu cavalo se solte e lamba o leite, pois meus clientes não ficarão nada satisfeitos — ele sorriu. Ao ver seu rosto taciturno, ele acrescentou: — Compreendo o quanto está preocupada, amor, e pretendo fazer algo a respeito muito em breve. — Isso certamente mostraria a Ruby que ele havia mudado de atitude. — Agora, por que não me mostra o que tem feito na escola? Nesta época, no próximo ano, pensará em sair e encontrar algum trabalho. Irá até a fábrica de munições para trabalhar com sua mãe ou gostaria que eu encontrasse um trabalho para você na leiteria?

Pat zombou de suas palavras.

— Vou trabalhar na fazenda perto de Slades Green Way, onde ajudo agora. Não vai me pegar trabalhando na Gilbert, especialmente se ele for meu chefe — ela fez beicinho.

— Por “ele”, suponho que esteja se referindo ao namorado da sua mãe? — Eddie riu.

— Por que está rindo? Não percebe que ele poderia tirar mamãe de você para sempre?

— Minha querida filha, sua mãe não é minha há muitos anos. Não tenho certeza se ela voltará a falar comigo, muito menos se continuará a ser minha esposa. Talvez precise entender que os adultos podem se distanciar.

Por mais que Eddie esperasse que suas palavras não se concretizassem, sentiu que deveria preparar Pat para essa possibilidade. Ela poderia não conseguir o que queria e ver seus pais juntos — nunca. Vendo seus olhos começarem a lacrimejar e um soluço escapar antes que começasse a chorar inconsolavelmente, Eddie correu para o lado dela e puxou-a para ele, balançando-a para frente e para trás.

— Vamos, agora, não há necessidade disso. Farei o possível para que sua mãe entenda.

À medida que suas lágrimas diminuía lentamente, um grito pôde ser ouvido do lado de fora, seguido de outros gritos. Os dois correram para a porta — e antes que Eddie pudesse perguntar o que estava acontecendo, uma explosão estrondosa pôde ser ouvida na direção do rio.

Ruby foi ao galpão número seis para verificar se as meninas sob sua supervisão haviam começado o trabalho. Um grupo feliz, elas pareciam gostar

do trabalho de abrir os cartuchos Verey Light e esvaziar a pólvora explosiva, colocando o invólucro e a pólvora nos recipientes certos. Ruby achava que era uma tarefa monótona, mas o seu trabalho também o era quando laborou durante horas colocando explosivos nas bombas que foram enviadas para o front durante a guerra. Ela vagou de um lado para o outro ao longo prédio de madeira, respondendo a perguntas e verificando os números das ações em sua prancheta. Ouvindo conversas e risadas no galpão vizinho, largou a prancheta e foi para o galpão número cinco.

— É o aniversário da Lil — disse uma das meninas quando Ruby entrou no galpão.

Ruby sorriu.

— Façam menos barulho, meninas — ela as avisou, acenando para uma supervisora segui-la para fora.

— As meninas ainda estão trabalhando — explicou ela antes que Ruby pudesse falar. — É apenas um pouco de bom humor.

— Não tenho nada contra o bom humor, desde que a segurança seja observada. Eu odiaria que algo acontecesse com as meninas se suas mentes fossem distraídas do trabalho. Aqui, — Ruby disse enquanto tirava do bolso algumas moedas e as entregava à supervisora. — Ofereça às meninas um pãozinho e uma xícara de chá por minha conta quando pararem para o intervalo. — Deus sabe que às vezes precisam de uma guloseima, pensou ela, sabendo que algumas delas vinham de lares pobres.

— Obrigada, Sra. Caselton — disse a supervisora enquanto voltava correndo para dentro do galpão.

— Ruby! — Herbie gritou antes que ela pudesse retornar às suas tarefas. Ruby se virou quando ele veio correndo até ela, puxando-a para longe da porta do galpão e conduzindo-a pela esquina, fora da vista de olhares indiscretos. Ele a puxou para si e a beijou de uma forma que nunca tinha feito antes. — Sinto muito por tê-la deixado tão abruptamente antes. Achei que tinha algo que queria me contar — ele disse enquanto seus olhos procuravam uma resposta no rosto dela.

Ruby sentiu como se sua respiração a tivesse abandonado, tal foi o efeito do beijo dele. Ele nunca agira assim antes. Ele sentira que ela estava prestes a cancelar o relacionamento deles?

— Ora, Herbie... — ela disse, sentindo-se nervosa e ao mesmo tempo desejando que estivessem em algum lugar mais privado e torcendo para que a beijasse novamente.

— Ruby, por favor, me diga que vai ficar comigo e quer viver o resto da sua vida ao meu lado? — ele implorou, beijando-a novamente antes que ela pudesse respirar.

Ruby congelou. Por que quando os beijos de Herbie a levaram para uma nuvem, ela pensou em Eddie? Seu Eddie... Ele algum dia abandonaria seus sonhos? Será que algum dia pararia de pensar nele, ao mesmo tempo que o rejeitaria toda vez que ele fizesse contato?

— Que diabos? — perguntou Herbie de repente. Suas mãos caíram de seus ombros e Ruby se virou para seguir seu olhar. Uma nuvem de fumaça preta subia dos fundos do galpão cinco.

— Oh, meu Deus — Ruby gritou quando uma explosão irrompeu do galpão, seguida por gritos de pânico das meninas lá dentro.

Eddie saiu correndo dali, dizendo a Pat para ficar onde estava. Da rua, ele podia ver nuvens de fumaça subindo do rio. A mulher que estava gritando estava de joelhos no meio da calçada, soluçando e chorando.

— É a fábrica Gilbert, eu sei que é a fábrica Gilbert que está virando fumaça e minha filha trabalha lá — ela gritou em desespero. — Por favor, — pode me ajudar a chegar até ela?

— Venha comigo — gritou Eddie enquanto fugia da fumaça e subia a Alexandra Road em direção ao seu carrinho de leite. Ajudando a mulher a sentar-se ao lado dele, disse-lhe para se segurar firme e partiu tão rápido quanto seu cavalo gentil e passivo permitiu. Acenando para Pat para tranquilizá-la ao passar pelo número treze, ele seguiu em passo acelerado pela Manor Road em direção às margens do Tâmbisa e à estrada de terra que atravessava o pântano em direção à fábrica de envase. Destacava-se no horizonte matinal, delineado pela fumaça negra. Podia ouvir uma série de explosões e o que parecia ser tiros.

— Essas são Verrey Light. Estão esvaziando a pólvora — disse a mulher, ansiosa.

À medida que a pista se tornava mais acidentada e o cavalo tinha dificuldade para puxar o carrinho de leite pelos sulcos, a mulher saltou e correu em direção aos prédios, chamando pela filha. Vendo que não conseguiria ir muito mais longe, Eddie atrelou o cavalo a um arbusto próximo e correu como o vento, rezando para que Ruby não tivesse se ferido. Ele foi uma das poucas pessoas que abriu caminho em direção ao local do desastre, através de hordas de trabalhadores angustiados que fugiam das explosões vindas do que restava de seus galpões. Luzes estranhas brilhavam na fumaça negra enquanto o calor fazia com que as balas disparassem em todas as direções. De um lado, podia ver homens segurando pedaços de ferro corrugado como escudos enquanto avançavam em direção ao que restava de um dos galpões.

— Afaste-se! — gritou um deles, enquanto Eddie se aproximava.

— Estou procurando Ruby Caselton — ele gritou para ninguém em particular enquanto olhava descontroladamente ao seu redor em busca de ajuda.

— Eu a vi do lado de fora do galpão seis pouco antes de tudo começar — uma jovem gritou para ele. — Ela estava com Herbie Wilcox.

Eddie sentiu uma raiva queimar dentro dele como nunca havia sentido antes. Será que esse Herbie impediu Ruby de escapar? Ele avistou um grupo de homens vestindo ternos e carregando pranchetas. Apressando-se, ele retrucou:

— Ruby Caselton estava perto do galpão seis. Vocês a encontraram? Ela estava com um homem chamado Herbie Wilcox, se isso ajuda...

Um deles verificou sua lista.

— Não temos o nome dela marcado como seguro, nem o do Sr. Wilcox — disse ele, mostrando sua lista a outro homem que estava por perto. — Eles poderiam ter escapado, mas ainda não sabemos — aconselhou a Eddie.

Eddie passou a mão pelo cabelo, exasperado.

— Onde fica o galpão seis?

— O que sobrou está lá embaixo, — mas tenha cuidado... — o homem gritou quando Eddie começou a correr em direção a ele. — Os cartuchos estão explodindo por todo lado...

Eddie ignorou os avisos e seguiu em frente, tinha que encontrar Ruby a qualquer custo. Ao passar pelo que restava do galpão cinco, desviou o olhar: vários corpos sem vida jaziam onde haviam sido atingidos pela explosão. A fumaça preta rodopiava pela cena enquanto ele puxava a jaqueta por cima da cabeça para se proteger e começava a gritar o nome de Ruby. Ela deveria estar em algum lugar próximo, pensou ele ao se aproximar da cabana.

— Aqui — gritou uma voz abafada.

Virando a esquina do galpão, avistou um homem preso pelas pernas sob uma parede caída. Havia placas de ferro corrugado espalhadas pelas cabanas mais danificadas.

— Viu Ruby Caselton? — ele perguntou enquanto libertava o homem.

— Ela estava aqui. Eu estava conversando com ela — disse o homem enquanto tirava a poeira das roupas e movia os membros com cuidado.

— Você é Herbie Wilcox? — Eddie perguntou enquanto continuava a procurar Ruby, retirando madeira e qualquer coisa que pudesse esconder o corpo dela. Herbie assentiu, parecendo distraído.

— Cuidado aí! — ouviu-se um grito de homens a pouca distância, que socorriam os feridos. — Pode haver outra explosão a qualquer momento.

— Por favor, precisa me ajudar a procurar Ruby — implorou Eddie, enquanto Herbie começava a se afastar do galpão.

Mas Herbie já estava correndo. — É perigoso ficar aqui... — ele gritou por cima do ombro.

Eddie teve vontade de torcer o pescoço do homem, mas em vez disso continuou a procurar Ruby, chamando o nome dela enquanto o fazia.

— Eddie... Eddie... É você? — perguntou uma voz hesitante, enquanto ele se voltava para o pior dos galpões de trabalho danificados.

Ele correu até onde Ruby estava no meio de uma pilha de escombros. O sangue escorria do lado de sua cabeça e de um corte onde a manga de sua jaqueta estava rasgada. Levantando-a nos braços, Eddie virou-se e correu com ela para longe dos galpões quando uma poderosa explosão dizimou o que restava do galpão número cinco.

Parando no portão do pátio para dar passagem aos veículos dos bombeiros, ele cuidadosamente colocou a esposa de pé.

— Não vou deixar você ir — prometeu enquanto examinava seu rosto antes de beijar suavemente seus lábios. — Nunca vou deixar você ir.



8 de maio de 1945

Ruby sentou-se à penteadeira, verificando se o batom que sua neta insistia que precisava não havia manchado seus dentes.

— Nada mal para uma foto antiga, não é, Eddie? — Ela sorriu para a fotografia com moldura prateada ao seu lado. Havia sido tirada no jantar e baile anual da leiteria para funcionários aposentados, pouco antes de Eddie adoecer e partir suavemente.

Passando o dedo pela imagem de seu rosto sorridente, ela suspirou.

— O que acharia do mundo hoje, meu amor? Aqui estamos nós, comemorando o fim de outra guerra, e eu totalmente elegante.

Ela foi até a janela do seu quarto e olhou para onde os moradores de Alexandra Road se preparavam para a festa de rua daquela tarde. Bandeiras foram retiradas de lofts que estavam guardados desde a coroação do rei. Todos os tipos de mesas e cadeiras estavam sendo alinhadas e seriam cobertas com lençóis como toalhas de mesa antes que a comida para as crianças fosse trazida, doada pela maioria das famílias da rua. Ruby havia prometido seu piano para as comemorações, os homens o levariam da sala da frente para a calçada no final do dia. Tocariam músicas para brincadeiras infantis e depois os adultos cantariam em volta quando o barril de cerveja fosse aberto. Seria um grande dia, pelo qual esperaram muito tempo.

— Teria gostado disso — disse para o rosto sorridente de Eddie. — Sempre gostou da sua cerveja. Adoraria balançar um de seus netos no colo — ora, até mesmo seus dois bisnetos — acrescentou ela, pensando nos filhos pequenos de Sarah. — O tempo certamente passou e tenho muitas lembranças para guardar na minha velhice. Espero que esteja me olhando hoje, meu amor, e me dando suas bênçãos.

— Está falando sozinha, mãe? — George disse ao entrar no quarto. — Pensei em subir e ver se estava bem. As mulheres estão ficando nervosas caso tenha mudado de ideia. — Ele se juntou a ela na janela.

— Eu estava relembrando. Parece que chegou o dia para isso, com tanta coisa acontecendo em nossa pequena rua.

— É certamente um dia para olhar tanto para trás como para frente — concordou George, abraçando Ruby. — Você se lembra do dia em que nos mudamos para cá — e Stella a ajudou quando perdeu o bebê?

— É algo que nunca esquecerei. A gentileza da família Green e como aqueles meninos sofreram durante a Grande Guerra. É como se tivesse acontecido ontem. O tempo passou tão rápido. Já contei que recebi um lindo

cartão do Frank? Ele não estava disposto a vir hoje. Ah, deu seus motivos, mas achei que teria sido muito difícil visitar a cidade e desenterrar tantas lembranças tristes. Ele nunca mais foi o mesmo desde que Stephen morreu, Deus o abençoe.

— Assim que tudo isto acabar, devemos ir a Eastbourne visitar o tio Frank. Eu tenho meu fiel Box Brownie, então espero que haja algumas fotos para mostrar a ele também. Isso se eu não tiver cortado a cabeça de todo mundo — George riu. — Tenho certeza de que Frank ficará encantado em conhecer a nova Sra. Bob Jackson.

— Não tenho certeza de como vou me acostumar a ser chamada de Ruby Jackson, depois de todos esses anos sendo Ruby Caselton — disse ela. Voltando à penteadeira, pegou a fotografia. — Espero não o estar decepcionando.

— Oh, sua mulher boba — disse o filho com carinho. — Papai ficaria muito orgulhoso de você. Na verdade, gosto de pensar que ele está agora em um pub celestial nas nuvens, erguendo um pote de cerveja para todos nós. Não tenho certeza se minha Irene estaria com ele, embora ficasse satisfeita por você de qualquer maneira. Casar-se com um sargento de polícia aposentado é algo que a impressionaria. Possivelmente ela levantaria um copo de xerez seco.

— Estou fazendo a coisa certa, não estou?

George suspirou. Qualquer pessoa que conhecesse Ruby diria que Bob havia iluminado a vida dela nos últimos anos. Ele sorriu ao pensar em como seus caminhos se cruzaram tantos anos antes, quando Bob, então um jovem policial, passara horas no armário sob a escada, protegendo-se de um ataque na primeira guerra ao lado de Ruby. A mãe só estava hesitante agora por causa de sua lealdade ao seu falecido pai, mesmo depois dos desenganos em que ele a conduzira por tantos anos antes de resgatá-la do terrível desastre na fábrica Gilbert. George poderia ter perdido a mãe naquele dia. Doze dos trabalhadores morreram, — um deles desta mesma rua. Desde aquele dia em 1924, seus pais quase não se separaram, compensando todos os anos perdidos até o falecimento de seu pai, pouco antes do Natal de 1937.

Eddie cumprira sua palavra: além de um ocasional copo de amargo em festas de família ou no clube dos trabalhadores, era um personagem reformado. George sabia que seus pais tiveram uma boa vida juntos, mesmo que tenham levado vinte anos para se adaptarem a ela. Agora sua mãe havia conhecido Bob, e ele e seu filho Mike haviam se integrado muito bem na família e aos amigos Caselton.

— Sim, mãe. Está fazendo a coisa certa ao se casar com Bob e sabe disso. Então vamos lá — vamos endireitar o chapéu e depois podemos continuar com a festa. Não é apenas o seu casamento que estamos celebrando, mas também o fim da guerra. Vejo-a lá embaixo — disse ele, beijando-a no rosto.

Deixada sozinha, Ruby olhou para a pequena fotografia, depois levou-a aos lábios e beijou a imagem.

— Sempre haverá um lugar para você em meu coração, Eddie Caselton — ela murmurou, antes de guardar a fotografia em uma gaveta e fechá-la lentamente.

Ela respirou fundo e disse para si mesma:

— É hora de seguir em frente. — E foi se juntar à família.



Onde os segredos nunca estão muito distantes...

1950.

A Segunda Guerra Mundial terminou e a vida das meninas Woolworth, Sarah, Maisie e Freda, seguiu em frente. Em um novo mundo, as mulheres Woolworth têm grandes expectativas em relação às suas filhas, querendo que elas aproveitem as oportunidades que elas mesmas não tiveram.

Prontas para assumir os trabalhos de sábado na Woolworths, as amigas Bessie, Claudette, Clementine e Dorothy se deparam com desafios imprevisíveis, à medida que o mundo real entra em foco. Seus laços só se fortalecem quando elas superam os momentos mais sombrios. Talvez suas vidas não sejam tão claras quanto suas mães desejavam que fossem...

Quando Bessie encontra o amor na companhia errada e engravida, a imagem de seu futuro e de suas ambições fica distorcida e ela conta com as meninas do sábado para ajudá-la a superar seus problemas - mas como encontrarão um lar para o bebê quando ele chegar?

Com uma imaginação louca, cabe às meninas Woolworths, novas e velhas, salvar o dia - e seus futuros...

As Garotas da Woolworths

Woolworths Livro 1



9786588382417

[Adquira aqui](#)

Pode o romance florescer em tempos difíceis?

Estamos em 1938 e, como a ameaça de guerra paira sobre o país, Sarah Caselton está se preparando para seu novo emprego nas lojas Woolworths. Em pouco tempo, ela forma um vínculo estreito com duas de suas colegas: a glamourosa Maisie e a tímida Freda. O trio não poderia ser mais diferente, mas elas imediatamente formam uma estreita amizade, compartilhando suas esperanças e sonhos para o futuro.

Sarah logo entra no ritmo de sua nova posição, aproveitando os eventos sociais organizados por Woolies e seu romance florescente com o jovem assistente do gerente, Alan. Mas com a ameaça de guerra nublando o horizonte, os rapazes e moças de Woolworths percebem que há batalhas maiores pela frente. É um momento perigoso para a nação e um momento ainda mais perigoso para se apaixonar...

Woolworths Livro 2



9786580754175

[Adquira aqui](#)

Pode o romance florescer em tempos difíceis?

Estamos em 1938 e, como a ameaça de guerra paira sobre o país, Sarah Caselton está se preparando para seu novo emprego nas lojas Woolworths. Em pouco tempo, ela forma um vínculo estreito com duas de suas colegas: a glamourosa Maisie e a tímida Freda. O trio não poderia ser mais diferente, mas elas imediatamente formam uma estreita amizade, compartilhando suas esperanças e sonhos para o futuro.

Sarah logo entra no ritmo de sua nova posição, aproveitando os eventos sociais organizados por Woolies e seu romance florescente com o jovem assistente do gerente, Alan. Mas com a ameaça de guerra nublando o horizonte, os rapazes e moças de Woolworths percebem que há batalhas maiores pela frente. É um momento perigoso para a nação e um momento ainda mais perigoso para se apaixonar...

Woolworths Livro 3



9786554440240

[Adquira aqui](#)

As meninas Woolworths percorreram um longo caminho juntas ...

Estamos em março de 1943 e a vida das funcionárias da Woolworths e de suas famílias continua.

A divertida e amorosa Maisie, é dedicada à sua jovem família e ao seu trabalho em Woolworths. Mas sua vida feliz com seu marido oficial da RAF e sua filha bebê, a leva a pensar na família que abandonou... Com a guerra agora em seu quarto ano, o que encontrará quando começar a procurá-los?

Sarah e seu marido, Alan, são felizes e desejam um irmão para sua filha. Mas dias sombrios se aproximam para esta família tão unida.

Freda também se pergunta sobre sua família, e alguns eventos significam que ela terá que enfrentar o passado voltando para Birmingham e a vida da qual fugiu, para procurar sua família - longe da segurança de Woolworths e de seus novos amigos.

Com a separação que as famílias fizeram com a guerra, será que as meninas Woolworths serão capazes de voltar a unir-se?

Tempo de guerra na Woolworths é o terceiro volume da tão amada série As Garotas da Woolworths, da escritora best-seller Elaine Everest. Mais da série

Woolworths Livro 4



9786554441308

[Adquirar aqui](#)

A guerra terminará no Natal?

À medida que a guerra avança para 1945, a vida das mulheres de Woolworths continua. Quando a gerente da loja, Betty Billington, anuncia que está esperando o bebê de Douglas, sua vida futura está prestes a mudar mais do que que espera.

Freda se apaixonou por um lindo engenheiro escocês, mas será que isso vai acabar bem?

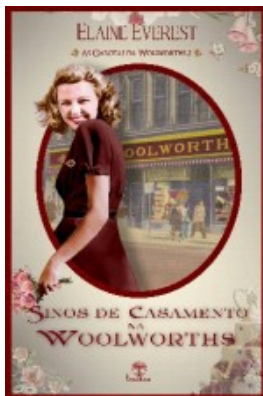
Maisie adora ser mãe e cuidar de suas duas sobrinhas, embora ainda tenha seus próprios sonhos. Quando seu irmão aparece em cena, ele traz um perigo inesperado para a família.

Enquanto isso, Sarah sonha com o retorno de seu marido e uma casa de campo com rosas ao redor da porta, mas a Woolworths acena.

Nossas meninas navegarão em tempos de paz, ou sentirão mais dor e tristeza? Com um casamento no horizonte, certamente só a felicidade está por vir - ou será que não?

Um presente da Woolworths é o quarto livro da tão amada série, As garotas da Woolworths de Elaine Everest.

Woolworths Livro 5



9786554441308

[Adquira aqui](#)

Julho de 1947

A Grã-Bretanha ainda é dominada pelo racionamento, mesmo quando a empolgação do noivado da Princesa Elizabeth toma conta do país. Na cantina da Woolworths, Freda ainda sonha em conhecer seu próprio príncipe encantado. Até agora, ela não teve sorte no amor. Quando sofre um acidente de moto, derrubando um ciclista de sua bicicleta, parece que a má sorte ainda a persegue.

Anthony não é apenas um colega de trabalho da Woolworths, mas era um aspirante olímpico. Será que sua perna machucada vai sarar a tempo de ele competir? Será que conseguirá perdoar Freda?

A idílica vida familiar de Sarah está ameaçada pelas preocupações com seu marido, Alan. Será que ele ainda a ama?

Os amigos precisam se unir para enfrentar alguns dos desafios mais difíceis de suas vidas juntos. E, embora passem por perdas, dificuldades e choques ao longo do caminho, o amor está no horizonte para as garotas da Woolworths...

Sinos de Casamento na Woolworths é o quinto volume da adorada série As garotas da Woolworths, de Elaine Everest...



Agradecimentos

Meu medo ao escrever esses agradecimentos é esquecer alguém que desempenhou um papel na criação deste livro. Minhas mais profundas desculpas se eu fizer isso. Agradeço a todos os que participam ajudando minhas histórias a saltarem da minha mente para a página.

Minha agente, Caroline Sheldon, e sua adorável equipe, que estão ao meu lado quando preciso de ajuda e conselhos. Caroline Hogg, minha brilhante editora na Pan Macmillan, junto com Samantha Fletcher, Camilla Rockwood e a equipe de edição que fazem mágica com minhas palavras. Peço desculpas novamente pela bagunça que vocês têm que organizar. Bethan e Meghan da ED PR por divulgarem as notícias dos meus livros aos leitores, — fazem um trabalho maravilhoso, obrigada. Alguns de vocês podem ter encontrado meu novo site e blog, e ele ainda estaria na imaginação deste dinossauro se não fosse pela habilidade da autora e web designer, Charlotte Duckworth. Obrigada!

Escrever Mãe para Sempre me levou a outro momento no tempo. Embora este livro se passe em Erith, assim como a série Woolworths, ele se passa em um período anterior. Foi uma grande aventura voltar no tempo até 1905, ano em que os bondes apareceram nas ruas e a cidade ribeirinha prosperava. As ruas estavam repletas de belas casas e havia muitas lojas, sendo que a Alexandra Road tinha apenas alguns anos. Ao dar os primeiros passos hesitantes neste novo mundo, tive muitas perguntas sobre a cidade que temia que estivessem erradas. Então, quem melhor a recorrer do que a equipe dos Arquivos Bexley. Perdi a conta das muitas joias que encontrei enquanto investigava os registros, ou participava de palestras na biblioteca e do Bexley Book Buzz Literary Festival, ou simplesmente mergulhava nos registros. Estou fascinada pelas histórias das olarias ao redor da cidade e grata pela maneira como a equipe manteve vivas as memórias dos mortos na Primeira Guerra Mundial. Will Cooban, mantive minha promessa e incluí um determinado nome...

Quando criança, uma história local de 1924 sempre me fascinou e fiz questão de incluí-la num dos meus livros. Uma terrível explosão na fábrica de munições W. V. Gilbert, nas margens do Tâmsa, entre Erith e Slades Green, em 18 de fevereiro de 1924, ceifou a vida de doze jovens e de sua encarregada. Quando criança enquanto brincava na margem do rio na década de 1960, isso era inimaginável, mas visitar o cemitério de Brook Street com minha mãe e parar para olhar o memorial aos mortos logo depois dos portões me fez perceber a enormidade do trágico acontecimento. Não tinha ideia de

que minha avó paterna havia trabalhado com munições e havia deixado a fábrica apenas um ano ou mais antes para dar à luz a seu primeiro filho, meu tio Cyril. Isso nunca foi mencionado e nós, netos, nunca perguntamos. Agora é muito tarde. Imagine então como fiquei emocionada ao encontrar gravações, cortesia do Imperial War Museum, de mulheres que trabalharam na Gilbert's e no Woolwich Arsenal durante a Primeira Guerra Mundial e depois. Essas mulheres provavelmente conviveram com minha avó — na verdade, se viram uma personagem em meu livro chamada Cissie, que morava em South Road e fez amizade com Ruby, pode ter sido apenas Vovó...

Falando em W. V. Gilbert, devem ter visto uma Maureen Gilbert muito jovem aparecendo neste livro. Maureen é uma personagem muito querida da série Woolworth e não tem relação com o proprietário da fábrica de munições — pura coincidência.

É melhor agradecer ao meu marido, Michael, e ao nosso cachorro, Henry, que me mantêm com os pés no chão e são enquanto trabalho em meus romances. Meu marido gosta de me lembrar que se não fosse ele, o nome que aparece na capa dos meus livros não seria Everest!

Mais uma vez, obrigada a todos pela ajuda.



Uma Carta de Elaine

Caro leitor,

Olá, de novo. Não faz muito tempo que me sentei para escrever minha última carta para você, e que o momento já passou. Quem teria adivinhado o que estávamos enfrentando na primavera? Rezo para que você e os seus estejam bem, pois é tudo o que podemos pedir no momento.

Obrigada aos leitores que procuraram uma cópia de *Wedding Bells for Woolworths*, embora o mundo estivesse bloqueado e não pudéssemos nos aventurar longe de casa no final de abril. Nossos supermercados fizeram o possível para estocar o livro, mas devo confessar que temia que alguém pudesse se arriscar ao se esforçar para comprar um exemplar. Online descobrimos a alegria de comprar em livrarias independentes. Descobri o Hive.co.uk, que não apenas entrega livros, mas também repassa uma porcentagem às livrarias locais. Não é legal? Tenho certeza de que, assim como eu, você usou seu e-reader mais do que o normal. Seu material de leitura mudou alguma coisa? Eu me peguei lendo mais thrillers policiais e psicológicos, bem como muitos novos autores de comédias românticas. Puro escapismo!

Trabalhando em casa, pensei que a vida continuaria normalmente, mas é claro que me enganei. Receber ordens para ficar em casa pode bagunçar nossas cabeças, e com o cancelamento de tantas palestras de autores, workshops, sessões de autógrafos e eventos, às vezes tenho escalado paredes. No entanto, graças a Deus pelas redes sociais onde pudemos conversar sobre todos os assuntos existentes. Nosso humor deve ter melhorado ao podermos ligar nossos laptops e conversar com nossos amigos. Gostei de assistir às palestras dos autores via Zoom, além de bate-papos semanais com outros autores da saga no Messenger. Julho viu-me chegar a um aniversário especial quando comemorei quarenta anos livre do câncer da mama. Como esses anos passaram, mas como sou grata porque a dedicação do meu médico significou que pude viver para escrever meus livros, envelhecer (mais ou menos) e conhecer todos vocês. Estou realmente grata porque muitas pessoas, inclusive minha mãe, nunca tiveram essa chance.

Tenho postado em meu blog e criei uma seção de boletim informativo para os leitores. Já se inscreveu em ambos? Caso contrário, vá ao meu site (detalhes abaixo) e preencha a caixa do newsletter, e das notificações do blog, que encontrará na página deste. Pretendo ter conteúdos especiais disponíveis para qualquer pessoa que siga meus boletins informativos.

O que devemos esperar? Bem, quando escrevo, temos Natal — pretendo ler

o máximo possível de livros de Natal para entrar no espírito festivo e, como é meu aniversário, posso simplesmente levantar uma ou duas taças para outros bebês natalinos. Existe alguém assim na sua família?

2021 verá dois livros meus: o primeiro, claro, é este; o segundo é algo completamente diferente, mas terão que esperar mais um pouco para ouvir mais...

Com amor,
Elaine Everest
Uma Mãe para Sempre

Sobre a Autora



Elaine Everest nasceu e foi criada na região noroeste de Kent, onde se passa *As Garotas da Woolworths*, tendo sido ela mesma uma garota *da Woolworths* um dia.

Elaine escreveu muito para revistas femininas, redigindo contos e matérias antes de passar para os romances. Quando não está escrevendo, Elaine administra a escola de escrita criativa The Write Place em Dartford, Kent, e o blog da Romantic Novelists' Association.

Hoje vive com o marido, Michael, e com Henry, o pastor-polonês-da-planície deles, em Swanley, Kent.

Você pode seguir Elaine no Twitter @ElaineEverest ou no Facebook www.facebook.com/elaine.everest



Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? **Envie o print da compra** para o E-mail [Leabhar Books®](#)